A VIDENTE DE PREVORST

JUSTINUS KERNER

Tradução de AMADEU DUARTE

REVELAÇÕES SOBRE A VIDA INTERIOR DO HOMEM, E SOBRE A INTERDIFUSÃO DE UM MUNDO DE ESPÍRITOS COM AQUELE EM QUE HABITAMOS.

COMUNICADO POR JUSTINUS KERNER, MÉDICO PRINCIPAL EM WEINSBERG.

DO ALEMÃO, POR MRS. CROWE, AUTORA DE "AS AVENTURAS DE SUSAN HOPLEY", "HOMENS E MULHERES", "ARISTODEMUS", ETC., ETC.

AS REVELAÇÕES SOBRE A VIDA INTERIOR DO HOMEM SÃO DEDICADAS PELO AUTOR AOS SEUS AMIGOS MUITO DISTINTOS E HONRADOS, GOTTHILF HEINRICH v. SCHUBERT E JOHANN FRIEDRICH v. MEYER.

Traduzido do Alemão por: Catherine Crowe
Tradução para o Português de: Amadeu Duarte

INTRODUÇÃO

Local de nascimento e juventude inicial. Recolhimento à vida interior, Manifestação do estado magnético, Aparição em Weinsberg, Descrição da Vidente, Sistema nervoso externo, etc. Efeitos da água e suspensão da gravidade, Efeitos das substâncias imponderáveis, O olho humano. Visão através do plexo solar (estômago). O espírito protetor, Sonhos proféticos. Segunda visão, Saída do espírito. Prescrições para doenças. Cura da Condessa von Maldeghem, Os diferentes graus do magnetismo. A esfera solar e a esfera da vida. As esferas. A linguagem interior. Relação entre espírito, alma e corpo. Valor físico. Valor moral. As próprias esferas. A esfera própria da vida. Explicação da esfera solar. Relação da esfera da vida com a esfera solar. A sétima esfera solar.

SEGUNDA PARTE Introdução, O homem magnético, Observações sobre a visão de fantasmas, Observações de Eschenmayer, Explicações adicionais, Crença nos espíritos fundamentada na natureza, Sobre o estado intermédio, Sobre os factos anexos. Dois factos em Weinsberg. Segundo facto. Factos em Weinsberg, Segundo, Terceiro, Quarto, Quinto, Sétimo, Oitavo, Nono, Décimo, Décimo primeiro, Décimo segundo e Décimo terceiro. Décimo quarto e Décimo quinto, Décimo sexto, Décimo sétimo e Décimo oitavo, Diário da Vidente, Conclusão dos factos, Morte da Vidente,

PREFÁCIO DO TRADUTOR

Ao apresentar esta obra curiosa ao público, sendo meu objetivo elaborar um livro que fosse acessível de modo geral, uma tradução literal estava fora de questão. Além de uma considerável prolixidade, o original contém numerosas repetições; algumas partes teriam sido consideradas demasiado áridas, e outras demasiado místicas para o leitor comum. Achei, por isso, aconselhável fazer uma tradução livre, apresentando o essencial e o cerne do livro da forma mais sucinta possível, desviando-me deste plano apenas onde julguei indispensável manter-me próximo das palavras do autor.

Creio que muitos dos fenómenos extraordinários registados por Kerner não encontrarão uma aceitação geral em Inglaterra; contudo, para os que acreditam na clarividência, o livro terá um profundo interesse; enquanto para a maioria, que não está ainda preparada para acreditar nas suas maravilhas, suponho que os factos serão ainda considerados dignos de atenção, tanto do ponto de vista fisiológico como psicológico. Digo factos, pois não consigo conceber que

alguém, com mente aberta, possa duvidar da maior parte deles após ler o livro, ou suspeitar de fraude, quer da parte do médico quer da paciente. De facto, o caráter reconhecido de Kerner deveria protegê-lo contra tal acusação vinda de qualquer direção; pessoalmente rejeito com horror a ideia de que numa criatura sofredora, que viveu sempre à beira da morte, tanta aparente inocência e piedade pudesse ser mera fachada para uma fraude tão inútil e cruel.

Nada é mais fácil do que levantar suspeitas de impostura. É um modo cómodo de evitar o incómodo de investigar e abafar factos que desafiam teorias preconcebidas; mas trata-se de um recurso vulgar e cobarde, embora, com pesar, devo reconhecer que em nenhum país esta prática prevalece tanto quanto aqui.

O ridículo é outra arma facilmente manejada; mas aquilo que muitos homens eruditos, sensatos e bons de uma nação vizinha acreditam ter verificado como verdadeiro certamente não constitui um assunto adequado para brincadeiras. Mesmo que não possamos partilhar dessa crença, devemos pelo menos escutar com atenção aquilo que têm para nos dizer; e aqueles que forem sinceros e curiosos receberão esta informação com respeito, se não com convicção.

A sinceridade e a boa-fé do Dr. Kerner neste assunto nunca foram, creio eu, postas em causa, nem mesmo pelo cético mais determinado. É amplamente conhecido na Alemanha como um homem extremamente sensato, amável e religioso, além de ser um poeta lírico de reconhecido mérito. O único ponto em que os seus críticos poderão atacá-lo será a sua sagacidade; porém, salvo se o crítico tiver tido as mesmas oportunidades de observação e investigação que ele, a imputação gratuita de credulidade deve ser recebida, no mínimo, com cautela.

Simultaneamente, embora reconheça que não gostaria de fazer parte do grupo dos que, sei-o bem, receberão estes alegados factos com desprezo e troça, não nego que a questão sobre se as aparições são subjetivas ou objetivas—projeções do sistema nervoso ou aparências realmente externas—só pode, se algum dia o for, ser respondida definitivamente pela ocorrência repetida de fenómenos idênticos. Até o próprio Kerner, embora tenha acabado por se convencer, pareceu durante muito tempo duvidar, admitindo livremente a impossibilidade de convicção absoluta da parte daqueles que nunca testemunharam pessoalmente tais aparições.

Mas, em todo o caso, poucos serão os leitores que não acharão este livro interessante; enquanto o espírito amável, sincero e piedoso com que foi escrito deverá servir pelo menos como defesa do autor contra o ridículo ou a maldade, e como justificação do tradutor ao apresentar esta obra ao público inglês de uma forma acessível.

PARTE PRIMEIRA

REVELAÇÕES SOBRE A VIDA INTERIOR DO HOMEM

"Graças te dou, ó Pai, Senhor do céu e da terra, que ocultaste estas coisas aos sábios e entendidos, e as revelaste aos pequeninos." – Lucas, x., 21.

Extratos do Prefácio do Autor

A Vidente colocou o selo da morte sobre a verdade das suas revelações. A sua história não deve ser confundida com as de pessoas que estiveram apenas sujeitas a condições magnéticas iniciais e imperfeitas, muito menos com as de impostores, vários dos quais foram recentemente desmascarados, apesar de os adversários da Vidente não hesitarem em usar esses casos contra ela. A existência de uma pérola genuína não pode ser desmentida pela apresentação de mil falsas.

Tem sido frequentemente afirmado que a condição magnética extraordinária da Vidente se devia à influência de terceiros. Como podemos responder a uma objeção tão absurda? Para

aqueles que acompanharam e observaram de perto estes fenómenos, tal afirmação é não apenas falsa, mas ridícula.

As suas revelações também não devem ser julgadas como partes de um sistema filosófico construído por uma mente iluminada; são revelações extraídas da contemplação íntima da própria natureza, e frequentemente encontram-se em estrita concordância tanto com a crença popular como com as opiniões de Platão, ambas com origem comum. É certamente difícil, e não podemos surpreender-nos com o incómodo causado pelo facto de uma mulher fraca e ingénua perturbar assim os sistemas estabelecidos pelos eruditos e reviver crenças que há muito os sábios tentam erradicar.

Nesta situação, conheço apenas uma consolação: a que Paulo nos oferece na Primeira Epístola aos Coríntios, capítulo I, versículos 27 e 28: "Mas Deus escolheu as coisas loucas deste mundo para confundir as sábias; e Deus escolheu as coisas fracas deste mundo para confundir as fortes. E Deus escolheu as coisas humildes deste mundo, e as desprezadas, e as que não são, para reduzir a nada as que são."

Revelações Sobre a Vida Interior do Homem´

Tal como acontece com todo o homem que, isolando-se da pressa e agitação da vida exterior, se dispõe a contemplar o seu interior, também tu, caro leitor, sentirás que a nossa vida interior e a nossa vida exterior não são apenas diferentes, mas frequentemente se contradizem de forma flagrante. Aquilo que a vida exterior considera decoroso, a vida interior frequentemente condena; e, em pleno mundo, sentimo-nos frequentemente perturbados por uma voz suave e discreta que nos fala de dentro. Se aprofundares ainda mais esta observação, perceberás que esta vida exterior é dominada pelo cérebro – pelo intelecto que pertence ao mundo –, enquanto a vida interior habita na região do coração, na esfera da vida sensível, no sistema simpático e ganglionar.

Compreenderás, ainda, que é graças a esta vida interior que a humanidade se encontra eternamente ligada à natureza, ligação da qual a sua existência externa imperfeita apenas aparentemente a liberta. É verdade, de facto, que esta vida interior fica frequentemente obscurecida e ofuscada pelo cérebro possuído pelo mundo; mas ainda assim, irreprimível e imutável, continua viva, como guarda oculta mas vigilante da conduta e economia da vida exterior. Cada ação e cada pensamento, por mais insignificante que pareça agora, é por ela registado e contado, e acabará por aparecer claramente diante dos nossos olhos espirituais, quando os nossos olhos corporais estiverem para sempre fechados. Sentirás ainda que é esta ligação secreta e invisível com a natureza que une o homem ao outro mundo e o conduz até ele.

Quanto mais, no tumulto do mundo e na agitação da existência, esta vida interior se fizer sentir – quanto mais as suaves vozes internas abafarem a música ruidosa do mundo –, maior será a nossa dívida para com o espírito que nos guia. Mas se fores arrastado pela corrente da vida mundana, procurando apenas aquilo que lhe pertence, acredita, caro leitor, que chegará uma hora, que Deus queira não ser a tua última – uma hora de dor e lágrimas –, uma hora em que estarás junto ao leito de morte dos teus entes queridos, ou em que, do auge da felicidade terrena, serás lançado para as profundezas do arrependimento e da vergonha, abandonado e sozinho, e então a tua vida interior erguer-se-á diante de ti, envolvendo-te novamente na sua esfera; aquela vida que, desde a infância, esteve oculta para ti, e da qual apenas tiveste vislumbres nos sonhos – sonhos esses que não sabias interpretar.

Querido amigo, tal coisa já aconteceu a tantos! E há de acontecer ainda a muitos, que hoje, alegres e despreocupados, completamente absorvidos pelos interesses deste mundo, dedicam as suas melhores faculdades ao seu próprio sucesso! Junto ao leito de morte de uma pessoa assim estive eu uma vez, e ele disse-me, já com a agonia na garganta: «Sinto que a minha

vida passou do meu cérebro para a região epigástrica; já não tenho consciência do cérebro – já não sinto os braços nem os pés; mas vejo coisas indescritíveis – coisas em que nunca acreditei; há outro mundo!». E, dizendo isto, expirou. «Quando, junto às campas dos justos, as flores que plantámos como lembrança nos convidam para um mundo longínquo, ou quando pela primeira vez vemos o abismo da morte abrir-se diante de nós próprios, então – mas infelizmente já tarde demais – apodera-se de nós um temor trémulo perante a eternidade.

Estranhos pressentimentos rastejam à volta do coração enfraquecido, e suspiros angustiados irrompem do peito oprimido. Mas estes pensamentos estão longe do berço da infância e da flor da nossa juventude; longe de nós na festa do casamento, nos salões brilhantes dos ricos e nos alegres círculos de Baco.» Foi assim que um amigo meu, médico de profunda espiritualidade, me escreveu certa vez após a morte de uma pessoa muito estimada e querida: «Não foi o terror diante da morte que tanto me abalou e incapacitou para o exercício da medicina, nem foi apenas a dor da minha perda. Este choque despertou em mim a vida interior, e em desespero estava prestes a afundar-me nela.

Contemplei com horror a monstruosa cegueira da alma, a vaidade e nulidade do nosso autoconhecimento e autodeterminação, o caráter terrível da inevitável e intratável concatenação das coisas – os nossos atos e as suas consequências – indeléveis e inesquecíveis, firmemente presos nas garras da eternidade. Ah, desesperaria se não esperasse auxílio de Deus. Tornou-se-me claro e evidente que só há um caminho de libertação deste vínculo, desta corrente pela qual somos arrastados cegos e perplexos, sem sabermos nada – nem o que fazemos, nem as consequências das nossas ações. Existe, sim, um reino de graça e de amor; e quando estivermos diante do tribunal divino, face a face com Deus, apenas aquele que a ele estiver reconciliado e nele acolhido poderá libertar-se e alcançar descanso eterno e felicidade.

É em Deus que devemos viver, trabalhar e agir, para que as nossas almas não fiquem, segundo as leis eternas da natureza, presas e mergulhadas numa escuridão que nenhum raio de luz ou alegria pode penetrar. Portanto, queridos amigos, amemos e desejemos a vida, mas não vivamos para nós mesmos; façamos antes as pazes com Deus e, através do Deus vivo dentro de nós, cumpramos a nossa missão. Ah! É terrível pensar que cada passo dado pelo homem é à beira de mil precipícios.» E o conhecido filósofo Schelling escreveu-nos assim, em 1811, após a morte da mulher de um amigo, depois de ele próprio ter experimentado uma desgraça semelhante:

«Quando avaliamos corretamente a nossa vida presente, quando refletimos que a nossa situação aqui é muito mais grave do que habitualmente julgamos, visto que a mão de Deus nos oculta o seu verdadeiro significado, devemos considerar felizes aqueles que dela são libertados. Observado corretamente, esses obtiveram a vitória, enquanto nós permanecemos ainda no campo de batalha, à espera de sermos libertos. O valor desta vida é bem expresso no provérbio de que ninguém deve ser considerado feliz antes de estar morto. A reflexão e a investigação convenceram-me de que a morte, longe de enfraquecer a nossa personalidade, a exalta, libertando-a de tantas contingências. A recordação é apenas uma expressão frágil para descrever a íntima ligação que existe entre aqueles que já partiram e aqueles que permanecem.

No nosso íntimo mais profundo, estamos em estrita união com os mortos; pois, na nossa melhor parte, não somos senão o mesmo que eles são – espíritos. O futuro reencontro de almas que durante a vida tiveram um único amor, uma única fé e uma única esperança, é algo em que podemos confiar plenamente, sendo uma das promessas do Cristianismo que será fielmente cumprida para todos, por mais difícil que esta conceção possa parecer, até para as mentes mais habituadas a reflexões abstratas. Estou cada vez mais convencido de que existe uma dependência mútua entre aquilo que é essencialmente pessoal e aquilo que é imortal. Se algo mais fosse necessário para confirmar esta convicção naqueles que pensam e sentem

corretamente, a morte de alguém ligado a nós pelos mais profundos laços de amor é suficiente para selar essa certeza.

É quando percebemos que a vida está a escapar-nos e que já não há mais prazer no mundo para nós, que começamos realmente a viver para Deus. Nesse momento, quando o mundo externo nos abandona, a vida interior eleva-se. Não é preciso qualquer sonambulismo para perceber esta vida interior; pois todo o homem que não esteja demasiado enredado no mundo – aquele que vive nele sem lhe pertencer – possui olhos para a discernir. Procura-a nos outros, e não precisarás de sonambulismo para a encontrares. Em quantos homens piedosos e espirituais ela existe!

Quantas vezes não habita a pobre cabana onde se encontram apenas uma Bíblia e um Livro de Orações, onde almas inocentes sofrem silenciosamente e onde o pedaço de pão negro é humedecido pelas lágrimas! «Uma mente livre e desimpedida», diz Athanasius Kirchner, «não aprisionada pela sua cobertura terrena, em união com Deus e recordando a sua condição original, desfruta da mais clara visão de todas as coisas, vendo-as na sua essência».

É assim, caro leitor, que encontrarás na história dos homens piedosos, como, em momentos de dor e aflição, o mundo exterior desapareceu e eles mergulharam nas profundezas mais secretas e íntimas da sua vida interior, revelando a si mesmos maravilhas semelhantes às que nos foram transmitidas pelos sonâmbulos. Deixemos que alguns exemplos nos bastem. No ano de 1461, quando os Hussitas eram cruelmente perseguidos, um homem piedoso chamado Georginus, em Praga, ao ser colocado no potro e torturado, tornou-se de forma extraordinária insensível à dor e a todas as sensações externas, parecendo tão completamente sem vida que os seus executores o retiraram dali e o lançaram ao chão, julgando-o morto.

Após algumas horas, ele recuperou os sentidos, perguntando-se por que motivo as suas mãos, pés e lado lhe causavam tanta dor. Mas ao ver as feridas, cicatrizes, e o corpo queimado e ensanguentado, juntamente com os instrumentos de tortura, lembrou-se do que lhe tinha acontecido e relatou um sonho que tivera durante o suplício: «Pensei», disse ele, «que estava num prado verde e belo, no meio do qual havia uma árvore carregada de frutos deliciosos. Nela estavam empoleiradas muitas aves que se alimentavam dos frutos, enquanto cantavam melodiosamente. Entre essas aves estava um jovem que, com uma pequena vara, parecia controlar-lhes os movimentos, para que nenhuma ultrapassasse os limites ou se afastasse do seu lugar; e vi também três homens que vigiavam aquela árvore».

Georginus descreveu detalhadamente estes homens; e, por notável coincidência, seis anos mais tarde foram nomeadas precisamente aquelas pessoas, com as mesmas características, para governar a Igreja. No ano de 1639, uma pobre viúva chamada Lücken, acusada de bruxaria em Helmstadt, foi cruelmente torturada com a prensa. Enquanto sofria terríveis convulsões, começou a falar alto alemão e noutra língua estranha, até cair adormecida no próprio instrumento de tortura, parecendo morta. Relatado este facto aos magistrados, ordenaram que fosse novamente torturada.

Então, afirmando-se boa cristã, enquanto o carrasco a esticava no potro, açoitando-a com varas e salpicando-a com enxofre ardente, adormeceu profundamente e não foi possível despertá-la de maneira alguma. No primeiro exemplo podes perceber como a alma, afligida pelo mundo exterior, o abandona, deixando o corpo entregue aos seus algozes, enquanto foge para unir-se ao espírito na esfera mais profunda da sua vida interior, onde, tal como no sonambulismo, o futuro lhe é revelado e ela desfruta do maravilhoso dom da profecia.

No segundo caso, podes notar como a alma, enquanto entregava o corpo às torturas do mundo exterior, refugiava-se na sua própria morada espiritual e, possivelmente, (tal como aconteceu com o nosso próprio sonâmbulo), falava a língua desse mesmo lar. «Pode acontecer», afirma uma vidente ou clarividente, «que um homem familiarizado com a sua vida

interior, quanto mais perturbado seja pelos elementos externos, mais feliz se torne interiormente, anulando assim por completo as sensações físicas». A história dos mártires mostra como, nos momentos de maior sofrimento exterior, alcançavam uma segurança interior tão grande que suportavam com paciência as mais cruéis torturas, rindo-se dos seus opressores e caminhando para o suplício e para a fogueira como para um leito nupcial. Foi assim que João Huss e Jerónimo de Praga, enquanto os seus corpos eram consumidos pelas chamas, cantaram cânticos de louvor e gratidão com o seu último suspiro. Da mesma forma foi Doroteia para a fogueira.

Alegres e vitoriosos, os mártires mantinham-se firmes, como se os seus corpos já não fossem de carne. Onde estava então a sua alma? Encontrava-se na luz e segurança interior. Fenómenos semelhantes ocorrem na vida magnética, bem como em diversas passagens do Antigo e Novo Testamento e nas vidas de muitas pessoas piedosas – como a Donzela de Orleães. Assim podemos ler em Delavergy, num manuscrito da Biblioteca Real, as palavras pronunciadas pela Donzela de Orleães durante o seu julgamento.

Quando tinha treze anos, ouvi uma voz no jardim do meu pai, em Domrémy. A voz vinha do lado onde se situava a igreja, e foi acompanhada por uma luz intensa. No início, fiquei assustada, mas depressa percebi que era a voz de um anjo, que desde então se tornou o meu guia e instrutor. Era São Miguel. Também vi Santa Catarina e Santa Margarida, que me aconselhavam e orientavam em tudo o que fazia. Conseguia distinguir facilmente, pela voz, se era um anjo ou uma santa a falar comigo. Geralmente, vinham acompanhados por uma luz brilhante. As suas vozes eram suaves e doces. Os anjos apareciam-me com rostos naturais. Eu vi-os — e continuo a vê-los — com os meus próprios olhos.

Cinco anos depois, enquanto guardava o gado, ouvi uma voz que me dizia que Deus tinha piedade do povo francês, e que eu devia ir salvá-lo. Comecei a chorar, mas a voz mandou-me ir a Vaucouleurs, onde encontraria um capitão que, sem impedimentos, me conduziria até ao rei.

"Desde então", disse ela, "nada fiz que não fosse em conformidade com essas revelações e aparições que me dirigem; e agora, durante todo este julgamento, falo apenas conforme me inspiram."

Durante o cerco de Orleães, ela previu a tomada da cidade e que o seu sangue seria derramado; e, de facto, no dia seguinte, foi ferida por uma flecha que se cravou seis polegadas no ombro.

Uma sonâmbula natural semelhante foi Santa Teresa, nascida no início do século XVI, que teve visões semelhantes às da Donzela de Orleães.

Se lermos a história dos santos, encontraremos inúmeros relatos que testemunham o poder da vida interior. Estas lendas têm sido — e ainda são — vistas como um amontoado de loucura e fanatismo, fruto do domínio tirânico da razão sobre o coração, que, escravizado e encerrado no escuro cárcere do peito, já não escuta as vozes infantis da antiguidade, quando a fé movia montanhas e os caminhos espinhosos eram iluminados pela luz do amor. É bem possível que muitas das vidas e milagres dos santos estejam exageradas, ou que nem todos sejam autênticos.

No entanto, aquilo que homens piedosos e santificados por Deus foram — e continuam a ser — capazes de realizar, permanece firme — tão firme que nem o relâmpago do céu o pode abalar. É uma história gravada com tal profundidade que nem a fúria da tempestade nem o colapso de um mundo a poderão apagar. É certo que, segundo os padrões atuais, agiam de forma simples; mas, mesmo assim, encontravam o que procuravam — paz de espírito e tudo o que desejavam, em Deus.

*Ver "Vida de Santa Teresa", por J. B. A. Borecher. Paris, 1810.

Mas estes prodígios da vida interior são também conhecidos por outros que, desde jovens, levaram uma vida sóbria, simples e abençoada por Deus, sem nunca descurarem os seus deveres diários, que cumpriam com firmeza e dignidade. Também somos ensinados por certos sonhos significativos, pressentimentos e comunicações do mundo espiritual; e por tudo aquilo que só pode ser revelado pela vida magnética.

Encontramos, na experiência do avô da pessoa cuja história estas páginas relatam, provas de uma vida interior profunda. Apesar disso, possuindo um corpo saudável e uma mente ativa, viveu até idade avançada, passando de pastor a próspero comerciante — mas sempre levando uma vida simples, ativa e santificada por Deus.

"Estava doente", conta o velho comerciante Johann Schmidgall, de Löwenstein, "e, julgando estar prestes a morrer, sentia-me cheio de alegria pela sorte feliz que me esperava. Despertei como de um sono e encontrei-me num prado sem fim à vista, onde vagueavam muitas figuras sombrias, todas em direção ao oriente. Sentia-me tão leve, tão feliz, tão cheio de expectativa e emoção, que me apressei a segui-los. Ao aproximar-me, distingui uma mulher com um recipiente de cristal, contendo um líquido vermelho.

À sua volta, agrupavam-se muitas almas de defuntos, e percebi que, servindo-se de uma colher de prata, ela distribuía essa essência a alguns, que de imediato seguiam rumo ao oriente. Muitos não eram aceites — eram afastados com a mão esquerda da mulher — e desapareciam na distância. Por fim, chegou a minha vez. Aproximei-me com alegria... mas, oh horror! Fui rejeitado.

"Como me senti, não consigo descrever. Foi uma bênção ter acordado imediatamente. Agradeci a Deus por ainda estar na Terra.

"Este sonho extraordinário foi-me enviado pelo Senhor, para que olhasse mais profundamente para dentro de mim, e me curasse da tolice de me julgar melhor do que os outros; e também para que aprendesse a confiar plenamente no mérito de Cristo, que nos redimiu com o seu precioso sangue."

Esse mesmo Johann Schmidgall tinha, durante algum tempo, gerido os negócios de uma viúva cuja situação, após a morte do marido, era bastante delicada; e, com os seus conselhos e serviços desinteressados, ajudou-a a alcançar uma condição confortável. Então, achou que era tempo de tratar da sua própria vida. Arranjou um bom emprego em Esslingen, providenciando antes uma nova criada para a viúva. Fez as malas e despediu-se. Com o bastão na mão, saiu pela porta. Subiu lentamente a montanha, tomado por um receio inexplicável, e sentiu-se invadido por uma angústia que não sabia explicar.

A cada passo que dava, a sua ansiedade aumentava, embora continuasse a caminhar. No entanto, por vezes sentia-se compelido a parar e a ficar imóvel; até que, por fim, esse mal-estar se tornou tão intenso que decidiu voltar para Löwenstein. Imediatamente, toda a ansiedade desapareceu. “Mas”, pensou ele, “seria uma coisa muito estranha voltar atrás sem haver motivo algum para isso”; por isso, decidiu não dar importância ao pressentimento e seguir até Esslingen, custasse o que custasse. Virou-se novamente para prosseguir… e a angústia regressou. Apesar disso, avançou até chegar a uma floresta chamada Gaisholz.

Ali, o seu desconforto atingiu o auge; e em vez da floresta e do caminho que tão bem conhecia, viu diante de si uma terra estranha, um imenso e vazio campo, no meio do qual se encontrava um homem a fazer-lhe sinais para que regressasse. Não havia alternativa — sentiu que tinha mesmo de voltar para trás. E assim que voltou o rosto para Löwenstein, a ansiedade e a paisagem estranha desapareceram por completo.

Regressou pensativo à casa da senhora, colocou o bastão atrás da porta, e, apresentando uma desculpa para o seu regresso, abandonou por completo a ideia de a deixar. A senhora, embora surpreendida, nada disse; o mesmo se passou com os restantes membros da casa, e tudo continuou como se nunca tivesse partido. Reassumiu tranquilamente as suas funções, escreveu ao novo criado dizendo que já não seria necessário, e a rotina habitual foi retomada. E foi assim que teve início a fortuna de Schmidgall. Recuperou os negócios da senhora, fê-los prosperar, casou com a filha dela; e, pelo seu exemplo, conselhos e conduta — bem como pelo seu comércio, que cresceu consideravelmente — tornou-se uma verdadeira bênção para o local, e assim permaneceu até idade muito avançada.

Nestes traços da vida interior de Schmidgall, entrevemos a figura do Protetor, tantas vezes revelada em estados de sono-vigília: primeiro, sob a forma de um sonho simbólico de advertência; depois, como aquele homem que lhe apareceu numa terra estranha, fazendo-lhe sinal para regressar — precisamente no momento em que, talvez, o caminho que a natureza o impelia a seguir o teria conduzido à infelicidade. E tudo isto aconteceu a Schmidgall, que nunca na sua vida se encontrara num estado de excitação, nem sofrera qualquer distúrbio do sistema nervoso.

Levava uma vida sóbria, equilibrada e ativa; e assim, as suas perceções interiores não estavam obscurecidas pelas condições exteriores. Aos oitenta anos, já com quarenta netos, mantinha ainda um semblante sereno e alegre, rosto rosado e cabelo prateado brilhante; e sem bengala, acompanhado pela sua netinha (a protagonista desta história), costumava passear pelas montanhas mais altas da região onde vivia. Schmidgall não desprezava os seus deveres quotidianos; nem se perdia em devaneios espirituais, nem os procurava com fervor. Limitava-se a manter a simplicidade e a pureza da sua natureza original face à pressão do mundo exterior — e assim preservava, na sua vida interior, o seu guia fiel de sempre.

Certa manhã, ao levantar-se mais bem-disposto do que o habitual, contou aos filhos que, na noite anterior, a sua querida esposa lhe tinha aparecido em sonho, com mais nitidez do que qualquer outra visão que alguma vez tivesse tido. Ela dissera-lhe algo, mas não conseguia recordar o quê. Nessa altura, estava de perfeita saúde — mas sete dias depois, morreu.

Na mesma noite em que Schmidgall teve esse sonho, a sua neta, que se encontrava longe dele, esteve doente e em sofrimento durante doze horas, mergulhada nas profundezas da sua vida interior — naquele estado de vigília interior conhecido como sono magnético. Durante esse tempo, um espírito (cuja história será contada mais adiante) falou com ela e disse: “Não sei por que razão o teu espírito protector (a tua avó, esposa de Schmidgall) te abandonou durante sete dias, estando ocupada com algo de maior importância que ocorre na tua família — e sem o seu apoio, tu não poderias suportar a minha presença.”

Pelo que acabas de ler, podes perceber que aquilo que acontece num corpo doente pode igualmente suceder num corpo perfeitamente saudável; e, portanto, amado leitor, poderás chegar a esta conclusão: que tais aparições não são exclusivas dos enfermos, nem simples visões de uma mente febril, mas, frequentemente, manifestações reais. Com demasiada frequência, somos levados a atribuir estas visões à doença. Muitas vezes, o espírito humano é expulso da sua morada pelo tumulto do mundo, sem encontrar no seu interior um lugar onde repousar. Para tantos, o mundo arrasta o corpo, o corpo puxa pela alma, e a alma puxa o espírito para fora da sua esfera e prende-o à terra. E, para muitos, a única vida conhecida é a exterior — ao ponto de que aqueles em quem o espírito mantém o seu lugar natural já não são vistos como seres normais, mas como algo estranho, anómalo ou até amaldiçoado.

“A vida social”, diz um profundo pensador, “é um tumulto onde o ser humano se enreda. Mas, se alguém encontrar um ponto fixo e se recusar a ser arrastado, pode observar o curso das coisas à sua volta, julgá-las e ponderá-las. Tal pessoa vive em liberdade e aprende aquilo que nenhum ensino lhe poderia transmitir. O que se passa no exterior é explicado e interpretado

pelo espírito interior. Mas enquanto o homem tiver apenas olhos e ouvidos para o que é externo, as faculdades interiores nada percebem. Tudo deve partir de dentro."

Como diz a Escritura: "O que vem de dentro é bom." Devemos ser como Maria. Ela não compreendia as palavras de Cristo, mas guardava-as no seu coração. Se tivesse tentado entendê-las com o auxílio de coisas exteriores, tê-las-ia, inevitavelmente, interpretado de forma errada; apenas a voz interior podia revelar-lhe o verdadeiro sentido. Existem muitos mistérios profundamente ocultos na natureza e no ser humano, sobre os quais nada sabemos, porque os nossos olhos e ouvidos estão totalmente absorvidos pelas coisas externas, e os sons do mundo abafam a voz interior.

Oh, quão maravilhosa, amada, é a vida do mundo interior! É dela que vivemos, que temos o nosso ser, e dela provêm o nosso consolo e tudo o que somos. Mas, infelizmente, não nos maravilha. Seríamos felizes se escutássemos os sussurros suaves do espírito, e não estivéssemos surdos ao seu murmúrio, abafado pelo constante ruído do mundo.

"Quando Deus criou a alma humana", diz Van Helmont, "comunicou-lhe um saber essencial e original. Esta alma é o espelho do universo, e está em ligação com todos os seres. É iluminada por uma luz interior; mas as tempestades da paixão, a multiplicidade das impressões sensoriais e as distrações do mundo obscurecem essa luz, que só brilha quando permanece sozinha e tudo dentro de nós está em paz e harmonia. Se nos abstraíssemos de todas as influências exteriores e seguíssemos apenas essa luz, encontraríamos em nós mesmos um conselho verdadeiro e infalível. Nesse estado de concentração, a alma discerne todos os objetos sobre os quais recai a sua atenção. Pode unir-se a eles, penetrar-lhes as propriedades e, elevando-se até Deus, alcançar, por meio d'Ele, as verdades mais sublimes."

Se recuarmos às eras primitivas, quando os homens viviam sob o domínio da natureza, antes que a vida interior fosse sufocada pelo que hoje chamamos de civilização — por exemplo, na história do Antigo Testamento, ou mesmo ainda agora no Oriente, berço da humanidade — encontraremos vestígios dessa vida interior presentes em povos inteiros. Características essas que, quando observadas hoje em indivíduos, tendemos a considerar sintomas de doença.

Devo aqui fazer referência à linguagem interior, sobre a qual estas páginas ainda falarão. Foi revelada por esta senhora no seu estado de sono-vigília, e ela afirmava que essa linguagem existia em todos os seres humanos. Tanto na forma escrita como falada, assemelhava-se muito às línguas orientais — porque na linguagem original falada pelos filhos da família humana reside a linguagem natural e interior do Homem; e é dessa mesma fonte que provém o uso de números e símbolos semelhantes aos deles.

Até mesmo a manifestação do espírito na presença de pedras e metais, bem como a sensibilidade a influências magnéticas, encontra-se sobretudo em pessoas que vivem de acordo com a natureza — como os montanheses e os pastores.

Mas quando, por causa da dor, da doença, ou por uma predisposição natural herdada (o que parece ser o nosso caso), o corpo se torna como que adormecido ou inativo — então o nervo e o seu espírito, como mediador entre mente, alma e corpo, emergem libertos — e todas as maravilhas da vida interior nos são plenamente reveladas.

Mas oh, querido leitor, que consolo inefável aí encontramos! Vês como, quando o mundo exterior, com as suas dores e angústias, consome o corpo ou corrói os seus alicerces — quando não há estrela de esperança, nem centelha de alegria a brilhar lá fora — então, e só então, resplandece de dentro uma vida intensamente luminosa, sobre a qual o mundo exterior não tem poder algum — uma vida que nenhuma tortura consegue destruir, cuja chama não pode ser apagada nem pela mais negra masmorra — uma vida que brota das profundezas da natureza, que te liga ao mundo dos espíritos, e na qual desfrutas de uma antevisão da bem-aventurança que a tua alma imortal conhecerá, uma vez purificada do corpo.

Essa é a paz — essa é a felicidade — que o inocente sofredor, já sem esperança no mundo, encontra dentro de si. Pode lá fora ser inverno, mas dentro do seu peito é primavera; e mesmo que o corpo esteja estendido sobre o suplício, ele repousa num prado florido.

E que as páginas seguintes, caro leitor, cheias de revelações estranhas sobre a vida interior e a presença de um mundo espiritual que nos envolve, possam tornar-te claro que essa vida interior existe em todos nós — em todos os momentos — e não apenas no estado de sono magnético. Mas nós não a acolhemos, não olhamos para dentro para a procurar, não escutamos os seus sussurros, nem nos damos ao trabalho de os interpretar; porque as vozes do mundo gritam constantemente aos nossos ouvidos — até ao dia em que, e oh! como esse dia chega rápido a todos — o mundo exterior se desvanece diante de nós; e então, mas tarde demais, o nosso espírito volta-se para o seu domínio interior, e contempla, pela primeira vez, os terrores que, até então, permaneciam ocultos.

E agora, querido leitor, permitam-me dizer aqui algumas palavras sobre a existência dessa vida interior que se designa por *sono magnético* — um tema que o conteúdo deste livro irá aprofundar mais adiante. Não devemos chamar a este estado de "sono" — é antes uma condição de perfeita vigilância; pois é o despertar de um sol interior, muito mais luminoso do que aquele que os nossos olhos exteriores contemplam, e iluminado por uma luz mais clara do que aquela que a nossa vida desperta pode fornecer através de ideias, conclusões, definições ou sistemas. Trata-se de um estado que se assemelha à condição primitiva da humanidade, quando o homem vivia em íntima comunhão com a natureza, compreendia as suas leis e lia nela o seu tipo original.

“Antes da queda do homem,” diz Van Helmont, “a alma possuía um conhecimento intuitivo e um dom profético de imenso poder. Estas faculdades continuam presentes na alma; e o facto de não as percebermos deve-se à quantidade de obstáculos que se lhes opõem. Durante o sono, em especial, somos frequentemente visitados por essa luz sobrenatural, porque então a inspiração interior já não é reprimida, como o é no estado de vigília, pelos estímulos exteriores. Quando esta força mágica desperta — como acontece no estado magnético — adquire imediatamente conhecimento e a capacidade de o manifestar no exterior.”

“É certo,” diz Herder, “que em todas as nossas faculdades existe uma infinitude que nunca poderá desenvolver-se neste mundo, por estar oprimida por outras faculdades, pelos sentidos e pelos instintos animais, e aprisionada nas amarras da vida terrena. Alguns exemplos de premonição e pressentimento revelam maravilhas dos tesouros ocultos na alma humana. Que esses fenómenos surjam, na sua maioria, como consequência da doença ou do desequilíbrio das faculdades, não altera a sua natureza, pois foi justamente esse desequilíbrio que deu liberdade à força, permitindo que se manifestasse.”

No estado mais claro e elevado do magnetismo, não há ver, ouvir ou sentir — tudo isso é ultrapassado por algo maior do que os três sentidos juntos: uma perceção infalível e a mais verdadeira penetração na nossa própria vida e natureza. E quanto mais simples for o homem no seu estado de vigília, quanto mais próximo estiver da natureza, tanto mais o seu espírito se liberta da alma e do corpo, e tanto mais profunda e verdadeira é a sua visão de si mesmo.

Contudo, este estado apresenta diversos graus e diferenças, como se mostrará adiante; e é no mais alto grau da vida interior que se torna impossível qualquer ilusão — especialmente naquele instante em que o espírito, sentindo-se liberto da alma, vê o seu centro mais íntimo iluminado como por um relâmpago. “A partir desse momento,” diz um vidente, “tudo se dissolve num mar sem limites de luz, onde eu próprio pareço desfazer-me em beatitude infinita. Toda a forma se revela a mim nessa luz — muito superior à do sol — sob o ponto de vista mais claro e preciso. Compreendo tudo de forma muito mais fácil e nítida, os abismos da natureza abrem-se diante de mim, e a minha visão do passado e do futuro, tanto no tempo como no espaço, torna-

se tão clara quanto a do presente — e tanto mais perfeita quanto maior for o grau de desenvolvimento atingido pelo estado."

Jacob Böhme chama a esse momento “o amanhecer que desponta no centro.” No entanto, momentos assim são raros, não são iguais para todos, e a alguns nunca são concedidos; e, mesmo quando ocorrem, as palavras muitas vezes não bastam para descrever o que é revelado.

“O vidente em sono,” diz outro sonâmbulo, “leva consigo o seu saber, que se vai ampliando, embora sem nunca alcançar a omnisciência. A sua ignorância acompanha-o na visão interior, especialmente no início; e depende de Deus o tempo e o grau em que essa ignorância será vencida.”

Além disso, esse estado de sono-vigília não está completamente liberto da sua envoltura terrena, e por isso não é inteiramente imune a influências; e esses vislumbres de luz, como já foi dito, são frequentemente apenas momentâneos, sendo rapidamente obscurecidos por nuvens. Ainda assim, o véu que nos separa do além é, de certa forma, afastado; e, mesmo que apenas com olhos terrenos e perturbados, e através de breves lampejos, conseguimos espreitar pelas fendas do nosso túmulo para dentro de um oceano de luz infinita.

Mas, com toda a certeza, amado leitor, este estado de clarividência não é o caminho pelo qual se atinge aquela condição necessária para que se possa ver Deus.

Eschenmayer afirma com razão: “As pessoas neste estado não têm mérito próprio. Quaisquer ideias morais ou religiosas que possam expressar não são uma verdadeira posse sua; são apenas os frutos naturais de uma alma libertada do peso da vida intelectual.”

E assim, estas pessoas, ao despertarem, retomam o seu estado anterior como representantes da existência individual, completamente inconscientes dos segredos que lhes foram revelados. E é aqui que reside a diferença entre o sentimento da beleza da virtude e o mérito do seu exercício. A simples contemplação da ideia de virtude está muito distante da realização efetiva do bem. Sim, meu querido, devemos acautelar-nos contra o desejo de obter informações arrancadas a um vidente. Saint-Martin considera isso perigoso, porque frequentemente desvenda o mistério do nosso ser antes de estarmos preparados para o compreender. “O germe oculto do nosso ser,” diz ele, “deve desenvolver-se através do poder, da vontade e da ação da origem de todo o poder; e se não for assim, está exposto a grande risco, como é frequentemente visível na história dos sonâmbulos.”

E isto, meu querido, pode também aplicar-se às circunstâncias anteriormente mencionadas, em que temos ou um estado magnético elevado e claramente preparado pela natureza, ou um estado provocado por operações magnéticas desmedidas e intempestivas (seja por simpatia, magia ou manipulação por diferentes pessoas), em que vemos um ser humano colocado entre o mundo dos mortais e o mundo espiritual; alguém que, se me é permitido dizer assim, permanece durante anos a lutar entre este mundo e o outro, pertencendo, de facto, a nenhum deles. Quantas horas de angústia infindável este estado tem causado a corações felizes e crédulos, ao levantar o véu do futuro — e quantas linhas da sua história eu poderia escrever (como Deus sabe) com o melhor do sangue do meu coração — não me atrevo a expor aqui.

No entanto, deixemos aqui um aviso a todos os pais e médicos: que em casos de doença, as operações magnéticas apenas devem ser utilizadas nos casos mais desesperados, e como último recurso (sobretudo quando o estado magnético não ocorre de forma natural); e mesmo então, devem ser usadas com extrema cautela; e que o paciente, submetido a essa influência misteriosa, deve ser preservado dos olhares curiosos e maldizentes. Além disso, que ninguém estenda a mão se o seu coração não estiver cheio de fé e de profunda seriedade, e se não for verdadeiramente livre das amarras do mundo. A arte do magnetizador é como a de Van Helmont.

"O médico eleito por Deus," diz Van Helmont, "será acompanhado de muitos sinais e prodígios perante as escolas; e enquanto utilizar os seus dons para aliviar o sofrimento do próximo, dará a glória das curas a Deus. A compaixão será o seu guia. O seu coração será verdade, e o seu saber, entendimento. O amor será sua irmã, e a verdade do Senhor iluminará o seu caminho. Invocará a graça de Deus, e o desejo de lucro não o possuirá. Pois o Senhor é generoso e dá livremente; e recompensa cem vezes mais com medida transbordante.

Ele fará prosperar a sua obra, e a sua mão será cheia de bênçãos. Da sua boca fluirá consolo; e a sua voz será como uma trombeta, ao som da qual a doença desaparecerá. Os seus pés trarão alegria, e a enfermidade dissolver-se-á diante dele como a neve no verão. A saúde seguirá os seus passos. Estas são as promessas do Senhor ao santo que Ele escolheu: estas são as bênçãos reservadas àquele cujo caminho é o da misericórdia. E o Espírito Santo há de iluminá-lo."

Houve tempos antigos em que o estado magnético era conhecido e em que a sua aplicação cuidadosa era utilizada como remédio, assim como para fins religiosos e políticos, especialmente através do uso do louro e de vapores*; e nessa época era restrito aos templos dos deuses, tratado como um mistério — não lançado à multidão, nem permitido a incrédulos, zombadores ou impostores.

O sonâmbulo era assistido numa câmara do templo, em silêncio solene, geralmente durante a noite. Ao despertar, os sacerdotes revelavam-lhe os meios que havia indicado e os resultados alcançados.

Mas, meu querido, nas circunstâncias da nossa vida exterior presente — desta vida vulgar! — um homem neste estado é como uma crisálida que teve a infelicidade de emergir como borboleta no meio de um bando de rapazes. Vede: um sopra sobre ela, outro dá-lhe uma pancada, outro ainda espeta-a com uma agulha, até que, perturbada no seu processo de transformação, morre lentamente, apenas meio saída do casulo. E esta, meu querido, é a imagem de uma vida magnética infeliz, cujos fenómenos mais notáveis serão tratados neste livro.

**Nota: Era comum utilizar-se uma pedra magnética, uma espécie de ocre vermelho, para esses fins.*

TERRA NATAL E PRIMEIRA INFÂNCIA

Em Württemberg, perto da cidade de Löwenstein, naquelas montanhas cujo ponto mais elevado, o Stocksberg, se ergue a 1.879 pés acima do nível do mar, rodeada por colinas e vales em todas as direções, e num isolamento romântico, encontra-se a pequena aldeia de Prevorst. Conta com pouco mais de 400 habitantes, a maioria dos quais se sustenta com o corte de madeira, a produção de carvão e a recolha de produtos da floresta.

Como é habitual entre os montanheses, trata-se de um povo robusto, e a maioria alcança uma idade avançada sem conhecer a doença. Males comuns entre os habitantes das planícies, como a febre intermitente (ague), são aqui desconhecidos; no entanto, distúrbios nervosos manifestam-se frequentemente na juventude — algo pouco expectável entre gente tão resistente. Assim, observa-se num local chamado Neuhütte, situado, tal como Prevorst, nas montanhas, que uma espécie de "dança de São Vito" se torna epidémica, sobretudo entre os jovens, ao ponto de todas as crianças do lugar serem atingidas ao mesmo tempo.

Tal como acontece com pessoas em estado magnético, sabem com precisão o momento em que o ataque vai ocorrer; e, se estão nos campos quando a crise se aproxima, apressam-se a regressar a casa e caem imediatamente numa convulsão, durante a qual se movem, por uma hora ou mais, com uma regularidade espantosa, mantendo o ritmo como dançarinos

experientes. Após isso, frequentemente despertam como se tivessem saído de um sono magnético, sem qualquer lembrança do que se passou.

É também certo que estes habitantes das montanhas são particularmente sensíveis às influências magnéticas — evidenciado pela sua recetividade a remédios simpáticos e pela sua capacidade de descobrir nascentes com a ajuda da vara de adivinhação.

No ano de 1801, nas alturas destas montanhas — precisamente na aldeia de Prevorst — nasceu uma mulher que, desde muito pequena, demonstrou possuir uma vida interior extraordinária, cujos fenómenos são o tema destas páginas.

Frederica Hauffe, conhecida como a Vidente de Prevorst (*Seherin von Prevorst*), filha de um guarda-florestal ou caçador do distrito, foi criada, como seria natural dada a localização isolada da aldeia, na maior simplicidade e inocência. No ar fresco das montanhas, habituada aos longos invernos que por vezes se prolongam, sem se enfraquecer com roupas luxuosas nem camas quentes, cresceu como uma criança vigorosa e alegre; e, embora as suas irmãs — criadas da mesma forma — sofressem, em crianças, de dores reumáticas semelhantes à gota, nada disso se manifestou nela. Contudo, a contrabalançar essa imunidade física, surgiu desde muito cedo uma evidente capacidade de pressentimento ou antecipação sobrenatural, que se revelava sobretudo através de sonhos proféticos.

Sempre que sofria uma repreensão ou algo lhe perturbava os sentimentos, durante o sono era conduzida a profundezas onde recebia visões instrutivas, premonitórias ou proféticas.

Assim, certa vez, quando o pai perdeu um objeto de valor e a acusou injustamente, os sentimentos dela ficaram tão abalados que, nessa mesma noite, sonhou com o local onde os objetos se encontravam. E, mesmo em criança, a vara de aveleira indicava-lhe com precisão a presença de metais e de água.

Mais tarde, por haver poucas oportunidades de educação naquela região remota, os seus pais decidiram entregá-la aos cuidados do avô, Johann Schmidgall, que vivia em Löwenstein, não muito longe dali.

Embora a simplicidade, pureza e sobriedade do piedoso avô e da avó tenham sido extremamente benéficas para a jovem, facilmente influenciável, deu-se, sem qualquer culpa dos avós — e para grande pesar deles — um contacto demasiado precoce com assuntos espirituais e sobrenaturais. Havia algo na natureza da menina que não podia ser contido — tal como o crescimento do seu corpo, também esse dom interior parecia inevitável.

O velho Schmidgall cedo reparou que, ao passearem juntos por lugares solitários — mesmo que ela corresse feliz ao seu lado — em certos locais, um tipo de seriedade e de calafrio parecia apoderar-se dela, algo que ele, durante muito tempo, não conseguiu compreender. Observou também que sentia o mesmo em cemitérios e em igrejas onde havia sepulturas; e que, nessas igrejas, ela nunca conseguia permanecer na nave principal, sendo obrigada a subir para as galerias.

Mas, para o avô, ainda mais inquietante do que essa sensibilidade à presença de corpos mortos, metais, etc., era o facto de esta ser acompanhada por uma consciência da presença de espíritos.

Assim, havia uma divisão no Castelo de Löwenstein — uma antiga cozinha — onde ela não conseguia olhar ou entrar sem se perturbar profundamente. No mesmo local, anos mais tarde, o espectro de uma mulher foi visto, para seu grande terror, por uma senhora que nada sabia das sensações experimentadas em criança por Frederica.

Para grande pesar da sua família, essa sensibilidade a influências espirituais — impercetíveis para os demais — tornou-se em breve demasiado evidente. A primeira aparição de um

espectro à jovem ocorreu na casa do avô. Numa passagem, à meia-noite, viu uma figura alta e escura que, passando por ela com um suspiro, permaneceu imóvel no final do vestíbulo, voltando-se na sua direção com traços que, já em idade adulta, ela ainda recordava perfeitamente. Esta primeira aparição, como aconteceria com muitas outras ao longo da sua vida, não lhe causou qualquer receio.

Olhou-a com serenidade e, de seguida, foi ter com o avô, dizendo-lhe que “havia um homem muito estranho no corredor, e que ele devia ir vê-lo”; mas o velho, perturbado com a situação — pois ele próprio já vira uma aparição semelhante no mesmo local, embora nunca o tivesse contado — tudo fez para a convencer de que se enganara, e desde então nunca mais lhe permitiu sair do quarto durante a noite.

Estas faculdades sérias, embora lamentáveis, não alteraram em nada a vida infantil da jovem: era a mais alegre entre as suas companheiras; embora uma sensibilidade acentuada nos nervos oculares (sem qualquer sinal de inflamação), que durou um ano inteiro — talvez um prenúncio da capacidade de ver aquilo que é invisível aos olhos comuns, ou o desenvolvimento do olhar espiritual dentro da carne — a tenha mantido confinada ao quarto durante bastante tempo.

Mais tarde, a prolongada doença dos pais levou-a de volta à aldeia isolada de Prevorst, onde, entre o pesar e as vigílias junto ao leito dos doentes, os seus sentimentos permaneceram, durante um ano inteiro, num estado de intensa agitação; e, como consequência, os sonhos proféticos e a consciência de realidades ocultas para as pessoas em estado normal continuaram a manifestar-se.

Com o passar dos anos, vemo-la novamente na casa dos pais, em Oberstenfeld — local onde o pai desempenhava funções oficiais por um período — e entre os seus dezassete e dezanove anos, vivendo então sob influências mais agradáveis e animadoras, parece ter encerrado dentro de si as suas impressões interiores, revelando apenas um carácter mais espiritual do que o comum, visível nos seus olhos — e também uma vivacidade maior — sem, no entanto, se afastar dos modos e comportamentos habituais das jovens da sua idade. Apesar de todas as falsidades que se propagaram a esse respeito, é certo que, mesmo nessa idade tão suscetível a emoções do coração, nunca formou qualquer ligação amorosa, nem sofreu por amores frustrados.

Em conformidade com os desejos dos pais e familiares, aos dezanove anos ficou noiva do senhor H., pertencente à família do seu tio. Tratava-se de um homem íntegro, e a união com ele oferecia uma perspetiva de estabilidade e proteção — algo que, por certo, lhe seria agradável. Mas, fosse por pressentir os anos de doença e sofrimento que se aproximavam, fosse por algum outro motivo que manteve em segredo — e é certo que não foi por desilusão amorosa — caiu então num estado de profunda melancolia, cuja origem os seus entes queridos não conseguiam compreender: chorava o dia inteiro, escondida em casa dos pais, não dormia há cinco semanas, e parecia de novo mergulhada na poderosa vida sensitiva da infância.

Coincidiu que, no dia do seu casamento, teve lugar o funeral do estimado pastor de Oberstenfeld — um homem com mais de sessenta anos, cuja pregação, erudição e convivência pessoal (pois era um modelo de integridade) haviam exercido grande influência sobre a sua vida. No dia do enterro, acompanhou os restos mortais até ao cemitério. Embora já se sentisse profundamente abatida, foi junto à sepultura que experimentou uma súbita serenidade. Um extraordinário despertar da vida interior ocorreu nela nesse instante; tornou-se calma e quase não conseguiu afastar-se do túmulo. A partir desse momento cessaram-lhe as lágrimas — permaneceu serena, mas indiferente a tudo quanto dizia respeito ao mundo exterior; e, após um breve período de mal-estar físico, teve início a sua verdadeira vida interior.

Mais tarde, já em estado sonâmbulo, fez alusão a este acontecimento — numa altura em que o falecido pastor frequentemente lhe aparecia como uma figura de luz, animando-a e protegendo-a da influência de um espírito maligno.

RECOLHIMENTO NA VIDA INTERIOR

Nos confins de Württemberg, na direcção de Baden, e pertencendo em parte a esse ducado e em parte ao de Hesse, encontra-se um lugar chamado Kürnbach, situado num vale sombrio, rodeado por montanhas e, tanto nas suas condições atmosféricas como geológicas, o oposto de Prevorst e Oberstenfeld.

Pessoas muito sensíveis às influências elétricas são, por vezes, curadas das suas doenças apenas com a mudança de residência; enquanto outras, com igual sensibilidade, adoecem devido à mesma mudança — com males que os médicos não conseguem explicar. Papponi, homem referido por Amoretti, que sofria de convulsões e era extremamente sensível à eletricidade, curou-se apenas por ter mudado de casa. Pennet, outro indivíduo com a mesma predisposição, não conseguia dormir numa determinada estalagem da Calábria sem antes se envolver num manto isolante de pano encerado.

Quais as influências sinistras que poderão ter sido exercidas sobre este ser tão sensível, pela sua mudança para um local tão distinto da sua residência anterior — pois, após o casamento, passou a viver em Kürnbach — é algo que não se pode determinar com certeza. Mais tarde, constatou-se que quanto mais baixo era o local onde ela se encontrava, mais era acometida por espasmos; pelo contrário, nas montanhas, o seu estado magnético intensificava-se.

No entanto, não se pode excluir que nessa altura atuassem sobre ela certas influências físicas perniciosas. Já praticamente desligada do mundo exterior, os deveres como esposa de um homem envolvido em negócios obrigavam-na constantemente a regressar a esse mundo, em contradição permanente com a sua vida interior — o seu verdadeiro lar — que era forçada a ocultar. Essa dissimulação tornava-se cada vez mais difícil. Pois é certo que, desde o dia em que se deteve sobre a sepultura do velho amigo, mergulhou cada vez mais na sua vida interior, aproximando-se progressivamente daquele estado a que todos devemos chegar, quando, ao passar pelas portas da morte, o mundo exterior desaparece — um estado em que a dissimulação já não é possível.

“O estado exterior não é o que verdadeiramente pertence ao homem nem ao seu espírito”, diz um vidente, “e isso torna-se claro ao observarmos que, enquanto vive no mundo, o homem comunica segundo as convenções da sociedade, mas o seu pensamento interior governa os seus atos exteriores, de modo a não ultrapassar os limites do decoro e da boa conduta. E isto vê-se também no facto de que, ao refletir, o homem pondera consigo mesmo sobre o modo como deverá falar e agir, para assegurar respeito, amizade e estima; e os seus atos resultantes são muito diferentes do que seriam se seguisse apenas os impulsos da sua vontade. Daí se conclui que o estado interior do espírito é o seu estado natural — e também o verdadeiro estado do homem enquanto vive no mundo.”

Durante sete meses, contudo, a senhora H. continuou a adaptar-se aos costumes e hábitos da vida comum; mas, sempre que as circunstâncias o permitiam, refugiava-se na solidão para se recolher em si mesma. Porém, após esse período, tornou-se-lhe impossível continuar a esconder a sua vida interior e fingir uma vida exterior que já não lhe pertencia; o seu corpo sucumbiu ao esforço, e o seu espírito recolheu-se à sua esfera interior.

DESPERTAR DO ESTADO MAGNÉTICO

E INÍCIO DE UM NOVO PERÍODO DE SOFRIMENTO

Foi a 13 de Fevereiro de 1822 que a senhora H., encontrando-se então na sua própria casa, teve um sonho extraordinário. Sonhou que se preparava para deitar-se, quando viu, no seu leito, o corpo daquele querido amigo sobre cuja sepultura a sua vida interior havia despertado — estendido sob um lençol mortuário. Na divisão ao lado, ouvia a voz do pai e a de dois médicos — apenas um dos quais conhecia — a discutir uma grave doença que a teria acometido. Gritou: “Deixem-me sozinha com este morto! Ele curar-me-á! Nenhum médico o poderá fazer!” Pareceu-lhe então que tentavam afastá-la do cadáver; mas o frio da morte parecia-lhe saudável, e só dele obtinha alívio. Falou em voz alta, ainda no sonho: “Como me sinto bem junto deste corpo — agora sei que irei recuperar totalmente.”

Na realidade, nessa altura, não se encontrava doente. O marido, ouvindo-a falar assim durante o sono, acordou-a. Na manhã seguinte, porém, foi acometida de uma febre intensa que durou catorze dias, e a partir daí começou um período de sete anos de vida magnética, interrompido apenas por curtos e meramente aparentes intervalos. Como a minha observação pessoal apenas abrangeu o sexto e sétimo anos desse período, os anteriores apenas posso aqui descrever de forma sucinta, conforme me foram relatados pela própria senhora H., pelo seu marido e por outras pessoas próximas.

Após essa febre, foi acometida, na noite de 27 de fevereiro, à uma da madrugada, por violentos espasmos no peito. Foi friccionada e esfregada até a pele das costas sangrar; e, encontrando-se inconsciente, os cirurgiões locais procederam à abertura de uma veia. Como os espasmos continuaram durante três dias, a sangria foi repetida.

No segundo dia, uma camponesa, sem ter sido chamada, veio da aldeia, sentou-se ao lado dela e disse: “Ela não precisa de médico — eles não a podem ajudar.” Colocou então a mão sobre a sua testa. Imediatamente, Frederica foi acometida por espasmos violentíssimos, e a sua testa ficou tão fria como a de um cadáver. Durante toda a noite delirou, dizendo que aquela mulher lhe tinha lançado uma influência demoníaca; e, sempre que a mulher voltava, Frederica era novamente atacada por espasmos.

No terceiro dia, mandaram chamar um médico de Bretten; encontrando-se então num estado magnético, gritou-lhe, ao vê-lo entrar — embora nunca o tivesse visto antes — “Se é médico, tem de me ajudar!” Ele, compreendendo bem a natureza da sua doença, colocou as mãos sobre a sua cabeça; e notou-se que, enquanto ele se mantinha na sala, Frederica apenas via e ouvia a ele, permanecendo insensível à presença de todas as outras pessoas.

Depois de ele lhe ter tocado, ela acalmou-se e dormiu por algumas horas. Foram-lhe receitados alguns remédios internos e banhos, mas os espasmos regressaram durante a noite; e, durante dezoito semanas, sofreu ataques entre duas e seis vezes por dia.

Ao mesmo tempo que sofria estes espasmos, a sua avó, de Löwenstein, apareceu-lhe de noite, de pé junto à sua cama, olhando-a em silêncio. Três dias depois, recebeu a notícia do falecimento da avó, ocorrido naquela mesma noite. Desde então, mencionava frequentemente, durante o sono, a presença da avó, e mais tarde passou a reconhecê-la como o seu espírito protetor.

Foi também por essa altura que, em sonho, descreveu uma máquina e o modo como devia ser construída — instrumento esse que seria, segundo ela, o meio para a sua cura. Desenhou a figura da máquina num papel, mas ninguém deu importância à revelação.

Todos os tratamentos que se tentaram revelaram-se ineficazes. O médico recorreu então aos passes magnéticos, que aliviaram temporariamente os espasmos. Por causa disto, espalharam-se rumores maliciosos entre aqueles que olhavam para o seu caso com

preconceito, e que tinham ouvido dizer que, em agonia, ela chamava por aquele homem, e que só ele a conseguia aliviar. Informaram-na dessas murmurações, mas, segura da sua inocência, escutou-as com indiferença — como faria depois com outras mexericos e maledicências de mulheres da sua época, e com todos os escândalos de que o mundo fez dela vítima.

Certa vez, durante um ataque violento, a criada aliviou-a apenas soprando sobre o estômago durante uma hora.

Estando agora num estado inequivocamente magnético, é provável que um tratamento magnético regular lhe pudesse ter trazido benefícios — e o médico chegou a recomendá-lo. Contudo, como vivia longe demais para o pôr em prática ele próprio, e o marido não consentia que ela deixasse o lar, tal tratamento não foi possível. Recorreram então à medicina homeopática, que durante algum tempo teve bons resultados; e pouco depois, Frederica ficou grávida pela primeira vez — circunstância que inspirou muitas esperanças de melhoria da sua saúde.

Durante a gravidez, o sonho que tivera algum tempo antes concretizou-se. Enquanto jazia doente, com espasmos, ouviu o pai, na sala ao lado, a conversar com dois médicos — reconhecendo a voz de apenas um deles. Por essa altura, visitou os pais e tomou muitos banhos em Löwenstein, os quais pareciam fortalecê-la. Em fevereiro de 1823, após longos sofrimentos, deu à luz uma criança.

O parto foi seguido de uma doença prolongada e grave; e a mulher que, anteriormente, lhe provocara um efeito tão nefasto, tendo trazido leite para o bebé e insistido em dá-lo com as próprias mãos, fez com que a criança fosse acometida por espasmos — passando, desde então, a sofrer convulsões periódicas dos membros, até à sua morte, em Agosto. Depois disso, Frederica voltou aos banhos de Löwenstein, mas regressou a casa pouco melhorada, e muito abatida de espírito.

Em fevereiro de 1824, recebeu uma visita de amigos, e a casa encheu-se de dança e alegria; ela, porém, manteve-se triste. Quando tudo se acalmou, foi encontrada em oração por uma das visitantes, que zombou da sua devoção. Com isso, Frederica ficou tão profundamente afetada que o seu corpo gelou e endureceu como o de um cadáver. Durante muito tempo não se percebeu qualquer respiração; até que, finalmente, se ouviu um som gutural na garganta. Aplicaram-lhe banhos e outros remédios, e ela recuperou — mas apenas para continuar a sofrer. Permaneceu como que num sonho constante.

Chegou a falar durante três dias apenas em versos; e, noutra ocasião, durante o mesmo período, via apenas uma bola de fogo a percorrer todo o seu corpo, como se em fios finos e brilhantes. Depois, durante três dias, sentiu como se gotas de água caíssem continuamente sobre a sua cabeça. Foi também nessa altura que, pela primeira vez, viu a sua própria imagem: viu-se vestida de branco, sentada num banco, enquanto o seu corpo jazia na cama. Contemplou a visão durante algum tempo e quis gritar, mas não conseguia. Por fim, conseguiu fazer-se ouvir, e, com a entrada do marido no quarto, a visão desapareceu.

A sua sensibilidade estava agora tão apurada que ouvia e sentia o que se passava ao longe; e era tão afetada pelas influências magnéticas que os pregos nas paredes a incomodavam, e tiveram de ser retirados. Também não podia suportar qualquer tipo de luz.

Como nada parecia trazer-lhe alívio, os amigos de Frederica decidiram experimentar um remédio recomendado por um rapaz em transe magnético; o efeito foi que ela se tornou ainda mais magnética, embora mais calma. Ainda assim, não conseguia suportar a luz do dia e, ao ser transportada para Oberstenfeld numa carruagem fechada, chegou lá três horas antes do pôr-do-sol, mas teve de esperar até anoitecer para poder entrar em casa.

Foi então colocada sob os cuidados do Dr. B., sofrendo terríveis espasmos e angústias. Sobrevivia apenas através das emanações nervosas de outras pessoas, sendo necessário que alguém lhe segurasse constantemente a mão — e, se a pessoa fosse fraca, isso agravava ainda mais o seu próprio estado de debilidade. O médico prescreveu-lhe passes magnéticos e medicamentos; mas Frederica caiu num sono magnético e passou a receitar a si própria. O seu maior sofrimento provinha da sensação de ter uma pedra na cabeça; parecia-lhe que o cérebro estava comprimido, e cada respiração lhe causava dor.

Esta sensação perturbava-lhe o sono, que só durava enquanto uma mão permanecesse pousada sobre a sua testa. Por esta altura, realizou-se uma experiência aplicando um íman à sua testa; imediatamente, a cabeça e o rosto torceram-se, e a sua boca ficou distorcida como se tivesse sofrido um AVC. Estes sintomas duraram dois dias, findos os quais desapareceram por si mesmos.

Foi por esta altura que, durante sete dias, sempre às sete horas da tarde, Frederica sentia que estava a ser magnetizada por um espírito — visível apenas para ela. Nesse espírito reconhecia a sua avó, que a magnetizava com três dedos estendidos, como raios, dirigindo os passes à região epigástrica. É um fenómeno incompreensível — embora acreditado por várias testemunhas fidedignas — que, durante esse período, objetos cuja proximidade lhe causava mal-estar eram removidos por uma mão invisível; por exemplo, uma colher de prata era, percetivelmente, retirada da sua mão e colocada noutro local, como num prato — não atirada, mas transportada suavemente pelo ar, como se erguida por uma força invisível.

Em estado de sono profundo, declarava então que apenas o magnetismo a poderia salvar.

Foi por esta altura que, pela primeira vez, começou a ver outra pessoa por detrás daquela que observava. Por exemplo, por trás da sua irmã mais nova viu o seu irmão falecido, Heinrich; e por trás de uma amiga, viu a figura espectral de uma velha que conhecera em criança, em Löwenstein.

Seguiu-se um tratamento magnético prescrito pelo tio, e conduzido pelo Dr. B. — inicialmente sem sucesso. De facto, parecia não conseguir suportar a presença do magnetizador, que era frequentemente obrigado a abandonar a sala. Com o tempo, essa aversão dissipou-se — Frederica recuperou forças, voltou a fazer longos passeios e ocupou-se com tarefas domésticas femininas habituais. Apesar disso, continuava num estado magnético, adormecendo a cada sete dias — mais tarde, a cada sete semanas. Durante longos períodos, encontrava-se apenas num estado semi-desperto; mesmo assim, saía à rua sob neve e chuva, preferindo estar ao frio.

Estava extremamente sensível a todo o tipo de influências espirituais: sonhos proféticos, intuições e visões premonitórias em espelhos e vidros revelavam a sua vida interior. Assim, num copo de água sobre a mesa, via pessoas que, meia hora depois, entravam na sala. Viu também, da mesma forma, uma carruagem a viajar em direção a B., embora fosse invisível da sua posição. Descreveu o veículo, os passageiros, os cavalos, etc., e, meia hora depois, a carruagem chegou efetivamente à casa.

Parecia também dotada de *segunda visão*. Certa manhã, ao sair da sala durante a visita do médico, viu um caixão no corredor, que lhe bloqueava a passagem; dentro dele jazia o corpo do seu avô paterno. Voltou para trás e chamou os pais e o médico para que vissem — mas eles nada viam, e nesse momento, ela também já não via. Na manhã seguinte, viu novamente o caixão, desta vez junto à sua cama. Seis semanas depois, o avô morreu, tendo estado de perfeita saúde até poucos dias antes da morte.

O dom de ver espíritos, que Frederica possuía desde a infância, continuava a desenvolver-se constantemente. Os dois episódios mais marcantes desse período estão relatados na segunda parte deste volume.

AGRAVAMENTO DOS SOFRIMENTOS

E PROFUNDIDADE CRESCENTE DO ESTADO MAGNÉTICO

Um segundo parto, ocorrido a 28 de dezembro, foi seguido de uma febre durante a qual a senhora H. delirou, imaginando-se deitada numa imensa igreja. Sobrevieram-lhe espasmos e um agravamento do seu estado magnético. Como os tratamentos convencionais não produziam efeito, voltaram a recorrer aos passes magnéticos, sendo o seu irmão quem geralmente os realizava; na sua ausência, outras pessoas — a pedido dos pais aflitos — foram induzidas a ocupar esse papel.

Tal situação, além de prejudicial à sua reputação, também se revelou nociva para a sua saúde, devido às diferentes constituições nervosas dessas pessoas. Isso contribuiu para a mergulhar ainda mais profundamente no estado magnético e, simultaneamente, tornou-a mais dependente, por hábito, da energia nervosa alheia. Um tratamento mais prudente poderia tê-la poupado a muito sofrimento e incompreensão.

É digno de nota que o seu bebé, especialmente durante a primeira semana de vida, dormia sempre na mesma posição que ela adotava durante o sono magnético — com os braços e pernas cruzados. Ver-se-á mais adiante que também ele viria a manifestar o infeliz dom de ver espíritos.

Uma amiga próxima, que convivia frequentemente com ela nessa época, escreveu-me: “Sempre que coloco o dedo na sua testa, entre as sobrancelhas, ela diz algo relacionado comigo e com o estado da minha alma”, como por exemplo:

“Quando entrares no tumulto do mundo, guarda o Senhor no teu coração.”

“Se alguém te quiser induzir a errar contra a tua consciência, refugia-te no Senhor.”

“Não deixes apagar a luz que há em ti.”

Os espasmos, o sonambulismo e outros sintomas persistiam; as pessoas à sua volta, incapazes de compreender o seu estado, começaram a cansar-se e a perder a paciência. Ela piorava de dia para dia — foi acometida por suores noturnos e diarreia — e acusavam-na de continuar viva, apesar de tudo. Tentaram forçá-la a sentar-se, mas em vão; obrigaram-na a sair da cama, mas ela caía no chão, inconsciente.

Começaram então a suspeitar que o seu mal teria origem numa influência demoníaca e recorreram a um homem conhecido por curar através de meios simpáticos. A família da senhora H. foi acusada de superstição e incredulidade por procurar esse tipo de ajuda. Mas não fazem o mesmo até os homens mais cultos e instruídos? Não têm muitas doenças sido curadas por meios simpáticos? E não enviaram médicos renomados pacientes considerados incuráveis para junto da senhora H.?

Esse homem deu-lhe um pó verde, que ela relutava em tomar; mas forçaram-na a fazê-lo. À segunda dose, conseguiu imediatamente manter-se de pé, mas movia-se de forma rígida; e, após alguns passos, começou a girar em círculos, como numa crise da “dança de São Vito”.

A partir daí, nunca mais esteve verdadeiramente desperta; a sua voz tornou-se aguda; falava em alemão culto e numa língua estranha que também escrevia, e que chamava de “a sua língua interior” — sobre a qual falaremos adiante. Quando falava nessa língua, estava num estado semi-desperta; e, quando queria falar normalmente, fazia passes magnéticos sobre si própria. Com o pó, o homem enviou-lhe também um amuleto de chumbo negro, pendurado num triplo fio. Todas as sextas-feiras era-lhe enviado um recado, conforme o homem exigira, mesmo que levasse sete horas a chegar. Em sonho, ela dizia: “Ele quer que eu própria lhe peça que venha; e se isso não for feito, ele irá espetar agulhas em certas plantas da sua cave,

o que me tornará mais sujeita à sua influência, e causará maior ansiedade e inquietação. Tenho de lhe escrever pessoalmente!"

Ela escreveu-lhe durante o sono, a carta foi enviada, e o homem veio. Tinha um aspeto sombrio, rude e desagradável, com uns olhos brilhantes e fixos como os de um touro. Quando chegou, Frederica encontrava-se em sono magnético, e explicou que ele não poderia entrar no quarto até dizer: "Creio que Jesus Cristo é o verdadeiro Filho de Deus, gerado pelo Pai na eternidade." Ele pronunciou as palavras, e só então lhe foi permitido entrar — mas ela não lhe falou.

Pediu que, ao acordar, tomassem cuidado para que ele não lhe tocasse na mão, pois teria esse desejo, e isso lhe causaria mal. Pediu também que não lhe falassem sobre isso, pois ele ficaria ofendido. Apesar dos esforços para impedir, ele pegou-lhe na mão e, de imediato, esta ficou contraída e retorcida de forma horrível; não conseguiram reverter a situação nem com sopros nem com passes magnéticos. Frederica entrou então em estado sonâmbulo e disse que teriam de mergulhar a mão em água corrente e depois lavá-la em vinho quente. Assim fizeram, e a contração desapareceu.

Embora o pó a tornasse mais magnética, passou a tomá-lo em doses mínimas, receando que o homem lhe provocasse algum mal. Curiosamente, o amuleto que ele lhe dera movia-se sozinho, sem que ninguém lhe tocasse, deslizando sobre a cabeça, o peito e os cobertores, como se tivesse vida própria — chegando mesmo a cair no chão, de onde era apanhado e devolvido a ela. Este fenómeno incrível foi testemunhado por várias pessoas fiáveis, que confirmaram o ocorrido. Frederica usou o amuleto nas costas durante três meses. Quando ficou sob os meus cuidados, examinei-o e encontrei no seu interior: assa-fétida, sabina, centáurea, duas sementes de estramónio, um pequeno íman e um pedaço de papel com a inscrição: "O Filho de Deus veio destruir as obras do Diabo!"

AGRAVAMENTO DOS SOFRIMENTOS

E PROFUNDAMENTO DO ESTADO MAGNÉTICO

Ao saberem da sua prolongada doença, os pais de Frederica escreveram ao marido, pedindo-lhe que a levasse de volta para Kürnbach. Embora relutante em fazer a viagem, ela consentiu, para poupar os pais ao cansaço da deslocação. As consequências, contudo, foram uma grave recaída, e acabaram por ter de a levar de volta. Nessa ocasião, pequenas doses de ópio revelaram-se úteis.

Foi então acometida por uma extrema irritabilidade dos nervos do estômago: se não lhe fosse administrada comida quase a cada minuto, entrava num estado de fraqueza alarmante. A medicação pouco a aliviava, e, devido à distância a que se encontrava o médico, teve de ser levada para junto do seu tio, em Löwenstein. Aí, adormecia todas as noites e receitava para si própria — mas, como já não se depositava confiança nas suas prescrições, estas deixaram de ser seguidas.

Foi nesta altura que fui chamado a acompanhá-la. Nunca a tinha visto antes, mas já ouvira muitos relatos falsos e distorcidos a seu respeito; confesso que partilhava da opinião comum e acreditava nas mentiras que circulavam. Por isso, pedi expressamente que não fosse dada qualquer atenção ao seu estado magnético, nem às suas instruções para que fosse tratada magneticamente ou posta em contacto com pessoas de temperamento nervoso intenso. Em suma, determinei que tudo fosse feito para a afastar do estado magnético — que fosse tratada com cuidado, mas apenas por meios médicos convencionais.

O meu amigo, Dr. Off, de Löwenstein, concordava comigo, e iniciámos um tratamento regular. Mas o resultado foi dececionante. A disenteria, os espasmos e os suores noturnos persistiam;

as suas gengivas tornaram-se escorbúticas, sangravam constantemente, e ela perdeu todos os dentes. A administração de tónicos provocava nela uma sensação de ser elevada no ar; desenvolveu um medo irracional de todos à sua volta e, à noite, era frequentemente acometida por uma fraqueza semelhante à da morte.

Os seus familiares, acreditando que sofria de uma influência demoníaca, tentaram exorcizá-la através da oração. A partir desse momento, tudo lhe se tornou indiferente — como se tivesse endurecido por dentro. A morte teria sido uma bênção: padecia como uma mártir, mas não morria. Os que a rodeavam estavam mergulhados em angústia e perplexidade. Felizmente — ainda que contra a minha vontade — foi trazida para Weinsberg, na esperança de que algo pudesse ser feito por ela.

CHEGADA A WEINSBERG

Frederica chegou a Weinsberg a 25 de novembro de 1826, parecendo um esqueleto — um retrato da morte. Não se conseguia levantar nem deitar sozinha. A cada três ou quatro minutos era necessário dar-lhe uma colher de caldo, que muitas vezes não conseguia engolir e cuspia de volta; mas, sem isso, desmaiava ou era acometida por espasmos. Apresentava inúmeros sintomas assustadores e, todas as noites, às sete horas, caía num transe magnético. Este começava com o cruzar dos braços e uma oração. Depois, estendia-os e, ao pousá-los sobre a cama, começava a falar, com os olhos fechados e o rosto iluminado.

Na noite da sua chegada, já adormecida, pediu para falar comigo; mas mandei-lhe dizer que só a veria quando estivesse acordada. Quando despertou, fui ao seu encontro e disse-lhe, de forma breve e séria, que não pretendia prestar qualquer atenção ao que dissesse durante o sono, nem sequer ser informado sobre isso. Afirmei que esse estado sonâmbulo, que tanto sofrimento trouxera aos seus familiares, teria de terminar. Acompanhei esta declaração com palavras bem duras, pois estava firmemente decidido a tratá-la apenas com meios medicinais.

Solicitei que ninguém lhe dirigisse a palavra durante o seu estado de sono desperto e iniciei um tratamento regular com remédios homeopáticos. Mas até as mais pequenas doses provocavam nela efeitos contrários ao esperado: surgiam sintomas alarmantes, e parecia provável que a morte estivesse próxima — hipótese para a qual os seus familiares já se preparavam. Em suma, já era tarde demais para que o plano terapêutico que propus pudesse surtir efeito. Devido à multiplicidade de influências magnéticas a que fora submetida, o seu sistema nervoso encontrava-se num estado tão invulgar e anormal, que já não podia subsistir com a sua própria energia vital, dependendo antes da energia nervosa de outras pessoas — como em breve se tornou evidente.

Era comovente ver com que determinação, durante o sono, ela procurava a cura para si mesma. E o médico bem podia corar de vergonha ao ver que os meios que ela própria prescrevia, em muitos casos, eram mais eficazes do que aqueles que ele, com toda a sua farmacopeia, podia oferecer.

Depois de algumas semanas de tratamento médico, perguntei-lhe, durante o sono, se um regime regular e contínuo de magnetismo lhe seria benéfico. Respondeu que só poderia dar uma resposta no dia seguinte, às sete da tarde, depois de receber sete passes magnéticos. Como me recusava a envolver-me diretamente com o seu magnetismo, pedi a um amigo que realizasse os passes. O resultado foi que Frederica declarou que uma aplicação suave e regular de magnetismo, durante sete dias, a ajudaria a recuperar.

Consequência dos sete passes

O resultado dos sete passes foi que, para grande espanto dela própria — pois não sabia o que fora feito — conseguiu sentar-se na cama na manhã seguinte e sentiu-se mais forte do que

em todo o período anterior da minha assistência médica. Durante vinte e sete dias, seguiu-se, portanto, um tratamento magnético regular, obedecendo-se estritamente às orientações que ela fornecia durante o seu estado de sono desperto, e deixando-se de lado todas as outras abordagens. E, embora a cura completa já não fosse possível, e ainda persistissem muitos sintomas dolorosos, estes métodos proporcionaram-lhe o máximo alívio que o seu estado permitia.

Contudo, o choque provocado pela morte do pai veio contrariar todos os efeitos benéficos obtidos, e, dali em diante, tudo quanto lhe restou foi uma espécie de vida etérea — como se vivesse no estado de um silfo.

Os acontecimentos desta existência incorpórea — as numerosas revelações sobre a vida interior do ser humano e sobre a presença de um mundo espiritual entre nós — bem como aquilo que conseguimos recordar dos momentos em que a nossa Psique, libertando-se da matéria que a envolvia, abria as suas asas para voar sem entraves através do tempo e do espaço — são os elementos que constituem o conteúdo desta obra.

Limito-me a apresentar os factos. A explicação deles deixo-a a outros.

Muitas têm sido as teorias propostas para explicar estes fenómenos. Conheço-as a todas, mas não subscrevo nenhuma. O meu único propósito será mostrar, através de vários exemplos semelhantes, que as revelações feitas por esta paciente em estado de sono-magnético não são mais do que manifestações naturais, que já foram observadas noutras ocasiões. Porém, tais visões raramente perfuram o denso véu da vida comum — são apenas relâmpagos ocasionais de uma realidade mais elevada.

Descrição desta senhora

Muito antes de ter iniciado qualquer tratamento magnético com a senhora H., ela já se encontrava completamente em estado sonâmbulo. Mais tarde, confirmámos que o seu estado de vigília era apenas aparente. Na verdade, ela encontrava-se então mais desperta do que a maioria das pessoas, pois este estado — embora não seja comummente designado como tal — é, de facto, um estado de extrema lucidez.

Nesse estado, ela já não possuía força orgânica própria: dependia inteiramente da força vital de outras pessoas, que absorvia principalmente através do olhar e das pontas dos dedos. Dizia que obtinha a sua energia do ar e das emanações nervosas dos que a rodeavam, sem que estes perdessem nada com isso. No entanto, importa referir que muitas pessoas afirmavam sentir-se mais fracas após longos períodos na sua presença, experimentando contrações nos membros, tremores, entre outros sintomas. Alguns sentiam-se mesmo desfalecer, com fraqueza nos olhos e na região do estômago. Ela própria admitia que ganhava mais força ao fixar os olhos de homens robustos e vigorosos.

Extraía mais energia dos seus familiares do que de outras pessoas; e, à medida que enfraquecia, só destes retirava algum benefício. A proximidade de pessoas fracas ou doentes fazia-a enfraquecer ainda mais — tal como as flores murcham e morrem quando cercadas por outras em declínio. Também retirava alimento do ar e, mesmo nos dias mais frios, não conseguia viver sem uma janela aberta.

Era sensível às essências espirituais de todas as coisas — algo de que nós, em estado normal, nem nos apercebemos — sobretudo no que dizia respeito a metais, plantas, animais e seres humanos. Sentia efeitos reais provocados por elementos imponderáveis, como as diferentes cores do prisma. Era extremamente recetiva a influências elétricas que nos passam despercebidas e possuía, de forma quase inacreditável, uma espécie de sensibilidade ou consciência preternatural em relação à escrita humana.

Dos seus olhos emanava uma verdadeira luz espiritual, algo que era imediatamente sentido por todos os que a viam; e, neste estado, parecia mais espírito do que criatura terrena. Se a comparássemos com uma pessoa comum, diríamos que se encontrava naquele estado liminar em que a alma, entre a vida e a morte, já pertence mais ao mundo que se aproxima do que àquele que está a deixar para trás.

Não se trata aqui de uma figura poética, mas de uma descrição literal. Sabemos que, no instante da morte, muitos têm vislumbres do além e manifestam esse conhecimento. Nesses momentos, o espírito começa a destacar-se do corpo, mesmo antes de o abandonar por completo. Se fosse possível manter alguém durante anos nesse limiar entre a vida e a morte, teríamos, então, um retrato fiel do estado em que se encontrava a senhora H.

Muitas vezes estava nesse estado em que pessoas dotadas da capacidade de ver espíritos conseguem ver o seu próprio espírito fora do corpo, como se este fosse apenas um invólucro de gaze muito fina. Ela via-se frequentemente fora de si mesma — por vezes, até em duplicado. Dizia:

"Muitas vezes, tenho a sensação de estar fora do meu corpo, a pairar sobre ele, a observá-lo — mas não é uma sensação agradável, porque reconheço aquele corpo como meu. Se a minha alma estivesse mais fortemente ligada ao espírito dos meus nervos, então este estaria mais unido ao meu corpo. Mas os laços do meu espírito nervoso estão a enfraquecer de dia para dia."

Parecia, de facto, que o seu espírito nervoso estava tão tenuemente ligado aos seus nervos que, ao mais leve movimento, desprendia-se do corpo; por isso via-se fora de si mesma, ou em duplicado; e o seu corpo tinha também perdido toda a sensação de peso.

A senhora H. não possuía qualquer formação nem educação formal. Não aprendera nenhuma língua estrangeira; não tinha conhecimentos de história, geografia, ciências naturais, nem qualquer uma das aptidões que são comuns entre as mulheres do seu tempo. Durante os seus longos anos de sofrimento, a Bíblia e o livro de Salmos foram os seus únicos companheiros de leitura. O seu carácter moral era irrepreensível. Era piedosa sem qualquer traço de hipocrisia; e mesmo os seus longos sofrimentos — pela sua estranha natureza — ela via como dádivas da graça divina, expressando muitas vezes tais sentimentos em verso.

Como também eu escrevia poesia, houve quem dissesse que lhe transmitira esse talento por via da influência magnética; mas é um facto que ela já falava em verso antes mesmo de eu a ter conhecido. E não deixa de ter um profundo significado o facto de Apolo ter sido considerado o deus do médico, do poeta e do profeta. O estado de sono-magnético confere a capacidade de profetizar, curar e compor poesia. Como os antigos compreendiam bem este estado! Como se revelam claramente os traços do magnetismo nos seus mistérios! O próprio Galeno, o grande médico da Antiguidade, deveu grande parte da sua sabedoria médica aos sonhos que teve durante a noite. Conheço uma rapariga camponesa que nem sabe escrever, e que, no entanto, no seu estado magnético, fala sempre em verso.

As falsidades que o mundo espalhou sobre a senhora H. são inacreditáveis; nunca antes me deparei com um exemplo tão claro do prazer que o mundo retira da calúnia. Ela costumava dizer: *"Podem ter poder sobre o meu corpo, mas não sobre o meu espírito."* Contudo, o número de curiosos que se acotovelava junto ao seu leito incomodava-me profundamente. Quanto a ela, recebia a todos com amabilidade, embora tal esforço lhe causasse muitas vezes dor. Defendia até aqueles que mais a haviam difamado. Gente de toda a índole a procurava — bons e maus. Ela reconhecia a presença do mal, mas não julgava ninguém. Muitos dos que a visitaram, ateus e pecadores, saíram de lá tocados, com uma nova consciência da vida para além da morte.

Muitos anos antes de ser trazida até mim, a Terra, com a sua atmosfera e tudo o que nela se encontrava — seres humanos incluídos — já tinha deixado de ter qualquer significado para ela. Havia muito que ela necessitava de algo para além do que os mortais podiam oferecer: precisava de outros céus, outros alimentos, outros ares — coisas que este planeta já não podia providenciar. Era, em mais de metade, espírito. Pertencia ao mundo dos espíritos — pertencia já a um mundo pós-morte, sendo ela própria mais de metade defunta. Que nos primeiros anos da sua enfermidade a senhora H. pudesse ter sido, com tratamento adequado, reconduzida a um estado mais próprio para a vida neste mundo, é bastante provável; mas, numa fase posterior, tal coisa tornou-se impossível. Ainda assim, com muito cuidado, conseguimos melhorar a sua condição a ponto de, apesar de todas as tentativas para lhe perturbar a paz, considerar os anos passados em Weinsberg como os menos penosos da sua vida magnética.

Como já dissemos, o seu corpo frágil envolvia o espírito apenas como um véu de gaze. Era de pequena estatura — os seus traços fisionómicos tinham algo de oriental — os olhos eram penetrantes e proféticos, cujo brilho era acentuado pelos longos cílios escuros. Era como uma flor delicada que vivia da luz do sol.

Eschenmayer escreve sobre ela, na sua obra *"Mistérios"*:

"A sua natureza era meiga, amável e séria; inclinada sempre à contemplação e à oração. Os seus olhos tinham uma expressão espiritual e mantinham-se sempre límpidos e brilhantes, apesar do grande sofrimento. Eram penetrantes, e na conversa variavam muito de expressão; por vezes, fixavam-se de súbito, parecendo emitir faíscas — sinal certo de que via alguma aparição estranha. Nesses momentos, logo irrompia em palavras. O seu corpo, quando a vi pela primeira vez, não dava indícios de uma vida duradoura, e não havia já esperança de que recuperasse um estado compatível com a vida terrena. Sem grandes disfunções visíveis nos órgãos, a sua vida era apenas uma ténue chama. Era, como Kerner dizia, um ser preso à morte, mas acorrentado ao corpo por força magnética. Alma e espírito pareciam-me frequentemente separados: enquanto a primeira ainda se debatia no emaranhado do corpo, o segundo já estendia asas e voava para outras regiões."

O seu sistema nervoso exterior e a ligação ao mundo físico

Em pedras e metais, tal como em plantas e corpos animais, habitam inúmeros elementos e forças de que apenas nos damos conta quando nos libertamos do isolamento imposto pela vida quotidiana. Isto não se manifesta apenas em estado magnético, mas é também percetível, em maior ou menor grau, em todas as pessoas de temperamento nervoso.

Assim, os fenómenos da rabdomancia são, para um vasto número de pessoas, factos indiscutíveis, manifestando-se com maior ou menor evidência consoante a capacidade do espírito nervoso de se libertar. Del Rio relata que, em Espanha, existe uma raça de pessoas chamadas *Zahuris*, que conseguem ver coisas escondidas sob a terra, como água, veios metálicos e até corpos mortos. Gamasche, um português que viveu no início do século XVIII, possuía a faculdade de detetar água e metais a uma grande profundidade subterrânea.

Zschokke menciona uma jovem que demonstrava os fenómenos da rabdomancia de forma notável; os experimentos de Ritter com o camponês Campetti são bem conhecidos; e há numerosos registos de sonâmbulos altamente sensíveis às propriedades ocultas de pedras e metais. Os antigos — em particular Orfeu — atribuíam igualmente poderes secretos extraordinários às pedras, metais e raízes.

O Sumo Sacerdote dos judeus usava sobre o estômago um peitoral ornado com pedras preciosas, que servia como instrumento de revelação das profecias divinas. Aristóteles, Dioscórides, Galeno, Plínio e muitos outros aludem ao poder mágico das pedras, que eram usadas como talismãs e amuletos. Teofrasto afirma que, levando certas pedras consigo, escapara a febres; e que os Magos preparavam pedras que curavam ou preveniam diversas

doenças. Mas acrescenta que essas pedras já não possuem os mesmos poderes, dado que o aspeto do céu já não é o mesmo.

Mas mesmo que os céus ainda fossem os mesmos — o que não são — a humanidade mudou; e é precisamente por isso que hoje se olham para estas ideias antigas como meras ficções. Quando o ser humano estava mais próximo da natureza, e menos enredado na argila que o envolve — coisa que a civilização agravou — ele era sensível às influências espirituais, inclusive às propriedades ocultas das pedras. Mas agora, envolto num triplo manto de matéria, o homem só reage a estímulos químicos e mecânicos; e é necessário recorrer a venenos extraídos dos três reinos da natureza (como bem atesta a medicina moderna) para atravessar essa massa isolada. Contudo, a vida magnética revela-nos inúmeros fenómenos que provam a realidade de muito do que temos vindo a considerar meras fantasias poéticas.

No Oriente, subsiste ainda a crença no poder das pedras; e as joias são usadas não apenas como adornos, mas como talismãs.

Schubert, na sua História Natural, observa que múltiplas evidências apontam para uma ligação profunda e mágica entre o reino mineral e a natureza do homem, assim como com as suas relações espirituais. A clarividência magnética tem demonstrado efeitos — não só pelo contacto, mas também pela mera proximidade de metais — que certamente não são nem químicos nem mecânicos.

Estes resultados parecem antes efeito de um espírito peculiar que habita as substâncias — seja magnético ou elétrico — e do qual normalmente não temos consciência. É curioso que as pedras coloridas exerciam sobre a senhora H. um efeito muito mais intenso do que aquelas incolores.

Ennemoser menciona uma mulher altamente sensível que era sempre excitada pela visão de um rubi, mas acalmava-se ao fitar um cristal. A senhora H., contudo, nunca via os minerais; os testes eram feitos colocando-lhos na mão sem que ela soubesse o que eram. Era particularmente sensível aos efeitos do vidro e do cristal: estes despertavam-na do estado sonambúlico, e, se fossem deixados durante muito tempo sobre a zona epigástrica, provocavam-lhe catalepsia. O mesmo efeito era provocado por areia, ou até por se manter muito tempo próxima de uma janela envidraçada. O odor da areia e do vidro era-lhe muito percetível e extremamente agradável; mas, se por acaso se sentasse num banco de arenito, podia cair em estado cataléptico; e uma vez, tendo estado desaparecida durante algum tempo, foi encontrada no sótão sentada sobre um monte de areia, completamente rígida, sem conseguir mover-se.

As nossas experiências quanto aos efeitos dos minerais na senhora H. foram confirmadas por outros métodos— nomeadamente, colocando uma vara divinatória ou pêndulo de aveleira na sua mão esquerda, enquanto esta se mantinha suspensa sobre as diferentes substâncias. Verificámos então que aquelas que não produziam efeito nenhum nela também não exerciam qualquer atração sobre a vara, e vice-versa. Estas experiências poderiam ter sido levadas muito mais longe—por exemplo, colocando as substâncias sobre a zona epigástrica—se eu não temesse as consequências para a sua constituição tão excitável.

EFEITOS DA ÁGUA E SUSPENSÃO DA GRAVIDADE

Sempre que a senhora H. segurava água na mão, enfraquecia imediatamente. Durante o dia, não podia ingerir líquidos sem sentir vertigens; mas, depois do pôr-do-sol, esse incómodo desaparecia. Apesar do calor, nunca sentia sede durante o dia. No seu estado de sonambulismo, conseguia distinguir os passes magnéticos que eu tinha feito sobre um copo de água, pois estes apareciam-lhe mais escuros do que a própria água; e, quando se encontrava

num grau elevado de clarividência, conseguia até dizer-me quantos passes eu tinha feito—e acertava sempre.

Quando era colocada num banho durante esse estado, produziam-se fenómenos extraordinários: os seus membros, peito e zona inferior do corpo, dotados de uma estranha elasticidade, emergiam involuntariamente da água. Por mais que as suas assistentes tentassem mantê-la submersa, era impossível; e, nessas alturas, se a lançassem a um rio, ela não teria afundado mais do que uma rolha.

Este fenómeno faz lembrar o antigo teste aplicado às "bruxas", muitas das quais, sem dúvida, se encontravam em estados magnéticos; e, por isso mesmo, flutuavam na água, contrariando as leis habituais da gravidade. André Mollers menciona uma mulher que, em 1620, estando nesse estado, se elevou subitamente da cama diante de várias testemunhas, flutuando vários metros acima do solo, como se estivesse prestes a voar pela janela. Os presentes, aterrados, suplicaram ajuda a Deus e forçaram-na a descer. O conselheiro privado Horst fala de um homem em estado semelhante, que, perante várias testemunhas credíveis, se elevou no ar e pairou por cima das suas cabeças, obrigando-as a correr sob ele para o aparar caso caísse.

Fenómenos semelhantes ocorrem em sonâmbulos naturais, que conseguem manter-se em posições perigosíssimas e, caso caiam, raramente se magoam. Os faquires indianos e algumas pessoas com coreomania (dança de São Vito) também realizam ações aparentemente contrárias às leis da física.

No entanto, ao despertar do seu transe magnético, a senhora H. tornava-se extremamente sensível ao peso dos corpos; e uma pessoa aparentemente leve podia parecer-lhe mais pesada do que outra de dimensões muito maiores. Dizia sentir o "peso" não só da matéria, mas também um "peso moral".

Quando eu tocava com os dedos nos dela, sentia-se uma atração magnética, como se fossem ímanes; e conseguia até erguê-la do chão com essa ligação.

Muitos fenómenos semelhantes foram observados, nomeadamente junto ao túmulo do Abade Paris, em 1724, onde pessoas doentes se reuniam aos milhares. Muitas deixavam-se bater com varapaus e outros instrumentos contundentes, ou deixavam-se comprimir sob tábuas sobre as quais se colocavam mais de vinte pessoas — e tudo isto não só sem dor ou lesão, mas até com benefício. Fenómenos deste tipo também aparecem nas inquisições da Idade Média, quando certos métodos de tortura baseados em pesos não surtiam qualquer efeito. Algo semelhante ocorre ainda com pessoas que levam uma vida extremamente ascética e que se retiram para o mais profundo da vida interior.

Segundo testemunhos de Santa Teresa de Ávila, São Pedro de Alcântara dormiu apenas meia hora por dia durante catorze anos, sentado e com a cabeça apoiada num poste. Alimentava-se apenas de pão e água, e por vezes passava três ou oito dias sem comer. Através desta mortificação, o seu corpo tornou-se tão etéreo que se tornara quase transparente, permitindo-lhe ver através dele como por um véu. O seu espírito, em constante comunhão com Deus, envolvia-se por vezes em luz resplandecente, e ele elevava-se no ar. Santa Teresa conta também ter sentido a sua alma, depois a cabeça, e finalmente o corpo inteiro, serem suspensos da terra; e, perante os olhos espantados das freiras, flutuava sobre o gradeamento da porta.

Muitos casos semelhantes são descritos nas vidas dos santos — fenómenos que não compreendemos, e por isso nos apressamos a declarar como fábulas.

O loureiro também teve um efeito notável sobre a senhora H., o que explica o seu uso nos templos de Delfos, de Esculápio, etc. Também considerava a aveleira—há muito utilizada entre o povo para fins de adivinhação—como um poderoso condutor magnético. Eu próprio,

recentemente, vi as mãos e os braços de uma mulher saudável ficarem rígidos apenas por segurar uma vara de aveleira. É provável que, devido a uma alteração do nosso estado natural, e ao uso de estimulantes fortes de vários tipos, já não sejamos suscetíveis a estas influências mais subtis.

A pata de elefante provocou na senhora H. uma espécie de ataque epilético; e é curioso notar que, entre os antigos, acreditava-se que a pata de elefante era benéfica para esta doença—e que o próprio animal é considerado, por naturalistas, como particularmente sujeito à epilepsia. Esta antiga crença está em consonância com o princípio da homeopatia moderna. O corno da cabra-das-rochas (camurça) também era tido como eficaz contra cãibras; e os tiroleses, ainda hoje, costumam usar anéis feitos desse material, a que chamam "anéis de cãibra".

Os mamilos do cavalo, o dente de um mamute, o bezoar, a teia de aranha, o pirilampo, etc., todos provocavam efeitos específicos ao serem colocados na mão dela; e algumas gotas de ácido proveniente da putrefação animal originavam os mesmos sintomas que o consumo de uma salsicha estragada. “Estes efeitos singulares,” diz Schubert, “lançam muita luz sobre as relações que mantemos com a natureza exterior. Quando a alma, vigorosa, governa o corpo, estas influências mal se fazem sentir; mas, quando solta as rédeas e (como no caso da Vidente de Prevorst) se recolhe para as profundezas do interior, o corpo, abandonado e sensível, desperta para estas propriedades ocultas. É notável que as cãibras e rigidezes provocadas por minerais, embora frequentemente difíceis de observar, fossem muitas vezes, no final, benéficas.”

Alguns pequenos diamantes, colocados na mão da senhora H., causaram uma dilatação extraordinária das pupilas e uma imobilidade do olhar, juntamente com rigidez da mão esquerda e do pé direito. Os efeitos de todas as substâncias eram muito mais intensos quando colocadas na sua mão do que quando ingeridas, quer como alimento quer como medicamento.

Sem dúvida, a nossa insensibilidade às influências externas é grandemente aumentada pelo hábito de consumir alimentos e bebidas de natureza excitante. Quando os antigos desejavam submeter um paciente à ação destas forças ocultas, preparavam-no previamente com uma dieta extremamente austera. A prática médica moderna, chamada homeopatia, atua de duas maneiras: primeiro, pela eliminação de todos os excitantes; e segundo, pela repetição de medicamentos em doses tão minúsculas que nos lembram as experiências de Robert Brown, que, ao reduzir as partículas de uma substância ao menor tamanho possível, observou nelas o que parecia ser um movimento espontâneo e independente, quase animal.

Parece que essas substâncias, misturadas com água, exercem uma ação elétrica sobre a epiderme—como sucedia com a Vidente—em vez de atuarem, como os medicamentos comuns, por assimilação através do canal intestinal. Enquanto os átomos se mantêm unidos numa massa, obedecem apenas à lei da coesão; mas a sua extrema subdivisão, ao expô-los a influências elétricas, confere-lhes movimento, o qual é detetável ao microscópio sensível.

Não será de nos entristecer a reflexão de que os nossos corpos, como instrumentos de corda fina, podem ser movidos pelo mais leve sopro que sobre eles passe? As nossas alegrias e tristezas, e muitas vezes até a nossa vontade, estão sujeitas a poderes completamente impercetíveis para nós, e cujos efeitos subtis não conseguimos evitar. Mas parece que, bem analisada, a relação entre a alma e o corpo é muito diferente daquela que mantemos com os elementos exteriores. Tal como o pássaro na gaiola, estimulado pelos ruídos e dissonâncias ao redor, canta com mais força, também a natureza humana se alimenta e fortalece pelas múltiplas influências opostas que a rodeiam. O vento impetuoso revigora os nossos pulmões—os alimentos e bebidas dão-nos força; mas é o poder soberano da alma que decide como, e até que ponto, eles hão de agir.

Quando o jovem prisioneiro no palácio do rei implorou ao mordomo que lhe desse apenas legumes e água, em vez dos ricos alimentos e vinhos da mesa real, o mordomo, receoso da ira do seu senhor, consentiu apenas por alguns dias—com medo de que o rosto do rapaz, devido a tão pobre dieta, se tornasse mais pálido e abatido do que o dos seus companheiros. Mas, passado esse tempo, eis que o rosto do rapaz brilhava mais belo e saudável do que todos os outros; e Melzar tirou-lhes os pratos da realeza e passou também a dar-lhes legumes e água.

Assim, a fonte de toda a abundância e nutrição, quer do homem interior quer do exterior, não está onde a procuramos: reside nas profundezas da espiritualidade da nossa natureza—ali, onde nenhum mal exterior consegue alcançar para a perturbar ou secar.

EFEITOS DAS SUBSTÂNCIAS IMPONDERÁVEIS

A luz do sol produzia diversos efeitos físicos sobre a Sra. H. Entre outros, causava-lhe dores de cabeça; e, em sono magnético, pedia que lhe colocassem um copo de vidro sobre o epigastro (a zona acima do estômago), sempre que estivesse exposta à luz solar—o que, ao aumentar o seu isolamento, lhe permitia suportá-la. As diferentes cores de um raio de luz também tinham, cada uma, um efeito específico sobre ela. A luz da lua não a afetava, a não ser que a olhasse diretamente; nesse caso, causava-lhe melancolia e um arrepio de frio.

Os relâmpagos afetavam-na profundamente—percebia clarões invisíveis para os outros e sentia a sua aproximação antes de serem visíveis. Quando alguém a tocava com um dedo durante estados elétricos da atmosfera, via pequenos relâmpagos que subiam até ao teto—provenientes dos homens, eram incolores; das mulheres, azuis. Percebia emanações semelhantes, com as mesmas variações de cor, nos olhos das pessoas. A água da chuva recolhida durante uma trovoada era-lhe insuportável de beber, devido à sensação de calor que lhe provocava; mas, em outras ocasiões, era-lhe agradável. Como se pode imaginar, era muito sensível à eletricidade sob todas as formas.

A Sra. H. não podia viver sem uma janela aberta: dizia que extraía um princípio vitalizante do ar. Acreditava também que abrir uma janela no momento da morte de uma pessoa não era mera superstição, mas que de facto facilitava a partida da alma; e que existia no ar uma substância que os espíritos utilizavam para se tornarem audíveis e visíveis aos mortais. Esta substância, dizia ela, era prejudicial para todos, mas os seus efeitos só eram percebidos por si. Jâmblico partilhava a opinião de que a alma, ao partir, se envolvia numa veste de ar, que tomava a forma do corpo. Paracelso afirmava que o ser humano não se alimenta apenas pelo estômago, mas por todos os seus membros, que absorvem alimento dos quatro elementos que o constituem.

A Sra. H. era extremamente sensível a influências contagiosas e epidémicas. Quanto mais elevada estivesse em altitude, mais anormal e magnético se tornava o seu estado: isto era observável mesmo nos diferentes andares de uma casa. Num vale, sentia-se oprimida, como se carregada por um peso, e era atacada por convulsões. Era afetada pelo vento, especialmente quando era irregular e turbulento; e, mesmo estando encerrada numa divisão, conseguia dizer de que ponto cardinal soprava.

A música, frequentemente, colocava a Sra. H. em estado sonambúlico; ficava mais lúcida e falava em verso. Pedia-me que magnetizasse a água que bebia através dos sons de uma harpa judaica (instrumento semelhante ao berimbau de boca); e, quando eu o fazia sem que ela soubesse, ao beber essa água, começava involuntariamente a cantar. O profeta Eliseu oferece-nos um exemplo de como a vida interior é despertada pela música: “Quando foi conduzido à presença do rei de Israel, pediu que trouxessem um músico; e, quando o músico tocou, a mão do Senhor veio sobre Eliseu, e ele profetizou.”

SOBRE O OLHO HUMANO

Quando a Sra. H. olhava para o olho direito de alguém, via por trás da imagem refletida de si mesma uma outra, que não era nem a sua própria imagem nem a da pessoa observada. Acreditava que era a imagem do "eu interior" dessa pessoa. Em muitas pessoas, essa imagem interna parecia mais séria do que a exterior—ou, por vezes, o contrário. Revelava o carácter da pessoa; mas, em muitos casos, era mais bela e pura do que a imagem exterior. Quando olhava para o olho esquerdo, via de imediato qualquer doença interna—fosse no estômago, pulmões, ou outra parte—e prescrevia um tratamento. No meu olho esquerdo, via prescrições para si própria; e, no caso de um homem que só tinha um olho, o esquerdo, via tanto a sua doença interior como a imagem do seu eu profundo.

No olho direito de um animal, como um cão ou uma galinha, via uma chama azul—sem dúvida, o seu lado imortal, ou alma. Schubert comenta que "por vezes vemos, nos olhos de um animal, lampejos de um mundo secreto e oculto, como se por uma porta entreaberta que liga este mundo ao outro; e, muitas vezes, nos olhos de animais moribundos—mortos ou torturados inutilmente pelas mãos humanas—surge um brilho de profunda consciência, pronta a testemunhar contra nós no outro mundo."

Ela dizia que não via com os olhos carnais, mas com o seu "olho espiritual", situado por baixo deles—com o qual via essa segunda imagem nos olhos alheios, bem como espíritos. Era com esse "olho interior" que Jacob Böhme contemplava toda a criação e via as essências, utilidades e propriedades das plantas, etc. Os olhos de certas pessoas induziam-na imediatamente num estado de sono magnético. Bolhas de sabão, vidro e espelhos ativavam esse olho espiritual. Um dia, uma criança estava a fazer bolhas de sabão: ela exclamou, "Ah! Meu Deus! Vejo nas bolhas tudo aquilo em que penso, mesmo que esteja distante—não em miniatura, mas em tamanho real—mas assusta-me." Fiz então uma bolha de sabão e pedi-lhe que tentasse ver o filho, que se encontrava longe. Disse que o via deitado na cama, e isso trouxe-lhe grande alegria. Noutra ocasião, viu a minha esposa, que estava noutra casa, e descreveu com precisão a sua posição naquele exato momento—um detalhe que eu tratei de confirmar imediatamente.

No entanto, era difícil convencê-la a olhar para essas bolhas de sabão: parecia estremecer e receava ver algo que a perturbasse. Numa delas, certa vez, viu um pequeno caixão diante de uma casa vizinha. Naquele momento, não havia nenhuma criança doente; mas, pouco depois, a senhora dessa casa teve um bebé. A criança viveu apenas alguns meses, e a Sra. H. viu-a a ser levada da casa no mesmo caixão. Se queríamos que recordasse sonhos esquecidos, bastava fazê-la olhar para uma bolha de sabão: imediatamente recuperava a memória do sonho. Com frequência, via em copos de água pessoas que estavam prestes a chegar a casa; mas, quando era convidada a fazê-lo contra a sua vontade, cometia erros.

VER COM O EPIGASTRO

Os seguintes fenómenos são semelhantes aos que se conhecem em pessoas sonâmbulas, que conseguiam ler aquilo que era colocado sobre o epigastro (a região acima do estômago); ou que, através do tato, adquiriam conhecimento do conteúdo. Dei à Sra. H. dois pedaços de papel cuidadosamente dobrados: num deles escrevi, em segredo, "Há um Deus"; no outro, "Não há Deus." Coloquei-os na sua mão esquerda, enquanto ela parecia estar acordada, e perguntei-lhe se sentia alguma diferença entre eles.

Após uma pausa, devolveu-me o primeiro e disse: "Este dá-me uma sensação; o outro sente-se como um vazio." Repeti a experiência quatro vezes, e sempre com o mesmo resultado. Escrevi então, num pedaço de papel, "Existem espectros"; e noutro, "Não existem espectros." Ela colocou o primeiro sobre o epigastro e segurou o outro na mão, e leu ambos.

Depois escrevi: “Viste B.” Quando colocou o papel sobre o estômago, disse que aquilo a entristecia; e embora, ao ler o conteúdo mais tarde, não encontrasse ali motivo para tal, a repetição da experiência provocava o mesmo efeito. Alguns anos mais tarde, quando lhe coloquei na mão uma carta dobrada desta pessoa—sem que ela soubesse de quem se tratava—o resultado foi idêntico; e a sua presença causava-lhe os mesmos efeitos. Muitos outros experimentos curiosos do mesmo tipo levaram-me à convicção de que escritos ou desenhos colocados sobre o epigastro provocavam efeitos sensíveis, consoante o seu conteúdo. Boas notícias sobre o seu filho faziam-na rir—más notícias deixavam-na triste; o nome de uma pessoa que lhe era hostil despertava-lhe raiva; e o nome de Napoleão incitava nela ideias de guerra, levando-a a cantar uma marcha.

Por mais estranhos que estes resultados pareçam, experiências repetidas confirmaram-nos; e, por mais difíceis de acreditar que sejam, são factos absolutamente reais. Como acontece frequentemente com sonâmbulos, a Sra. H. conseguia distinguir com clareza os órgãos internos do corpo, especialmente quando estavam doentes. Via nitidamente o trajeto dos nervos, e conseguia descrevê-los de forma anatómica.

Uma vara magnética com ponta de ferro, apontada ao seu olho direito e direcionada para um objeto distante, amplificava-o enormemente: a estrela mais pequena parecia-lhe do tamanho da lua, e a lua, tão grande que conseguia distinguir diferentes zonas brilhantes. Mas só conseguia ver o lado direito da lua; o lado esquerdo era-lhe invisível. Dizia que os habitantes do lado esquerdo estavam muito ocupados com construções, e que não eram tão felizes quanto os do lado direito. Quando lhe disse que aquilo me parecia um simples devaneio, negou-o, afirmando que o seu estado de sono-magnético era um estado de plena vigilância.

É de lamentar que estas observações tenham sido feitas numa altura em que a Vidente estava incapaz de sair da cama, e, portanto, a contemplação prolongada dos corpos celestes lhe era impossível.

Quando via pessoas que tinham perdido um membro, ainda assim via esse membro como se estivesse preso ao corpo; ou seja, via a forma projetada do nervo do membro, tal como via as formas nervosas projetadas de pessoas falecidas. A partir deste fenómeno interessante, talvez possamos explicar a sensação, frequentemente relatada, de pessoas que continuam a “sentir” membros amputados: a forma projetada invisível do nervo do membro ainda está em ligação com o corpo visível. E isto constitui uma prova clara de que, após a destruição do invólucro visível, a forma é preservada pelo espírito nervoso. O antigo teósofo Oetinger dizia: “A carcaça terrena permanece no alambique, enquanto a essência volátil ascende como um espírito—perfeita na forma, mas sem substância.”

O ESPÍRITO PROTECTOR

Em comum com todos os sonâmbulos e com muitas pessoas que cultivaram a sua vida interior, a Sra. H. possuía um guia espiritual visível. Sócrates, e outros, acreditavam estar sob a orientação de um “daimon.” Esse génio, ou espírito, não só o advertia sobre perigos iminentes, mas também alertava outras pessoas através dele; revelava-lhe o futuro e aconselhava-o sobre como agir.

A falecida esposa de um respeitado cidadão de Heilbronn, chamado Arnold, tinha constantemente um espírito junto a si, que não só a avisava de diversos perigos, como também lhe comunicava antecipadamente visitas de amigos e falecimentos que ocorreriam na sua família—incluindo o seu próprio. Só o viu uma vez, na forma de um homem idoso; mas a sua presença era sentida não só por ela, mas também por outras pessoas; e, quando conversava com ele, os outros sentiam o ar a mexer-se, como se por uma respiração. Existem

testemunhas credíveis ainda vivas que têm conhecimento de factos muito notáveis sobre este caso.

Uma jovem chamada Ludwiger perdeu completamente a fala e os movimentos ainda na infância. No leito de morte, a mãe confiou o cuidado da rapariga inválida às filhas mais velhas, que cumpriram esse dever com zelo—até ao dia do casamento de uma delas, ocasião em que se esqueceram da sua responsabilidade. No meio da festa de casamento, as três jovens lembraram-se subitamente da irmã, e correram até ao quarto onde ela se encontrava. Para seu espanto, encontraram-na sentada, e souberam, da sua própria boca, que a mãe lhe aparecera e lhe dera comida. Foi a única vez que falou durante a sua doença, e pouco depois faleceu.

Jâmblico escreve: “Por vezes, um espírito invisível paira sobre o adormecido, para o livrar de dores físicas ou da alma; e, por vezes, entre o dormir e o acordar, ou nos sonhos enviados pelo Céu, ouvimos uma voz suave que nos indica o que devemos fazer.”

Conheci um camponês que, durante muitos anos, realizou curas através de gestos e passes magnéticos. Segundo ele próprio, tudo começou assim: no seu trigésimo nono ano, foi acometido de uma dor insuportável acima do olho direito, que o impossibilitou de trabalhar e para a qual nenhum remédio resultava. Certa vez, depois de três dias consecutivos de dor, implorou sinceramente a Deus por auxílio; então, surgiu diante de si uma figura que fez sete passes com o polegar, do olho até ao estômago, o que lhe trouxe alívio. Repetindo ele próprio os gestos, curou-se completamente.

Na colecção de julgamentos por feitiçaria de Horst, lê-se sobre uma rapariga que sofria há muito tempo de uma claudicação provocada por um osso deformado. Nenhum tratamento se revelou eficaz, até que, certa noite, o osso se endireitou por si só. A criança acordou a mãe e o irmão, perguntando-lhes se tinham visto e ouvido o anjo que estivera com ela. Disse que algo lhe acariciara o osso, e que este se endireitara; desde então, a sua claudicação cessou.

Quanto à aparição do seu espírito protetor (a sua avó Schmidgall), que era a sua guia constante e visível, a Sra. H. nunca conseguia falar sem se comover profundamente—na verdade, evitava ao máximo falar sobre aparições ou comunicações do mundo espiritual, só o fazendo quando instada. A não ser quando algo lhe escapava por acidente, ou quando pressionada a fazer revelações, não partilhava praticamente nada desses acontecimentos, por mais extraordinários que fossem. As aparições eram prejudiciais tanto para a sua saúde como para o seu ânimo; contudo, a sua total sinceridade e convicção são conhecidas por muitas pessoas respeitáveis que aprenderam a compreendê-la.

Quando a sua faculdade de ver espíritos estava ativa, acreditava estar acordada; mas encontrava-se então naquele estado peculiar que designámos por "vida interior". A avó aparecia-lhe sempre com a mesma forma que tinha em vida, embora com vestes diferentes: usava uma túnica com cinto, e na cabeça algo semelhante a um véu que cobria o cabelo e descia sobre as orelhas. Todas as figuras femininas, sem exceção, apresentavam essa cobertura de cabeça.

Já mencionámos anteriormente como, certa vez, ela teve a sensação de estar a ser magnetizada pela sua guia espiritual, e como objetos cuja proximidade lhe era prejudicial eram afastados. Tal repetiu-se em Weinsberg, às três da manhã. Depois de a magnetizar, o espírito disse-lhe para se levantar e escrever—o que ela fez—e explicou-lhe que aquela escrita lhe serviria para recordar que devia ensinar o seu médico a magnetizá-la daquela forma. A Sra. H. implorou então ao espírito que a magnetizasse sempre, mas este respondeu: "Se eu tivesse esse poder, tu já terias pegado na tua cama e caminhado!"

Tal como em períodos anteriores, ela continuava frequentemente a ver uma forma espectral por detrás da pessoa em quem estava a fixar o olhar. Por vezes, essa forma parecia ser o espírito protetor dessa pessoa; noutras ocasiões, a imagem do seu eu interior. Assim, por

exemplo, atrás de uma mulher que ela nunca antes tinha visto, percebeu uma figura esguia, de movimentos agitados. Essa mulher viria a revelar-se uma pessoa de temperamento extremamente irrequieto.

Noutra ocasião, ao olhar pela janela, uma mulher desconhecida passou e saudou-a. A Sra. H. recuou subitamente, e quando lhe perguntei porquê, respondeu que vira, por detrás da mulher que acabara de passar, uma figura masculina de aparência desagradável, vestida de escuro. Fui ver quem era, e reconheci uma mulher conhecida pela sua personalidade conflituosa e desagradável, mas que viera de longe e era completamente desconhecida para a Sra. H.

Por trás de uma criada que trabalhava em minha casa, ela via frequentemente a figura de um rapaz com cerca de doze anos. Perguntei à rapariga se tinha algum parente com essa idade, ao que ela respondeu negativamente. No entanto, mais tarde lembrou-se de que tinha tido um irmão que falecera aos três anos, e que teria precisamente doze anos se fosse vivo. Esta aparente "progressão" na idade do espírito será abordada mais adiante.

Kant escreve, no seu ensaio *O Sonho de um Vidente*, que "chegará o tempo em que se provará que a alma humana, mesmo durante esta vida, está em constante comunicação com o mundo espiritual, e que ambos são suscetíveis de impressões mútuas; mas, enquanto tudo corre bem, essas impressões permanecem impercetíveis".

Sonhos Proféticos

Certa vez, quando estava extremamente debilitada, a Sra. H. disse a uma mulher sensata que se preparava para se despedir:

"Se sonhares esta noite com algo que me possa curar, eu tomá-lo-ei."
A senhora sonhou que, ao passar do seu quarto para outro maior, via vários jarros com água ferruginosa (rica em ferro), e que a Sra. H. lhe fazia sinal para lhe trazer um que tinha a inscrição “Água de Fachingen”. O mais extraordinário é que, nessa mesma noite, a Sra. H. teve um sonho correspondente. A sugestão foi seguida, e o resultado foi o desejado.

Numa outra noite, ela sonhou que via a filha mais velha do seu tio a sair de casa com um pequeno caixão sobre a cabeça. Sete dias depois, o seu próprio filho, com um ano de idade, faleceu—sendo que, no momento do sonho, a criança não apresentava quaisquer sinais de doença. A Sra. H. relatou o sonho logo na manhã seguinte, na presença de outras pessoas.

Noutra ocasião, sonhou que atravessava um corpo de água, levando na mão um pedaço de carne em decomposição; no caminho, encontrou a Sra. N., que lhe perguntou com angústia o que ia fazer com aquilo (um sonho que contou logo de manhã, mas que ninguém soube interpretar). Sete dias mais tarde, a Sra. N. deu à luz uma criança morta, cujo corpo já se encontrava num estado de decomposição.

Noutra noite ainda, sonhou que a Sra. L., uma senhora que nunca conhecera, se aproximava dela em lágrimas, com um bebé morto nos braços, suplicando ajuda. Seis semanas mais tarde, essa mesma senhora passou por um parto extremamente difícil, perdendo o bebé.

Numa noite em que dormiu em minha casa, num piso inferior, a Sra. H. sonhou que, no barril de água no andar de cima (onde nunca tinha estado), havia algo que não deveria lá estar. Contou-me esse sonho e, na noite seguinte, mandei esvaziar o recipiente, encontrando dentro dele uma agulha de tricô velha e enferrujada. A Sra. H. tinha bebido água daquele barril pouco antes de se deitar; e provavelmente terá sido a sua sensibilidade aos efeitos dos metais que originou tal sonho.

Na noite de 28 de janeiro de 1828, a Sra. H. sonhou que, estando numa ilha deserta, viu o seu filho falecido envolto numa luz celestial, com uma coroa de flores na cabeça e uma varinha com botões na mão. Essa imagem desapareceu, e ela viu-me a seguir a socorrer um homem

que sangrava. Depois disso, teve uma terceira visão, na qual se via a si própria a sofrer espasmos intensos, enquanto uma voz lhe dizia que eu estava a ser chamado. Contou-me este sonho na manhã de 29 de janeiro. No dia 30, fui de facto chamado para assistir um homem que tinha sido esfaqueado no peito, e, nessa mesma noite, fui também chamado para junto dela—confirmando-se assim a terceira visão. O significado da aparição da criança não chegou a ser compreendido.

Seguidamente, relatarei um caso de premonição que ocorreu não em sonho, mas durante o estado de sonambulismo magnético:

No dia 6 de Julho de 1827, após ter estado algum tempo num estado de torpor, disse—"Vejo N. na lua, embora ele ainda esteja vivo na Terra; mas vejo-o ali como se fosse uma antecipação. Dentro de um quarto de ano, ele morrerá, e o meu pai será o primeiro a saber da sua morte."
Essa pessoa, que se encontrava então com perfeita saúde, viria de facto a falecer no período previsto, e o pai da Sra. H. foi realmente o primeiro a receber a notícia.

Segue-se agora um caso notável de sonho profético de W. Reiniger, de Estugarda, que se afogou no rio Neckar e que, como se deduz do seu diário, levava uma vida profundamente espiritual.
Escreve ele no diário, que caiu nas mãos dos pais após a sua morte, que se lembrava com horror de um sonho que o pai lhe contara: o pai sonhara que, ao atravessar um rio de mão dada com o filho, vira de repente o rapaz afundar-se, fora do seu alcance. Reiniger acrescenta: "Se não me engano, tive um sonho semelhante, e a cena e as circunstâncias ainda vivem na minha imaginação. O meu pai já o terá esquecido."

Pouco antes da sua morte, segundo o mesmo diário, sofreu durante várias noites de uma inquietação estranha e inexplicável, e teve outro sonho perturbador, cujos detalhes infelizmente não relata—mas que provavelmente dizia respeito ao seu destino iminente. Acabou por morrer afogado enquanto tomava banho no rio Neckar, para onde fora contrariado.

Segunda Visão (Clarividência ou Dupla Vista)

Sabe-se que o dom da segunda visão é endémico em certos locais—como em algumas regiões da Escócia ou da Dinamarca, por exemplo. Diz-se que as pessoas que possuem esse dom têm um olhar penetrante—qualidade que também observei na Sra. H. quando via espíritos ou a si própria. Nos momentos em que exercia essa faculdade, o corpo do vidente tornava-se rígido; as pálpebras levantadas, e ficava cego e surdo a tudo o que o rodeava, tal como acontecia com a Sra. H.

Se, no instante dessa visão, o vidente tocasse noutra pessoa ou animal, este passava também a partilhar da mesma faculdade. Um cavalo, por exemplo, começa a suar e recusa-se a avançar quando o seu cavaleiro tem uma visão; e há casos em que os cavalos pressentem coisas que os cavaleiros não veem. Cavalos mostram também grande agitação ao passar por locais onde jazem corpos enterrados.

Em 1823, ao construir-se um novo estábulo no castelo de Schmiedelfeld, o cavalo colocado lá mostrou-se extremamente inquieto; mais tarde descobriu-se um esqueleto sob aquele local. Na Escócia, este dom é tido por hereditário, embora nem sempre o seja.

Um caso notável de segunda visão foi observado na esposa de um pastor em Nienberg, que herdara esse dom do pai.

A 13 de Janeiro de 1827, a Sra. H. teve uma crise espasmódica fora do horário habitual. Ao procurar saber a causa, contou-me, já em estado sonambúlico, que vira um esquife e, sobre

ele, alguém muito querido—o seu irmão. Uma grande ameaça pairava sobre ele: seria alvejado no dia 18 desse mês. Indicou-me como poderia escapar ao perigo, descrevendo até o autor do atentado.

Tudo aconteceu como fora predito—com exceção de que o tiro falhou. Algum tempo depois, teve novo aviso sobre esse irmão: em estado magnético, viu por diversas vezes uma raposa, e compreendeu que, ao persegui-la, o irmão estaria em risco devido à carga da sua espingarda. Avisado, o irmão inspecionou a arma e descobriu que alguém mal-intencionado a tinha sobrecarregado. Mais uma vez, escapou ao perigo.

Acreditava-se que havia uma ligação especial entre ela e este irmão, já que ele a magnetizara com frequência.

Na manhã de 8 de Maio, pelas sete horas, ela pediu à irmã que não se aproximasse demasiado da cama, pois sentia que algo invisível se aproximava. Essa sensação durava há cerca de uma hora, e, enquanto tomava o pequeno-almoço, viu o seu filho falecido junto à cama, e ao lado dele, o seu filho vivo, que se encontrava bem longe. A criança falecida olhou-a fixamente e apontou com o dedo para o irmão vivo, que segurava um alfinete na mão e o levava à boca. Ambos os filhos lhe pareceram absolutamente reais, ao ponto de ela estender a mão para tirar o alfinete.

Exclamou: “Em nome de Deus, o que é isto?”—e a visão desapareceu. A criança que morrera aos nove meses apresentava agora a aparência de uma de três anos—idade que teria se fosse viva—mas era leve e translúcida. O aspeto de ambos era estranho, impossível de descrever. Essa visão comoveu-a profundamente e chorou. Disse depois que, dentro de sete dias, a criança viva engoliria um alfinete e morreria por isso; os pais da criança, com quem ela estava, deveriam ser avisados. Assim foi feito.

Os pais responderam que, ao examinarem a criança, tinham encontrado um alfinete na manga, que imediatamente removeram.

Três dias consecutivos antes da morte do pai, numa altura em que ainda não tinha chegado qualquer notícia sobre a sua doença, ela viu, enquanto estava acordada, um caixão junto à sua cama, coberto por um pano mortuário, sobre o qual repousava uma cruz branca. Ficou muito assustada e disse recear que o pai estivesse morto ou doente. Tentei tranquilizá-la, sugerindo que talvez fosse uma visão relacionada com outra pessoa. Ela não sabia como interpretar aquele caixão coberto, pois até então tinha sempre visto caixões com a imagem da pessoa prestes a morrer deitada dentro, ou com a imagem da pessoa que iria adoecer a olhar para dentro.

Na manhã de 2 de Maio chegou a notícia da doença do pai; nessa mesma noite ele faleceu. Durante o sono, ela mostrava-se muito perturbada e deu a entender que via algo angustiante, que preferia não revelar para não o reter na memória ao acordar. No dia seguinte chegou a confirmação da morte do pai.

Três vezes, estando acordada, viu a sua madrasta a olhar para dentro de um caixão. Sete dias depois, esta senhora adoeceu, mas recuperou. Sempre que a Sra. H via a imagem de alguém deitado num caixão, isso era sinal de morte iminente; se a pessoa ainda estivesse viva, indicava uma doença grave.

A PARTIDA DO ESPÍRITO

Na noite do dia 2 de maio, por volta das nove horas, a Sra. H exclamou, durante o sono: “Ah! Meu Deus!”. Acordou, como se a exclamação a tivesse despertado, e disse que ouvira duas vozes a sair de si própria. Na mesma hora, o Dr. Fohr, de Bottwar – médico que assistira o falecido – encontrava-se com um tio da Sra. H, na divisão contígua àquela onde jazia o corpo. Ali só se encontrava o cadáver, mas o Dr. Fohr ouviu claramente as palavras “Ah! Meu Deus!” e foi ver quem poderia estar ali, encontrando apenas o corpo.

Numa carta que me escreveu sobre o sucedido, o Dr. Fohr relata:

“Depois de chegar a Oberstenfeld, onde encontrei o Sr. W já falecido, ouvi distintamente, vindo do quarto onde se encontrava o corpo, as palavras ‘Ah! Meu Deus!’. Pensei que teriam vindo do próprio caixão, e que a morte do Sr. W talvez não fosse real. Fiquei a observá-lo durante uma hora, até ter certeza de que estava realmente morto.”

O tio, que se encontrava com ele, não ouviu nada. E parece que não havia ninguém naquela parte da casa de quem pudesse ter vindo a voz.

Ela explicou este fenómeno dizendo que a sua profunda angústia e desejo de saber o estado do pai permitiram que a sua alma acompanhasse o “espírito nervoso” até ao local onde ele jazia. Como o seu pensamento estava intensamente focado no médico e na sua competência, foi por isso que ele ouviu a exclamação proferida pela sua alma junto ao caixão — que esta repetiu ao regressar, quando eu a ouvi.

Os pais dela já me tinham contado, um ano antes da morte do pai, que na sua fase inicial de sensibilidade magnética, ela conseguia fazer-se ouvir pelos seus familiares durante a noite, mesmo em casas diferentes, através de batidas — como se diz que acontece com os mortos. Perguntei-lhe, durante o sono, se ainda seria capaz de o fazer e a que distância. Respondeu que o faria um dia, e que para o espírito o espaço não era obstáculo. Algum tempo depois, enquanto nos preparávamos para dormir — com os meus filhos e criados já adormecidos — ouvimos umas batidas, como se viessem do ar, por cima de nós. Foram seis batidas, com intervalos de meio minuto. Tinham um som oco, mas claro — suave, mas nítido. Estávamos certos de que não havia ninguém por perto, nem acima de nós, de onde pudessem ter vindo, e a nossa casa fica isolada.

Na noite seguinte, quando ela dormia — e sem que tivéssemos contado a ninguém sobre o sucedido — ela perguntou-me se devia voltar a bater-nos. Como disse que isso lhe fazia mal, pedi-lhe que não o fizesse. Mais tarde, explicou-me que aquelas batidas eram produzidas pelo espírito através do ar, e não pela alma; mas que a voz ouvida junto ao caixão do pai foi a alma que, movida pela dor e pelo forte desejo, se separou momentaneamente do corpo juntamente com o espírito.

Não devemos estranhar estes fenómenos, se nos recordarmos de que as pessoas moribundas — enquanto a alma ainda habita o corpo, mas o espírito já está liberto — têm por vezes a capacidade de aparecer aos seus entes queridos sob a sua própria imagem. Foi o que aconteceu com um parente do meu amigo, Dr. Seyffer, que lhe apareceu no momento da morte; o mesmo sucedeu com o seu colega de estudos, o príncipe Hohenlohe, que se manifestou ao Dr. Oesterlen.

Recebi também, de fonte muito fidedigna, o seguinte relato extraordinário:

O Sr. Hübschmann, de Estugarda, tinha o pai na região de Bothland e um irmão em Estrasburgo. Uma manhã, ao amanhecer, os filhos do Sr. Hübschmann acordaram-no aos gritos:

"Avô! O avô está cá!"
Ele procurou por todo o lado, mas não viu ninguém. Ao questionar os filhos, estes afirmaram com convicção que o avô estivera ali, mas não sabiam dizer para onde fora.

Alguns dias depois, o Sr. Hübschmann recebeu uma carta do irmão em Estrasburgo, perguntando aflito se tinha notícias do pai, pois algo estranho lhe causara grande inquietação: disse que, numa certa manhã, ao entrar na oficina, viu o pai — e verificou-se que essa era exatamente a mesma data e hora em que as crianças em Estugarda o tinham "visto".

Oito dias depois chegou a notícia: o pai morrera, precisamente no momento em que se manifestara simultaneamente à família em Estrasburgo e Estugarda.

O Dr. Bardili, um jovem talentoso que deixou o seu país rumo à América, dedicando-se profundamente ao estudo das línguas e da matemática — e que, segundo testemunhos dos seus amigos, não tinha grande fé em assuntos espirituais — escreveu, na última carta que lhes enviou (e que ainda hoje está na posse deles):

"Aconteceu-me recentemente algo extraordinário: o meu amigo Elwert, que faleceu há nove anos em Württemberg, apareceu-me e disse: 'Tu morrerás em breve!' E o mais estranho é que o dia em que me apareceu coincidiu exatamente com o aniversário da sua morte."
Pouco tempo depois de escrever esta carta, o Dr. Bardili morreu, de forma totalmente inesperada.

A Sra. H relatou-me que, há algum tempo, tinha visto a si própria sentada num banco, vestida de branco, enquanto se encontrava deitada na cama. Olhou para aquela figura e tentou gritar, mas não conseguiu; por fim, quando o conseguiu, a visão desapareceu. Disse, nessa ocasião, que a sua alma tinha deixado o corpo e se revestido de uma forma aérea, enquanto o espírito permanecera com o corpo.

Na noite de 28 de Maio de 1827, à meia-noite, enquanto eu estava com ela, voltou a ver-se a si própria — como relatou depois — sentada num banco, vestida com um vestido branco que lhe pertencia, mas que não estava a usar nesse momento. Tentou gritar, mas não conseguia falar nem mover-se; e não conseguia ver mais nada além da figura em que os seus olhos estavam fixos. Enquanto a observava, um único pensamento lhe enchia a mente — algo que nunca antes lhe ocorrera — que se expressava assim:

Um só dia no céu, vale mil nesta terra.

A imagem levantou-se e correu na sua direção; no momento em que a alcançou, um tipo de choque elétrico percorreu-lhe o corpo — que eu próprio testemunhei —, após o qual soltou um grito e contou-me o que tinha visto. Disse que já se tinha visto noutras ocasiões, e uma vez, quando eu percebi isso e me coloquei entre ela e a imagem, explicou-me mais tarde que esse gesto lhe causou uma sensação extremamente desconfortável, como se tivesse sido separada da sua alma.

Não me alongarei aqui sobre este fenómeno do "auto-ver", nem sobre os casos em que essa imagem foi visível a outras pessoas. Todos estes fenómenos são manifestações de segunda-visão.

A Sra. H considerava o número 7 como sendo o seu número predestinado, e era com base nele que fazia todos os seus cálculos relativos a remédios, horários, etc. A sétima hora do dia era sempre, para ela, a mais crítica. "Este número," dizia ela, "vive dentro de mim como uma língua. (Falaremos mais sobre isso mais adiante.) Se tivesse o número 3, estaria curada muito mais depressa."

À semelhança de Paracelso, atribuía grande eficácia à erva-de-São-João — *Hypericum perforatum* — planta que ele usava não apenas internamente, mas também como amuleto. Um

jovem, profundamente afectado por melancolia, e a quem a Sra. H prescreveu esta planta como amuleto, foi totalmente curado após o aparecimento de uma severa erupção cutânea, consequência do seu uso.

Tal como acontece com todos os sonâmbulos lúcidos, a Sra. H tirava os seus remédios não só da farmácia, mas de toda a natureza. Prova disso é a prescrição de uma pomada feita com mamilos de cavalo para fortalecer a espinha dorsal. Muitas das suas receitas estavam de acordo com o princípio da homeopatia: indicava substâncias que, em pequenas quantidades, curavam precisamente os males que, em doses maiores, provocariam.

Por vezes, as suas prescrições tinham uma natureza puramente mágica. Por exemplo, pediu-me certa vez que, todas as manhãs e todas as noites, à mesma hora — às sete — rezasse o Pai Nosso com total fé; e que, ao dizer as palavras **"Livrai-nos do mal"**, colocasse a mão sobre a sua testa, entre outros gestos rituais.

Quanto aos amuletos, usava-os mais para os outros do que para si própria. Eram compostos, por vezes, por elementos vegetais, mas mais frequentemente por escritos, sobretudo provenientes da sua "língua interior". "A fala," diz Poiret, "não foi apenas dada ao homem como meio de comunicação, mas como instrumento de governação do mundo visível através dos seus poderes secretos — a palavra e a coisa são ainda uma só e a mesma."

Quando os santos da Antiguidade realizaram feitos grandiosos — quando Adão deu nome aos animais de acordo com a sua natureza, quando Noé os chamou para a arca, ou quando Moisés ordenou ao Mar Vermelho que se abrisse — estavam apenas a reacender a natureza original do homem.

E porque não haveria de existir uma língua, como a que a vidente descreve, que expressasse, através das palavras e caracteres, as forças e gradações da natureza física — de tal forma que, ao ouvir ou ler essas palavras, as propriedades da coisa em questão se tornassem imediatamente presentes no espírito? Uma linguagem representativa ou pictórica teria necessariamente de condensar um sistema inteiro em poucas palavras. E assim poderiam existir palavras mágicas que incorporam tanto o espírito como o poder da santidade. Um amuleto poderia ser apenas um símbolo sagrado, ou uma propriedade da natureza que emana o nome e a virtude da fé verdadeira.

A virtude, porém, não reside na palavra em si, tal como não reside na substância das ervas ou dos metais. Podeis fazer os vossos filactérios tão longos quanto os dos fariseus, mas nada conseguireis sem fé — e enquanto o nome de Jesus for apenas um sopro vago nos vossos lábios.

Estas fórmulas mágicas da Sra. H pareciam compor-se de palavras e números ainda mais enigmáticos do que a sua habitual "língua interior", e pareciam pertencer antes àqueles cifrões misteriosos com os quais calculava o dia da sua própria morte.

Sinais e números como estes eram usados pelos antigos e, sem dúvida, derivavam da visão interior. Ao escolher os amuletos, ela prescrevia-os de forma diferente consoante fossem aplicados nas costas ou na região do estômago. Quando a origem da doença era sobretudo cerebral, aplicava-os nas costas; quando o sistema ganglionar estava mais envolvido, colocava-os sobre a boca do estômago.

Faz sentido considerar que somos mais "magnéticos" na parte frontal do corpo do que na parte de trás. Os amuletos tiveram origem no Oriente, o berço da humanidade. Entre nós, esses remédios continuam a ser usados pelas populações, sendo considerado essencial, para a eficácia do tratamento, a mão que os prepara, o planeta sob o qual as plantas são colhidas e a fé simples e genuína do paciente.

A Sra. H dizia que, para exercer poderes mágicos, era necessária uma fé absoluta no mundo invisível. “É uma faculdade da alma, sustentada pelo espírito. Existe outro tipo de magia — sobre o qual não falarei — que não é sustentado pelo espírito.”

Sobre este tema, Eschenmayer afirma, na sua obra *“Mistérios”*:
“Amuleto! Palavra assustadora neste século, em que a razão parece conquistar, finalmente, as superstições da Idade Média. Este renascimento dos amuletos e de semelhantes absurdos é suficiente para provar a tolice desta história ou, pelo menos, a insanidade da vidente. Como é possível que homens sensatos e instruídos se deixem levar assim?” — assim escreve o crítico.*

Nota do tradutor: Eschenmayer, um psicólogo de renome, fala aqui de forma irónica, já que ele próprio parecia ter fé total nos fenómenos apresentados pela vidente, que investigou cuidadosamente.

Existem três forças curativas: o poder da natureza — que une o orgânico e o espiritual —, e um poder puramente espiritual. Quando o corpo está doente, o médico recorre ao primeiro, através da terra, plantas, metais, sais, e outros. O segundo poder é o magnetismo, essa força incómoda e intrusiva que aparece em tantas histórias que já não pode ser ignorada — e que, sem dúvida, cura onde todos os outros meios falham. Para este, não é necessário um médico experiente, mas sim um homem bom e sincero, pois não é apenas o poder orgânico da mão humana que cura, mas a influência física do ser humano inteiro.

Contudo, existe ainda um poder curativo superior — o puramente mágico. A Palavra, com o nome de Jesus Cristo, é o remédio indicado nos *Atos dos Apóstolos*, capítulo III, versículos 2 a 18. Mas como não o reconheceis, todo o poder vos é retirado, sendo concedido aos pobres em espírito, para que possam agir segundo a plenitude da sua fé.

A magia a que a Sra. H se referia como não sustentada pelo espírito, era de natureza maléfica — praticada por aqueles que se entregaram a espíritos malignos. O Evangelho faz referência a este tipo de magia com frequência — embora a razão moderna zombe dessas “superstições”. No entanto, os resultados falam a favor da eficácia dos amuletos. Quem duvida, que vá ao local e investigue — as testemunhas estão nomeadas e ainda são localizáveis. E se nem assim acreditarem, também não acreditariam mesmo que alguém voltasse dos mortos para confirmar a veracidade dos factos aqui relatados.

No início da doença da Sra. H, o seu espírito protetor mostrou-lhe, em sonho, a imagem de uma máquina que, se usada corretamente, a curaria. Ela chegou a desenhá-la em papel, mas o aviso foi ignorado. Muito tempo depois, a visão repetiu-se — e foi-lhe dito que, se tivesse obedecido à instrução em tempo útil, já estaria curada. A máquina foi construída pouco antes da sua morte, e parece ter tido um efeito semelhante ao do galvanismo. Ela própria disse que “carregava os seus nervos” e chamou-lhe “afinador nervoso”.

MANIPULAÇÃO MAGNÉTICA E PRESCRIÇÃO DE REMÉDIOS

É curioso que a minha mulher tivesse a mesma influência magnética sobre a Sra. H que eu próprio. Ao entrelaçarem os dedos, conseguia levantá-la da cama — o que ela, por si só, não conseguia fazer. Por vezes, não tinha qualquer sensação ou consciência da sua existência, a não ser na zona da boca do estômago; sentia-se como se não tivesse cabeça, mãos nem pés. Nessas ocasiões, percebia tudo com os olhos fechados, mas não sabia dizer se via ou sentia os objetos. Se eu, através de passes magnéticos, lhe fizesse abrir as pálpebras, ela via apenas a minha figura; as pupilas permaneciam imóveis, e mesmo assim ela não sabia se me via ou me sentia.

Revelou-se extremamente prejudicial contar-lhe, depois de acordar, aquilo que tinha dito durante o sono — e ela suplicou-nos que nunca o fizéssemos.

Ao aproximar-se de pessoas doentes, mesmo sem contacto físico — e com maior intensidade quando o havia —, a Sra. H tomava consciência da doença delas, chegando a sentir os seus sintomas antes mesmo de os ouvirem descrever, o que muitas vezes os deixava profundamente admirados. Além disso, percebia não apenas o estado físico, mas também a condição momentânea da mente dessas pessoas: **o primeiro sentia-o com o corpo, o segundo com a alma.**

"Estes factos," diz Eschenmayer na sua obra *Mistérios*, "podem todos ser comprovados por testemunhas. Na verdade, eu próprio os atesto, pois ela descreveu com precisão o meu estado físico completo, bem como o de um amigo — apenas pelo contacto com a mão. Estes fenómenos, por mais frequentemente que surjam entre os sonâmbulos, permanecem sempre notáveis. Na medida em que não podemos negar que, na mão ou noutra parte do corpo, pode concentrar-se toda a sensibilidade de um organismo (o que explica a sensibilidade desproporcionada de certos órgãos), torna-se cada vez mais plausível a existência de um sentido latente, capaz de penetrar até ao centro orgânico do sistema nervoso. Entre duas pessoas, desenvolve-se, com a aproximação, uma espécie de polaridade entre os seus sistemas nervosos."

"Nesta relação polar, os órgãos de uma pessoa parecem procurar e ligar-se especificamente aos órgãos correspondentes da outra; assim, o órgão doente do paciente (negativo) espelha-se no órgão correspondente do vidente (positivo), razão pela qual o estado da pessoa é sempre reconhecido. A sensação, neste caso empática, funciona como o condutor neutro entre os polos homónimos em comunicação."

Tal como uma moeda de prata e uma de ouro, antes neutras entre si, se tornam elétricas — positiva e negativamente — no instante em que se tocam, intensificando imensamente a sensibilidade física da peça de prata.
— Nota do tradutor.

Um exemplo singular disto foi o caso de uma senhora, completamente desconhecida para nós, que me pediu autorização para ser tocada pela Sra. H enquanto esta estava acordada, devido a uma forte dor no fígado. A Sra. H descreveu-lhe as sensações com exatidão, mas, de repente, ficou muito vermelha e acrescentou que mal conseguia ver com o olho direito. A estranha, visivelmente surpreendida, revelou que, de facto, sofria quase de cegueira nesse olho há vários anos, embora nunca o tivesse mencionado por saber que o mal era incurável.

A Sra. H só recuperou gradualmente a visão, sendo que a pupila permaneceu inerte, como acontece nos casos de amaurose. Obteve alívio quando várias pessoas com boa visão fixaram intensamente os seus olhos no dela, durante alguns minutos.

Na noite de 5 de Setembro de 1827, coloquei na mão da Sra. H uma fita onde estava escrito o nome de uma senhora doente — completamente desconhecida para mim, tanto a pessoa como a sua enfermidade. Presume-se que a doente tivesse usado ou tocado essa fita. A Sra. H mal a segurou por uns minutos e foi imediatamente acometida de tonturas, sufocação, vómitos intensos, dores — sobretudo no tornozelo do pé esquerdo — ansiedade e irritação da úvula.

Lavámos-lhe a mão e tentámos diversos métodos para aliviar os sintomas, mas o estado agravou-se, até cair num estado cataléptico, semelhante à morte: o corpo ficou completamente frio, e uma bolha (que lhe apliquei como contra-irritante) não chegou sequer a formar-se. Recuperou apenas ao fim de vários dias — e muito lentamente.

No dia 6 do mesmo mês, li no jornal a notícia da morte daquela senhora — já estava morta e enterrada quando lhe dei a fita, o que explica os efeitos devastadores que causou à Sra. H. Sem dúvida, se estivesse em estado de sono-lúcido, teria "visto" o corpo no túmulo.

Van Helmont menciona o caso de uma mulher paralítica que era sempre acometida por ataques de paralisia quando se sentava num banco onde o irmão — falecido cinco anos antes — costumava sentar-se.

"Se a humanidade soubesse os números e os períodos certos," disse-me uma vez uma sonâmbula, "conseguiria curar as piores doenças pelos meios mais simples."

CURA DA CONDESSA VON MALDEGHEM POR INTERMÉDIO DA VIDENTE

Como neste livro nos limitamos a apresentar factos, manter-nos-emos fiéis a essa premissa no relato que se segue.

A 28 de Março de 1828, o Conde von M apresentou-se junto de mim com uma carta do seu médico, o Dr. Endres, de Ulm. A carta identificava o portador e informava que o Conde, tendo ouvido falar da Vidente, desejava consultá-la a respeito da sua esposa. Descrevia assim o caso da doente:

Pouco antes do nascimento da Condessa, o seu pai foi morto, diante do próprio castelo, por uma divisão de soldados austríacos. Temia-se que a mãe sofresse um aborto devido a esta tragédia, mas, contrariamente às expectativas, deu à luz em tempo devido e sem complicações. Contudo, a criança (a atual doente) nasceu com os traços exatos do pai e com a tez de um cadáver — aparência essa que, com o tempo, desapareceu. O único efeito duradouro do trauma parecia ser uma extrema sensibilidade nervosa e excitabilidade emocional.

A jovem foi educada num convento e, aos vinte e três anos, casou-se com o atual Conde von M. Era uma pessoa de espírito cultivado, extremamente amável e de grande fervor religioso. A sua doença começou após o segundo parto e consistia numa espécie de sonho acordado no qual vivia, dominada por três ideias fixas, que formavam um círculo obsessivo em torno do qual girava a sua imaginação:

1.º — Dúvidas quanto à identidade do marido e dos filhos;
2.º — Um desejo intenso de transformação do seu ser;
3.º — A expectativa de um fenómeno sobrenatural que operasse essa transformação.
Estas ideias fundamentais assumiam diferentes formas e variações.

Com apenas seis anos de idade, a Condessa, por descuido dos criados, dormiu durante meio dia num campo de papoilas. Ao ser finalmente acordada, notou-se que a sua memória estava gravemente afetada: mal reconhecia as irmãs e os criados, e durante muito tempo duvidava da realidade de pessoas e coisas que anteriormente conhecia bem. Recuperou-se em grande parte desse episódio, mas o posterior isolamento no convento parece ter reavivado tais confusões. Observou-se que tinha dificuldade em distinguir entre sonhos e realidade.

Após o noivado com o Conde, passou a duvidar da identidade dele, apesar de se esforçar por esconder esses sentimentos estranhos do mundo. No entanto, em 31 de outubro de 1827, após um parto, caiu num estado de vida onírica, que os médicos inicialmente atribuíram a uma inflamação cerebral, mas que mais tarde diagnosticaram como loucura.

A sua ideia central, nesse estado, era a de estar morta, condenada a vaguear por fendas escuras e grutas subterrâneas, onde sofria toda a espécie de tormentos. As pessoas que mais amava apareciam-lhe sob formas animalescas — como ursos, por exemplo. Era impossível convencê-la de que a sua residência (que tanto adorava) era real — para ela, não passava de

uma imagem ou pintura. Acreditava, também, ser odiada por todos — apesar de ser, na realidade, profundamente estimada — e, por isso, evitava a presença de qualquer pessoa.

Após múltiplos tratamentos falhados, o Conde levou a sua infeliz esposa para a Alemanha, onde, no entanto, ela continuava a transformar tudo à sua volta em novas fontes de sofrimento. É curioso que, desde o início da doença, a Condessa, nos seus momentos de lucidez, dizia que a sua cura não viria de nenhum médico, mas apenas do seu marido. Foi nestas circunstâncias que o Conde me procurou.

Expliquei-lhe abertamente que, para doenças comuns, não depositava grande confiança nas prescrições dos sonâmbulos lúcidos; porém, no caso da Condessa — que me parecia não sofrer de loucura propriamente dita, mas sim de um estado semelhante ao sonho magnético — valia a pena tentar a experiência.

Ao ser consultada, a Sra. H interessou-se vivamente pelo caso e declarou que o número da Condessa era o 3, e que o tratamento deveria seguir esse princípio.

Durante nove dias, três vezes por dia, ela deveria usar um amuleto composto por três folhas de louro — sem nunca lhe ser revelado do que era feito. O Conde deveria magnetizá-la também três vezes por dia, segundo instruções específicas. Durante esse tempo, a doente teria de viver de forma simples, sem alimentos ou medicamentos excitantes. Também três vezes ao dia deveria tomar uma colher de sumo de erva-de-São-João diluído em água.

A Sra. H acrescentou ainda que a Condessa deveria ser adormecida todos os dias às nove da manhã e que, se ela própria (a vidente) estivesse a dormir a essa hora, ninguém lhe deveria dirigir a palavra, pois estaria a rezar pela Condessa.

No dia 31, o Conde regressou a Ulm e iniciou o tratamento da esposa a 3 de Abril. Nessa manhã, precisamente à hora combinada, a Sra. H, contrariamente ao habitual, adormeceu espontaneamente e permaneceu em silêncio, com as mãos cruzadas, como em oração. Desde esse momento, declarou sentir-se em ligação espiritual com a Condessa — e essa ligação intensificou-se a cada dia, até à quarta-feira, 9 de abril, quando, pelas seis da tarde, exclamou:

"Lança sobre o Senhor todas as tuas preocupações, pois Ele cuida de ti!"
Disse, então, que tivera uma visão através da qual percebera que se dera uma mudança na Condessa.

No dia 14, recebi a seguinte carta do Conde:

"Ulm, 11 de abril de 1828
Por favor, escreva-me o mais depressa possível e diga-me se, na quarta-feira, dia 9, pelas seis horas da tarde, reparou em algo de especial com a Sra. H, e o que terá ocorrido com ela em relação à minha esposa. Não lhe pergunto isto sem motivo; eu e o Dr. E— aguardamos ansiosamente a sua resposta.

C. von M"

Só pude responder ao Conde relatando-lhe o que já tinha registado no meu diário, como acima descrito — e ao qual havia mais duas testemunhas, além de mim próprio. Na manhã do dia 18, a Sra. H disse-nos que sentia que a Condessa chegaria nesse mesmo dia; o que de facto aconteceu — o Conde e a sua esposa chegaram à noite.

Relatou-me ele que, durante seis dias, tinha seguido à risca as instruções dadas pela Sra. H, sem notar qualquer efeito particular. Porém, pelas seis da tarde de quarta-feira, dia 9, a Condessa chamou-o da companhia em que se encontrava e disse-lhe que, no momento exato em que o relógio soara as seis, sentira uma forte ligação com a Sra. H, e uma necessidade irresistível de lhe revelar algo que nunca contara a ser humano algum.

Após essa revelação, todas as ilusões que a atormentavam desapareceram completamente: reconheceu o marido e os filhos, reconheceu a sua casa — mas expressou um intenso desejo de ver a Sra. H, razão pela qual o Conde a trouxera consigo.

O médico do Conde escreveu-me dizendo que a doença parecia ter sido vencida como por magia, e que o único vestígio que restava era uma inquietação religiosa — o receio de não possuir fé suficiente nos mistérios sagrados da sua religião.

A Condessa passou então a falar da sua vida anterior como de um labirinto em que estivera enredada, e fazia frequentemente alusão aos sonhos confusos que a perturbavam. Dizia sentir-se agora num estado mais desperto, embora por vezes ainda acrescentasse:

"Ainda não estou totalmente certa de que este seja o meu Carlos; só tenho certeza quando toco no braço dele, onde está a cicatriz."

O Conde tinha, de facto, uma cicatriz no braço causada por um golpe de sabre.

Continuava, por vezes, a julgar ouvir vozes que a escarneciam e, apesar da sua piedade, não conseguia rezar nem entrar numa igreja. A Sra. H, que a Condessa visitava frequentemente em estado de sono-lúcido, dedicava-se com empenho a aliviar os seus sofrimentos, fortalecendo-lhe a fé. Disse-lhe:

“Quando eu rezar contigo, tu rezarás comigo? Garanto-te que não direi nada que contrarie a tua fé.”
A Sra. H era luterana, enquanto a Condessa era católica.

A Condessa perguntou-lhe como poderia afastar os pensamentos inquietantes. A resposta foi: “Não os podes afastar, mas passarás a vê-los de outra forma.”

Durante sete dias, às sete da tarde, a Sra. H rezou com a Condessa, cuja mente se foi serenando gradualmente, até que, na manhã do dia 28, acordou toda a família e declarou-se completamente curada. A súbita afirmação alarmou-me, e confesso que duvidei da realidade da cura. Mas ela garantiu-me que não havia motivo para receio — e os factos deram-lhe razão, pois já passaram dez anos sem qualquer recaída.*

Fomos informados por um cavalheiro que esteve recentemente na Alemanha de que a Condessa von M ainda vive. — Nota do tradutor.

Reconhece, caro leitor, o poder da comunhão espiritual, da oração e da fé genuína, inocente como a de uma criança.

“Raramente, nos anais do magnetismo,” diz Eschenmayer, “encontramos um caso em que os fenómenos se revelem com tanta clareza, e onde se manifeste um poder físico-magnético — ou, se quisermos, religioso-mágico — tão extraordinário. Ouvi este relato da própria boca da Condessa, e testemunhei a sua total convicção de que fora curada pela Vidente. Esta história abre-nos uma janela para o mundo das simpatias espirituais, desfazendo como bolhas de sabão todas as pobres objeções baseadas nas leis da natureza. O meu amigo Kerner apela à humanidade para que reconheça o poder da fé e da oração. Mas, ai de nós! A humanidade não o conhece. Querem abrir o universo apenas com a força da razão vangloriada — e só encontram uma casca vazia.”

“A quem compararei esta geração? É como crianças sentadas na praça, que chamam pelos companheiros e dizem: Tocámos flauta, e não dançastes; entoámos lamentações, e não chorastes.”

SOBRE OS DIFERENTES GRAUS DE MAGNETISMO E AS SENSAÇÕES DA VIDENTE EM CADA UM DELES

O estado magnético da Sra. H pode ser dividido em quatro graus:

1. O primeiro é aquele em que ela se encontrava com mais frequência — um estado em que parecia acordada, embora não o estivesse verdadeiramente. Tratava-se da primeira etapa da sua vida interior. Ela dizia que muitas pessoas vivem nesse estado sem o saberem, nem os outros se aperceberem disso.

2. O segundo era o "sonho magnético". Acreditava que muitas pessoas tidas como loucas estavam, na verdade, nesse estado.

3. O terceiro correspondia ao estado semiacordado, que se manifestava sobretudo quando falava ou escrevia na sua "língua interior", da qual se falará mais adiante. Ela explicava que só falava essa língua quando o espírito estava em íntima união com a alma.

4. O quarto era o estado de sono-lúcido (sono-vigília), em que se tornava clarividente e era capaz de prescrever tratamentos.

Mas, entre o terceiro e o quarto estado, pareceu-me haver um estado intermédio — o cataplético — no qual ela permanecia imóvel e fria.

Disse que, no estado semiacordado, pensava apenas com o cerebelo; do cérebro, propriamente dito, nada sentia — estava adormecido. Nesse estado, pensava mais com a alma; os seus pensamentos eram mais claros, e o espírito exercia maior domínio sobre ela do que no estado de vigília. No estado perfeito de sono-lúcido, o espírito tinha supremacia total; e, quando estava em plena clarividência, afirmava que os seus pensamentos provinham inteiramente do espírito e da região epigástrica.

"No nosso estado natural de vigília, sentimos pouco ou nada do espírito. Mas o homem, enquanto habita este mundo, deve ser governado pela alma. Se o espírito tivesse plena liberdade, o que seria deste mundo? O espírito pode penetrar nas coisas superiores — mas, nesta vida, o homem não deve conhecer o futuro."

— Disse ela em estado de sono-lúcido.

Certa vez afirmou:

"Sinto a alma nos nervos, que agora vejo claramente. Mas preciso de saber, com certeza, se a alma apenas paira sobre os nervos, e o que acontece a esses nervos após a morte."

Após se concentrar mais profundamente, disse:

"A alma continua a viver com o espírito e forma à sua volta um corpo etéreo."

Ela explicou que o sonho magnético tinha alguma semelhança com o estado de sono-lúcido, e que por isso também tinha significado — mas que provinha sobretudo do cérebro. Ao despertar desse estado, conseguia lembrar-se do que havia sonhado — o que não acontecia no estado de semi-consciência ou de clarividência.

Frequentemente falava durante esses sonhos, relatando-os enquanto ocorriam no seu cérebro, por vezes em verso, outras vezes de forma dramática.*

Distinguiam-se dos sonhos comuns por serem mais organizados e nítidos. Não era possível despertá-la enquanto os vivia; mas, se fossem interrompidos magneticamente, retomava-os na noite seguinte exatamente no ponto onde tinham sido interrompidos.

*A Sra. H compôs muitos versos, mas como não são poéticos no original, e menos ainda o seriam numa tradução, optámos por omiti-los. — *Nota do Tradutor.*

A Sra. H dizia: “O estado de sono-lúcido é a vida e ação do homem interior e contém em si mesmo uma prova da existência futura e da reunião após a morte. É a atividade interior do homem que, na sua condição normal, permanece adormecida — e completamente silenciada naqueles cuja vida está centrada apenas no cérebro, que, inconscientes da sua vida simpática, jamais escutam a sua voz. E, no entanto, se o homem refletisse devidamente, reconheceria nessa voz o seu verdadeiro guia.”

“O sono-lúcido induzido por passes magnéticos é um verdadeiro remédio — pois, na clarividência, o homem interior vem ao de cima e observa o exterior, o que não acontece no sono natural nem no sonho. A clarividência é um estado de vigilância absoluta, porque é nesse momento que o homem espiritual se liberta do corpo. Preferiria, por isso, chamar ao sono-lúcido a ‘emergência do homem interior’, ou o ‘crescimento espiritual do homem’. Nesse momento, o espírito está completamente livre e pode separar-se da alma e do corpo, deslocando-se para onde quiser — como um raio.”

“O sonâmbulo lúcido é, então, incapaz de qualquer ato ímpio; mesmo que a alma não seja pura, ele não pode mentir nem enganar. Chamaria a este estado o terceiro grau de clarividência. O segundo grau, inferior, é aquele em que alma e espírito se manifestam juntos — não apenas o espírito, como no anterior. Há ainda um grau mais baixo, onde a alma se une ao espírito, mas como nenhuma alma é completamente pura, a visão torna-se imperfeita. O estado mais inferior de todos pode ser considerado como uma excitação do sistema nervoso — algo que surge esporadicamente na vida comum. Assemelha-se ao dom profético que alguns homens possuem, mas que, no caso dos sonâmbulos lúcidos, é mais forte e regular.”

“No estado normal, a alma reside sobretudo no cérebro, e o espírito na região epigástrica. No estado magnético, a alma aproxima-se, em maior ou menor grau, da sede do espírito. Naqueles que vivem apenas para o mundo exterior, é a alma quem domina. O estado supremo de perfeição espiritual ocorre quando o espírito consegue libertar-se completamente da alma.”

Veremos adiante que há uma grande diferença entre essa separação do espírito durante o sono-lúcido e a que ocorre na morte.

ESFERA DO SOL E ESFERA DA VIDA

O ESTADO DA VIDENTE QUANDO ESTAS ESFERAS SE MANIFESTARAM EM SI

No dia 18 de Outubro de 1827, enquanto se encontrava em sono-lúcido induzido por vinte e uma bagas de louro, a Sra. H disse-nos que, na noite seguinte, às sete horas, seria a última vez que a veríamos em perfeito estado de clarividência. A partir desse momento, estaria mais desperta para a vida exterior, e tornar-nos-íamos todos como estranhos para ela. Disse ainda que os seus olhos passariam a ter um aspeto mais natural, e que o passado lhe pareceria apenas um sonho.

Perguntei-lhe se os espectros deixariam de lhe aparecer. Respondeu que isso não dependia do estado de sono-lúcido — continuariam a aparecer, mas parecer-lhe-iam estranhos, e a sua presença causar-lhe-ia medo.

Durante essa noite, sentiu-se muito mal e disse que dentro de si se travava uma luta entre duas forças — uma dizia-lhe que estava em Weinsberg, a outra, em Löwenstein. No primeiro caso, os objetos à sua volta pareciam-lhe familiares; no segundo, eram estranhos.

Na manhã do dia 19 de outubro, encontrou grande dificuldade em falar a sua linguagem habitual. Sentia um forte impulso para falar “alemão elevado” (*Hochdeutsch*) e para tratar todos por “tu”. Disse que sentia como se estivesse prestes a perder a alma, ou como se algo estivesse a morrer dentro dela.

No dia 19, às sete horas da tarde, estando em estado de sono-lúcido, a Sra. H disse, após uma oração silenciosa:

"Sinto que hoje desperto de um longo sonho, que começou no dia em que aqui cheguei, quando me repreendeste — e então pensei que já não havia nada de humano em mim. Até então, confiava na ajuda humana, mas nesse momento senti-me abandonada e recolhi-me inteiramente em mim mesma. Desde essa altura, não vivi uma única hora na Terra, por mais que parecesse acordada. Que aterrador será para mim quando despertar. Exclamarei de imediato que estive a sonhar com muitas pessoas.

Quando os espectros, que costumo ver, vierem até mim, não os reconhecerei e voltarei a fazer-lhes todas as perguntas que já lhes fiz antes; e vê-los em estado de vigília assustar-me-á — mas sei, pelo estado dos meus nervos óticos, que continuarei a vê-los. Os nervos das pessoas saudáveis permitem-lhes, por vezes, percebê-los também; mas eu vejo mais do que falo — penetro realmente no mundo dos espíritos. Ninguém deve falar-me do meu longo sono; mas devem preparar-me para os espectros, senão o susto será demasiado grande. Sinto como se fosse agora a noite da minha chegada aqui, e quando acordar, pedirei pela minha irmã Amélia, que estava comigo nessa altura."

Após rezar, consentiu que a acordássemos, o que fizemos tocando-a com um cristal de montanha. A sua primeira pergunta foi pela irmã, a quem queria contar o seu longo sonho.

Apesar de termos estado sempre ao seu lado, parecíamos-lhe agora todos estranhos. Só reconhecia as pessoas que conhecera antes de 26 de outubro de 1826. Mostrou-se extremamente surpreendida com a melhoria do seu estado de saúde — especialmente por já não sofrer da febre miliar. Dissemos-lhe que o médico lhe tinha administrado um pó que a fizera dormir durante o inverno e o verão. Chorou ao ouvir isto, lamentando ter passado tanto tempo mergulhada num sonho, e sentia-se profundamente desconfortável com a estranheza do seu quarto e com a novidade de tudo o que a rodeava.

Contou que, durante a noite, tivera um grande susto: por volta da uma da manhã, uma figura entrou no seu quarto e colocou-se junto à sua cama, dizendo:

“Diz-me algo que me console.”

Assustada, perguntou-lhe o que queria dela, ao que ele respondeu que já a tinha visitado muitas vezes. Ela então relatou uma história que se encontrará numa parte posterior deste volume.

No dia seguinte, continuava muito inquieta e, por momentos, quase desesperada, por não conseguir adaptar-se ao seu novo estado. Foi um grande erro ter permitido que pessoas bem-intencionadas lhe contassem demasiados pormenores da sua vida magnética; isso deixou-a ainda mais desconfortável e com um forte desejo de regressar a casa. Parecia reconhecer algumas pessoas apenas após olhar intensamente nos seus olhos. Mas todas as memórias relativas ao que ouvira, sentira, cheirara ou saboreara nos últimos meses estavam completamente apagadas.

Afirmou que ver lhe parecia uma faculdade mais espiritual do que ouvir, e que, embora os sons não lhe tivessem deixado qualquer impressão, as imagens visuais tinham-no feito. A única flor de que guardava memória era a aurícula — e parecia reter a fragrância como se a tivesse absorvido pelos olhos. De todos os poemas que tinha lido na vida, só se lembrava de um de Goethe.

Fisicamente, estava praticamente como antes — mas a voz era mais fraca e tinha menos força para sair da cama. Minerais e plantas continuavam a provocar os mesmos efeitos nela, mas a minha influência magnética tinha diminuído consideravelmente. Ainda assim, não nos parecia que estivesse completamente fora da esfera magnética, e tudo indicava que ainda haveria um novo despertar.

AS ESFERAS

A Sra. H disse que o tempo que tinha passado adormecida lhe parecia agora um círculo, e que havia vários desses círculos pelos quais tinha passado.

No primeiro desses círculos viu sete estrelas, que seriam as moradas dos bem-aventurados de grau inferior. O segundo círculo era a lua — que descrevia como muito fria e desagradável. O lado direito da lua era o lar dos que estavam a caminho da beatitude, muitos dos quais provinham de regiões intermédias. Descreveu muitos outros círculos — num deles viu o seu espírito protetor, e noutro, as almas dos animais. Cada círculo parecia corresponder a um ano.

Disse também que, no estado de sono-lúcido, quando o espírito se separava do corpo, deixava para trás a alma, com todos os seus pecados. Já os espíritos dos mortos não são todos igualmente puros, pois levam consigo a alma e os seus pecados. Se o mesmo acontecesse ao sonâmbulo lúcido, este nunca mais despertaria. E embora o espírito, na sua pureza total, seja incapaz de mentir, pode, se ainda estiver ligado à alma, ser induzido a errar se for excessivamente interrogado.

Sob esses círculos — que a vidente chamava de órbita do sol ou esfera solar — via outros, que designava como órbita da vida, ou esfera da vida, e que por vezes chamava simplesmente de sua alma. Estes pareciam representar diferentes graus de bondade, e continham sinais e números.

Os números com os quais sentia uma ligação especial eram o dez e o dezassete.

- O dez é o número fixo da humanidade — o número terrestre.
- O dezassete varia de pessoa para pessoa — é o número interior, o número celeste.

Ambos são, segundo ela, números fundamentais — mas também palavras fundamentais:

- No número dez, encontra-se a palavra base para o ser humano enquanto habitante do mundo físico.
- No dezassete, está contida a palavra do seu ser interior, que ele levará consigo após a morte.

“Contudo,” acrescentou ela, “não se pense que quem pratica o mal o faz por causa desse número. Todos têm liberdade de escolher entre o bem e o mal; mas aquele que se entrega ao mal perde o seu número, e é entregue ao seu próprio pecado e às suas consequências.”

Quanto menos a alma estiver sujeita ao corpo, e mais for guiada pelo espírito, melhor somos.

O segundo número, que cada ser humano possui, está relacionado com a duração da sua vida.

Se numerosos acidentes exteriores se acumularem de tal forma que o sobreponham, a pessoa morre; mas, quando esse número permanece intacto, atinge-se a velhice.

No seu estado de sono-lúcido, a Sra. H falava frequentemente numa língua desconhecida para nós, que parecia ter semelhanças com as línguas orientais. Dizia que essa era a língua que Jacob falava, e que era natural a ela e a todos os homens. Era uma língua muito sonora; e, como ela a utilizava de forma perfeitamente coerente, aqueles que conviviam mais de perto com ela acabavam por compreendê-la gradualmente.

Ela explicava que só por meio dessa língua conseguia expressar plenamente os seus sentimentos mais profundos; e que, quando precisava de os exprimir em alemão, tinha primeiro de os traduzir interiormente. Essa língua não vinha da cabeça, mas sim da região epigástrica. Quando acordada, nada sabia dela.

Dizia ainda que, nessa língua, os nomes das coisas expressavam as suas propriedades e qualidades essenciais. Filólogos que a escutaram notaram semelhanças com o copta, o árabe e o hebraico. Por exemplo, a palavra El-Schaddai, que ela usava com frequência para se referir a Deus, significa, em hebraico, “o auto-suficiente” ou “o todo-poderoso”.
A palavra dalmachan parece ter raízes árabes;
e bianachli corresponde, em hebraico, a “suspiro” ou “estou em suspiros”.

Eis algumas palavras dessa língua interior com as respetivas interpretações:

- handacadi – médico
- alentana – senhora
- chlann – vidro
- schmado – lua
- nohin – não
- nochiane – rouxinol
- hianna jtna – flores multicoloridas
- moy – como?
- toi – o quê?
- optini poga – deves dormir
- mo li arato – descanso, repouso

etc.

A escrita dessa língua estava sempre ligada a números. Ela dizia que as palavras acompanhadas por números tinham um significado muito mais profundo e abrangente do que as palavras isoladas. Repetia frequentemente, enquanto dormia, que os espíritos falavam essa língua, pois, embora pudessem ler os pensamentos, era a alma — a quem essa língua pertencia — que a levava consigo quando subia ao alto, pois era a alma que formava um corpo etéreo para o espírito.

Além da sequência de números associada à vida interior (que já referimos), parecia haver outra, de significado ainda mais profundo e elevado, que ela não conseguia explicar.

O que sei sobre isso é que, um dia, ao tentar traduzir o seu próprio nome para um número, desatou a chorar. Quando lhe perguntei porquê, respondeu que tinha, inesperadamente, descoberto um segredo muito mais profundo relacionado com os números, e que, nesse processo, revelara involuntariamente, no seu nome, o número e a hora da sua morte — mas que, felizmente, logo a seguir esquecera-se novamente.

Disse-lhe que me parecia impossível calcular a hora da morte a partir do nome. Mas ela respondeu com firmeza:

“Quando morreres, descobrirás que é possível.”

Expressou a Eschenmayer grande alegria por ele compreender o sentido religioso das esferas.

A Sra. H dizia que, assim como na órbita ou esfera solar está contido este mundo, na órbita da vida reside a pressentimento de um mundo mais elevado, que existe em cada ser humano.

Na clarividência, o espírito abandona a órbita da vida e entra no centro da esfera solar; então, todas as coisas tornam-se visíveis, livres do véu que normalmente as oculta. Um sonâmbulo lúcido só consegue descrever aquilo que pertence à esfera do nosso sol: o Sol, a Lua, a Terra, os outros planetas, e a região intermédia — o espaço etéreo que nos rodeia. Nenhum sonâmbulo descreveu jamais aquilo que pertence à esfera mais profunda, à órbita da vida.

A vidente afirmava que a separação do espírito da alma e do corpo, durante o sono-lúcido, se assemelhava muito à morte, mas não era a mesma coisa.

Quando o espírito se separa do corpo nos momentos finais da vida, torna-se fraco e impotente — já não consegue arrastar consigo a alma, e apenas aguarda. A pessoa moribunda torna-se inconsciente de tudo o que a rodeia — o futuro permanece oculto, e ela já não consegue expressar-se.

Quando, antes desse momento final, um moribundo afirma ter a certeza da existência de uma vida futura, é porque a alma, já não sendo dirigida pelo cérebro, recobra o seu poder natural de clarividência e vislumbra a esperança do além, que antes estava obscurecida.

Depois de o espírito deixar o corpo, a alma sabe que já não pode permanecer e começa também a lutar por libertar-se. Esse é o instante da agonia da morte; e, nesse momento, em vez do agora impotente espírito, são os espíritos dos bem-aventurados que vêm em auxílio da alma. A duração dessa luta, nas mortes naturais, depende da facilidade ou dificuldade com que a alma se desprende das coisas terrenas.

Com respeito ao espírito nervoso, ou princípio nervoso da vitalidade, a Sra. H afirmava que era através dele que a alma se unia ao corpo e este, por sua vez, ao mundo exterior. A facilidade com que esse espírito se libertava, no seu caso, era a causa do seu estado anómalo.

Este espírito nervoso é imortal, e acompanha a alma após a morte, exceto quando a alma é perfeitamente pura e entra de imediato entre os bem-aventurados. É através deste princípio que a alma constrói uma forma aérea em torno do espírito. Ele pode crescer e desenvolver-se após a morte; e é por seu intermédio que os espíritos, ainda presentes na região intermédia, entram em contacto com uma substância material presente na atmosfera, a qual lhes permite serem sentidos e ouvidos pelos vivos, bem como suspenderem a gravidade e moverem objetos pesados.

Quando uma pessoa morre num estado de perfeita pureza — o que é raro — não leva consigo este espírito nervoso. Embora indestrutível, ele permanece com o corpo e, no momento da ressurreição geral, é reunido à alma e constrói-lhe então uma forma aérea.

Os espíritos bem-aventurados, que já não possuem este espírito nervoso, não se podem fazer sentir nem ouvir — não voltam a aparecer.

Quanto mais puro for o espírito, mais elevado é o grau que ocupa na região intermédia, e mais completamente separado está do espírito nervoso.

Pelas revelações da vidente, no seu estado de sono-lúcido, parece que, quando o espírito do clarividente se eleva ao centro, tudo quanto está dentro do nosso sistema solar se torna visível e desvelado. Esta visão clara foi-se obscurecendo para o homem à medida que ele se afastou do centro. Agora, já não compreende a linguagem da natureza; os números e nomes das

coisas perderam-se, e é com esforço imenso que apenas vislumbra parte das suas propriedades.

Tanto Schubert como a Vidente concordam neste ponto: o que hoje se chama "aprendizagem" era, antigamente, conhecimento intuitivo. O mistério e a santidade atribuídos aos números nos tempos primitivos — como vemos nos profetas e nas antigas tábuas astronómicas indianas — parecem estar ligados a esta ciência esquecida.

Sem dúvida que as primeiras filosofias — sobretudo a de Platão — nasceram deste conhecimento intuitivo. A semelhança entre a visão numérica da Vidente e a de Pitágoras é notável, na medida em que conhecemos a deste último.

Platão dizia:

"A alma é imortal e tem origem aritmética, tal como o corpo tem origem geométrica. É a imagem de um espírito universal; tem movimento e penetra o espaço a partir do centro do corpo. Divide-se, porém, entre duas regiões intermédias harmónicas e forma duas esferas unidas."

Aquilo a que Platão chama o "movimento da alma", a Vidente chama de "esfera da vida". E o "movimento do todo e dos planetas", segundo Platão, é para ela a "esfera solar".

"É por este meio," diz Platão, "que a alma se liga ao exterior, compreende o que existe, e subsiste em harmonia — pois carrega em si os elementos da perfeita harmonia."

Nos números reside a harmonia do mundo e a origem de todas as coisas.
Quem perde o seu número, perde a ligação com o Bem, e passa a viver no caos e na desordem.

Não é isto precisamente o que afirma a nossa Vidente — sem nunca ter ouvido falar de Platão?

Compare-se também com Pitágoras, que dizia que os números são os elementos de todas as coisas e de todo o saber, e que, através deles, resolvia enigmas ainda hoje insondáveis para a aritmética moderna.

Saint-Martin, Novalis e Swedenborg — dos quais a Sra. H nada conhecia — dizem o mesmo. Swedenborg, por exemplo, admite a existência de um sol superior (que ela chamava o "Sol da graça"), do qual emana a luz espiritual, assim como do sol físico emana a luz natural. Eschenmayer comenta estas revelações da Vidente dizendo:

"Há dois tipos de sol: o que vemos, que nos ilumina, pertencente ao nosso sistema planetário — uma gota no oceano — e um outro, o sol central, que não vemos, mas de onde todos os astros recebem a sua luz."

Ennemoser, por sua vez, afirma:

"Se imaginarmos o mundo natural e tudo o que ele contém como uma esfera — o que realmente é — veremos que não tem princípio nem fim. É ilimitado, e o passado e o futuro estão nele contidos."

(Tal como dizia a Vidente: "Nesta esfera posso avançar e recuar, vendo o passado e o futuro.")

"O mundo inteiro é permeado pela luz, e o homem é o espelho da luz divina (Abglanz)."
(Na visão da Vidente, isso é a alma — o espelho de tudo quanto existe.)

Neste espelho, todos os objetos seriam refletidos, se não estivessem ocultos pela densa névoa dos vapores terrenos. O sentido interior do homem é a chama viva — o espírito — que,

porém, não consegue sempre atravessar a grossa casca do corpo. Como os fogos interiores da Terra, só se manifestam em certos pontos, isto é, em certos homens — não em todos.

"Chegará o dia," conclui Ennemoser, "em que a Terra será toda iluminada pelo fogo que carrega dentro de si; assim também o homem desfará a sua casca, e fundir-se-á na luz universal."

É interessante notar que a Vidente colocava as almas dos animais no anel do sonho — o que parece fazer sentido, pois a sua vida parece, de facto, um sonho consciente. Ao mesmo tempo, esse anel parece simbolizar o sistema ganglionar, com os seus instintos magnéticos — simpatia, antipatia, premonição — tão marcantes nos animais, sobretudo aves e insetos.

Há também razões para acreditar que os animais — como cavalos, cães, etc. — estão menos separados do mundo espiritual do que os humanos, e que sentem mais intensamente a presença dos espíritos.

A velhice e a infância parecem igualmente pertencer a esse anel — assim como os santos, os poetas, os profetas e a infância da humanidade. Os sonhos dos idosos centram-se, muitas vezes, nos seus primeiros anos — o que poderá indicar um retorno à esfera que um dia habitaram.

A região intermédia que se encontra mais próxima da Terra, mas abaixo das almas dos animais, era, segundo a Vidente, além do anel do sonho. Existe também uma zona interna ao anel, abaixo da qual residem os animais — o que coincide com relatos de espíritos dessa zona aparecerem em formas animalescas, ou mesmo como animais.

A nossa Vidente coloca o inferno abaixo da região intermédia exterior; e a crença universal numa espécie de céu, hades e inferno pode ser explicada pelo facto de que cada alma humana é um espelho, no qual cada homem, ao olhar para dentro de si, vê refletido tudo o que existe— com maior ou menor nitidez.

A LÍNGUA INTERIOR

Relativamente à língua interior, a Vidente afirmava que uma única palavra dessa língua continha frequentemente mais significado do que várias linhas de linguagem comum; e que, após a morte, num único símbolo ou carácter dessa língua, o homem leria toda a sua vida.

É frequentemente observado que as pessoas em estado de sono-lúcido, ou profundamente imersas na vida interior, não conseguem expressar o que sentem em linguagem comum. Outra sonâmbula dizia-me com frequência, quando não se conseguia exprimir:

"Ninguém me pode falar na língua da natureza?"

A vidente estudada por Mayers dizia que, para o homem em estado magnético, toda a natureza se lhe revelava — tanto a espiritual como a material. No entanto, determinadas verdades não podiam ser bem expressas em palavras, e era isso que causava aparentes inconsistências ou erros.

Nos arquivos do magnetismo animal, encontram-se exemplos desta forma peculiar de discurso; e a semelhança com as línguas orientais talvez se deva ao facto de serem vestígios da linguagem primordial da humanidade.

Assim, os sonâmbulos lúcidos têm dificuldade em recordar nomes de pessoas e coisas, e descartam todas as convenções da fala habitual. A Seherin de Mayers dizia que, tal como os olhos e ouvidos do homem foram corrompidos pela Queda, também ele perdeu, em grande parte, a linguagem das suas sensações — embora esta ainda exista em nós, e pudesse ser

reencontrada se fosse procurada com sinceridade. Cada sensação ou perceção possui uma forma ou sinal próprio, e nós já não conseguimos expressá-los.

Para descrever essas perceções, a Sra. H construía símbolos, a que chamava “a sua esfera solar”, “a sua esfera da vida”, e assim por diante.

Vários episódios comprovavam a perfeição da sua memória para essa língua interior. Certa vez, trouxe-lhe uma litografia de um texto que ela havia escrito um ano antes, e ela apontou imediatamente um ponto a mais sobre um dos símbolos. Ao consultar o manuscrito original, confirmei que ela tinha razão. E, note-se, ela já não tinha cópia do original consigo.

RELAÇÃO ENTRE O ESPÍRITO, A ALMA E O CORPO

Enquanto o espírito mantém a soberania, o verdadeiro, o belo e o bom residem dentro dele em perfeita harmonia. A alma conserva o seu equilíbrio perfeito, e todas as suas funções — pensar, sentir e querer — partilham da harmonia do espírito. A parte superior da alma governa a inferior; e a comunicação entre esta e o corpo, bem como do corpo com o mundo, está organizada de forma a manter o bem-estar do todo.

Para preservar esse equilíbrio, a alma recebe de Deus, durante a vida terrena, o dom da liberdade; e cabe ao homem decidir como o utiliza.

Quando, porém, a alma se deixa prender demasiado ao mundo, arrasta consigo o espírito. Quanto mais mundana se torna, mais inquieto se torna o espírito. E, quando este é afastado da sua esfera original, o bem mistura-se com o mal, e as leis morais começam a ser negligenciadas.

Se o espírito passa ainda para além da segunda esfera, então o belo é corrompido pelo abominável, e os sentimentos tornam-se impuros. Ao ultrapassar o terceiro anel, instalam-se o erro e a loucura, que substituem a verdade.

O espírito tornou-se escravo da alma, e a alma, do corpo; e os frutos são: mentira, sensualidade, engano, malícia e egoísmo.

Quando este equilíbrio se perde, é muito difícil recuperá-lo— e só pela religião é que pode ser restaurado.

A Sra. H dizia que os loucos são aqueles cujo espírito foi aprisionado pela alma e pelo corpo; e que os cretinos são aqueles em que o espírito se encontra meio adormecido ou atado.

VALOR FÍSICO

Cada ser humano, ao ser gerado e nascer, recebe uma faculdade que contém a lei do seu desenvolvimento e a duração da sua vida. Essa faculdade é expressa por um número.
Se nenhum factor externo, nem a alma nem o mundo, interferirem negativamente, ele atinge o seu tempo determinado. Mas, se o contrário acontecer, o número é esgotado prematuramente e a vida encurta-se.

Há um consumo diário da vitalidade, que é normalmente compensado — até que, a partir da meia-idade, o corpo perde a sua força regeneradora e entra em declínio. A vida não pode ultrapassar o número designado, mas pode encurtar-se— e, de facto, isso acontece na maioria dos casos.

Emoções violentas, paixões, vícios e excessos causam um desgaste acentuado do organismo. Uma única febre mortal pode consumir em dias o número de anos que o corpo ainda teria pela frente.

VALOR MORAL

Tal como os acontecimentos físicos relativos ao corpo estão inscritos na esfera solar, os acontecimentos morais relativos à alma são anotados diariamente, mensalmente e anualmente.

O homem pensa, sente, atua, deseja e desfruta continuamente. Todos os dias tem centenas de oportunidades de fazer o bem. Se as aproveita, é mérito seu; se as ignora, é culpa sua.

Mas pior do que negligenciar o bem é fazer o mal. Tudo fica registado, e o saldo moral da alma sobe ou desce. E, como esse saldo diz respeito à eternidade, é infinitamente mais importante do que o da saúde física, que é passageiro.

Para a duração da vida física, há um número. Mas para o mérito ou demérito moral, não há número fixo— pois estas coisas ultrapassam a morte. A capacidade de perfeição que nasce da liberdade está para além de qualquer número finito.

Imediatamente após a morte, essa linguagem natural, que vive em todos nós, revela-se ao homem;
e ele lê toda a sua vida — com as suas ações e omissões — num só olhar.

O registo está gravado no seu coração em figuras de fogo. Ai daquele cujos pecados pesam mais do que as virtudes, daquele que morreu impenitente, sem fé em Deus, e sem crença no seu Redentor.

Aqui inserimos um resumo conciso das esferas, com o qual fomos agraciados por um amigo cientista. — Tradutor.

No terceiro dia, a Vidente desenhou duas esferas complexas, num tempo incrivelmente curto, sem o auxílio de instrumentos, com grande precisão e cheias de linhas inter-relacionadas. Um par de compassos que Kerner lhe ofereceu, na tentativa de facilitar o seu trabalho, apenas a atrapalhou e desviou-a do rumo. Ela teceu estas teias intricadas, como uma aranha, com instinto infalível.

Interpretou estes desenhos a Kerner com simplicidade e minúcia. O primeiro deles chamou de sua esfera solar, ou a órbita solar da sua vida; e repetia frequentemente que cada pessoa transporta uma esfera de vida relativa em torno daquela que ela representava como a sua esfera de vida própria. Esta esfera solar é, na verdade, uma série de esferas desenhadas em torno de um centro. As esferas sucessivas alternam nas suas propriedades, do mesmo modo que as esferas alternadas de repulsão e atração que envolvem o sol, e que geralmente se representam ao leitor comum como as forças centrífuga e centrípeta desse astro. É evidente que foi esta analogia que levou a Sra. H a simbolizar as suas afirmações sobre este tema em linguagem associada ao sol e a outros corpos celestes.

A circunferência da mais definida de todas estas órbitas parecia sair da zona do estômago — passava pelo peito — e contornava de perto o lado esquerdo. Trata-se de uma esfera quase perfeita com cerca de vinte e cinco centímetros de diâmetro, traçada em torno do centro ideal do sistema nervoso simpático. É um globo ideal, colocado no lado frontal esquerdo; e inclui em si o coração, as raízes dos pulmões, parte do estômago e, por fim, os principais plexos nervosos ganglionares.

Fora desta, existe uma esfera sem limites, como a esfera mais externa de repulsão de um sol. Esta esfera ilimitada é, na realidade, a primeira; mas a que acaba de ser descrita é sempre

chamada de primeira ou grande órbita pela Vidente. Dentro desta última existem mais seis órbitas, sucessivamente — a segunda, terceira, quarta, quinta e sexta.

A primeira (ou, como ela uma vez a chamou, a sexta, invertendo a ordem que posteriormente segue) era acompanhada, na sua circunferência, por uma sensação que sugeria a conceção de algo superior ao sistema nervoso, que ela denominava “espírito nervoso”. A área desta primeira órbita estava dividida em doze partes ou segmentos, e marcada por muitos pontos na sua periferia. Na metade exterior — isto é, a que se estendia para além da zona do estômago e do peito — parecia situar-se o mundo quotidiano do homem. Ali, sentia o espírito (Geist) de todos com quem tinha ligação, mas sem os seus corpos ou nomes. Kerner, mais do que qualquer outro, era-lhe impercetível como corpo; via-o como uma chama azul, num ponto específico da órbita, movendo-se constantemente dentro da esfera, acompanhado pela sua esposa, um pouco mais distante.

Esta primeira órbita era, para ela, como um muro para além do qual não conseguia avançar; confinada dentro dela, sentia saudades de casa. O seu consolo era poder comunicar melhor com os humanos a partir desse afastamento. Sentia-se fixa a um ponto da esfera, sem capacidade de avançar; mas, regularmente, ao meio-dia e à meia-noite, era empurrada meio ponto para a frente, completando um ponto a cada vinte e quatro horas. O próprio dia parecia impeli-la.

Na órbita exterior, sobre a qual pareciam brilhar sete estrelas, sentia-se tranquila e feliz; falava para o mundo a partir dela, e pensava que só Kerner a ouvia. Na segunda órbita, sentia frio e repulsa. Não falava — apenas flutuava de um lado para o outro sobre ela — e por duas vezes viu dentro dela, mas apenas coisas demasiado horríveis para recordar; ainda assim, esta órbita tinha a luz da lua. Afirmava que essas sete estrelas não significavam outra coisa senão estrelas, e que a órbita fria era a própria lua. “Essas estrelas são as moradas dos bem-aventurados de grau inferior.” A segunda órbita fria é a morada daqueles que estão a tornar-se santos; mas apenas do seu lado direito.

A terceira órbita era límpida como o sol, e o seu ponto central ainda mais claro. Nela, parecia espreitar, com outros espíritos, para um abismo impenetrável de claridade, que ela expressava como o “sol da graça”. Aqui também falava para o mundo, como na primeira órbita; e, ainda mais do que na primeira, ninguém parecia ouvi-la senão Kerner — encontrava-se ainda mais isolada de todos, exceto dele. Na sua claridade via a sua condutora (ou espírito protector), exceto no ponto central, demasiado brilhante, e era desta órbita que pareciam vir as prescrições — não sabia como! Esta era a “anel do sonho”. Nela, via uma região intermédia e uma região para os espíritos dos animais — esta última situada abaixo — tudo mais claro do que o nosso dia, com uma claridade uniforme, sem luz nem sombra.

Quando desejava penetrar nas órbitas centrais, tinha de se lembrar do mês, do dia, da hora, do minuto e do segundo em que se encontrava; e então, ao recitá-los, parecia avançar para essas três órbitas mais internas como que sobre um raio de sol reto. Em todas elas podia ver tanto o passado como o futuro, história e profecia.

Afirmava que, assim que um sonâmbulo visse o ponto central da esfera solar através das órbitas sucessivas, tornava-se instantaneamente incapaz de mentir — era um espírito puro. O espírito saía dele sozinho, enquanto a alma permanecia no corpo, com os seus pecados.

O espírito de um morto não é um espírito puro, porque é acompanhado pela alma e pelos seus pecados; enquanto que, no caso de um sonâmbulo (enquanto tal), é como se a queda do homem nunca tivesse ocorrido — caso contrário, ele nunca despertaria. No entanto, um sonâmbulo pode, ainda dentro da primeira esfera — junto às sete estrelas, onde a alma ainda acompanha o espírito — ser induzido ao engano, especialmente por perguntas insistentes.

Quanto à sétima esfera, ilimitada, que ela descreveu como um ano por vir (cada órbita sendo uma figura simbólica de um ano ou revolução), a Sra. H apenas sentia que não era como as restantes. Prosseguindo com a sua forma alegórica de se expressar, disse que, a cada sete anos, estas órbitas solares se desprendiam dela, e o conteúdo total desses anos podia ser condensado num único símbolo, ou ponto, no qual estariam contidas todas as horas, minutos e segundos desses sete anos. Da mesma forma, no momento da morte, uma pessoa pode rever toda a sua vida numa só imagem.

Relativamente a estas seis esferas, e à sétima e ilimitada, ela proferiu muitas outras afirmações notavelmente coerentes. Os números pitagóricos 7 e 3, com os seus múltiplos, repetem-se constantemente nos seus esquemas. Contou a Kerner como a deveria magnetizar durante o mês corrente, encontrando essas instruções nas órbitas. Porém, o leitor que deseje e esteja capacitado para aprofundar-se neste tema, terá de recorrer a uma leitura atenta do original, para mais detalhes. A forma matemática e a precisão numérica desta revelação só são superadas pelo facto de os diagramas sugerirem algumas das verdades mais profundas nos domínios mais elevados da ciência física.

A Esfera da Vida Própria

Por baixo — ou dentro — destas órbitas sucessivas da esfera solar da vida, parecia existir outra — a verdadeira esfera da vida — com treze segmentos de três quartos, em vez dos doze que pertencem às órbitas anteriores. Ela chamava frequentemente a esta órbita da vida a sua alma. A perceção da sua existência não lhe era tão opressiva como a das anteriores. Tal como este mundo do quotidiano estava contido na esfera solar, também nesta outra havia algo mais elevado do que ela própria — algo que desce sobre cada homem vindo de um mundo superior. Se, na atmosfera da esfera solar, ela expressava os seus sentimentos, aqui via-os representados em figuras e diagramas. Em suma, este anel da vida é o assento da alma e o local da sua confluência com o espírito. (Pelo termo alma entende-se a ideia abstrata da soma de todas as faculdades intelectuais e morais; e por espírito indica-se a razão pura — a consciência — o sentido intuitivo do bem, do verdadeiro e do belo — o super-espírito — numa só palavra, o Espírito Santo; todos sinónimos.)

Neste anel, aprendia uma série de máximas religiosas bem conhecidas, e expressava-as em linguagem figurada, em forma esférica. Dois números regem esta esfera: 10 e 17. O 10 é um número constante para toda a humanidade, sendo também o número terreno, através do qual o espírito pode projetar-se no mundo exterior; o 17 é o número celeste e interior, e pode variar de pessoa para pessoa. Este número variável é uma espécie de balança, que mantém a contabilidade do indivíduo com o céu, entre o bem e o mal; se o mal pesar demasiadamente, o número pode perder-se por completo.

É impossível oferecer ao leitor uma descrição mais pormenorizada desta esfera e das suas revelações sem proceder a uma tradução integral; basta dizer que se trata da enunciação dos princípios de um cristianismo mais espiritualizado do que é comum em qualquer país, apresentada sob a forma de um diagrama esférico, com ponto central, raios, circunferências, compartimentos e sinais numéricos. Ela chegou mesmo a inventar símbolos para expressar os seus números. Compunha discursos poéticos dirigidos a Deus e descrições da própria esfera sagrada, quando se encontrava lá, retirada de tudo o que vive para além de si mesma. Era uma pitagórica por essência. “Parece-me”, dizia, “que cada homem tem, desde o nascimento, tais números e palavras destinados — mas nenhum dois iguais; quero dizer, que tais órbitas atravessam toda a natureza — incluindo tudo o que vive e se move — penetrando toda a criação, do início ao fim.”

Ali, enfim, sentia que levava a sua verdadeira vida interior, com figuras, sinais e palavras próprios — ali falava numa língua desconhecida, criando símbolos sonoros e visuais para expressar as suas experiências espirituais. Na verdade, assemelhava-se aos entusiastas

religiosos que surgem periodicamente em todas as tradições — mas havia uma diferença marcante: eles deliram, ela é serena; eles são frequentemente ridículos, ela é admirável do princípio ao fim; eles são, por vezes, aterradores, ela é sublimemente acessível; acima de tudo, eles são incoerentes, mas ela expõe as suas experiências e opiniões na forma de um diagrama físico-matemático, registando as suas observações interiores dia após dia.

Explicação da Esfera Solar descrita pela Vidente

Esta esfera foi desvelada ao longo do último ano magnético, do Natal de 1826 ao Natal de 1827, quando, segundo a Vidente, se dissolveu, dando lugar a uma nova; tudo o que de verdadeiramente bom havia sido vivido nessa experiência foi então integrado na esfera da vida.

A diferença entre a vigília comum e a vigília magnética é a mesma que entre a vida intelectual e a vida espiritualmente intuitiva. Na primeira, o homem reivindica uma existência exterior e mantém múltiplas interações com a natureza e com a humanidade; na segunda, tendo abdicado dessa objetividade, mergulha nas profundezas da vida espiritual. Na vigília comum, a faculdade espiritual dispersa-se (como o brilho do sol) sobre o mundo exterior; na outra, concentra-se num foco que ilumina toda a esfera da existência. Na primeira, os diversos produtos da mente podem ser evocados à consciência à vontade; na segunda, a produtividade da mente entra em suspensão, e somos autorizados a vislumbrar o mistério dos números com os quais o espírito elabora os seus próprios frutos.

Os sonâmbulos dizem: “Sinto — vejo”; nunca dizem: “Compreendo — analiso — descubro”. As suas comunicações não se assemelham ao conhecimento adquirido *a posteriori*, pelo entendimento racional, mas sim a intuições diretas. Sempre que uma vidente clara pronuncia um número, ela vê-o (pintado) no seu interior: o número emerge do sistema nativo de números e apresenta-se à consciência (por um impulso interno peculiar), onde aparece então envolto em luz.

Quando quer falar na linguagem natural desconhecida, contempla os caracteres — sente-lhes o significado — e depois traduz as palavras para a sua língua habitual, qualquer que ela seja. Ao receitar para si mesma, as propriedades de todas as coisas tornam-se claras para ela; mas apenas uma — ou algumas poucas — estão em sintonia com as necessidades interiores, e essas ela seleciona de imediato. Quando prevê o tempo, a frequência e a intensidade das suas próprias crises, ela observa o seu tipo orgânico.

Nestes estados, a vontade é impotente, tal como o intelecto mais cultivado: paixões e tendências perdem o seu domínio habitual — tudo é absorvido numa harmonia com o instinto espiritual. A bondade e a verdade manifestam-se na intuição da beleza, enquanto os desejos e apetites se retiram (do espelho da alma).

Em suma, a vigília comum parece consistir em liberdade exterior e escravidão interior; já a vigília magnética consiste em escravidão exterior mas liberdade interior.

Vejamos agora mais de perto a esfera solar.

1. O anel exterior representa o início da vida instintiva — o afastamento do espírito da exterioridade da vida, e a sua involução em direção ao centro.

2. O anel azul parcial, entre os dois anéis periféricos exteriores, representa a aura magnética, sentida como uma faixa, produzida pela aplicação comum do magnetismo. A Sra. H chamava-lhe uma parede magnética, que a isolava do mundo exterior. Este anel não circunda a esfera por completo.

3. O segundo anel completo está dividido em 365 dias e 12 meses; dele irradia a luz em direção ao centro. A partir deste ponto, desenvolvido pelo *rapport* magnético, surge o sonambulismo, orientando-se para o interior da vida instintiva espiritual. Nos

diferentes compartimentos em que os raios dividem este anel estavam armazenadas todas as ocorrências e perturbações da vida magnética que lhe aconteceram durante os meses sucessivos desse ano magnético. No final de cada mês, é elaborado um número que representa a soma dessas perturbações; e de mês para mês esse número aumenta, até atingir um máximo que tem origem no número nativo ou peculiar à sua individualidade.

4. Os espaços entre estes dois anéis e os próximos anéis interiores são delineados pela Sra. H como o seu mundo espiritual. As aparições espirituais com as quais ela, quase diariamente e mesmo sem ser magnetizada, se relacionava, formam um episódio tão singular nesta história magnética que não há registo de algo semelhante. O seu convívio diário com tantos seres invisíveis para nós, que a rodeavam constantemente e emergiam perante ela a partir da região intermédia — como ela lhe chamava — tudo para que, através da oração, pudessem recuperar a sua ligação a Cristo e alcançar a salvação por meio dele, constitui um capítulo singular nesta narrativa.

5. O anel seguinte — o terceiro — está ladeado por pequenas esferas brilhantes, que são transportadas para os compartimentos mensais, uma para cada mês. No centro encontra-se o número dez, com o qual todos fazem os seus cálculos exteriores, bem como o número sete — que a Sra. H usava para contar interiormente, sendo este variável de pessoa para pessoa.

É aqui que os abismos da vida intuitiva se abrem pela primeira vez em *rapport* magnético — na visão clara, nas simpatias e antipatias, nas prescrições para si e para os outros, na adivinhação, na transferência dos sentidos para lugares distantes e, especialmente, em todas as revelações que pertencem aos estados superiores do sonambulismo.

As três esferas situadas imediatamente em torno do ponto central estão rodeadas de pequenas estrelas. Quando lhe perguntaram se isto poderia indicar o local do céu espiritual, respondeu: “Essas estrelas não significam outra coisa senão estrelas”.

Do ponto central da esfera solar, onde o espírito se transfunde, este olha para trás, em direção ao centro da esfera da vida, onde a Sra. H situa o “sol da graça”. Por detrás desse sol resplandece, com beleza inefável, a morada dos bem-aventurados, que Cristo designou como o seu domínio; mas nenhum olho mortal pode contemplá-lo. Nada mais podemos conhecer além do que é revelado por um relance momentâneo no olho espiritual — e até esse olhar tem de ser desviado imediatamente, sob pena de cegueira.

Relação da Esfera da Vida com a Esfera Solar

A Sra. H dizia que o círculo solar, ou esfera, é o mundo, e que cada homem transporta consigo o resíduo dessa esfera para o círculo de vida da sua alma. Assim como este mundo se encontra na esfera solar, também existe uma realidade muito mais elevada contida na esfera da vida — e é daí que cada homem retira a sua pressentimento de outro mundo. O vidente claro sai do círculo da vida e entra no círculo solar, onde contempla tudo o que está ao alcance da compreensão humana. Porém, esta faculdade tornou-se mais obscura desde que o homem perdeu a sua integridade.

A partir do centro da esfera solar, o espírito vê o mundo tal como ele verdadeiramente é — sem véus nem disfarces. Se o espírito fixa por mais tempo esse centro, volta momentaneamente o olhar para o centro da esfera da vida — o que constitui uma visão muito mais profunda — e o que aí é visto permanece apenas como uma pressentimento. O centro da esfera solar deve ser algo distinto do próprio espírito, pois o espírito olha para dentro dele quando se projeta para fora.

A contemplação da região intermédia é diferente, pois esta situa-se inteiramente na esfera solar, que é comum a todos os homens. A razão pela qual tão poucos conseguem perceber este reino espiritual (objetivo) é porque os seus espíritos não conseguem colocar-se no centro da esfera. São sobretudo as pessoas com disposições magnéticas que conseguem fazê-lo; e, por isso, são elas que veem espíritos.

Com a queda, o espírito perdeu a sua integridade e tornou-se prismática e fragmentadamente quebrado; está colorido e perturbado como um raio de luz que atravessou um prisma. A nuvem da vida das aparências interceta-lhe a visão — as ideias do verdadeiro, do belo e do bom já não se apresentam a ele de forma objetiva, tal como existem no plano universal. Como diz Platão, perdeu as suas asas e, juntamente com a alma, foi absorvido pelo corpo e pelo mundo; e tudo o que lhe resta é um anseio por recuperar essas asas.

Quando o espírito é afastado da sua esfera, o conhecimento adquirido substitui a intuição; mas esse conhecimento é imperfeito e não pode suprir a carência deixada pela perda da intuição. Ainda assim, o espírito continua a aspirar aquilo que perdeu. A expressão desse anseio é a verdadeira filosofia; e ela permanece verdadeira enquanto não procura identificar-se com a plenitude da revelação. As Escrituras dizem que o homem saiu puro das mãos de Deus, embora depois tenha caído dessa pureza; mas que poderá recuperá-la através da mediação e da redenção.

A causa da queda foi o pecado, que não só afastou o espírito do seu centro, como também o expulsou da sua esfera; e assim, o culto ao Deus único foi fragmentado em mil partes no mundo físico e em mil ídolos no mundo humano. A verdade e o pecado são dois polos que se afastam constantemente; só podemos aproximar-nos de um à medida que nos afastamos do outro. Existem muitas formas de filosofia, mas apenas uma é verdadeira; e é por isso que, há dois mil anos, o destino de todos os sistemas filosóficos tem sido o mesmo ciclo invariável — um verdadeiro trabalho de Sísifo: mal atingem o seu ponto culminante, logo desabam.

As funções da alma são: pensar, sentir e querer — mas a mais inferior delas é o pensar; e os sistemas filosóficos que colocam esta acima das outras pertencem à categoria mais baixa. O esclarecimento, o júbilo, a luz e o amor não nascem do pensamento; têm uma origem mais elevada. As funções de pensar, sentir e querer pertenciam originalmente ao espírito; mas, desde a queda, separaram-se umas das outras, e cada uma busca agora a sua própria independência — o resultado é que o entendimento já não está em união com as outras duas.

Se a filosofia da religião fosse fundada numa base real — como a que aqui se sugere — e devidamente desenvolvida, rapidamente surgiria a convicção de que a verdade só pode ser alcançada ao trocar-se o falso centro do absoluto pelo sol da graça, e a sabedoria mundana pelo evangelho.

A Sétima Esfera Solar

No dia 1 de Maio de 1828, a Sra. H disse sentir que algo notável lhe iria acontecer; não sabia o que seria, mas esperava que fosse para o bem. Após receber, no dia 2 de Maio, a notícia da morte do pai — que, como já referimos, ela havia previsto — as suas convulsões cessaram; mas, apesar disso, a sua condição magnética intensificou-se, e ela entrou várias vezes por dia no estado de sonambulismo. Disse-nos que já não conseguia mover-se para trás e para a frente na sua esfera solar como antes; e que o traço ou linha no seu anel de vida, que não deveria atingir o centro antes de Dezembro, se precipitara de forma súbita para esse ponto; e como não tinha forças para a empurrar de volta, muito tempo tinha-lhe sido roubado, e temia que isso lhe causasse a morte.

Passou todo o dia 7 num estado alternado entre sonho e catalepsia. A certa altura, o seu espírito protetor apareceu-lhe, apontando para um caixão entreaberto, o que ela interpretou como sinal de que a sua vida estava em perigo. No dia 8, pelas sete da tarde, e segundo instruções que ela própria dera em estado de sonambulismo — encontrando-se então numa catalepsia semelhante à morte — dirigi-lhe a palavra, falando para a região do estômago: “Não te esqueças deste último ano até esta noite.” Disse-me que, sem isto, perderia toda a recordação dos anos decorridos desde o início da sua doença — algo que não conseguia suportar só de pensar.

Ao ouvir a minha voz, ergueu-se do seu estado de morte aparente com um grito de terror e um semblante de desespero, mas caiu logo de novo na insensibilidade anterior. Pouco depois, despertou, parecendo incapaz de compreender a sua situação ou reconhecer o que a rodeava. Disse que toda a sua sétima esfera solar se desprendera; mas se haveria ou não de entrar numa nova, não sabia — nada via para além do dia presente, e tinha de manter-se o mais serena possível para não perder a memória. A sensação de clausura iminente parecia ser a próxima coisa que antecipava.

No dia 15, recuperou parcialmente a memória do período que se lhe tornara obscuro; e perdeu por completo a sensação das suas esferas — até mesmo o tempo em que as tinha desenhado lhe parecia já distante e nebuloso, enquanto aquilo que a precedera lhe parecia agora mais recente. A recordação deste último período era inicialmente vaga, mas aos poucos foi-se tornando clara, até que recordou cada pormenor com grande vivacidade. Este tipo de fenómeno observa-se frequentemente em pessoas idosas.

No dia 27 de Janeiro de 1829, estando a Sra. H em estado de sonambulismo, afirmou sentir que as suas sete esferas solares haviam caído todas; e que, se a última não tivesse sido rompida como foi, teria recuperado a saúde com essa crise. Os meses da esfera solar em que se encontrava terminariam no dia 2 de Maio, e não a 27 de Dezembro como seria de esperar. Com essa perda, foi como que expulsa desses meses; e acreditava que estava prestes a morrer, pois apenas restavam quatro meses pendentes.

A Sétima Esfera Solar

No dia 2 de Maio, ela caiu num sonho magnético, no qual, como de costume, falava em voz alta, algo como o seguinte:

“Estou numa montanha — Oh! se eu pudesse descer para a direita, sobre aquelas nuvens douradas, onde vejo aquele vale florido! À esquerda não vejo senão sepulturas e corrupção — atrás de mim vejo a humanidade a lutar e a debater-se como leões e tigres — à direita, as flores sorriem para mim, mas eu sigo para a morte e para o túmulo. Terei eu de sucumbir a este golpe? Conduz-me para onde quiseres — Oh! sonho terrível! — Oh! guia-me! Terei de afundar-me no abismo? Tu és poderoso e forte — Compreendo-te bem? — Terei eu de permanecer nesta montanha? Sim, devo ficar até que chegue a hora; mas tu estás comigo de dia e de noite — se me abandonares, eu caio. Oh! deixa-me acordar deste sonho terrível!” etc.

Ela encontrava-se agora numa nova esfera, numa nova vida magnética, na qual descrevia a sua faculdade interior de visão como mais profunda do que nunca, embora não devesse mais falar abertamente do que via, como antes. Dizia que o seu corpo estava morto, embora ainda vivo, mas que a sua alma era mais livre e serena do que jamais fora. “Que o meu corpo não seja mais considerado — que dele não se cuide; é uma veste rasgada, que já não valorizo — nas tuas mãos, ó Senhor, entrego o meu espírito.” Era este o pressentimento da sua morte próxima; e, a partir de então, ela própria manteve a indiferença que aconselhava.

Apesar de estar altamente magnetizada e em estado de extrema debilidade, os seus sofrimentos tinham, sem dúvida, sido bastante aliviados durante a sua estadia em Weinsberg. Sentia maior lucidez interior e calma, e fora reconfortada e animada pelo convívio com várias

pessoas de mérito; mas não estava ao alcance dos amigos protegê-la das circunstâncias adversas que, precisamente nessa altura, atuaram de forma tão prejudicial sobre a sua saúde — referimo-nos, particularmente, à morte do seu pai e à doença da sua filha.

A 5 de Maio de 1829, regressou a Löwenstein, para ali cumprir o seu destino.

E agora, caro leitor, não terá sido o destino desta pobre criatura profundamente lamentável? Mas tudo o que vem de Deus é para o bem, ainda que não o compreendamos; e talvez a saúde da alma desta sofredora, e das almas dos que participam nas suas dores, venham a ser os frutos abençoados da sua agonia.

Vai, leitor, segue o teu caminho pelo mundo; e, se a primeira parte deste livro não for do teu agrado, não te preocupes mais com ela — segue então para o mundo, que te dirá que tudo isto não passa de engano, ou do efeito de uma imaginação doente; mas espera até que a hora silenciosa da meia-noite te encontre ao lado de um leito de morte, ou até que o hino da despedida se eleve junto ao túmulo de um ente querido. O tumulto do mundo abafa a voz da nossa doce mãe, a Natureza; mas chega, por fim, o momento em que as rodas param — o ruído cessa — e essa voz amorosa ressoa, em plena harmonia, nos nossos corações; e então ficamos maravilhados por, durante toda a vida, um coro de harmonias celestes nos ter chamado… e nós não o escutámos.

SEGUNDA PARTE

REVELAÇÕES SOBRE A INTERPENETRAÇÃO

DE UM MUNDO DE ESPÍRITOS COM AQUELE QUE HABITAMOS

INTRODUÇÃO

Amado leitor, ao leres estas páginas, mesmo que ainda te encontres na flor da juventude, lembra-te de que a vida voa como um sonho; e, quando ela passar, de que te servirá todo o conhecimento que adquiriste em busca de honra e fama? Tu acreditas num estado futuro, mas pensas pouco no caminho que a ele conduz. Desvias o olhar da imagem da velhice que te espera, e tentas calar a voz de advertência interior com as distrações do mundo exterior. Mas não a podes silenciar, pois é a voz de Deus; e, por mais que queiras, ela continuará a dizer-te, mesmo no meio dos prazeres: “Tu tens de morrer!”

E quando a morte se aproxima, agarras-te à frágil ciência dos homens, e depositas mais esperança numa simples poção de farmácia do que em todos os tesouros do mundo. E até mesmo aqueles que, cansados da vida, desejam a morte, pensam pouco no que os espera. Esperam não ser maus o suficiente para uma condenação eterna, e confiam que Deus é demasiado misericordioso para os punir — e acreditam que, ao deixar este mundo de aflições, entram numa herança de beatitude celestial.

Que estas páginas — que não agradarão à maioria, pois as verdades nelas contidas são contrárias às suas esperanças e desejos — que estas páginas, ó querido leitor, possam, apesar do escárnio e da incredulidade do mundo, despertar em ti uma reflexão séria. Bem sei que todas as visões convencionais sobre a vida, a alma, o espírito, o mundo presente e o vindouro, teriam de ser transformadas antes que a humanidade se dispusesse a acreditar no que aqui está escrito; e que, em vez de aceitar tal mudança — ainda que fosse para melhor — preferirão rejeitar tudo.

Nessas circunstâncias, nada resta ao investigador senão a pureza das suas intenções e o propósito benéfico com que procurou dar forma a estes acontecimentos. Quanto ao mais, resta-lhe apenas envolver-se no seu manto… e enfrentar a tempestade.

DO HOMEM MAGNÉTICO E DA SUA APROXIMAÇÃO AO MUNDO DOS ESPÍRITOS

Ainda que observemos de forma superficial o curso da natureza, não podemos deixar de notar que ela avança sempre por passos minuciosos — que o seu progresso forma uma cadeia sem elos em falta — e que nunca realiza transições bruscas. Assim, vemos na pedra o germe da planta — na planta, o princípio do animal — no animal, o homem — e, no homem, o espírito imortal. E tal como as asas da borboleta já estão dobradas na lagarta, também no homem — especialmente em certas condições — se revelam as asas de uma Psyche superior, prontas a desdobrar-se após a sua breve existência terrena; e é no homem magnético, perante quem o tempo e o espaço se desvelam, que aprendemos que há um mundo supra-terrestre.

O homem magnético é um espírito imperfeito. No pólipo, que constitui o elo entre as plantas e os animais, vemos simultaneamente um animal imperfeito e uma planta imperfeita; preso à terra como uma planta, estende os seus braços para o mundo animal, testemunhando, assim, a sua pertença a ambos. De forma semelhante, o homem magnético, embora ainda no corpo e preso à terra, estende tentáculos para o mundo dos espíritos e dá igualmente testemunho dele.

Este impulso em direção ao mundo espiritual e esta ascensão, observamos em todos os sujeitos magnéticos; mas nunca num grau tão elevado como no caso que agora nos ocupa. Vimos, na primeira parte deste volume, como este “espírito nervoso” — suspenso, por assim dizer, no ato de morrer — se tornou sensível às propriedades espirituais de todas as coisas — propriedades estas que, para os nossos espíritos nervosos mais aprisionados, são completamente impercetíveis.

Vimos como este ser — quase já espírito — libertando-se da sua concha terrena, vagueava através do tempo e do espaço; e será então tão estranho que, através das mesmas faculdades que lhe permitiam perceber propriedades invisíveis nas coisas terrenas, fosse também capaz de sentir aparições sobrenaturais, igualmente invisíveis para nós? O homem parece ser um elo entre os espíritos bem-aventurados e os espíritos perdidos — ou, noutras palavras, entre anjos e demónios — e, embora seja um ser independente e existente por si só, está, ainda assim, sujeito à influência de ambos. Sem dúvida, as leis da natureza, tal como até agora as conhecemos, estão mais especialmente adaptadas a esta esfera intermédia em que pensamos, sentimos e queremos; e têm menos relação com aquelas potências superiores e inferiores cuja existência é negada por certos espíritos independentes que não sentem qualquer pressentimento inato da sua realidade.

Não é nosso propósito, aqui, apresentar uma teoria das aparições — quer os leitores as considerem meras ilusões cerebrais, quer estejam dispostos a aceitar os factos que vamos apresentar como prova válida — mas apenas investigar se, nas revelações da Vidente, se pode encontrar algum fundamento razoável para a crença.

Segundo ela, o espírito nervoso é o remanescente do corpo, e, após a morte, envolve a alma com uma forma aérea. Sendo a mais elevada força orgânica, não pode ser destruído por qualquer outro agente físico ou químico; e, quando o corpo é abandonado, este espírito acompanha a alma; pois, tal como durante a vida é o único elo que une a alma ao corpo e ao mundo, também é ele o meio através do qual a alma, enquanto permanece na região intermédia, pode manifestar-se ao homem — sendo a atmosfera o instrumento dessa manifestação. No nosso estado habitual, os nossos sentidos são incapazes de perceber esses fenómenos, do mesmo modo que não podemos perceber o princípio que nos permite ver e ouvir — pois o sujeito não pode, ao mesmo tempo, ser o objeto.

Mas, no estado magnético anómalo, tais condições tornam-se possíveis. O espírito nervoso — que, na vigília, atua sobre o mundo objetivo através dos sentidos —, no estado magnético torna-se mais concentrado e reflexivo, conferindo ao sensorium uma energia invulgar. Cria para si sentidos internos a partir dos plexos nervosos, enquanto os sentidos externos se vão encerrando. Assim, a vida sensitiva da alma é intensificada e fortalecida pela união das faculdades de conhecer e de querer, que nela se fundem.

Do mesmo modo, a alma orienta-se para o seu centro original, e o conhecimento eleva-se à clarividência; e, nessas circunstâncias, não só o espírito pode colocar-se no centro da sua órbita, como também aquilo que está oculto aos olhos comuns — como os habitantes da região intermédia — pode tornar-se visível aos sentidos excitados de um sujeito magnético.

A menos que consideremos essas aparições sobrenaturais meras quimeras, devemos reconhecer que o brilho sobrenatural que emanava dos olhos da Vidente, quando as via, é pelo menos uma confirmação do que ela nos relatava sobre as suas visitas frequentes e sobre como as figuras escuras se tornavam gradualmente mais luminosas à medida que ela rezava. Os seus olhos brilhavam como uma chama, na qual os espíritos sombrios pareciam querer aquecer-se; e, provavelmente, aí encontravam um raio daquele sol da graça que, para eles, estava oculto. É notável que a Vidente localizasse a morada dos bem-aventurados, bem como o sol da graça, no centro da órbita solar, e a aparição dos espíritos infelizes na sua região intermédia. A primeira pertence ao sobrenatural — a última, ao subtérreo. Entre ambas, situa-se a natureza humana, que, no estado magnético elevado atingido pela nossa Vidente, entra em contacto com ambas.

OBSERVAÇÕES DA VIDENTE SOBRE AS APARIÇÕES DE ESPÍRITOS

Pessoas cuja vida se encontra sobretudo no cérebro — mas especialmente aquelas cuja vida reside mais na região epigástrica — podem, ocasionalmente, ter a capacidade de ver espíritos; mas a aparição é sempre vista pelo olho espiritual através do olho carnal. Pela alma podem surgir pressentimentos e sensibilidade para com o espiritual; mas nunca a clarividência. Contudo, quando o espírito é excitado pela alma, então pode ocorrer uma visão espiritual; mas, nas pessoas cuja vida é sobretudo intelectual, essa visão será sempre momentânea. O cérebro pode resistir e lutar; mas é apenas nas pessoas cuja vida se concentra na região epigástrica que essas visões ocorrem como comigo — e, nesses casos, não há capacidade de resistência.

Certamente, estas figuras não são frutos da minha imaginação, pois não me dão prazer; pelo contrário, causam-me dor, e nunca penso nelas senão quando as vejo ou quando me perguntam por elas. Infelizmente, a minha vida está agora de tal forma constituída que a minha alma, bem como o meu espírito, vê o mundo espiritual — que, de facto, se encontra aqui na Terra — e vejo não apenas um, mas muitos, frequentemente em multidões e de diferentes tipos; e muitas almas de defuntos.

Observações da Vidente sobre as Aparições de Espíritos

Vejo muitos com os quais não entro em qualquer relação próxima, e outros que se aproximam de mim, com quem converso e que permanecem junto a mim durante meses; vejo-os em diferentes momentos, de dia e de noite, esteja eu sozinha ou acompanhada. Estou perfeitamente acordada nesses momentos e não tenho consciência de qualquer circunstância ou sensação que os invoque. Vejo-os tanto quando me sinto forte como fraca, em plenitude ou em jejum, alegre ou triste, distraída ou concentrada; e não consigo afastá-los. Não que estejam sempre comigo — eles vêm por sua vontade, tal como visitantes humanos, independentemente de eu estar num estado espiritual ou corporal no momento.

Quando me encontro no meu sono mais tranquilo e saudável, eles acordam-me — não sei como, mas sinto que sou acordada por eles — e que teria continuado a dormir caso não tivessem vindo até à minha cabeceira. Com frequência observo que, quando um espírito me visita à noite, as pessoas que dormem no mesmo quarto que eu percebem, nos seus sonhos, a sua presença; depois falam da aparição que viram em sonho, embora eu nada lhes tenha dito sobre o sucedido. Enquanto os espíritos estão comigo, vejo e ouço tudo à minha volta como de costume e consigo pensar noutras coisas; e, embora possa desviar o olhar deles, é-me difícil fazê-lo — sinto-me como que em *rapport* magnético com eles.

Aparecem-me como uma nuvem fina, quase translúcida — embora eu não consiga ver através deles. Nunca observei que projetassem sombra. Vejo-os com mais clareza à luz do sol ou da lua do que na escuridão; mas se seria capaz de os ver na completa escuridão, não sei. Se algum objeto se interpõe entre mim e eles, deixam de ser visíveis. Não os vejo com os olhos fechados, nem quando viro o rosto para o lado oposto; mas estou tão consciente da sua presença que poderia indicar com exatidão o local onde estão. E consigo ouvi-los falar mesmo que tape os ouvidos.

Não suporto que se aproximem demasiado de mim; causam-me uma sensação de fraqueza. Outras pessoas, que não os veem, sentem frequentemente os efeitos da sua proximidade quando estão comigo; têm tendência para desmaiar e sentem aperto e opressão nervosa — até os animais não ficam imunes a esse efeito.

A aparência dos fantasmas é igual à que tinham em vida, mas sem cor — tendem a ter um tom acinzentado; o mesmo se aplica às suas vestes — assemelham-se a uma nuvem. Os espíritos mais luminosos e felizes vestem-se de forma diferente; têm uma longa túnica solta e brilhante, com um cinto à cintura. Os traços dos espectros são como eram em vida, mas geralmente tristes e sombrios. Os seus olhos são brilhantes — muitas vezes parecidos com uma chama. Nunca vi nenhum com cabelo. Todas as aparições femininas usam o mesmo tipo de cobertura de cabeça — mesmo quando, por cima dela, por vezes trazem aquela que usavam em vida. Trata-se de uma espécie de véu que cobre a testa e oculta os cabelos. As formas dos bons espíritos parecem luminosas — as dos maus, sombrias.

Se essa é a única forma sob a qual os meus sentidos os podem perceber — e se, para um ser mais espiritualizado, eles se apresentariam de outra forma — não sei; mas suspeito que sim. A sua forma de andar é semelhante à dos vivos, exceto que os bons parecem flutuar, enquanto os maus pisam com mais peso; por vezes, os seus passos podem ser ouvidos, não apenas por mim, mas também por quem estiver comigo.

Têm várias maneiras de chamar a atenção com sons que não são fala; e exercem frequentemente essa faculdade sobre pessoas que nem os veem nem ouvem as suas vozes. Esses sons consistem em suspiros, pancadas, ruídos como o de areia ou cascalho a ser atirado, farfalhar de papel, rolar de uma bola, arrastar de chinelos, etc. São também capazes de mover objetos pesados e de abrir e fechar portas — embora possam atravessá-las fechadas, ou mesmo atravessar paredes.

Notei que quanto mais escuro é o espectro, mais forte é a sua voz e maior o seu poder espectral para produzir ruídos e outros fenómenos. Os sons que produzem acontecem através do ar e do espírito nervoso, que ainda os acompanha. Nunca vi um espírito no ato de produzir qualquer som que não fosse a fala, o que me leva a concluir que não conseguem fazê-lo de forma visível; também nunca os vi abrir ou fechar uma porta, apenas imediatamente após o terem feito.

Movem a boca ao falar, e as suas vozes são tão variadas quanto as dos vivos. Nem todos conseguem responder-me a tudo o que pergunto; os espíritos maus estão mais dispostos — ou mais capazes — de o fazer, mas evito conversar com eles. A esses consigo afastar com uma

palavra escrita, usada como amuleto, e posso libertar outros da sua presença, bem como a mim própria.

Quando lhes falo com devoção, já observei espíritos — especialmente os mais sombrios — absorverem, por assim dizer, as minhas palavras, o que os torna mais luminosos; mas eu fico consideravelmente mais fraca. Os espíritos felizes revigoram-me, e proporcionam-me uma sensação muito diferente da causada pelos outros. Notei que os espíritos bem-aventurados têm dificuldade em responder a perguntas sobre assuntos terrenos, tal como os maus têm dificuldade em falar sobre assuntos celestiais — os primeiros já não pertencem à terra, e os últimos não pertencem ao céu.

Com os espíritos elevados e bem-aventurados não me é possível conversar — apenas ouso fazer-lhes uma breve pergunta. Dizem-me que, durante o sono, falo com o meu espírito protetor, que está entre os bem-aventurados. Não sei se é verdade; se for, terá de ter acontecido em momentos em que o meu espírito se separava da minha alma. Quando alma e espírito estão unidos, não consigo conversar com os bem-aventurados.

Os espíritos que me visitam estão, na maioria, nos graus inferiores da região intermédia, que se situa na nossa atmosfera; mas “região intermédia” é um termo que não considero apropriado, e uso-o contra vontade. Trata-se sobretudo de espíritos de pessoas que, devido ao apego ao mundo exterior, permaneceram em baixo — ou de pessoas que não acreditaram na sua redenção por Cristo — ou ainda de pessoas que, no momento da morte, foram perturbadas por um pensamento terreno que se agarrou a elas e impediu a sua ascensão.

Muitos que não são nem condenados nem imediatamente colocados entre os bem-aventurados após a morte, permanecem em diferentes níveis dessa região intermédia; alguns, cujos espíritos foram purificados, encontram-se em patamares muito elevados. Nos graus mais baixos, esses espíritos ainda estão sujeitos às tentações dos maus; mas não nos mais elevados, onde já desfrutam da felicidade celeste e da pureza dos bem-aventurados.

Mas não se deve pensar que o progresso seja mais fácil lá do que aqui; tem de partir deles próprios. Não há distrações nem dissipações mundanas; toda a vida pecaminosa se apresenta ao espírito condensada num único sinal ou carácter, e ele tem de escolher entre o céu e o inferno. Os que se encontram nos graus mais baixos, os mais pesados, vivem num crepúsculo constante, sem nada que deleite os olhos. Essa escuridão não provém do lugar onde se encontram, mas da sua própria alma. A órbita do sol deixou de lhes ser visível; e, embora permaneçam na nossa atmosfera, não têm olhos para os objetos terrenos. Só através do seu aperfeiçoamento interior obtêm luz e capacidade de ver. Assim que têm luz na alma, podem abandonar a nossa atmosfera, e voltam a ver a luz.

São esses os que mais frequentemente me procuram; pois sou, infelizmente, constituída de tal forma que consigo vê-los — e eles a mim. Vêm ter comigo para que, através da oração, eu os ajude e lhes dê uma palavra de consolação. Outros vêm na convicção errada de que a confissão de um crime que os atormenta lhes trará descanso. Sob essa ilusão, preocupam-se frequentemente mais com um único ato do que com toda uma vida mal vivida. Outros ainda vêm a mim presos a um sentimento ou pensamento terreno que os acompanhou na morte e do qual não se conseguem libertar. Seria melhor dirigirem-se aos espíritos bem-aventurados; mas o seu peso fá-los inclinar-se mais para os homens do que para os espíritos. Vêm até mim, e eu vejo-os independentemente da minha vontade.

Estas revelações parecerão incríveis e absurdas a muitos — especialmente àqueles que acreditam que um espírito deve necessariamente saber mais do que um ser humano; mas respondo que não é esse o caso destes espíritos. Eles encontram-se num estado muito inferior, geralmente presos ao erro, e podem aproximar-se mais facilmente dos homens — com quem estão ligados por uma espécie de relação nervosa — do que dos espíritos celestes. Um

espírito que viveu nas trevas aqui na Terra, permanece em trevas depois da morte. Assim, um espírito fraco torna-se ainda mais fraco após a morte, quando já não conta com o apoio da alma, que apenas lhe serve como invólucro; ou melhor, a fraqueza revela-se plenamente quando ele se vê sozinho e sem amparo. Um homem pecador e mundano pode brilhar em vida pela força do seu intelecto; mas o seu espírito é tanto mais fraco e sombrio, e completamente perdido para a vida interior. Por isso, no reino dos espíritos, tais almas encontram-se muito abaixo do que a sua alma arrogante e mentirosa parecia indicar no mundo intelectual.

Se, no entanto, um homem cultivou verdadeiramente a sua alma e o seu espírito, ele não pode, após a morte, cair neste estado de peso e impotência; mas aqui "cultivar" significa algo muito mais elevado do que o comummente entendido. Contudo, mesmo nesses espíritos fracos — salvo quando estão completamente entregues ao mal — a centelha celeste não está totalmente extinta; esses procuram sempre atrair a alma até si, até que esta, por fim, se purifique — e então tornam-se plenamente espírito. Esses espíritos, quando não estão totalmente purificados, gozam de certo grau de felicidade na região intermédia, onde podem elevar-se, mas já não cair.

As formas desses espíritos apresentam-se-me mais brilhantes, assim como os seus trajes — em suma, encontram-se espiritualizados.

Aqui acrescentamos algumas observações recolhidas da Vidente em conversas e em cartas dirigidas a Eschenmayer sobre o mesmo tema.

Ele perguntou-lhe: "Todos os homens podem ver fantasmas, ou apenas aqueles em que o olho espiritual se revela através do olho físico?"

Ela respondeu: "O poder de ver espíritos reside em todos os homens, mas raramente se manifesta, e apenas de forma momentânea, pois tem de ser estimulado por algo que desperte o homem interior; o qual está geralmente disperso e reprimido pela razão."

Sobre o crescimento das crianças no outro mundo, a Sra. H disse:
"Uma vez perguntei a um espírito se os seres humanos crescem depois da morte, porque tinha visto alguns que haviam morrido em tenra idade e pareciam ter-se tornado muito maiores. E ele respondeu: 'Sim; quando são retirados da Terra antes de estarem plenamente desenvolvidos. A alma constrói para si um invólucro maior, até atingir a dimensão necessária. No caso das crianças, este invólucro é tão luminoso como o dos bem-aventurados.'"

Ao ser questionada se as faculdades não desenvolvidas das crianças se desenvolvem após a morte, respondeu que sim — que se desenvolvem através do espírito nervoso, que permanece com a alma; mas que nós somos incapazes de conceber o poder e a pureza das crianças, que conservam tudo o que o Pai Celestial lhes deu, sem terem ainda deteriorado a alma nem o espírito nervoso com palavras ou atos. Mas o homem não deve, por isso, desejar morrer ainda criança, pois uma vida vivida segundo a vontade de Deus conduz a um estado ainda mais bem-aventurado. Mas quanta pureza e elevação poderíamos alcançar ainda na Terra, se não enfraquecêssemos tanto as faculdades da nossa alma com as nossas palavras, ações e pensamentos! A nossa carne seria purificada e todas as nossas faculdades seriam elevadas.

Sobre o estado dos pagãos após a morte, a Vidente disse:

"Há alguns dias, perguntei a um espírito — que possuía certo grau de brilho — onde se encontrava e com que se ocupava ele e os espíritos que o acompanhavam. E ele respondeu: 'Não estou na região intermédia; encontro-me num certo grau de felicidade — onde estão colocados os pagãos, e todos aqueles que, sem culpa própria, permaneceram ignorantes do seu Senhor e Salvador. Somos instruídos por anjos até estarmos preparados para uma felicidade maior.'"

Quando lhe perguntaram se os homens poderiam libertar espíritos, ela respondeu: “Não; eles têm de se libertar por si mesmos das correntes que os prendem. Procuram ajuda nos vivos; e têm a ideia de que nós os podemos ajudar, porque não compreendem o grande Redentor. Podemos ser apenas mediadores, como eu sou. Procuro sempre dissuadi-los desse erro, de que eu ou outros os possamos salvar. Oro com fervor por eles, e procuro afastá-los, pouco a pouco, do mundo; mas é necessário muito esforço até que tais almas se voltem verdadeiramente para o Senhor. Quando não têm boa disposição, só os podemos incluir na oração universal pelos nossos semelhantes. Há muitos casos em que os meio-desgraçados — os que estão num estágio intermédio — poderiam elevar-se mais rapidamente, se frequentassem bons espíritos e se deixassem instruir por eles; o seu progresso seria então mais rápido do que com a ajuda dos mortais.”

Aprendemos assim, através destas revelações da Vidente, que os pagãos virtuosos, e todos os homens justos, estão destinados à felicidade futura; mas que, sendo a crença na religião cristã absolutamente necessária para a salvação perfeita, devem ser instruídos nela por anjos, mesmo depois da morte, antes de poderem entrar no Reino de Deus. E, quando Cristo diz que atrairá todos a Si, e que haverá um só rebanho e um só pastor, inclui também os pagãos, aludindo não apenas à Terra, mas também ao Reino dos Céus. E quando tiver enviado o Evangelho aos pagãos e os tiver reunido no seu redil, podemos estar certos de que um estado de bem-aventurança será preparado para eles — muito diferente daquele que podiam imaginar ou aspirar em vida.

Observações sobre as Revelações da Sra. H——, por Eschenmayer

Segundo a Sra. H——, a vida do cérebro é a vida intelectual; a da região epigástrica é a vida sensitiva. Esta última é mais profunda e mais interior do que a primeira; reside no centro do organismo da alma, sendo uma força central, enquanto o intelecto é apenas uma força periférica, ou parcial. Todos aqueles que colocam o verdadeiro acima do belo, o entendimento acima da emoção, o método indutivo acima do ideal, etc., pervertem a natureza da alma, e nunca poderão compreender a distinção feita pela Sra. H——.

"Os espíritos", diz ela, "são vistos pelo olho espiritual através do olho carnal."

O olho carnal percebe objetos que têm cor e forma, e fornece-nos informação sobre aquilo que está na luz, ou reflete a luz; e fá-lo por meio do espírito nervoso, que reside nos nervos. Mas existe, para além disso, um raio espiritual e um olho espiritual, perante o qual o próprio espírito nervoso se torna objetivo. Suponhamos, então, seres cujas formas sejam idênticas ao plano plástico do próprio espírito nervoso — como a Sra. H—— descreve as almas dos falecidos — então o olho espiritual poderá percebê-los através do olho físico.

Nas pessoas comuns e despertas, a nuvem da vida aparente interpõe-se entre o olho carnal e o espiritual, e veem apenas superfícies materiais. E quando, por vezes, um raio espiritual consegue atravessar essa nuvem da vida intelectual, é apenas por um instante; e a nossa razão rejeita e discute a forma etérea da alma que se apresentou ao olhar espiritual.

Mas, nessa vida emocional que a Sra. H—— viveu durante vários anos, este estado pode tornar-se permanente. Nenhuma pessoa que alguma vez tenha presenciado o olhar penetrante e fixo (o chamado *Stechblick*) que os olhos da Sra. H—— assumiam — e que era, cada vez, acompanhado por um certo choque nervoso que percorria todo o corpo — ao perceber a imagem do homem interior nos olhos de outrem, poderia duvidar, por um instante, de que ela possuía uma faculdade de visão diferente da dos seres humanos comuns.

Ela distinguia os espíritos luminosos dos escuros — designando uns como bons e os outros como maus; e esta é precisamente a diferença entre o reino da luz e da verdade, e o das

trevas e da mentira. Os maus são também os que se manifestam de forma audível, por meio do espírito nervoso e do ar. Mas como é isto possível?

Será que não é, precisamente, a intensidade do espírito nervoso que, enquanto vivemos, governa a nossa massa corporal — de tal forma que os músculos não são mais do que o meio através do qual a força do espírito nervoso realiza o movimento desejado? Essa força, longe de ser proporcional à massa, ultrapassa-a imensamente; de tal forma que, com o poder do espírito nervoso, um músculo insignificante consegue mover um grande peso. Retire-se o meio corporal — como acontece na morte — e o poder permanece: o espírito nervoso, que, segundo a Sra. H——, a alma continua a usar como instrumento depois da morte.

Assim, não estamos longe da conclusão de que esse poder pode imitar diversos sons através do ar e, pela sua própria força, mover objetos. Estamos habituados a ver as forças atuarem por meios materiais; e, no entanto, a força é o oposto da matéria. Quem poderá pesar o relâmpago, que resiste a qualquer peso? O espírito nervoso, sendo uma força orgânica, possui ainda mais intensidade do que o raio; e, para se manifestar, não necessita de qualquer instrumento além do ar.

Saber como a alma existirá após a morte é, sem dúvida, uma questão digna de ser colocada. Uma alma entregue inteiramente ao mundo conservará essa direção depois da morte; pois seria estranho que alguém assim pudesse ser subitamente purificado dos seus vícios e pecados. A existência da alma após a morte é uma crença universal; mas as condições dessa existência são tema que poucos se dão ao trabalho de investigar. Esta indiferença é dolorosamente abalada pela Vidente, que mostra aos mundanos o quadro do seu próprio estado futuro, e revela-nos almas miseráveis e abandonadas por Deus, que outrora gozaram de todos os prazeres da vida, agora carregando sobre si o peso dos seus pecados.

Ao descrever o estado do rico e do pobre, a Bíblia mostra apenas os extremos, deixando os estados intermédios subentendidos. A Vidente afirma, com razão, que, nos graus mais elevados, a alma experimenta tamanha felicidade e pureza que já não está exposta às tentações dos maus; enquanto, nos compartimentos inferiores, pelo contrário, o espírito é deixado entregue a si mesmo, para que trabalhe na sua própria melhoria. Não há distrações nem ocupações mundanas nesse estado; toda a vida pecaminosa está ali diante dos olhos do espírito, condensada num único carácter (ou sinal da linguagem natural), e ele deve escolher entre o céu e o inferno.

Os que foram batizados em Cristo levam consigo essa semente para o além, ainda que ela não tenha lançado raízes na Terra; e lá pode ser cuidada e alimentada até se tornar numa flor de luz, capaz de sobrepor-se às ervas daninhas que a sufocavam. As orações são as águas vivas que matam a sede atormentada desses espíritos infelizes. Mas por que razão se dirigiam eles à Vidente em busca de auxílio? Porque, responde ela, era assim constituída que podia vê-los e ouvi-los, e eles a ela. E daqui se pode deduzir uma incapacidade mútua semelhante entre os espíritos e as pessoas em estado normal. Os espíritos vinham das suas moradas sombrias para se aquecerem à luz resplandecente que irradiava do seu olhar corporal.

A Sra. H—— diz que: “Um homem pecador e mundano pode brilhar neste mundo graças à força do seu intelecto; mas o seu espírito é tanto mais fraco e sombrio, e incapaz de olhar para dentro. Quando morre, a alma que o sustentava aqui torna-se apenas a carapaça do seu espírito — um espírito fraco e escuro, que agora se torna o governante. E então? Que tragédia!”

Uma verdade profunda! A mais elevada riqueza intelectual pode coexistir com a mais lamentável pobreza moral.

Mas são apenas os nossos ganhos morais que nos acompanharão para o outro mundo; o nosso saber não será levado em conta, pois ali não tem valor algum, a menos que tenha sido

consagrado à religião e à virtude. As Escrituras dizem: “Destruirei a sabedoria dos sábios e rejeitarei o entendimento dos prudentes.” A sabedoria deste mundo é loucura para Deus.

A propriedade peculiar do espírito puro é o ver — não o saber.* Todo o conhecimento humano é falho; e quando o espírito está absorvido na alma, e o saber substitui a visão, ele é obscurecido e perde a sua integridade. Uma segunda propriedade do espírito é a liberdade — mas não aquela liberdade que a razão construiu para si, e sim a que brota da adoração do coração.† E uma terceira é a conceção da harmonia entre o verdadeiro, o belo e o bom — e não a separação desses três valores, cada um por si, como ocorre no organismo da alma.

Todos os sistemas que estabelecem o seu absoluto no conhecimento irradiam de um centro falso; colocam a liberdade abaixo da lei, e ignoram o amor — pois onde começa o amor, aí termina a lei. Cristo disse: “Eu sou a verdade”; “a Palavra é a verdade”; “o Espírito Santo é o espírito da verdade.” É na Palavra que habita o espírito da verdade, e é apenas aí que os nossos espíritos podem encontrar purificação. Toda filosofia é verdadeira e completa quando aspira à santidade e se conforma com a Palavra; e toda filosofia é falsa e fragmentária quando fixa o seu centro no entendimento do verdadeiro, na idealização do belo ou apenas na busca pelo bem.

Mas a mais falsa de todas é a escolástica, que não passa de um jogo intelectual em que a razão joga consigo mesma; regozijando-se com as combinações felizes dos dados, por mais efémera que seja a glória conquistada — pois logo surgirá outro a desfazer esse lance de sorte e a instituir um novo sistema.

A Sra. H—— observa que a sua descrição das aparições parecerá, sobretudo aos mundanos, inacreditável e absurda. Não duvido disso; pois quem está disposto a acreditar numa região tão pouco apelativa, feita de sombras impalpáveis? Mas e se alguém ressuscitasse dos mortos para nos dizer que é assim? Mesmo assim, não seria acreditado.

Pois eu creio que, quando nos despojamos do corpo, as leis da natureza cessam, e toda a sabedoria construída sobre elas se torna vã; e que então uma lei moral de natureza completamente distinta entra em vigor. Com os que se apoiam na sabedoria deste mundo, não disputaremos; apenas os exortaremos, na sua conceção ideal de uma outra vida, a dar primazia ao mérito ou demérito moral.

* Das Schauen — termo alemão que designa o ver intuitivo, contemplativo; a perceção imediata da verdade, acima do raciocínio.

† A obediência que liberta — uma referência ao conceito de liberdade espiritual que nasce da entrega ao bem divino, e não da autonomia racional.

Sustento esta história com base em dois fundamentos:
1.º — O testemunho que recebi da parte de pessoas dignas da mais elevada confiança, e testemunhos como nenhuma história semelhante consegue apresentar;
2.º — O problema que cada um poderá propor a si mesmo: encontrar uma condição para os réprobos, após a morte, tão apropriada quanto a descrita pela Vidente.

ESCLARECIMENTOS ADICIONAIS SOBRE

A FACULDADE DE VISÃO ESPIRITUAL DA VIDENTE

Esta faculdade de ver espíritos, que se manifestava de forma tão acentuada no caso da Sra. H——, estava presente, em maior ou menor grau, noutros membros da sua família, especialmente no seu irmão. Desde cedo, ele vira aparições, mesmo quando se encontrava longe da sua irmã; e, mais tarde, quando a acompanhava, via frequentemente os espíritos que estavam junto dela ou que atravessavam o quarto.

Certa vez, disse-me em voz baixa: “Está um espírito a atravessar a sala para o quarto da minha irmã.” Mal o dissera, e já ouvíamos a Sra. H—— a conversar com um espírito que estava visivelmente diante dela. No entanto, ele não possuía esta faculdade em permanência, como ela. Por exemplo, numa noite em que ela nos chamou a ambos para vermos um espírito que estava no seu quarto, ele não o conseguiu ver — embora ela o visse claramente — exceto num breve instante, quando me posicionei, sem querer, de forma a intercetar a visão dela.

A filha da Sra. H——, com apenas três anos de idade, deu também muitos sinais inequívocos de possuir esta faculdade.

Uma das irmãs da Sra. H——, uma jovem simples e sem instrução, demonstrava tal sensibilidade à presença destes seres imateriais, que, sem os ver com os olhos físicos, conseguia descrever a sua aparência de forma coincidente com o que a Sra. H—— relatava. Ela dizia: “Não os vejo com os olhos comuns — vejo-os por dentro”; no entanto, esta jovem nunca foi sonâmbula e gozava de perfeita saúde.

Novalis opinava que, ao ver um espírito, nos tornamos momentaneamente magnéticos. Isto verificava-se certamente no caso da Sra. H——. Um copo pousado sobre a região epigástrica tornava-a mais desperta; ao observar este efeito, sugeri à irmã que, quando notasse a presença de um espírito, aplicasse um copo da mesma forma. Ela fê-lo, e o resultado foi que o espírito lhe pareceu tornar-se mais escuro e maior, e a Sra. H—— ficou extremamente assustada — algo que não era habitual nela. Daí deduzimos que, para o olho interior espiritual, um espírito pode parecer mais luminoso do que ao olhar carnal; e a própria Sra. H—— acreditava que provavelmente não via os espíritos tal como realmente são.

Uma jovem honesta e sincera de Löwenstein, que por algum tempo cuidou da Sra. H——, teve de abandonar o seu posto, pois via todos os espectros que entravam no quarto da doente, mesmo enquanto ainda atravessavam a antecâmara. Era capaz de os descrever com exatidão, em concordância com os relatos da Sra. H——, apenas com a diferença de que para ela pareciam mais escuros e assustadores. É a única pessoa de quem se sabe que conseguia ouvir os espíritos falarem, além da própria Sra. H——.

Muitas outras pessoas sentiam a presença dos espíritos, embora não os vissem, através de uma sensação de desfalecimento e ansiedade. Aqueles que dormiam no mesmo quarto que a Sra. H—— eram frequentemente afetados durante o sono pelas visitas espirituais, e relatavam sonhos estranhos ao acordar. Assim, vida espiritual, sonhos, sono e morte pareciam entrelaçar-se.

A Sra. H—— era da opinião de que uma pessoa sem predisposição natural para ver espíritos tinha maior probabilidade de o fazer no Inverno do que no Verão. Sem dúvida, nesta estação, a vida telúrica predomina; e daí advém o significado do tempo santo do Advento, bem como da noite de Natal até ao Dia de Reis — período que é tradicionalmente considerado propício à manifestação de espectros.

Estes espíritos eram audíveis a várias pessoas, mas apenas de forma acidental — nunca quando eram aguardados ou esperados. Os sons que produziam assemelhavam-se sobretudo

a leves batidas, como se fossem sobre a parede, mesa, estrado da cama, ou mesmo no ar; sons de folhas a agitar-se, bolas a rolar, e passos suaves. Frequentemente, especialmente antes da aparição de um determinado espírito sombrio (cuja história será adiante contada), ouviam-se ruídos semelhantes a cascalho ou areia a ser lançada — por vezes acompanhados de verdadeiros lançamentos de objetos, como pedaços de cal.

Estes sons não se faziam ouvir apenas no quarto da Sra. H——, mas também noutras partes da casa — até mesmo no nosso próprio quarto, enquanto ela ocupava a divisão inferior da casa. O mesmo aconteceu nas outras duas casas onde viveu. Os ruídos eram ouvidos até nos quartos de outras pessoas que moravam sob o mesmo teto, e também se sentiam sensações estranhas, como pressão e aperto. E não só: por vezes, esses sons surgiam até em casas de pessoas que a Sra. H—— nunca chegara a visitar pessoalmente — ela própria passava então meses confinada ao leito. No entanto, essas pessoas eram visitantes frequentes, e por isso eram também incomodadas por aquele espírito sombrio.

Assim, o Sr. Zenneck, comerciante em Estugarda, contou-me que, depois de passar uma noite na companhia da Sra. H——, durante a madrugada ouviu em sua casa portas a abrirem-se e fecharem-se sozinhas, e sons semelhantes a areia a ser lançada no seu quarto. A sua residência ficava perto da da Sra. H——, mas ele não tinha conhecimento prévio da existência daquele espectro. O mesmo fenómeno ocorreu com o Sr. Wagner, artista em Heilbronn. Eu próprio suspeitei da causa, mas abstive-me de partilhar as minhas suspeitas.

Certa vez, cheguei a ver um espectro no momento exato em que os olhos da Sra. H—— estavam fixos sobre ele. Para mim, os contornos não eram nítidos — parecia antes uma coluna de vapor ou de neblina, do tamanho de um homem; encontrava-se junto à sua cama, e ela falava-lhe em voz baixa. Mais tarde, disse-me que se tratava do espírito de um homem alto e idoso, que já a visitara duas vezes. É curioso que, na sua primeira aparição, tanto a sua irmã como outra pessoa o conseguiram ver com igual nitidez à da própria Sra. H——.

Para a criada mencionada acima, os espíritos apareciam com tonalidades mais escuras do que à Sra. H——. Outra pessoa viu um, uma vez, como uma nuvem cinzenta, mas com contornos mais definidos do que os que eu próprio já tinha observado.

Em muitos relatos de espectros, os sons que descrevemos são frequentemente mencionados; sendo, possivelmente, o único meio de que essas entidades dispõem para tornar conhecida a sua presença aos mortais. Quanto mais escuro era o espírito, mais esses sons pareciam estar ao seu alcance — o que a Sra. H—— explicava dizendo que, nesses casos, o espírito nervoso, por cujo intermédio os ruídos eram produzidos, permanecia mais intimamente ligado ao espírito — menos dissociado.

Este espírito nervoso, invisível para nós, pertence às potências da natureza — se não físicas, ao menos orgânicas. Os nossos músculos seriam carne morta sem ele — é dele que obtemos toda a nossa energia; pois a simples contração muscular não é força em si. É a vontade do espírito nervoso, fluindo através das nossas fibras, que causa a contração. Enquanto estivermos em relação objetiva através do corpo, o espírito nervoso só se pode manifestar por meio deste; mas, quando liberto dele, pode produzir efeitos sensíveis sobre o mundo da mente e da matéria, mediante uma substância que extrai da atmosfera. Eis, portanto, respondida a pergunta dos incrédulos: “Como pode um espírito produzir sons?”

Mas ainda assim exclamam: “A Sra. H—— é uma impostora — tudo não passa de engano!”

Visitei a Sra. H—— pelo menos 3000 vezes — passei horas e horas com ela — estava mais familiarizado com os seus companheiros e circunstâncias do que ela própria; e dediquei esforços incalculáveis a investigar todos os relatos, mas nunca consegui descobrir qualquer indício de embuste; ao passo que outros, que nunca a ouviram ou viram, e que falam dela como os cegos falam das cores, detetaram o suposto engano sem dificuldade.

A Sra. H—— nunca falava voluntariamente destas aparições, pois o assunto afligia-a; e, quando o fazia a meu pedido ou a pedido de outros, era com uma simplicidade e convicção que muitas vezes impressionavam até os incrédulos. Considerava este dom de ver espíritos uma desgraça — sobretudo pelo falatório que suscitava — e rezava frequentemente com fervor a Deus para que lho retirasse; uma vez escreveu a um amigo nestes termos:

"Se eu pudesse impedir que estes espectros soubessem de mim ou me visitassem — se eu pudesse afastá-los por completo ou fazer com que outros os vissem em meu lugar (o que, no entanto, não posso desejar), a minha situação melhoraria bastante; pois frequentemente sinto-me só — abandonada e incompreendida por grande parte do mundo. Mas é a vontade de Deus, e eu me calo."

"Quando se ponderam os prós e contras daqueles que são de tal forma organizados que possuem olhos para o mundo invisível, bem como para o visível", diz Kant, "este dom parece assemelhar-se ao presente de Juno a Tirésias — que lhe concedeu o dom da profecia, mas o fez cego."

Todos os que se deram ao trabalho de observar e avaliar a Sra. H—— ficaram convencidos da sua honestidade, singeleza de espírito e piedade. Ela não esperava que os outros acreditassem na realidade das aparições; dizia mesmo que Deus não o exigia deles. "Infelizmente para mim," costumava dizer, "a minha vida está organizada de tal modo que esses seres espirituais me veem, e eu a eles; mas os outros não participam nestes fenómenos preternaturais, e estão à vontade para os considerar visões ou ilusões óticas, se assim o entenderem. Ninguém deve desejar vê-los; sei demasiado bem, por experiência própria, os efeitos nefastos que esta faculdade exerce sobre o cérebro."

Durante muito tempo pedi à Sra. H—— que fizesse com que eu pudesse ouvir um espectro; e, como mais tarde isso aconteceu várias vezes, pedi-lhe então que me proporcionasse a visão de um — mas ela respondeu que isso não dependia da sua vontade. Algumas pessoas consideraram esse desejo pecaminoso; mas Eschenmayer afirma, na sua obra "Mistérios", que, como os factos não diziam apenas respeito a fenómenos magnéticos, mas envolviam assuntos da mais profunda importância para a humanidade — como comunicações com os mortos, etc. — considerava essa busca parte do dever de um médico. Ele próprio fez o mesmo pedido, recebendo a mesma resposta; ela acrescentou que tal só poderia ocorrer sob certas circunstâncias. Sem dúvida, aqueles que, na vida comum, veem tais aparições, encontram-se momentaneamente num estado magnético; mas como o cérebro logo reassume a primazia, convencem-se de que foram enganados.

Muitas pessoas julgavam que a capacidade de ver espectros da parte da Sra. H—— tinha origem em mim e naqueles que a rodeavam; mas ela não era como alguns sonâmbulos dependentes que já observei: era autónoma. Aos olhos de quem a conhecia e compreendia, parecia uma mulher muito sensata, num estado profundamente anormal.

Da primeira vez que ela me falou de ter visto uma aparição, repreendi-a e contestei-a, supondo tratar-se apenas de uma visão imaginária; e, embora o tempo e as circunstâncias me tenham feito mudar de opinião, nunca deixei de tentar convencê-la de que os espectros que via não passavam de ilusões óticas, como as de Nicolai e outros. No entanto, apesar das minhas dúvidas, os espectros continuaram a visitá-la — eram frequentemente ouvidos e sentidos por outras pessoas — e um acontecimento extraordinário sucedia-se a outro.

Quanto à origem das visões em mim, é certo que a Sra. H—— via espíritos antes de me conhecer, e mesmo quando estava sob os cuidados de um magnetizador que não acreditava nelas. As minhas dúvidas em nada abalaram a sua crença, nem tampouco a minha insistência de que tais convicções só seriam válidas se outros também os vissem.

Na minha própria casa, posso testemunhar não apenas os ruídos de pancadas, lançamentos, etc., mas também que uma pequena mesa foi arremessada para dentro de uma sala sem causa visível; os pratos de estanho da cozinha foram lançados ao ar perante toda a casa — acontecimentos risíveis para muitos, e que talvez o fossem também para mim, se não os tivesse presenciado em plena posse das minhas faculdades; mas que adquirem um duplo significado quando comparados com muitos relatos similares de outros locais onde não havia sonâmbulos envolvidos.

A meu pedido, o Prelado von Märklin conversou com a Sra. H—— e tentou argumentar com ela, procurando demovê-la da sua crença na realidade das aparições, uma vez que ele próprio não acreditava minimamente nelas. Ela ouviu-o com agrado, mas os espectros continuaram a aparecer com igual frequência; nem a sua presença foi menos constante quando estava rodeada de amigos que não só não acreditavam, como também zombavam de toda a história.

Uma conhecida da Sra. H——, que por vezes a visitava, informou-nos um dia que um amigo seu tinha morrido. Esta pessoa tinha-lhe prometido, em vida, que se lhe apareceria após a morte, pelo que esperávamos a qualquer momento saber que o seu espectro se lhe tinha manifestado. Mas dias, semanas e meses passaram sem que tal acontecesse. Por fim, a referida senhora confessou que, não acreditando na realidade destas aparições, tinha inventado a história para fazer uma experiência; a pessoa, na verdade, não tinha morrido.

Foi feita outra experiência da seguinte forma: A Sra. H—— era frequentemente visitada pelo espectro de uma pessoa falecida, de quem nunca tinha ouvido ou sabido absolutamente nada em vida. Um amigo pediu-lhe que perguntasse a este espírito qual fora a data do seu nascimento, que nem ela nem eu conhecíamos. Ela assim fez; mas, ao nosso amigo inquirir os familiares do falecido se a data indicada estava correta, responderam que não. O nosso amigo comunicou-nos isso por carta; e li a carta à Sra. H——, apresentando o facto como um forte argumento contra a veracidade das aparições. Ela respondeu, sem se perturbar, que voltaria a perguntar. Fê-lo, e a resposta foi a mesma. Escrevi então de novo ao nosso amigo, comunicando-lhe o sucedido e pedindo-lhe que investigasse com mais rigor a data do nascimento em questão; ao fazê-lo, ele descobriu que os próprios familiares estavam enganados, e que a data indicada pela Sra. H—— estava, afinal, correta.

Poderia relatar muitos outros factos igualmente notáveis, mas isso seria invadir em demasia a privacidade das pessoas envolvidas. Sei que muitos permanecerão completamente incrédulos; e não pretendemos forçar a nossa crença a ninguém, embora a nossa convicção permaneça inabalável. A Sra. H—— tinha este dom desde a infância e continuou a tê-lo apesar de todos os nossos esforços; o mesmo acontece com muitas outras pessoas de saúde robusta, que não estão sequer em estado magnético. Mas esses fenómenos são sempre atribuídos a loucura e, por isso, nunca devidamente investigados. Esta faculdade era natural à Sra. H——, embora, sem dúvida, intensificada pelo seu estado magnético.

Embora pessoas saudáveis raramente possuam esta faculdade no mesmo grau que a Sra. H——, muitas têm-na de forma mais ou menos acentuada. Um exemplo notável deu-se com o Conselheiro S——l, de Neustadt. Apesar de, entre os seus vinte e sessenta e cinco anos, ter tido excelente saúde e uma vida ativa, era dotado de uma capacidade de clarividência que quase equivalia ao sonambulismo. Tal como a nossa Seherin, podia discernir o homem interior através da casca exterior e possuía o dom do pressentimento.

“Certa vez”, disse ele, “estava deitado na cama a pensar em arranjar o casamento de uma jovem com um parente meu, quando as cortinas da cama foram afastadas e um braço foi estendido para dentro. Na mão, segurava uma tábua onde se lia, em caracteres estranhos e totalmente desconhecidos para mim: ‘Frederica casará dentro de três anos, quatro meses e dois dias.’ Surpreendido por conseguir compreender aquilo, tomei nota das palavras e da data. A jovem não se casou com o meu parente; mas, mais tarde, soube que casara com outro

homem exatamente na data indicada." Este episódio traz-nos à memória a "linguagem interior" frequentemente mencionada.

Este senhor costumava dizer que os espectros que via tinham um tom cinzento-azulado e estavam vestidos como em vida. Em locais frequentados por espíritos, sentia uma estranha sensação a alertá-lo da sua presença — não medo, pois eles nunca lho inspiravam. "Notei frequentemente," dizia ele, "que os animais percebiam a presença deles, mesmo quando as pessoas à minha volta não sentiam nada. Quanto ao resto — embora eu pudesse falar e entrar em comunicação mais próxima com eles, nunca o faço; procuro antes evitar a sua proximidade." A sua robusta saúde e vida ativa tornam o seu caso ainda mais digno de atenção.

O dom de Swedenborg é bem conhecido. Claudius diz: "Se Swedenborg era louco ou se via realmente espectros, é algo que continua por esclarecer; mas é difícil duvidar da existência de espectros — e Swedenborg declarou solenemente, tanto durante a sua vida como no leito de morte em Londres, em 1771, que os tinha visto." A nossa Seherin prestou o mesmo testemunho nos seus últimos momentos.

"Procura-se explicar as aparições vistas pela Seherin de Prevorst," diz Friedrich von Meyer, "mencionando as que Nicolai afirmou ter visto, ou Blake, o pintor inglês, que dizia poder evocá-las à vontade, ou ainda muitos outros casos de pessoas melancólicas, nervosas e histéricas — e estamos longe de supor que todas as visões sejam objetivas; muitas são subjetivas — mas, nestes casos, é essencial considerar todas as circunstâncias envolventes; e não podemos ter a certeza de que as figuras vistas por Nicolai ou Blake eram puramente produto da imaginação — podem ter sido uma mescla de realidade e ilusão."

"Em suma, que cada um explique estes fenómenos como quiser," diz Eschenmayer; "nós remetemo-nos às palavras do profeta: 'E acontecerá nos últimos dias que derramarei do meu espírito sobre toda a carne; e os vossos filhos e filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos. E também sobre os meus servos e sobre as minhas servas, naqueles dias, derramarei do meu espírito, e eles profetizarão.'"

"De tempos a tempos," diz Kerner, "um raio rompe os mistérios da criação e penetra a nuvem da nossa vida artificial. Aquele que levanta os olhos ao céu vê esse raio, como um relâmpago na noite, que por um momento ilumina uma região desconhecida; mas quem mantém os olhos presos à terra, esse não vê nada—para ele, tudo é trevas. Mas a lembrança dessa região ignorada permanece para sempre na mente de quem uma vez a vislumbrou, e para lá se dirigem todas as suas energias; já quem nunca a viu, nunca a procurará—permanece envolto nos frios braços da terra de onde veio—tal como a lagarta, escondida no subsolo, só através de um longo, longo processo de metamorfose poderá tornar-se borboleta."

A CRENÇA EM ESPÍRITOS ESTÁ ENRAIZADA NA NATUREZA

A crença na proximidade de espíritos e das almas dos defuntos é comum a todos os povos; está inata no coração humano, e apenas é suprimida pela educação e pela cultura. Os sábios da Antiguidade falam com confiança de uma região espiritual, de um estado intermédio após a morte, e de um peso ou gravidade moral que, depois da morte, puxa a alma impura de volta à Terra. Platão diz-nos que, quando uma alma pura abandona o corpo, ela vai imediatamente para junto de Deus e da imortalidade; mas que as almas impuras, que amaram apenas o corpo, e apenas procuraram satisfazer os seus desejos e paixões—que não amaram a sabedoria e cujos olhos estavam cegos—essas não conseguem libertar-se da carne.

Ela acompanha-as e arrasta-as de volta à Terra; e os espectros que pairam sobre os seus próprios túmulos e se manifestam aos mortais são precisamente os que não conseguiram

separar-se dos seus corpos, e que conservaram alguma faculdade de se tornarem visíveis. (Segundo a Seherin, trata-se do espírito nervoso.) “Não são as almas piedosas que regressam à Terra,” diz Platão, “mas sim as dos ímpios.”

O testemunho de muitas pessoas sensatas e dignas de confiança nos dias de hoje também deve ser considerado. Conheço várias cuja experiência tende a confirmar estas visões; e conheço também muitas casas há muito reputadas por serem frequentadas por aparições. Poderia relatar inúmeras histórias autênticas desta natureza; mas, tendo sido comunicadas em círculos privados ou por carta, não poderia revelar as fontes sem impor demasiado à fraqueza humana, que teme o ridículo do mundo nestes assuntos.

Mayer observa o quanto mais avançados estaríamos no conhecimento destes temas espirituais se não fôssemos contidos, por um temor infantil do mundo, de os professar e investigar; e cita o caso de Lichtenberg, um homem sensato e filosoficamente inclinado, que relata ter sido uma noite acometido, enquanto estava deitado, por uma ansiedade inexplicável relativamente a um incêndio, da qual não se conseguia libertar; ao mesmo tempo, sentia um calor invulgar nos pés, como se houvesse um fogo próximo. Momentos depois, o sino de alarme tocou, e soube-se que o incêndio não era no seu quarto, mas numa casa consideravelmente afastada. Lichtenberg acrescenta: “Nunca relatei este episódio antes, que me lembre; porque não queria ter o trabalho de o defender contra as interpretações ridículas que poderiam fazer dele, nem contra o escárnio de opositores filosóficos.”

Kant, esse pensador profundo, diz que sabe tão pouco acerca do estado do homem após a morte como sabe sobre como ele chega ao mundo, ou como um espírito imaterial pode estar confinado num corpo material e fazer dele instrumento da sua vontade. Nem se sente autorizado a rejeitar por completo todas as histórias de fantasmas: pois, embora uma isoladamente possa parecer pouco plausível, o conjunto delas, considerado como um todo, exige alguma fé.

SOBRE O HADES, OU O ESTADO INTERMÉDIO

Há trinta anos, surgiu uma controvérsia com a teoria das aparições proposta por Young, sobre se a Bíblia reconhecia ou não um estado intermédio após a morte, sendo que muitos eram contrários a essa ideia. Mas Young sustentou calma e confiantemente a sua posição e saiu vitorioso da disputa, tornando-se evidente que o Novo Testamento apoia essa crença; e que, até ao período da Reforma, a Igreja a ensinava. No entanto, os Reformadores opuseram-se a essa convicção; e Lutero, na sua tradução da Bíblia, suprimiu as palavras *Hades* e *Sheol* (o equivalente hebraico), traduzindo-as sempre por “inferno” ou “sepultura.” O leitor curioso poderá encontrar, na “Apologia” de Young, as várias referências bíblicas relativas a este tema.

No entanto, Lutero estava plenamente convicto de que os mortos podiam aparecer aos vivos, como os seus próprios escritos e experiências o comprovam; e Melanchthon não só acreditava nisso, como transmitiu um exemplo notável retirado da sua própria família—uma irmã de seu pai apareceu ao marido depois da morte e conjurou-o, com insistência, a que rezasse por ela.

Na versão grega do Novo Testamento, a palavra Hades é sempre usada em substituição de Scheol, ambas com o mesmo significado. Mas a condição mais elevada em Hades era considerada um estado de bem-aventurança; e, até ao tempo de Cristo, os Judeus chamavam a esse lugar superior Paraíso, sendo que à região mais baixa chamavam Gehenna. É com base nisto que se esclarece a parábola do rico e do pobre: o primeiro encontrava-se na parte inferior—o lugar de tormento; o segundo, na mais elevada—no seio de Abraão.

Tampouco as palavras de Cristo ao ladrão na cruz contradizem esta crença; Ele não promete que o ladrão entraria imediatamente no Céu, já que, segundo as Suas próprias palavras, nem Ele próprio o faria: “Ainda não subi para o Meu Pai.” Quando morreu na cruz, passou para aquele estado de transição reservado a todas as almas; tal como, ao nascer no mundo, entrou

nele como todos os homens, vindo do ventre de Sua mãe. Não é conforme às Escrituras, nem à própria natureza das coisas, que o homem, carregado com as corrupções do mundo, possa passar diretamente do corpo para a presença de Deus.

É uma verdade reconhecida pela religião revelada que os homens transportam consigo, para o outro mundo, as suas obras—isto é, a sua disposição interior, os seus desejos, os seus objetivos e hábitos; e é notável como as mitologias antigas convergem para esta mesma visão. Os poetas da Antiguidade não cessam de se espantar com o facto de os homens não conseguirem deixar para trás as suas preocupações e paixões. Daí advém a ansiedade dos mortos quanto ao destino honroso dos seus corpos—facto do qual Plínio, o Jovem, relata um exemplo, e que Young atribui ao lamentável resquício do preconceito terreno que se prende ao espírito.

E assim, leitor, também as dúvidas do incrédulo o acompanharão; e ele não entrará no reino dos céus até que o receba como uma criança. E se, em vida, não creu em Deus através das Suas obras, poderá continuar a duvidar da Sua existência, pois não O verá agora mais do que antes. Associar-se-á a almas pecadoras semelhantes à sua; e poderá continuar a duvidar da necessidade da virtude, da eficácia do arrependimento e da salvação através do seu Redentor. Desprezará os mensageiros de Deus como o fez outrora; e, tal como aqui, atribuirá a sua miséria a qualquer coisa menos à verdadeira causa.

A fé verdadeira é um anseio sincero por Deus e por tudo o que Ele, em Sua graça, instituiu; mas para se alcançar isso, há que lançar fora o orgulho do entendimento humano, e tornar-se humilde e pobre de espírito. Sem isso, como poderemos ver a Deus? Como dissemos, não são os bem-aventurados, mas os espíritos não redimidos que voltam à Terra. Não se libertaram dos seus desejos baixos e pensamentos indignos ao libertarem-se do corpo; estes seguiram-nos. E será de admirar que esse peso os arraste de volta à Terra, onde está o seu tesouro? “Onde estiver o teu tesouro, aí estará também o teu coração.” E é seu castigo que, estando excluídos das alegrias dos justos, o sejam também dos prazeres terrenais, por serem incorpóreos.

“Agora, quando o corpo morre e volta ao pó,” diz Jacob Böhme, ele próprio um clarividente, “a alma retém a sua forma, bem como a vontade que a animava. Está, com efeito, separada do corpo, pois na morte há separação; mas essa forma manifesta-se com as coisas que a alma desejava aqui, e nas quais se havia embebido e com as quais se identificara—porque estas procediam de si mesma. Anseia pelas coisas que amou na Terra—por tudo aquilo em que havia posto o coração, e a que a sua vontade aderira.

“Se um homem viveu embebido em orgulho, esse mesmo sentimento surgirá no fogo da alma, sobre o seu corpo espiritual, abafando nele todo o amor, mansidão e liberdade divina; e ele será incapaz de aprender ou de gozar coisa alguma. O orgulho crescerá nele até à angústia, e desejará em vão aquilo em que outrora encontrava prazer. Inchará de orgulho no fogo da alma, até apagar em si a misericórdia de Deus; pois não poderá adquirir um novo coração, nem entrar nesse santo mistério onde, em tempos, poderia ter encontrado uma vontade mais nobre. Viverá então sozinho, fechado em si mesmo, nu—sem possuir ou alcançar nada além do que já tivera no mundo. Suponde, também, um avarento que, em vida, tenha vendido a sua alma à ganância, sempre ansiando por mais e mais. Agora, esse desejo que o consumia na carne será figurado no espírito. Quando ele tiver deixado este mundo, e já não for uma criatura terrena, distorcerá ainda a vontade da sua alma para esse mesmo apetite, e atormentar-se-á por ele.”

Poder-se-ia quase crer que Böhme tenha desenhado este retrato a partir das aparições que se mostraram à Seherin, tal é a semelhança entre ambas as descrições. Segundo ela, a alma leva consigo o balanço do seu mérito ou demérito moral; enquanto que a esfera solar—que servia para o movimento externo e a reflexão interna—terminando o seu ciclo, desmorona-se

na morte. Os vícios, os crimes e os falsos saberes tomam forma na configuração espiritual, através do espírito nervoso que a alma leva consigo.

O saber erróneo e os afetos desviados permanecem nela, onde nenhum novo conhecimento ou sentimento a poderá alcançar, pois, com o corpo carnal, perdeu-se também todo o acesso ao progresso e à ajuda terrena. Só o amor—o amor de Cristo—pode socorrê-la, mostrar-lhe o caminho para o céu e oferecer à alma, que se arrasta para baixo, as asas para nele entrar.

O outro mundo é um mundo justo, onde a mentira e a iniquidade se reconhecem pela sua marca. A nossa Vidente apenas possui a faculdade de reconhecer a forma sem a substância, a veste pela sua cor, mas não pelo seu fio e textura. Já que, logicamente, separamos a forma da substância, devemos admitir que aquela pode subsistir sem esta—e que poderá perdurar, mesmo quando a substância se houver dissipado—especialmente num mundo onde a substância não existe.

Existem óculos de diorama que refletem uma imagem com todas as suas formas e cores, como se fossem realidades—mas que substância há ali? Assim é com a alma dos defuntos. O libertino poderá surgir na forma do animal que, em vida, representava; e o crime de infanticídio é figurado pela aparição de uma mulher com uma criança assassinada nos braços. Neste mundo, o homem precisa de um corpo sólido—no outro, tal necessidade não existe. Onde a matéria encontra matéria, há resistência; mas as formas insubstanciais das almas partidas atravessam uma parede com a mesma facilidade com que atravessariam uma janela aberta.

O espírito nervoso não deve ser confundido com substâncias imponderáveis, muito menos com as ponderáveis. É uma potência acima de todas as forças físicas ou químicas; e, quando liberto, nenhuma dessas forças lhe oferece resistência, enquanto ele, por sua vez, pode usá-las como instrumentos.

A nossa Vidente tem razão ao representar os espíritos da região intermédia como mais ignorantes do que quando estavam vivos. Arrancados das suas ligações e dependências mundanas — as quais constituíam a sua sabedoria terrena — restam-lhes apenas os antigos desejos, agora sem meios de satisfação, e a recordação dos seus pecados. Platão afirma: “Aquele que viveu uma vida viciosa é, depois da morte, mais bruto do que era antes.” É também natural supor que os semelhantes se reúnam entre si; e, assim, quando a ignorância espiritual é generalizada, não há instrução possível de obter.

Os maus, separados dos bons, têm de trabalhar por si mesmos e redimir, com esforço redobrado, o tempo perdido na Terra. As leis morais de recompensa e castigo no outro mundo são tão precisas como as leis físicas neste; e todo o espírito reconhecerá o destino que o aguarda como consequência natural da sua conduta aqui. E assim, deixado a si próprio, privado do seu habitual alimento terreno, privado da luz do sol e do verde dos campos, como num país de sombras e de morte — é nesse isolamento que a borboleta desdobra as suas asas, mais brilhante e gloriosa pela escuridão e solidão em que se consumou a metamorfose.

Ao considerar devidamente tudo quanto aqui se expôs, podemos inferir, sem contestação, as seguintes conclusões:

1. Que o peso moral (ou seja, o pecado), tal como o peso físico, arrasta para baixo e impede a separação do mundo;

2. Que, ao ser rejeitada a substância (a carne), a forma permanece;

3. Que a forma, sendo desprovida de substância, apenas se pode manifestar sob a figura plástica (schema), ou seja, como imagem etérea arquetípica.

ALGUMAS PALAVRAS ACERCA DOS FACTOS ANEXADOS

Relativamente aos factos que passo a relatar, tenho apenas a acrescentar que, da maioria deles, fui testemunha direta; e que, quanto aos que me foram transmitidos por terceiros, dediquei-me a investigá-los minuciosamente, procurando ansiosamente saber se poderiam ter uma explicação natural — mas em vão.

E posso afirmar com toda a segurança que os sons inexplicáveis aos quais se faz referência não foram produzidos pela Vidente, quer no seu estado de vigília, quer no de sonambulismo, com o intuito de enganar ou persuadir o mundo quanto à realidade das suas visões espirituais — como foi frequentemente sugerido — até porque tal propósito nunca a animou. Existem numerosos testemunhos fidedignos que comprovam que esses sons não provinham de Madame H—, nem de qualquer outra pessoa. Longe de se envaidecer do seu dom de ver espíritos, ela considerava-o, como de facto era, uma grande infelicidade; e, se tivesse estado mais disposta a falar sobre o assunto, teríamos muitos mais exemplos e pormenores a registar.

Ela nunca teve por objetivo convencer ninguém, pois não acreditava que a fé nestes fenómenos fosse necessária do ponto de vista religioso; e nunca julgava mal quem não os acreditasse. Mas a sua própria convicção era tão firme, que cheguei a ouvi-la dizer que, se pudesse duvidar da realidade das aparições, isso bastaria para a enlouquecer, pois tal dúvida implicaria que nada do que via à sua volta seria digno de confiança. Ao mesmo tempo, admitia que, por ver os espíritos através do seu corpo carnal, o seu olho espiritual poderia ser afetado pelo olho físico — e, portanto, talvez não os visse como realmente eram — ou que os próprios espíritos talvez só conseguissem manifestar-se a ela sob certas condições; mas nunca admitiu, nem por um momento, a hipótese de se tratarem apenas de visões ou ilusões óticas.

Kant, nas suas *Sonhos de um Vidente*, afirma: “As influências do mundo espiritual podem prevalecer tanto na consciência de um homem, que, segundo a lei da associação de ideias, podem fazer emergir imagens relacionadas e despertar conceitos análogos no espírito, que não são a ideia espiritual em si, mas os seus símbolos; tal como a nossa razão pura, que se aproxima do espiritual, tende a revestir-se de formas materiais para poder ser compreendida. Assim, a sensação da presença de um espírito poderia revestir-se, pela imaginação, de uma forma humana que nos seja familiar e grata durante a vida.”

Muitas vezes expus à Vidente a teoria segundo a qual essas aparições seriam meros fenómenos do estado magnético e da imaginação, que, através da ação físico-magnética da sonâmbula, poderiam ser comunicados a uma segunda ou terceira pessoa — tal como, através da ação orgânico-magnética, o sonambulismo de uma pessoa pode ser transferido para outra. Mas ela sustentava que, mesmo que essa transferência se provasse, tal só demonstraria que essas outras pessoas haviam sido colocadas numa relação magnética com ela — e, por extensão, com tudo o que com ela estava em ligação (rapport), como era seguramente o caso dos espíritos — mas que isso, em nada, provaria que tais espíritos fossem fruto da sua imaginação. Acrescentava ainda os exemplos de pessoas que, sem terem qualquer relação magnética consigo, nem sequer conhecimento prévio das suas visões, haviam também visto os mesmos espíritos, nos mesmos locais.

Em suma, nunca deixei de lhe apresentar a possibilidade de auto-ilusão, nem de lhe expor as várias teorias naturalistas que pretendem explicar tais fenómenos; mas a sua convicção permanecia inabalável.

Devemos ainda recordar quantas vezes tais fenómenos foram acompanhados de sinais audíveis e sensíveis — quantas vezes objetos foram visivelmente movidos ou atirados sem agente visível — e como, por vezes, outras pessoas afirmaram ver aparições nos mesmos locais onde ela as vira, embora nenhuma das partes tivesse conhecimento da experiência da outra. E não podemos esquecer os numerosos relatos semelhantes já registados, alguns dos

quais serão referidos adiante. Os mais notáveis entre esses testemunhos parecem corroborar aquilo que a nossa Vidente afirmava: a existência de um mundo de espectros entre nós. Mas este é um assunto que, mesmo quando os nossos pressentimentos secretos nos inclinam a crer, o nosso orgulho e o medo do ridículo não nos permitem investigar. E sei bem que não será da presente geração, mas de uma futura, que poderei esperar crédito e atenção.

Estas revelações, acerca do destino que aguarda a mente sensual e mundana, serão demasiado incómodas para serem bem recebidas; e estou consciente do escárnio a que me exponho ao torná-las públicas. Mas não temo. E concluo orando para que a humanidade possa ver o seu próprio destino espelhado nos semblantes aflitos daqueles espíritos infelizes que, com todo o peso dos seus vícios e crimes às costas, forçam a sua entrada no nosso mundo — e que possamos aprender a precaver-nos antes que seja tarde demais.

DOIS FACTOS OCORRIDOS EM OBERSTENFELD

A casa habitada pelo pai de Madame H— fazia parte da antiga catedral. Diversos inquilinos, ao longo dos anos, tinham já notado que ali se ouviam ruídos estranhos: batidas nas paredes e nos barris da adega, arremesso de cascalho, o rodar de esferas, e até por vezes um som musical semelhante ao de um triângulo—sem que nunca se conseguisse encontrar explicação plausível. Com o tempo, Madame H— e outros membros da sua família começaram ocasionalmente a avistar uma figura espectral feminina. Era frequente ouvirem-se passos no quarto onde seu pai trabalhava, e ele acabou por ser forçado a mudar de aposento porque, com frequência, um animal desconhecido se lhe instalava ao ombro ou ao pé. Também se ouvia recorrentemente o tilintar de copos, sem que qualquer investigação lograsse esclarecer a origem desses fenómenos.

Na noite de Ano Novo de 1825, enquanto Madame H— tocava e cantava um hino, ouviu-se no corredor um estrondo, como se algo pesado tivesse caído. De imediato se procedeu a uma busca minuciosa para descobrir a causa, mas nada se encontrou, e o incidente acabou por cair no esquecimento. Nessa noite, Madame H— retirou-se para o leito com a irmã e a criada. Estavam deitadas há apenas um quarto de hora, ainda acordadas, quando repararam que o castiçal, aceso e colocado sobre uma mesa ao centro do quarto, começou a mover-se visivelmente e com ruído—embora a mesa e tudo o mais se mantivessem imóveis.

Enquanto Madame H— observava o fenómeno, surgiu junto à sua cama uma forma nebulosa, com aparência de cavaleiro—tão diáfana que julgou conseguir ver através dela—que lhe disse: “Vem comigo; tu podes quebrar as minhas cadeias.” A voz do espírito, como de costume, não era como a de um homem, mas parecia antes soprada, murmurada. Ela respondeu: “Não irei contigo,” e, tomada de pavor, lançou-se para a cama onde estavam a irmã e a criada, exclamando: “Não vedes nada?” Elas disseram que não, e ela nada mais disse, com receio de as alarmar. Mandou então a criada deitar-se na sua própria cama, que ficava em frente à da irmã, e, ao levar consigo parte da roupa de cama, esta foi-lhe subitamente arrancada das mãos por uma força invisível. Depois disso, passaram o resto da noite em relativa tranquilidade.

Na noite seguinte, a pedido dos pais, o irmão de Madame H—, homem corajoso, dormiu no quarto com ela, deitado em duas cadeiras juntas, para o caso de a aparição regressar. À meia-noite exata, depois de a luz ter sido novamente movida de forma visível e audível para todos, o espectro surgiu. Ela exclamou: “Lá está outra vez!” Embora o irmão e os outros vissem o movimento da luz, não viram o espectro. No entanto, ela via-o claramente junto à sua cama: a figura de um cavaleiro, de semblante colérico, com cerca de cinquenta anos.

De seguida, ambas as camas—tanto a sua como a da irmã—começaram a tremer de forma visível até para o irmão. E o espírito soprou: “Se não vieres comigo, lançar-te-ei pela janela.” Ela respondeu: “Em nome de Jesus, fá-lo!” Ao que a figura desapareceu—mas pouco depois

voltou a aparecer, dizendo: “Atirar-te-ei para a adega.” A resposta foi a mesma. Desapareceu, mas voltou uma terceira vez, ameaçando-a com uma punhalada; ao que ela replicou: “Não tens poder para tal.” Então o espectro desapareceu, e por três noites não voltou a manifestar-se.

Na terceira noite, porém, surgiu de novo junto à sua cama e disse: “Tens de vir comigo. Escondi algo sob a caixa de areia: alguns escritos e algumas moedas. Devo entregá-los, e então terei descanso.” Mas ela respondeu: “Não irei contigo; isso não pode dar-te paz.” A figura desvaneceu-se. O acontecimento perturbou-a tanto que adoeceu e não pôde sair da cama. Os pais, por isso, mudaram-na para um quarto no andar superior, onde eles próprios costumavam dormir, esperando que assim não fosse mais incomodada.

Mas sucedeu o contrário: o espectro apareceu-lhe durante sete dias seguidos, a qualquer hora do dia ou da noite, tanto quando estava em estado sonambúlico como acordada. Disse-lhe que pertencia à família dos Weilers de Lichtenberg, e que havia assassinado o próprio irmão—razão da sua condição infeliz. Repetidamente lhe falou de algo importante que se encontrava numa cripta sob a igreja. Mas ela respondia-lhe sempre com palavras das Escrituras e com orações.

Rezou intensamente com ele, e viu-o ajoelhar-se durante esses momentos. Gradualmente, conseguiu levá-lo a libertar-se da vã ideia de que aquele escrito ou as moedas poderiam trazer-lhe alívio. Nas três primeiras noites em que apareceu no quarto superior, os pais ouviram um ruído na janela, e uma das vidraças caiu pouco antes da aparição surgir. Na sétima noite, à meia-noite em ponto, quando ela estava bem acordada, ele voltou e agradeceu-lhe por tê-lo conduzido ao seu Redentor, dizendo-lhe que a sua hora de libertação se aproximava. Ajoelhou-se junto à cama dela e rezou com ela pela última vez. A sua forma era agora mais luminosa e serena.

Subitamente, surgiram sete crianças, vestidas de branco, brilhantes e alegres—eram seus filhos. Formaram um círculo à sua volta e cantaram em coro; o espírito cantava com elas, e também Madame H—, que acabou por adormecer enquanto ainda cantava. Pouco depois, voltou a acordar e prosseguiu a conversa com o espectro. Ele quis deixar-lhe um sinal na mão, mas ela recusou. Só se afastou quando o espírito protetor dela—sua avó—apareceu e se interpôs entre ambos. Então ele tomou dois dos seus filhos pelas mãos, e todos desapareceram.

Durante muito tempo, Madame H— recordou esta aparição com um misto de alegria e melancolia.

Nessa altura, estando num estado sonambúlico, a Sra. H. tinha o hábito de rezar sozinha numa cozinha deserta.

Certa manhã, por volta das nove horas, enquanto se encontrava ajoelhada a rezar, surgiu diante dela uma figura baixa, com um capuz escuro e um rosto enrugado e envelhecido. A cabeça pendia para a frente e fitou-a durante alguns minutos, com um olhar fixo, ao qual ela retribuiu. Assustada, fugiu para os andares superiores, onde estavam os seus familiares, mas nada disse sobre o que tinha presenciado.

Contudo, a figura voltou a aparecer-lhe noutra ocasião, enquanto rezava, e disse-lhe: *"Venho até ti para aprender a conhecer o meu Redentor."*

Durante um ano inteiro a partir desse dia, esta aparição apresentou-se a diferentes horas do dia, quer ela estivesse acordada ou a dormir. No entanto, aparecia invariavelmente às sete da tarde, pedindo-lhe que rezasse com ele. Disse-lhe: *"Deves tratar-me como uma criança e ensinar-me a religião desde o início."*

Contou-lhe que carregava o peso de um homicídio e outros crimes, e que vagueava há muitos anos sem conseguir rezar. A Sra. H. começou então a ensiná-lo como se fosse uma criança, e gradualmente a sua aparência tornou-se mais luminosa e serena.

Antes de cada aparição, ouviam-se batidas nas paredes, ruídos no ar e outros sons, testemunhados por mais de vinte pessoas de confiança.

Ouvia-se constantemente um andar apressado pelas escadas, de dia e de noite, mas ninguém era visto. Batidas nas paredes e na cave eram frequentes. Sempre que alguém corria para tentar descobrir a origem dos sons, nunca encontravam nada. Se saíssem para o exterior, os ruídos passavam a ouvir-se no interior, e vice-versa.

Mesmo quando trancavam bem a porta da cozinha — até com cordas —, de manhã era encontrada aberta. Por mais vezes que se apressassem ao local ao ouvirem a porta abrir ou fechar, nunca apanhavam ninguém. Sons como madeira a partir-se, pratos de estanho a baterem entre si, e o crepitar de um forno aceso eram frequentes, mas a sua origem nunca era descoberta. O som de um triângulo a tocar também era frequentemente ouvido.

Não só a Sra. H., mas outros membros da família, viram por vezes uma figura feminina espectral.

Os barulhos na casa tornaram-se tão intensos que o pai da Sra. H. declarou que não conseguia permanecer ali. Eram audíveis por todos os que viviam na casa — e até por transeuntes na rua, que paravam para escutar.

A Sra. H., enquanto dormia, disse que os espíritos malignos queriam impedir aquele com quem ela rezava de se libertar deles. Numa dessas noites particularmente agitadas, a aparição surgiu com um aspeto sombrio e zangado. Ela fugiu e caiu à entrada da porta, tentando levantar-se, mas sem conseguir. Sentiu então uma mão no seu braço direito, e viu uma figura feminina que a ajudou a erguer-se.

No dia seguinte, quando quase caiu ao dar um passo em falso nas escadas, foi novamente salva pela mesma figura. Desta vez, estava completamente acordada.

Nessa noite, o espírito voltou a aparecer e agradeceu-lhe por rezar com ele. Certa vez apareceu acompanhado por uma figura feminina alta e esguia, que segurava um recém-nascido nos braços. Essa mulher, reconhecida por Sra. H. como a mesma figura que a família via frequentemente, ajoelhou-se e rezou com ele.

O espectro chegou mesmo a aparecer-lhe no campo. Uma vez, enquanto regressava de Bottwar com os pais, e noutra ocasião, de Gronau, ele apareceu ao bater das sete horas, pairando à sua frente. Ela correu com tal leveza que os que a acompanhavam não conseguiam alcançá-la, nem pareciam ver os seus pés tocarem o chão. O espírito precedeu-a até à cozinha, onde ela ajoelhou-se para rezar com ele, após o que ele conversava consigo, por vezes dizendo: *"Agora nasce um sol dentro de mim, ou brilha em mim."*

Certa vez, ela perguntou-lhe se conseguia ouvir outras pessoas, ao que ele respondeu: *"Ouço-as através de ti. Quando ouves os outros, pensas no que dizem; e eu leio os teus pensamentos."*

Quando lhe perguntou por que fazia aqueles ruídos, ele respondeu que era para que os homens pensassem nele — o que lhe trazia consolo e alívio.

Sempre que a Sra. H. tocava piano e cantava, o espírito começava a bater nas paredes, especialmente quando ela cantava *“Quão grande é a tua bondade.”*

Dos habitantes da casa, apenas o pai, o irmão e a irmã mais nova viam o espírito com frequência. Por vezes, aparecia sob a forma de uma serpente prateada. A mãe da Sra. H. nunca chegou a vê-lo, mas sentia a sua respiração, tal como a irmã mais velha.

O espírito acompanhou a Sra. H. à comunhão, dizendo-lhe: *"Recebeste-a por mim."*

Um guarda-florestal chamado Boheim, cético quanto à existência da aparição, decidiu sentar-se junto à cama da Sra. H. à hora habitual das visitas do espírito. Passados apenas alguns minutos, ouviram-se batidas e logo um som forte, como uma queda — Boheim desmaiara. Quando recuperou os sentidos, contou que, logo após as batidas, viu uma nuvem acinzentada num canto do quarto, que lentamente tomou forma humana e se aproximou da cama. Colocou-se junto à porta, impedindo-o de sair. Quando os outros entraram para o ajudar, ele não compreendia como tinham conseguido atravessar a figura sem a verem.

Um cão de raça terrier preta que vivia na casa percebia sempre a presença do espírito — uivava e procurava abrigo junto dos donos, recusando-se a dormir sozinho.

Objetos eram frequentemente movidos por mãos invisíveis — copos e garrafas desapareciam da mesa e apareciam no chão, papéis do escritório do pai eram deslocados ou atirados.

Em novembro de 1825, quando a Sra. H. foi para Kiirnbach, o espectro acompanhou-a também.
Disse-lhe: *"Onde tu estás, eu também tenho de estar; mas em breve estarei mais em paz. É doloroso para mim seguir-te."*

Todas as noites, entre as onze e a meia-noite, ela instruía-o na fé, como se fosse uma criança. Certo dia, disse-lhe: *"Durante sete dias não virei ter contigo; o teu espírito protetor está ausente, ocupado com um assunto urgente que está a acontecer na tua família — do qual ouvirás falar na quarta-feira — e sem ela, não conseguirias suportar a minha presença."*

Na manhã seguinte, a Sra. H. relatou o que o espectro lhe dissera. E, na quarta-feira, chegou uma carta a informar que o seu avô — marido do espírito protetor — tinha morrido subitamente, apesar de ninguém suspeitar que estivesse doente.

Passados os sete dias, o espectro voltou a aparecer. Quando ela lhe perguntou por que motivo a sua protetora a deixara, respondeu: *"Estava junto do homem moribundo."*

Isto fez recordar um sonho que o avô tivera sete dias antes da sua morte. O espectro disse ainda: *"Já avancei tanto que vi o homem falecido atravessar um vale belíssimo; em breve, também eu serei admitido nesse belo vale."*

Enquanto a Sra. H. estava em Kiirnbach, o espectro ainda era ouvido a bater em Oberstenfeld — mas mais cedo, por volta da uma, duas ou três da manhã — depois de ter estado com ela em Kiirnbach.

Quando ela se deslocou de Kiirnbach para Löwenstein, o espectro continuou a acompanhá-la, pairando junto à carruagem. Os sons que produzia foram ouvidos por várias pessoas. Mas à medida que o espírito se tornava mais luminoso, os sons tornaram-se menos audíveis.

A 6 de janeiro de 1826, o espectro apareceu-lhe pela última vez. Na noite anterior, dissera-lhe: *"Em breve te visitarei pela última vez."*
O dia 6 era o dia do batizado do filho da Sra. H. Agradecendo-lhe o carinho e a ajuda, o espírito pediu que, durante a cerimónia, fosse cantado um determinado hino, para o ajudar a alcançar o descanso.

Contudo, devido à presença de convidados, o hino foi adiado. Enquanto os convidados estavam a almoçar, e a Sra. H. se encontrava no quarto com a criada, a porta abriu-se e voltou a fechar-se. A criada ficou surpreendida, mas a Sra. H. não lhe explicou o motivo.

O espectro entrou e recordou-lhe o pedido. A Sra. H. mandou então chamar a mãe e contou-lhe o que se passara. A mãe ainda hesitou, preferindo esperar que os convidados se fossem embora. Mas, passadas duas horas, a porta voltou a abrir-se e a fechar-se com clareza. O espectro apareceu diante dela e disse, com voz queixosa: *"Já é mais do que tempo de cantarem o hino."*

A Sra. H. voltou a insistir com a mãe, que finalmente informou os convidados do sucedido. Todos concordaram em cantar o hino.

Um dos presentes sentou-se ao piano e, enquanto o hino era cantado, o pai da Sra. H. viu o espectro junto do pianista, com um rosto brilhante e alegre. Tocado pela visão, retirou-se para outra divisão, onde viu a figura feminina alta e espectral, com um ar muito triste, segurando um bebé ao colo.

Durante o hino, a Sra. H. chorava copiosamente.

A seu pedido, escavou-se um determinado ponto do pátio, junto à cozinha — e ali foram encontrados os ossos de uma criança pequena.

Enquanto esteve em Löwenstein, em casa do tio (no mesmo período em que o segundo espectro começou a aparecer-lhe), todas as noites via um homem idoso, com um colete comprido e um gorro pontiagudo, que trazia um molho de papéis debaixo do braço.

O homem saía de uma divisão interior para a sala onde ela estava, folheava os papéis, do início ao fim, e depois voltava para onde viera. A Sra. H. viu-o muitas vezes, mas nunca falou com ele, nem ele com ela. Mais tarde, este espectro chegou a ser parcialmente visto e ouvido por outras pessoas, confirmando-se a sua presença.

Factos ocorridos em Weinsberg

A Sra. H. chegou a Weinsberg a 25 de novembro de 1826. Não conhecia ninguém na cidade — nem sequer a mim — e foi alojada num pequeno quarto ao rés-do-chão, junto à casa e por cima das caves de vinho do Sr. F., embora ela nada soubesse disso.

O Sr. F. era um completo estranho para ela, e nem sabia que ela estava ali alojada. Os factos que se seguem só vieram a ser conhecidos por ele mais tarde, por meu intermédio.

É possível que a Sra. H. tivesse ouvido dizer que um tal de K. tinha gerido mal os negócios da Sra. F., mas, se ouviu, não se lembrava. Esse homem já tinha morrido há alguns anos. A Sra. H. nunca o conhecera nem tinha qualquer relação com pessoas envolvidas nos seus negócios ou nos do Sr. F., sobre os quais o público já nem falava.

Na primeira noite, quando caiu num transe magnético natural — antes sequer de eu a ter magnetizado — disse que via um homem perto dela, com um semblante muito triste, que parecia querer algo dela, mas que ela não compreendia.

A 24 de dezembro, já em sono magnético, disse: *"Esse homem voltou. Ele sobe das caves à hora do meu sono. Oh, que ele se fosse embora — perturba-me o sono e não consigo ajudá-lo. Posso indicar onde se senta na cave: está atrás do quarto barril, e só sai à hora do meu sono. Ah! Como o seu olho direito é vesgo! Ele aproxima-se... oh, não! Eu não posso ajudar-te. Ninguém o vê além de mim? Ele acena-me com a cabeça, como se quisesse dizer algo."*

A 25 de dezembro — data em que o Sr. F. esteve presente pela primeira vez, pois eu suspeitava que o espírito pudesse ser de um familiar seu — ela disse:
"Ele está aqui outra vez e perturba o meu sono. O que me está a mostrar? Uma folha com números, não muito maior que uma folha A4. O canto superior direito está dobrado; no canto esquerdo há um número. Na primeira linha de números, vejo um 8 e um 0. Não consigo ler mais. Começa com a letra J. Esse papel está por baixo de muitos outros e passa despercebido.

Ele quer que eu diga isto ao meu médico, para que alguém tome conhecimento. Porque me atormenta tanto? Porque não diz isto à esposa? Ele queria tê-lo contado antes de morrer, mas não esperava falecer tão cedo — e, morrendo assim, esse segredo ficou-lhe colado à alma, como se fosse parte do corpo."

De facto, essa pessoa morreu de forma inesperada. A Sra. H. descreveu-lhe a figura com tal precisão — incluindo o olho vesgo — que eu soube tratar-se do falecido K.

Ela disse ainda: *"Tenho de me afastar dele; hoje não o suporto mais."*

No dia 26, estando num sono magnético profundo, a Sra. H. tentou localizar o local onde estaria o papel mencionado. Disse:
"Está num edifício que fica a cerca de sessenta passos da minha cama."
(Importa aqui referir que a Sra. H. nunca tinha visto esse edifício.)

"Vejo uma sala grande e outra mais pequena. Na mais pequena está sentado um cavalheiro alto, a uma mesa, a trabalhar. Agora ele sai... e agora volta. Para além destas salas há outra ainda maior, onde estão alguns baús e uma mesa comprida. Há um baú comprido e outro à entrada, com a tampa aberta. Mas esses baús nada têm a ver com este homem. Sobre a mesa, há um objeto de madeira — não sei dar-lhe nome — e, em cima dele, estão três montes de papéis. No monte do meio, um pouco abaixo do centro, está a folha que tanto o atormenta."

Reconheci o edifício como sendo o cartório do Administrador Judicial. Como julgava que a descrição da Sra. H. não passava de uma visão, fui ter com ele e pedi-lhe que nos deixasse procurar os papéis, para assim podermos mostrar-lhe que não havia nada de especial.

O Administrador — que também via tudo isto como um sonho — confirmou, contudo, que, de facto, naquela altura estava a trabalhar, e que realmente se levantara e fora à sala ao lado, onde reparara que a tampa de um dos baús estava aberta. Embora intrigados com esta coincidência, continuámos convencidos de que era apenas um devaneio. Fizemos uma busca (talvez demasiado apressada) nos papéis — que, de facto, estavam dispostos tal como a Sra. H. os descrevera — mas não encontrámos o tal documento.

Mesmo assim, pedi ao Administrador que assistisse ao próximo sono magnético da Sra. H., para presenciar por si mesmo o fenómeno.

Durante esse sono, ela voltou a falar do homem, a quem chamava *"o homem que se senta atrás do quarto barril"*, e afirmou vê-lo todas as noites. Censurou-me por não procurar o papel com mais cuidado e suplicou-me que o fizesse. Descreveu com mais detalhe o local onde estaria e acrescentou que estava dobrado dentro de um papel pardo e grosso. Disse-lhe que tal papel não existia e que tudo aquilo era apenas um sonho, ao que ela respondeu serenamente:

"O papel tem de ser encontrado — e será."

Para a sossegar, numa das noites seguintes, dei-lhe uma folha de papel com vários números, incluindo o número 80, dizendo-lhe que era esse o documento. Mas ela respondeu:
"Não, esse ainda está no lugar onde disse. E os números nele são muito mais ordenados do que estes."

No dia 31, disse:
"O homem atrás do barril ameaça-me até no céu, caso eu não encontre o papel — mas ele não pode fazer isso. Morreu com esse pensamento preso à alma; isso prende-o à Terra e não o deixa ter paz. Se o papel for encontrado, poderá alcançar a salvação, com oração. Pelo amor de Deus, procurem-no! Se eu pudesse andar, já o teria encontrado."

A aflição da Sra. H. era evidente e começava a afetar seriamente a sua saúde. Por isso, fui de novo ao Administrador e pedi-lhe uma nova busca. Desta vez, encontrámos de facto — exatamente como ela descrevera — uma folha de papel dobrada em papel pardo, com o canto superior dobrado, o que me causou um arrepio, pois parecia estar assim há muito tempo.

Esse documento era a única prova existente de que o Sr. K. mantinha um livro de contas privado, que nunca fora encontrado após a sua morte — e cuja existência a viúva sempre negara conhecer.

O Administrador e eu combinámos manter segredo sobre a descoberta, e ele comprometeu-se a estar presente no sono magnético daquela noite. Presumi que levaria o papel consigo.

Durante o transe, a Sra. H. voltou ao tema: *"Lá está ele outra vez, mas agora parece mais calmo. O papel tem de ser encontrado — tragam-no!"*
Perguntei então: *"Se já foi encontrado, onde está?"*

Ao ouvir isto, ela entrou num estado de catalepsia, com os traços do rosto tão serenos e luminosos que parecia já não estar entre os vivos — mas sim glorificada. Depois disse:
"Os papéis já não estão lá... mas, ah! que estranho! Aquele que o homem segurava está agora aberto. Agora consigo ler mais: 'A transferir para o meu livro privado'. Sim — é essa a linha que ele sempre aponta. Quer chamar atenção para esse livro. O que se fará agora com este papel? Ah... tremo só de pensar no que essa pobre mulher fará. Que seja avisada — então ele poderá descansar e aproximar-se do seu Redentor."

O Administrador ficou surpreendido com estas palavras — mais tarde contou-me que, como experiência, tinha de facto colocado o papel exatamente como ela o descrevera.

No dia 1 de janeiro, ela disse que o homem queria que a sua mulher fosse alertada para tomar uma atitude, pois, caso contrário, acabaria mais infeliz do que ele. Chegou a dizer que escreveria ela própria à viúva.

No dia 2, quando fui visitá-la — e ela estava bem acordada, num estado em que nada recordava deste assunto — contou-me:
"Ontem à noite apanhei um grande susto. Por volta das nove, pedi algo para comer. A minha criada trouxe-me e foi dormir. Eu fiquei acordada, e de repente ouvi um som junto à cama, como se alguém estivesse a escrever. Quando olhei, vi um homem sentado à mesa, a escrever num livro. Fiquei tão assustada que fechei os olhos e não os voltei a abrir até adormecer."

Na sessão magnética seguinte, perguntei-lhe se não teria sido apenas um sonho. Ela respondeu:
"Não. Era aquele homem morto. Ele tentava, através do livro, chamar atenção para o seu livro privado. Vestia uma túnica de lã branca e pantufas, como usava quando escrevia nesse livro. Quer que eu avise a esposa — mas vai custar-me muito trabalho encontrar o livro, e a minha saúde vai piorar durante sete dias."

Como este assunto me desagradava, tanto pelo impacto na família do falecido como pela saúde da Sra. H., induzi-a num sono mais profundo e pedi-lhe que se afastasse dessa questão e pensasse apenas na sua recuperação.

Mas ela respondeu:
"Esse aviso é um dever que o homem morto me impôs. E o que será de mim, se não o cumprir?"

No dia 3 de janeiro, estando bem acordada, a Sra. H. disse-me:
"Hoje, às três da tarde, aquele homem voltou. A porta abriu-se visivelmente, e ele entrou, sentando-se novamente à mesa para escrever. Vestia um casaco branco largo, um gorro branco e chinelos."

Uma mulher que dormia no mesmo quarto com a Sra. H. afirmou ter acordado com o som da porta a fechar-se. Ao olhar, viu uma forma semelhante a uma nuvem cinzenta a mover-se em direção à mesa. Chamou pela Sra. H., que não respondeu; assustada, escondeu a cabeça debaixo dos cobertores.

Nesse mesmo dia, **a Sra. H., durante o sono magnético, ditou à irmã a seguinte carta**:

**"Tenho de escrever a esta mulher infeliz e inocente, e dizer-lhe:

'O seu falecido marido aparece-me todas as noites, e mostra-me um papel que se encontra no cartório do Administrador Judicial. Aponta repetidamente para as palavras: "Transferido para o livro privado".

Do outro mundo, esta alma pede-me que a avise, para que não jure falsamente. Pelo bem do seu Redentor e do seu marido, não guarde no coração nada que possa vir a atormentá-la. Não se ofenda comigo; sou inocente disto — nada sei quando estou acordada. Nunca vi nem a si nem ao seu marido, nem alguma vez ouvi falar deste assunto até que ele me apareceu e pediu que encontrasse o papel, pois esse pensamento não o deixava descansar. Faça agora o que a sua consciência mandar. Que Deus a abençoe a si e à sua família, e a conserve sem culpa.'"**

A Sra. H. não descansou enquanto a carta não foi entregue. Por isso, decidimos enviá-la, explicando que considerávamos tudo isto uma ilusão de uma pessoa doente, mas sugerindo que a destinatária, caso quisesse, falasse com a Sra. H. durante um dos seus estados de sono magnético — o que ela aceitou.

Nessa noite, antes de adormecer, escrevi umas linhas e mostrei-lhas:

"Se esta mulher que vier for inocente em atos e intenções,
E chorar por ser tida como culpada,
Não te entristecerás por teres dito
Que o seu marido, morto, não encontra paz?"

Ao ler isto, a Sra. H. disse:
"Está a vir aqui alguma mulher em lágrimas?"
Mais tarde, já em sono magnético, escreveu com os olhos fechados:

"Quer me doa ou não,
O meu espírito tem de falar com firmeza
E avisar a que chora, antes que seja tarde,
Daquilo que o destino lhe reserva."

Nessa noite, a Sra. K. veio acompanhada pelo magistrado P.
Depois de magnetizar a Sra. H., ela — já em sono — perguntou-me no que pensava ao fazer os passes, pois sentia uma intensidade invulgar em mim. Respondi:
"Estou a pensar na viúva daquele homem falecido, que está agora aqui para falar contigo."
Ela respondeu que estava contente com isso. Depois de receitar para si mesma, como de costume, virou-se para a visitante e disse calmamente:

"Do que agora lhe disser, nada sei em corpo — é o meu espírito que fala. Se soubesse disto enquanto estou acordada, morreria. Ouça: não conheço nem a si nem ao seu marido — sou uma estranha aqui. Mas desde que durmo sobre estas caves, o seu marido aparece-me todas as noites, pedindo-me que procure um papel e que a avise para não levar consigo pensamentos terrenos, nem fazer algo que a torne mais infeliz do que ele. O papel já foi encontrado — está informada — e ele parece agora mais calmo."

A Sra. K. garantiu que não levava qualquer segredo consigo, que o marido nunca lhe confiara os seus negócios, que desconhecia a existência de um livro privado, e que nunca lhe tinha sido exigido qualquer juramento sobre isso.

A Sra. H. respondeu-lhe que isso ainda iria acontecer, e perguntou-lhe se estaria disposta a procurar o tal livro.
Depois disso, entrou num estado frio e inerte, semelhante à morte, do qual a consegui trazer de volta com dificuldade, através de passes magnéticos. Em seguida, rezou intensamente com a Sra. K., que saiu bastante comovida.

A verdade e simplicidade desta história só podem ser realmente compreendidas por quem acompanhou o desenrolar dos acontecimentos desde o início ou conhecia bem os envolvidos, especialmente a Sra. H. Mas, para quem teve essa oportunidade e ainda assim fala em engano ou manipulação, só pode fazê-lo por malícia.

Como sempre, houve quem tentasse explicar todos estes acontecimentos por causas naturais e comuns. Mas eu, que tive os melhores meios de verificar tudo de perto, não posso deixar de manter a minha opinião — e apoio-a com a declaração feita pelo Administrador Judicial, escrita para esclarecer os seus amigos:

"A Sra. H. chegou aqui como desconhecida, à procura dos cuidados do Dr. K., e alugou um quarto junto aos armazéns do Sr. F., cujos negócios tinham sido anteriormente tratados por um tal Sr. K., de forma tão insatisfatória que o Sr. F. perdeu mil florins. Para recuperar essa quantia, foram iniciados processos contra a viúva e os filhos de K., incluindo a exigência de um livro de contas privado, mencionado num determinado documento. Estes factos, porém, eram completamente desconhecidos da Sra. H."

(Segue-se um resumo dos acontecimentos já descritos, omitido aqui por brevidade.)

O Administrador acrescenta ainda:

"Aos que insistem em acreditar que tudo isto não passou de um estratagema do Sr. F. para assustar a viúva de K., pergunto: como explicam que a Sra. H. me tenha descrito a trabalhar no cartório num horário fora do habitual? Ou que tenha mencionado o baú aberto numa sala onde, com certeza, apenas eu e os meus colaboradores tínhamos entrado nos últimos dias? E, por fim, como soube ela do canto dobrado de um papel que não era visto há anos?"

"Administrador Judicial Heyd"

Devo repetir aqui que o Sr. F. **nada sabia sobre a Sra. H.**, e que apenas a foi visitar a meu pedido, devido a este caso, o qual ouviu com grande surpresa. Nunca mais a visitou, exceto por duas vezes, e mesmo assim apenas para assistir a experiências relativas aos efeitos das uvas.

Sobre o relato anterior, Eschenmayer comenta:

"A Sra. H., tendo chegado recentemente a Weinsberg, sem conhecer ninguém na cidade, nem mesmo o seu próprio médico, vê um homem falecido com um papel na mão, que ela descreve com detalhe. Ele indica-lhe o local onde o papel se encontra e diz-lhe que só encontrará descanso quando este for descoberto.

Ela relata o sucedido, descrevendo o homem com tal precisão que é plenamente reconhecido. Para trazer descanso à alma do defunto, implora ao seu médico que procure o papel — indicando com exatidão o local e a configuração da sala. Tudo se confirma.

O médico, que julga tudo isto ser ilusão, procura o papel no local referido, mas não o encontra — embora o proprietário da casa reconheça a descrição como exata.

Ela insiste, dizendo que ele não procurou com atenção suficiente, e dá-lhe indicações adicionais. Ele procura novamente e encontra o papel exatamente onde ela disse, no mesmo local onde estivera nos últimos seis anos. Ela não é informada de que o documento foi encontrado, mas logo descreve o espectro com uma expressão mais tranquila, concluindo que o papel foi descoberto. Depois, tenta localizar o documento novamente e descreve-o tal como o próprio Administrador Judicial o havia deixado. A chave deste relato está nestas palavras: 'Ah! o que será feito agora com este papel? Tremi só de pensar no que aquela pobre mulher poderá fazer, se não for avisada. Ela precisa de ser advertida — então ele encontrará paz e, através da oração, poderá reconciliar-se com o seu Redentor.'"

O papel revelava a existência de um livro secreto, há muito desaparecido. A viúva corria o risco de ser chamada a apresentar esse livro sob juramento — e aqui estava um aviso, destinado a evitar que ela cometesse um acto que a mergulharia num sofrimento ainda mais profundo do que o do próprio marido falecido. A aparição, neste caso, tinha um claro propósito moral.

A Sra. H. não conhecia ninguém em Weinsberg, muito menos alguém com qualquer interesse na descoberta deste documento. Na verdade, apenas o Sr. F. tinha algum interesse no assunto — e ela só o conheceu depois de falar sobre a aparição, quando o Dr. Kerner o trouxe até si.

Com que justiça, então, se pode manchar o carácter da vidente? Se estes factos não podem ser explicados por autoengano — negá-los é colocar em causa a sua moralidade e integridade.

É também notável que tudo quanto é revelado por videntes em estados mais profundos de clarividência tende, de forma marcante, à promoção da moral e da religião.
Como se pode, então, conciliar tudo o que ela dizia sobre a vida espiritual com a ideia de que tudo não passava de uma fraude deliberada? Quem a difama esquece que caluniar é tão condenável quanto enganar.

Como poderiam acreditar que alguém — cuja vida foi uma sucessão de sofrimentos e provações, que previu a sua própria morte e que falava abertamente sobre os castigos reservados aos enganadores no além — teria passado a vida inteira a alimentar uma farsa?

Aqueles que observam tudo de longe não podem ser juízes justos deste caso. O que aqui apresentamos é apenas um esboço ténue. Para sentir a convicção intuitiva de verdade que ela inspirava em todos os que a rodeavam, seria necessário vê-la nos seus diversos estados. A luz, o brilho que tantas vezes envolvia o seu rosto, estava além do que qualquer fingimento humano poderia reproduzir.

"Se o diabo pode parecer um anjo de luz", dizia São Paulo, *"o homem não pode."*

Para mim, há muito que é claro que estas aparições são permitidas para mostrar aos mais materialistas a sua impotência, e a insuficiência das leis naturais a que se agarram como vermes ao solo. A natureza não é mais do que a base para o espírito se elevar até às regiões da liberdade eterna, muito além das leis naturais. Esse reino de liberdade estende-se por toda a espiritualidade do universo, e o ser humano é apenas mais um elo na cadeia.

Como esta verdade foi esquecida e desprezada pelo entendimento mundano, são enviados estes instrumentos ignorados — videntes, sonâmbulos — para abalar essa incredulidade.

O testemunho do Sr. F. é o seguinte:

"Apesar de não acreditar em aparições e ser bastante cético em relação a sonâmbulos, neste caso os meus próprios olhos e ouvidos convenceram-me de que não havia qualquer tipo de engano.

A Sra. H. era completamente desconhecida aqui; alugou o quarto através do meu inquilino, sem meu conhecimento.

As pessoas que a rodeavam nada sabiam sobre a história do Sr. K., nem tinham qualquer interesse nela. O caso, ocorrido sete anos antes, já nem era comentado, e o assunto tinha-se tornado tão indiferente para mim que, quando se falou do papel, tive até alguma dificuldade em lembrar-me dele.

Nunca falei sobre isso com ninguém; ninguém além do magistrado sabia do papel — e nunca fora feita qualquer exigência de que ele fosse apresentado.

Estou absolutamente certo de que a vidente não tinha qualquer informação sobre o assunto — tanto mais porque ninguém, além de mim, tinha qualquer interesse nele.
Por mais incompreensíveis que estas circunstâncias pareçam, estou convencido de que não podem ser refutadas.

"O que aqui afirmo é a pura verdade, comprovável por documentos oficiais. E todos estão à vontade para fazer o uso que entenderem da minha declaração."

"Ministro das Finanças Fezer"

SEGUNDO FACTO

Já foi mencionado que a Sra. H. e a sua família ouviam frequentemente um som semelhante ao de um triângulo. Por volta da mesma altura, viam também uma figura feminina, que mais tarde passou a aparecer com uma criança nos braços e um ar profundamente melancólico.

A seguinte aparição parece estar relacionada com este fenómeno:

No dia 6 de outubro de 1827, eu e outras pessoas encontrávamo-nos no quarto da Sra. H. quando a porta se abriu e voltou a fechar. Procurámos imediatamente por alguém que a tivesse movido, mas não havia ninguém, e é desnecessário referir que, ainda que uma porta possa abrir-se sozinha, não se fecha novamente sem um impulso ou corrente de ar.

Logo depois, ouvimos um som metálico suave e doce, como vindo do ar dentro do quarto, que durou alguns minutos — mas não se via nada.

Na manhã seguinte, a Sra. H. encontrava-se no quarto apenas com outra pessoa, quando o mesmo som foi ouvido, e logo a seguir ela viu uma figura feminina à porta que ligava a antecâmara ao seu quarto.

A figura era alta e esguia, não parecia velha, e vestia um manto castanho com muitas pregas. Tinha na cabeça o véu que era comum às figuras femininas espectrais.

A 11 de outubro, após novamente se ouvir um som semelhante ao do triângulo, a Sra. H. ouviu claramente a figura dizer:
"Quem está nas trevas, como eu, sofre grande tormento."

No dia seguinte, a figura voltou a aparecer, avançando mais para dentro do quarto, mas sem dizer nada.

Na noite de 15 para 16 de outubro, a Sra. H. foi despertada pela presença da mesma figura ao lado da cama, que lhe disse:
"Desejo ser feliz, e sei que só o posso ser através do meu Redentor. Como poderei aproximar-me Dele?"

A Sra. H. respondeu:
"Através da oração sincera e constante, pedindo graça e perdão."
A figura desapareceu em seguida.

Na noite de 31 de outubro, voltou a aparecer, à uma da manhã, dizendo:
"Queres rezar comigo?"

A Sra. H. reconheceu-a então como a mesma figura que havia visto em Oberstenfeld, segurando uma criança nos braços, e por vezes acompanhada de um homem. Assustada, respondeu:
"Reza por ti mesma. Eu não posso rezar contigo," entre outras palavras — ao que a figura respondeu com tristeza e retirou-se.

Na noite de 1 de novembro, apareceu de novo, fazendo perguntas relacionadas com o espectro masculino com quem havia sido vista anteriormente. No entanto, de manhã, a Sra. H. já não se lembrava do conteúdo dessas perguntas.

Na noite de 27 de novembro, a figura voltou a pedir que rezassem juntas, mas a Sra. H. recusou novamente. Quando lhe perguntei porquê, respondeu que não achava que o espírito estivesse num estado em que a oração pudesse ajudá-lo — e que tinha medo dela, pois isso a deixava doente.

A 30 de novembro, pelas sete da tarde, enquanto a família da Sra. H. se encontrava sentada em Oberstenfeld, o seu irmão viu novamente essa figura espectral passar pela porta da sala — figura que ele já tinha visto antes.

Na noite de 4 de dezembro, a figura reapareceu, com os braços cruzados sobre o peito, olhando para a Sra. H. em silêncio e com tristeza.

Numa noite seguinte, a criança da Sra. H. também viu a figura — riu-se e apontou para ela como se reconhecesse alguém familiar, mas logo se deitou para trás, sobre o ombro de quem o carregava, como que assustado. Parecia recordar-se de a ter visto em Oberstenfeld.

Na noite de 13 de dezembro, o espírito apareceu vestido com uma túnica branca e disse:
"Chegou o momento de eu reconhecer que Jesus Cristo era realmente o Filho de Deus."

A Sra. H. perguntou:
"Que momento é este?"

Ela respondeu:
"É o momento em que vemos os espíritos felizes a celebrarem o seu festival. Sei que o homem só pode ser salvo pela misericórdia de Deus. Reza para que a minha fé se fortaleça."

A Sra. H. rezou com ela com fervor — e nunca mais voltou a vê-la.

Quatro anos depois destes acontecimentos, e dois anos após a morte da Sra. H., deu-se um episódio em Oberstenfeld que pode servir de prova adicional da veracidade das aparições — e de que não eram criações da sua mente, mas algo objetivo e real (pelo menos para quem não se recusa terminantemente a aceitar factos que não se enquadram na sua visão rígida do mundo e de Deus).

Alguns anos após a partida da família da Sra. H. de Oberstenfeld, o magistrado Pfaffien mudou-se para lá e adquiriu uma das antigas casas do cabido, que mandou reconstruir.

Debaixo da catedral existia uma cave à qual ele tinha acesso.

Importa referir que o Sr. P. nunca conheceu a Seherin (vidente), nunca leu a sua história, nem ouvira falar das suas visões — muito menos das aparições ocorridas naquele local. Quando se mudou, nenhum membro da família da Sra. H. vivia ainda em Oberstenfeld, e ele estava, portanto, completamente alheio a todos estes acontecimentos.

Trata-se de um homem saudável, culto e instruído — **sem tendências místicas**, nem crença em fantasmas.

A história que se segue é contada por ele **sob palavra de honra**, e deve pelo menos fazer hesitar quem se apressa a rejeitar este tipo de relatos.

É fácil refutar ou desdenhar estes assuntos com uma caneta na mão, sentado ao lado da lareira. Mas quantos, por amor à verdade, estariam dispostos a viajar alguns quilómetros para conhecer pessoalmente os envolvidos e investigar os factos com os próprios olhos?

Enquanto a Seherin vivia, e estes acontecimentos eram comentados, algum dos que hoje escrevem páginas e páginas a tentar refutar tudo isto tomou a iniciativa de a visitar, ouvi-la e examiná-la pessoalmente? Não.

Ficaram sentados nas suas secretárias — e ainda assim julgam-se mais capazes de avaliar os factos do que o calmo, rigoroso e profundo psicólogo Eschenmayer, que examinou tudo no local e em pessoa, sem hesitar em viajar no auge do inverno só para investigar estes fenómenos.

Só assim se pode aceder à verdade nestes assuntos.
Nem a erudição nem a especulação substituem a investigação presencial.

E agora, volto à história...

“Um dia,” relata o Sr. P.,
"entrei na cave sob a catedral e ouvi uma série de batidas atrás de um dos barris — tão fortes e claras, que presumi tratar-se do tanoeiro a trabalhar. Chamei por ele, mas não obtive resposta. Corri então para trás do barril, mas não vi ninguém, nem ali, nem em qualquer parte da cave. Saí sem conseguir explicar o sucedido — mas nem por um momento suspeitei de algo sobrenatural, muito menos pensei em fantasmas.

Continuei a visitar a cave com frequência, mas nunca mais ouvi nada, e acabei por esquecer completamente o episódio. No entanto, no ano passado (1830), no dia de Pentecostes, tive de voltar lá, precisamente quando estava a ser administrada a comunhão na catedral, mesmo por cima. Os meus pensamentos estavam voltados para o sacramento — ouvia, até, as palavras do sacerdote —, quando, ao passar de barril em barril para tratar do que precisava, vi com espanto uma figura feminina, vestida com uma túnica branca antiga, manchada de sangue, com um véu na cabeça e uma criança ao colo, a aproximar-se de mim.

Ela passou por mim, subiu as escadas da cave e, a meio caminho, parou — como se esperasse por mim. Estava completamente consciente, sem qualquer confusão mental, e segui-a com coragem, tentando ganhar ânimo para lhe falar... mas não consegui. Ela desapareceu através da parede de pedra da cave.

O que senti não foi propriamente medo, mas sim espanto — especialmente pela beleza extraordinária da criança. Tranquei a porta da cave e, logo depois, regressei acompanhado dos meus assistentes. Procurámos por toda a parte, mas não encontrámos nada. Nos três dias seguintes voltei à cave, sem ver nada — mas, no quarto dia, vi novamente a figura com a criança, tal como antes. Desta vez, porém, vestia um manto e um véu pretos. E em vez de surpresa, fui invadido por um terror que nunca havia sentido.

Fugi para o andar superior, e demorei bastante a recuperar do choque. Durante um ano inteiro continuei a visitar a cave quase diariamente — mas nunca mais vi a figura."

Um parente do Sr. P., que também frequentava a cave, afirma nunca ter visto nada — mas ouviu, por diversas vezes, passos ao seu redor ou à sua frente.

Este é o testemunho de um homem honesto, imparcial, sem qualquer inclinação mística, que nunca conheceu a Seherin (vidente).

Quando outras pessoas viam os espectros que apareciam à Sra. H., os cépticos diziam que eram influenciadas pela sua imaginação. Mas o que podem dizer agora, quando um homem que nunca a conheceu e nunca ouvira falar dos acontecimentos anteriores vê a mesma figura — anos depois e no mesmo local?

Alguns dirão que, tal como a peste pode deixar uma "contaminação" num local durante anos, também este tipo de loucura espiritual pode perdurar, sobretudo em caves fechadas.

Outros, mais "eruditos", sugerirão que o espectro era uma projecção nervosa, criada pela atmosfera e pelo estado emocional do Sr. P. naquele momento — ou mesmo que a figura projectada pela Seherin anos antes ficou "gravada" na cave, visível apenas a quem tiver uma sensibilidade espiritual subtil. E, claro, explicarão também as batidas pelo mesmo caminho.

Haverá ainda quem diga que tudo se deveu a uma ilusão causada por um cérebro excitado, talvez pelo efeito do vinho novo que o Sr. P. teria ido provar.

Mas importa lembrar que, da primeira vez, o Sr. P. não pensou que tivesse visto um espectro, nem sentiu medo — apenas espanto. O medo só surgiu na segunda vez.

São estes os argumentos de quem prefere acreditar em qualquer coisa — menos em fantasmas. Afinal, a existência de espectros não encaixa no sistema de natureza que construíram para si próprios.

TERCEIRO FACTO

Na noite de 20 de julho de 1827, a Sra. H. estava deitada, tendo acabado de beber um pouco de água, quando a porta do quarto se abriu e voltou a fechar. Entrou então a figura de um homem, com cerca de trinta anos, vestindo um casaco comprido aberto com botões largos, meias curtas enroladas, sapatos com fivelas, e uma gravata presa com um botão, cujas pontas pendiam. Era o antigo traje de camponês.

Disse-lhe:
"Tens de vir comigo até ao meu estábulo."

Ela perguntou:
"Onde fica?"
E ele respondeu:
"Perto da casa do agrimensor — uma casa grande e antiga."

Em seguida, afastou-se, abrindo e fechando a porta de forma claramente audível. O homem tinha tez escura e uma certa rudeza nos modos, própria da vida no campo — e que, aparentemente, se mantinha mesmo após a morte, por influência do chamado "espírito nervoso".

Na noite de 21 de julho, por volta das nove horas, começaram-se a ouvir barulhos constantes com os cobertores da cama da Sra. H. — percetíveis também para os outros presentes —, passos no quarto e um ruído como o de um cão debaixo da mesa.

Às dez horas, a porta abriu-se e fechou-se de forma audível. O camponês reapareceu, fitou a Sra. H. em silêncio e, sem dizer uma palavra, saiu.

Na noite de 22 de julho, estando sozinha, a Sra. H. viu o espectro do camponês entrar novamente — desta vez acompanhado por a figura de uma camponesa. Quando se aproximaram da cama, a Sra. H. virou-se para o outro lado para não os ver e entrou em convulsões violentas.

Após recuperar, descreveu-me o que vira e disse que, embora não soubesse porquê, sentia uma grande compaixão por aquela mulher, apesar de estar aterrorizada ao ponto de já não querer ficar sozinha.

A 27 de julho, pelas duas da tarde, ao virar-se da janela onde estava, a Sra. H. viu os dois espectros ao seu lado. O homem disse-lhe:
"Agora tens de vir comigo ao meu estábulo."

Ela respondeu:
"Para quê? O que há lá?"

A mulher espectral interveio:
"Assassinámos uma criança e enterrámo-la no estábulo. Depois disso, morri. Ele ficou com a culpa."
E apontou para o seu companheiro.

A Sra. H. quis fazer mais perguntas, mas os dois desapareceram.

Descreveu-me depois que a mulher tinha a pele cinzenta como cinza, usava o mesmo tipo de véu que todas as figuras femininas espectrais, e vestia casaco e saia. O homem usava um gorro com aba virada para cima.

No dia 1 de agosto, voltaram ao meio-dia. Aproximaram-se da cama dela; o homem suspirava profundamente, e ambos pareciam muito tristes.

No dia 3 de agosto, pelas oito da manhã, voltaram a aparecer, mas desta vez a Sra. H. falou com firmeza e proibiu-os de voltarem.

Estas aparições causavam-lhe mais medo do que quaisquer outras.

A rapariga que a assistia nessa altura — uma jovem educada e sensata, sem qualquer sensibilidade para ver espíritos — disse sentir sempre **uma estranha ansiedade** sempre que estas aparições surgiam, mesmo sem a Sra. H. lhe ter mencionado nada.

Pelas duas da manhã do dia 3, as duas figuras voltaram a aparecer, e a Sra. H. teve coragem para lhes perguntar sobre o assassinato da criança.

A mulher respondeu, com um tom de raiva:
"Tomei um veneno para matar a criança, que dei à luz no estábulo — e ele enterrou-a. Fui encontrada morta num celeiro vizinho."

Voltaram a pedir-lhe que fosse com eles ao estábulo, mas ela ordenou-lhes que a deixassem, o que fizeram.

Contudo, regressaram na noite do dia 6, e a mulher disse:
"Olha para nós, pobres almas perdidas! Tem piedade do nosso sofrimento!"

Ao que a Sra. H. respondeu:
"Voltem-se para o vosso Redentor — só Ele vos pode ajudar."

Com isso, desapareceram.

Na noite seguinte, voltaram a aparecer. O camponês disse:
"Tens de ir ao meu estábulo. Deves escavar a dois passos da manjedoura — ali encontrarás os ossos do nosso filho. Devem ser enterrados no cemitério."

Mas ela insistiu para que buscassem a Deus e orassem. O mesmo aconteceu na noite de 8 de agosto, quando os espectros voltaram, e ela repetiu o mesmo conselho.

Por volta da meia-noite do dia 12, quando a Sra. H. sofria de uma forte dor de cabeça causada pelo vento, e justamente enquanto tocavam os sinos de alarme devido a um incêndio nas redondezas — o que, sublinha-se, certamente desviava a sua mente para outras preocupações —, os dois espectros reapareceram.

A mulher trazia ao colo uma criança envolta em farrapos, com apenas a cabeça descoberta. Segundo a Sra. H., não se tratava da criança real, mas de uma espécie de "projeção" do crime — à semelhança do que fora visto por Mr. P. em Oberstenfeld.

O camponês então disse:

"Eu, Nicolau Pfeffer, sou o sedutor desta mulher — e o assassino da criança. Por isso, ajoelha-te e reza connosco."

A Sra. H. respondeu:
"Não posso — tenho uma dor de cabeça terrível."

Ele replicou:
"Ata a cabeça com um pano em cruz e faz três cruzes com o dedo médio."

Ao fazer isso, a dor passou, restando apenas uma sensação de entorpecimento. Os três ajoelharam-se, com a mulher segurando a criança, e rezaram juntos durante uma hora. Quando terminaram, o homem disse:
"Escava para encontrar a criança."
E desapareceram.

A Sra. H. disse-me que podia ver, pelas expressões dos seus rostos, que as orações os aliviavam.

Na noite de 13 de agosto, regressaram, e ela rezou com eles.
No dia 14, vieram acompanhados por um velho muito escuro, que, quando os dois iam começar a falar, pôs as mãos nas suas bocas. A Sra. H. assustou-se e entrou em convulsões.

Na noite de 15 de agosto, voltaram a aparecer — o velho mantinha-se atrás, enquanto os dois rezavam. A Sra. H. perguntou quem ele era, e responderam-lhe que era o homem que lhes fornecera o veneno para matar a criança.

Na noite de 21 de agosto, a meu pedido, a Sra. H. perguntou ao homem se ele vivera na casa do agrimensor ou noutra, e qual era o estábulo em questão. Ele respondeu:
"Não na do agrimensor, mas numa casa antiga próxima, com o estábulo à direita. Enterrámos o corpo a dois passos da manjedoura, no local onde o chão se afunda."

Perguntando quem era o velho, respondeu:
"É um velho feiticeiro de uma localidade vizinha. Foi ele quem me deu as ervas que usei — e agora, nos seus pecados, tenta impedir-me de confessar."

Na noite de 17 de agosto, voltou a perguntar o nome da mulher. Ela suspirou, mas **não respondeu**. Perguntou também quando voltariam, e o homem respondeu:
"Dentro de sete dias."

Na noite de 24 de agosto, dormia no quarto da Sra. H., além da sua assistente, uma jovem honesta, simples e veraz, que sabia apenas que a Sra. H. tinha visões, mas nada conhecia sobre os espectros específicos — muito menos sobre o camponês e a mulher que a acompanhava.

Com grande espanto, **na manhã seguinte**, a jovem disse-me, antes mesmo de falar com a Sra. H.:

"Fechei a porta e estávamos todas deitadas. Durmo com a criada, e a nossa cama fica a alguns passos da cama da Sra. H.

Por volta da uma da manhã, ouvi a porta abrir-se e fechar-se, e vi duas figuras entrarem e aproximarem-se da cama da Sra. H. Pareciam pessoas reais, mas não ouvi passos.

Havia a figura de uma mulher e de um homem. A mulher parecia cinzenta, o homem mais escuro. Ela tinha uma criança ao colo, também cinzenta. A cabeça e o pescoço do bebé estavam descobertos, o resto do corpo embrulhado em farrapos. Os braços da mulher envolviam a criança.
O homem era de estatura média, ligeiramente mais alto que a mulher, vestia um casaco e calções curtos.

Ouvi-os falar, e ouvi também a Sra. H. responder. Tinham uma voz mais baixa do que as pessoas comuns, mas falavam distintamente — embora de manhã já não me lembrasse do que tinham dito. Não fiquei com medo, mas também não conseguia falar, nem tirar os olhos da criança. Ficaram muito tempo ali. Quando saíram, a porta fechou-se com estrondo."

A seguir, contou-me a história do espectro do caçador, como aparece noutra parte deste relato.

"Estes espectros", disse, "parecem-me pessoas comuns — só que a pele parece áspera e escura, como se estivesse coberta por grãos de areia."

A Sra. H. confirmou o relato da jovem, e quando lhe perguntei se também via os espectros com aquela aparência, respondeu:

"Talvez ela os veja assim — mas não é pele. É a forma nublosa. Uma nuvem não parece lisa — e provavelmente ela vê os espectros mais escuros do que eu."

Acrescentou ainda que nunca notou que os espectros fizessem sombra, mas que, se passassem à frente da luz de presença, esta era interrompida.

Estes espectros voltaram a aparecer várias vezes depois disso, mas a sua aparência estava agora transformada: usavam vestes luminosas e as suas figuras pareciam mais brilhantes.

No dia 14 de outubro, o espectro do homem disse:
"Só virei mais uma vez."

Foi no **dia 24 de outubro** que apareceram pela última vez. Ambos disseram, como se falassem a uma só voz:
"Viemos, pela última vez, para nos despedirmos de ti."

Quando a Sra. H. lhes perguntou para onde iam, responderam:
"Para um lugar melhor."

Desapareceram então — e ela nunca mais os viu.

O nome Pfeffer, que o espectro deu, é bastante comum entre os camponeses de algumas aldeias a poucos quilómetros de Weinsberg. Eu teria desejado muito procurar os ossos da criança, mas, em primeiro lugar, as indicações sobre o estábulo não eram suficientemente precisas; e, em segundo lugar, receei que o proprietário do local, fosse ele quem fosse, ficasse ofendido por eu lançar o boato de que o seu estábulo era assombrado. Por isso, desisti.

No pedido insistente dos espectros, vê-se ainda um resquício de preconceito terreno: pediam à Sra. H. que o corpo da criança fosse enterrado em solo consagrado, até que ela conseguiu convencê-los de que isso não era necessário para a salvação da alma.

Esta história tem muitas semelhanças com o caso relatado pelo Professor Ehrmann, de Estrasburgo, e registado por Eschenmayer, que, com a sua permissão, passo a transcrever.

O Pastor Lindner e o Mistério do Estudo

"Há algum tempo," conta o conselheiro Lindner, de Königsberg, que faleceu em Estrasburgo após viver vários anos em Riga — "o meu pai, que fora pastor em Pomerânia e depois em Königsberg, manteve sempre um diário, onde registava tudo o que considerava digno de nota, incluindo assuntos pessoais e profissionais.

Esse diário, segundo me contou antes de morrer, continha o seguinte episódio, que ele viveu pessoalmente, e que aqui relato tal como mo descreveu ao Professor Herrenschneider, da Academia Real de Estrasburgo."**

"O meu pai dormia num quarto com porta direta para o seu gabinete de estudo. Da cama, conseguia ver perfeitamente a sua secretária, onde mantinha uma grande Bíblia aberta.

Uma noite, acordou sob a luz do luar, e pensou ver um homem com vestes eclesiásticas em pé junto à secretária, folheando a Bíblia.

Trazia ao colo uma criança, e outra, mais velha, estava de pé ao seu lado — de costas voltadas para o observador.

Duvidando dos seus sentidos, sentou-se na cama, esfregou os olhos e perguntou a si mesmo se estaria a sonhar. Mas, vendo tudo com nitidez, exclamou:

'Todos os bons espíritos louvem o Senhor!'

Ao ouvir isto, o espectro aproximou-se e estendeu-lhe a mão — mas ele não a aceitou. O espectro fez o gesto três vezes, e como não houve resposta, desapareceu. As feições da figura ficaram gravadas na sua memória, mas com o tempo foi esquecendo o episódio — até que, certo dia, enquanto esperava para celebrar uma cerimónia na igreja, entrou no coro para ver os quadros. Para seu grande espanto, reconheceu numa das pinturas o rosto exato do espectro — com as mesmas vestes.

Ao perguntar de quem se tratava, informaram-no de que era um antigo pastor que ocupara a casa paroquial quarenta ou cinquenta anos antes. Já ninguém na aldeia sabia muito sobre ele, com exceção de um homem muito idoso, que recordava que era um pregador eloquente, mas acrescentava:

'Diziam que tinha uma relação imprópria com a sua criada, e que tiveram filhos ilegítimos — cujo destino nunca foi conhecido.'

Algum tempo depois, ao realizarem obras na casa, desmontaram o fogão do gabinete e o pedreiro encontrou um compartimento oculto, onde foram descobertos ossos de crianças. O pastor foi chamado e, horrorizado com a confirmação do crime do seu predecessor, mandou retirar os restos. Desde então, nunca mais voltou a ver o espectro."

— Professor Ehrmann,
Seminário Protestante de Estrasburgo

Existe ainda um relato semelhante sobre a casa paroquial de Nuttelstadt, que chegou a ser jurado perante o magistrado local. Ali, os animais não conseguiam permanecer no estábulo — assustavam-se, fugiam ou adoeciam. Eram ouvidos passos femininos com frequência, e tudo parecia indicar que alguém saía da casa e ia até ao riacho próximo para lavar roupa.

Após algum tempo, foram encontrados os restos de um recém-nascido no poço. Os ossos foram transferidos para outro local — e desde então, a casa nunca mais foi perturbada.

QUARTO RELATO

Há alguns anos, ouvi dizer que a família de um pobre guarda-noturno estava a ser muito perturbada por espectros, mas na altura não aprofundei o assunto. Mais tarde, quando a Sra. H. chegou à cidade e a história de Mr. K. e do papel perdido se tornou conhecida, várias pessoas pediram-me que consultasse a Sra. H., durante o seu estado de sono magnético, para saber como estes pobres podiam livrar-se do incómodo. Ignorei os pedidos durante algum tempo, até que os próprios interessados vieram ter comigo. A mulher contou-me a história, e acabei por aceitar ajudá-los.

Ela relatou que, logo após se mudarem para a nova casa, começou a ver, durante a noite, duas mulheres com roupas antigas, aventais de algodão e toucados dobrados, que surgiam de trás da cama. Via-as por alguns minutos, e depois desapareciam. Na noite de Santa Catarina, em 1823, ela e o marido discutiram.

"Pensei na minha mãe, que já havia falecido, e desejei ir ter com ela. Chorei e pedi que ela viesse buscar-me. Então apareceu diante de mim uma figura alta, completamente branca, como um lenço de linho, mas sem forma definida. Achei que fosse a minha mãe, mas desapareceu sem dizer nada."

Durante quatro semanas não viu mais nada, até à primeira noite do Advento, quando, após rezar por alívio da pobreza e da sobrecarga de filhos, a figura branca voltou a aparecer e sumiu da mesma forma. Na noite de Natal do mesmo ano, enquanto estava acordada, sentiu algo a mover-se em redor da cabeça e sobre o peito, como se fosse um cão ou um gato. A chapa do fogão, embora estivesse apagado, parecia incandescente, e ouviu-se um estalido — e tudo desapareceu.

"Durante o dia e a noite, ouço passos invisíveis no meu quarto e um farfalhar de papel. Às vezes, uma luz brilhante, redonda como um prato, surge na parede, permanece durante algum empo e desaparece para dentro da parede. Certa vez, completamente acordada, vi uma figura negra, do tamanho da branca, diante de mim. Senti uma mão a pousar no meu pescoço — como se uma brasa me tocasse. Na manhã seguinte, o local estava vermelho e inflamado, e ficaram três marcas, como dedos queimados."

(Estas marcas, visíveis no pescoço da mulher, foram confirmadas.)

Na noite de Ano Novo, enquanto estava sozinha, ouviu uma voz dizer:

"Canta o hino 'Ó Jesus, quando serei livre?' e reza: 'Cria em mim um coração puro.'"

Nas noites de domingo, ouvia muitas vezes vozes celestiais a cantar. Por vezes, via clarões como relâmpagos ou luzes no chão ou no teto, sem haver qualquer fonte exterior.

"Quando há discórdias entre nós, estas aparições cessam. Mas quando vivemos em paz e rezamos à noite, elas regressam."

Na sexta-feira anterior ao meu encontro com ela, relatou que, estando acordada, a porta do quarto se abriu e entrou um homem com roupas cinzentas, com pregas nas costas. Caminhou até ao banco onde se sentava outro homem, de roupa escura, cuja aparência não conseguiu descrever com clareza. O primeiro falava com o segundo, parecendo repreendê-lo, mas ela não conseguiu compreender as palavras.

"Nessa noite ouvi também muitos ruídos — pancadas e arranhadelas na cama e no banco."

O que é curioso é que, segundo a mulher, **sempre que estas aparições ocorrem, as pálpebras** fecham-se automaticamente, e ela vê tudo em visão interior. Quando os espectros desaparecem, os olhos abrem-se de novo.

Certa vez, no jardim, sentiu-se atraída para um determinado ponto, e encontrou algumas moedas pequenas, mas conseguiu apenas levar duas consigo.

Esta mulher tem cerca de 40 anos — é pequena, frágil, e tem um olhar muito estranho, que causa desconforto em quem a encara. Tem seis filhos. Os dois mais novos são notáveis: um deles é tão negro como a noite, o outro branco como a neve. Este último também tem o dom de ver espíritos, e os espectros frequentemente pegam-lhe na cama e parecem beijá-lo. Demorei algum tempo até contar isto à Sra. H. Quando finalmente lhe falei, ela quis logo conhecer a mulher. Levei-a, e a mulher repetiu o seu testemunho. Estava visivelmente mais leve e animada na presença da sonâmbula.

Contudo, a Sra. H. evitava fixar-lhe os olhos, dizendo-me depois que os achava desconcertantes.

Nessa mesma noite, durante o sono magnético, a Sra. H. disse-me:

“Esta mulher fala a verdade. Ela vê realmente os espíritos, e está constantemente num estado intermédio entre o sono e o despertar, sem o saber. Deve usar um amuleto feito de nove e sete bagas de louro — têm de ser contadas assim — e deixará de ver os espectros. Se usasse apenas sete, cairia num sono profundo — o que deve ser evitado, pois o marido iria acusá-la.” No dia seguinte, levei-lhe o amuleto e disse-lhe para o usar. Ela contou-me que, desde a visita à Sra. H., sentia-se mais leve, como se tivesse deixado os espíritos para trás.

Na manhã seguinte, a Sra. H. e a sua criada disseram que tinham ouvido muitas pancadas e barulhos durante a noite, o que voltou a repetir-se na noite de 12 de fevereiro.

No dia 13, fui visitar a mulher para saber o efeito do amuleto. Contou-me que, na primeira noite em que o usou, uma mão invisível tentou durante muito tempo arrancá-lo, mas não houve mais ruídos. No entanto, nessa manhã, o marido tirou-lho, esperando que pudessem enriquecer com a libertação dos espíritos. Recriminou-a por ter afastado os espectros com o amuleto.

A mulher confessou-me que também acreditava que havia um tesouro escondido na casa. Como tinham suportado os espíritos por tanto tempo, queriam agora receber a recompensa — talvez sob a forma desse tesouro. Como foi impossível demovê-la dessa ideia e ela se recusou a voltar a usar o amuleto, decidi não voltar mais àquela casa.

Na noite do dia 17, ouviram-se pancadas no quarto da Sra. H., e entrou um homem alto, com cerca de quarenta anos, envergando um casaco branco. Olhou-a serenamente, e mais tarde, enquanto dormia em estado magnético, a Sra. H. disse que ele voltaria na noite de 19. Acrescentou que, nessa ocasião, teria de segurar na mão um pedaço de coral vermelho, o qual ajudaria a acalmar as palpitações do coração e permitir-lhe-ia suportar a presença da aparição.

Desta vez, a minha esposa decidiu substituir a acompanhante habitual da Sra. H., para poder observá-la pessoalmente. Por volta das dez horas da noite, começou-se a ouvir um bater e estalar contínuo na estrutura da cama, na mesa e nas paredes — ora de um lado, ora de outro. A minha mulher certificou-se de que nenhuma das outras duas pessoas no quarto — nem a irmã, nem a doente — causavam os sons; observava-as atentamente, e a Sra. H. estava deitada em absoluto repouso, com os braços estendidos sobre a colcha.

À uma da manhã, a Sra. H. pegou num pedaço de coral vermelho que havia sido previamente colocado sobre a mesa, a seu pedido. Sentou-se na cama e falou com firmeza, dirigindo-se a alguém aos pés da cama. Disse:

"Isso, não posso fazer."

Nada mais foi percebido. Quando a minha esposa lhe perguntou o que se passava, ela apenas quis saber se não tinham visto o espectro aos pés da cama. Como disseram que não, recusou-se a contar o que ele lhe havia dito.

Na manhã seguinte, perguntei-lhe o que se passara. Ela contou-me a contragosto, dizendo que lhe custava falar destas aparições. Afirmou que o espectro usava um casaco branco-amarelado, com um cinto semelhante ao de uma mulher, e dissera-lhe:

"Vê, eu venho até ti para que seja completamente redimido."

Ela respondeu-lhe:

"Isso não posso fazer; só o teu Redentor o pode."

Então ele implorou:

"Oh! Reza por mim!"
E pediu-lhe que abrisse o livro numa certa melodia e a lesse frequentemente, o que ela prometeu fazer.

Quando lhe perguntei sobre os olhos do espectro, respondeu que era impossível descrever tais coisas:

"Os olhos pareciam dois pontos de luz, mas não se vê um espírito como se vê uma pessoa."
Acrescentou que, quando ele se virou para sair, viu pregas nas costas do seu casaco. Cumpriu a promessa e leu frequentemente o hino. Mas, a 21 de fevereiro, lamentou-se por o ter negligenciado e afirmou que teria de o ler três vezes seguidas para compensar. Disse ainda que iria falar com o espectro naquela noite, e que ele viria entre as onze e a meia-noite. Coloquei então uma pessoa de confiança no lugar da irmã, para observar tudo.

Na manhã seguinte, essa testemunha relatou-me:

"Fomos para a cama por volta das dez, e ficámos acordadas até às onze, altura em que adormeci. À meia-noite, a Sra. H. pediu um caldo, e fui acordada pela irmã a levantar-se para lho levar.

Mal voltou a deitar-se, ouvimos um som estranho — como estalidos e arrastar no chão. Depois começaram pancadas nas paredes e na cama da Sra. H., como se com martelos. Observei atentamente a Sra. H., que estava deitada quieta, com as mãos sobre a colcha.

Pouco depois, ela começou a falar — sem se sentar — como se se dirigisse a alguém junto da cama, embora eu nada visse.

Passado algum tempo, disse:

'A aparição foi-se embora, mas há de voltar já.'

E novamente ouvimos os sons, seguidos de mais conversa da sua parte.

Então ouvi claramente ela dizer:

'Abre tu mesmo.'

E com assombro, pela primeira vez naquela noite, vi a capa do livro que estava sobre a cama mover-se e abrir-se, embora nenhuma das pessoas se mexesse.

Quando ela disse:

‘Louvado seja Deus, foi-se embora,’ perguntámos-lhe sobre o espectro, mas ela respondeu apenas:
‘Deixem-no em paz,’ e não disse mais nada.”

Mais tarde, a Sra. H. explicou-me que, após os ruídos, o espectro voltou a aparecer aos pés da cama. Quando lhe perguntou por que vinha até ela, ele respondeu:

"Para alcançar a redenção total."

Ela retorquiu:

"Isso é fantasia. Por que não ficas com a mulher que reza por ti?"
Ele respondeu: *"Essa mulher não tem tanto entendimento como tu, e não consegue falar comigo."*

Ela perguntou:

"Por que estás nessa casa pobre? O que foste tu em vida?"

O espectro respondeu:

"Tive um cargo humilde. Nessa casa viviam dois órfãos — eu enganei-os, defraudei-os da herança."

Ela insistiu:

"Por que o fizeste?"

"O meu melhor amigo, muito rico, induziu-me a isso."

"Mas tu não eras rico também?"

"Não. Mas queria ser. Tudo o que obtive de forma desonesta dividi com esse amigo. Fingíamos ajudar os órfãos, mas era tudo fingimento."

Ela perguntou-lhe o nome, mas ele não quis dizer.

"Não posso revelar o nome completo. Um dos meus nomes continha a letra L."

Ela questionou ainda:

"Consegues fazer com que outros ouçam as tuas pancadas?"

"Não. Mas o meu amigo consegue. Eu trago-o contigo."

"Não! Isso perturbar-me-ia. Não quero vê-lo. Vai-te daqui, ordeno-te."

Ele respondeu que traria o amigo consigo, pois também ele necessitava de auxílio; e, quando eu lhe pedi que se fosse embora, ele desapareceu, dizendo que voltaria dentro de alguns minutos. Pouco depois, voltou-se a ouvir um ruído—e ele regressou.

Perguntei-lhe se algum dos seus familiares ainda estava vivo. Ele respondeu:

“Sim, mas vivem longe daqui.”

“O meu hinário estava pousado sobre a cama,” contou a Sra. H., “e como ele me pediu que o abrisse, estando eu muito fraca, pedi-lhe que o fizesse ele mesmo. Mas, assim que o fiz, desapareceu.”

Perguntei-lhe se vira o livro a abrir-se, mas ela respondeu que não olhara para ele. Disse-me ainda que, sempre que o espectro aparecia, sentia-se compelida a falar com ele.

Na manhã seguinte, tendo-se esquecido de ler o hino como prometera, começaram os ruídos novamente—pancadas, toques e estalidos—e então lembrou-se, pegou no livro e leu o cântico. Enquanto lia, os sons aumentaram de intensidade e foram ouvidos até mesmo nos quartos dos inquilinos do andar superior.

No dia 23, notou-se que estava muito agitada, embora ninguém soubesse a razão. Foi acometida por espasmos. Em sono magnético, disse:

"Ver um espírito em plena luz do dia, rodeada por outras pessoas, perturba-me profundamente. Aquela mulher (a esposa do guarda-noturno) devia ser mais racional; ela só reza por dinheiro."

Quando lhe perguntei por que razão o espírito que interveio para que se encontrasse o papel (no caso K.) não fazia ruídos, respondeu que era porque apenas o via enquanto dormia; apenas uma vez o tinha visto acordada.

"Aqueles que batem e fazem barulho são os que precisam de ajuda e ainda estão afastados do Redentor—mas aproximam-se dele quando aprendem como procurá-lo. Um mortal pode mostrar-lhes o caminho, mas não os pode redimir. O espírito negro está preso à casa onde viveu—e arrasta consigo o espírito branco. Eu não temo os espíritos em geral, mas é penoso ser agora atormentada por mais um. Este espírito negro vai matar-me. As suas palavras não são suspiros, como as dos outros—são gemidos."

Com o "espírito negro" referia-se ao amigo rico de quem o branco tinha falado antes.

Na noite de 23, foi acordada pelo espírito branco, que lhe pediu que rezasse com ele os Dez Mandamentos. Ela fê-lo—dizia cada um e ele respondia. De manhã, ao contar-me o sucedido, chorou. Disse que ele agora apareceria todas as noites acompanhado do amigo. A presença deste espírito perturbador deixava-a doente.

"Lembro-me bem do que sofri com um semelhante durante um ano inteiro em Oberstenfeld," disse.

"É uma provação demasiado grande para um mortal."

Acrescentou que o espírito branco lhe dissera que o amigo tinha ocupado um posto mais elevado que ele em vida.

No dia 24, caiu num estado de sonho magnético, bastante diferente dos seus estados habituais. Nestes sonhos, recordava o que experienciava e sabia que estava a sonhar. Falou alto com o espírito negro, julgando vê-lo à sua frente. Mais tarde descreveu-me duas casas vizinhas por onde estes espíritos vagueavam—detalhando o número de portas, a disposição dos quartos, e outros pormenores. Curiosamente, os residentes dessas casas diziam ser frequentemente perturbados por sons inexplicáveis—passos, portas a abrir, suspiros, tosses…

Disse:

"É bom que os espíritos não possam responder a tudo o que se lhes pede—senão seriam ainda mais atormentados do que já são."

Em estado de sonambulismo, afirmou:

"Este espírito branco virá até mim até encontrar descanso. O outro não devia vir. Eu rezo por ele, mas não suporto vê-lo. E aquela mulher ignorante, que só reza por dinheiro… Faz isso por medo ao marido! Quando durmo, alegra-me viver entre espíritos; mas quando estou acordada, fazem-me triste. É maravilhoso ver espectros, falar com eles e, de certo modo, ter prazer nisso… Mas apenas a parte espiritual de mim o aprecia, não o meu corpo de carne e osso. Ah, quantos vivem entre nós e não os vemos!"

E concluiu:

“Bem-aventurados os puros de coração.

Bem-aventurados os que, sem ver, creem!”

No dia 2 de Março, o espírito branco apareceu-lhe duas vezes com expressão zangada. Disse-lhe que tinha recaído por culpa do amigo. Ambas as aparições ocorreram com ela bem acordada. Fugiu para outra divisão e teve convulsões. Nessa mesma noite, enquanto eu a visitava, um clarão de luz atravessou o quarto e ela caiu num sono magnético. De olhos fechados, levantou-se, falou com o espectro, abriu o livro e cantou vários hinos. Ao acordar, explicou que com aquele clarão o espírito branco voltara. Dissera-lhe que o amigo, com escárnio, o fizera regredir, e ela mostrou-lhe como se proteger.

Nessa noite, ele voltou, e ela fez-lhe algumas perguntas:

— "Quanto tempo viveste na Terra?"

"Setenta e nove anos."

— "Em que época viveste?"

"Em 1700."

— "Onde vivias?"

"Não muito longe da pequena casa onde viviam os órfãos."

"— Onde vivia o outro?"

"— Vivia mais afastado daquela casa."

"— Morreste antes dele?"

"— Ele morreu três anos antes de mim."

"— Porque é que às vezes vens até mim tão sombrio, e outras vezes tão alegre?"

"— O espírito negro ganha poder sobre mim através da troça; mas agora estou mais firme."

"— Suplico-te que rezes por ti mesmo, para que permaneças firme."

Então ele pediu-lhe que abrisse o hinário, e desapareceu.

No dia 3 de Março, enquanto conversava alegremente, foi subitamente acometida por violentas convulsões, das quais tivemos grande dificuldade em recuperá-la. Quando finalmente o conseguimos, disse que o espírito branco lhe havia aparecido, com o outro a espreitar por cima do ombro dele—o que a aterrorizou. Disse ainda que nunca recuperaria se esta perseguição continuasse. Roguei-lhe então que lhes ordenasse que não voltassem, e que os banisse do pensamento; mas respondeu-me que já havia dado a sua palavra ao espírito branco, e que a devia cumprir. Observou também que os espectros raramente vinham na noite de domingo.

No dia 6, o espírito disse-lhe que sentia estar agora mais próximo do seu Redentor; e ela rezou com ele. Perguntou-lhe então como era possível que conhecesse hinos que só foram escritos depois da sua morte. Ele respondeu:

“A visão dos espíritos é ilimitada.”

A 6 de Maio, ao sair do quarto, voltou subitamente atrás junto da porta e adormeceu. Disse que se havia deparado com o espírito; e repetiu-o ao acordar. Da vez seguinte, ele surgiu atrás

dela, quando estava à janela a ver passar um rebanho de ovelhas. Sentiu alguém puxar-lhe o vestido e, ao voltar-se, viu-o tão próximo que não se podia mexer. Ele soprou-lhe estas palavras:

"Junto de ti encontro repouso."

Desmaiou e caiu sobre a cama. Disse:

"Se fosse daqui a cinco anos, já o suportaria melhor; porque até lá ele ainda não será como deve ser."

Na noite do dia 8, após muitos ruídos, ele voltou quando ela já estava deitada; e reparou que, antes de partir, ele se inclinou sobre a irmã e a criada, que dormiam, e disse:

"Que o olhar de Deus vele sobre vós."

No dia 10, quando ele estava presente, tapou os ouvidos para ver se ainda o ouvia, ao que ele respondeu:

"Ainda me ouvirás."

Ela acrescentou que os espíritos muitas vezes respondiam aos seus pensamentos antes de ela os expressar em voz alta.

No dia 12, depois de rezarem juntos, perguntou-lhe se ainda existia alguma escrita sua. Ele respondeu:

"Muito pouco meu, mas muito do meu amigo."

Disse também que tinham vivido nos séculos XVI e XVII. No dia 16, a seu pedido, perguntou-lhe porque razão nunca o via e ouvia ao mesmo tempo—os sons precediam sempre as aparições. Ele respondeu:

"Porque torno-me visível e audível através do ar—e só posso fazer uma coisa de cada vez."

Perguntou-lhe também porque era ela, e mais ninguém, a vê-lo; ao que ele respondeu:

"Porque as tuas sensações estão mais espiritualizadas."

Na aparição de dia 19, pedimos-lhe que lhe perguntasse se podia indicar a casa onde viveu, e se podia fazer-se ouvir por outros.

Na madrugada do dia 23, por volta da uma da manhã, despertei de súbito e ouvi sete pancadas seguidas, espaçadas por breves instantes, que pareciam vir do centro do meu quarto. A minha mulher também acordou, e nenhum de nós conseguiu comparar aquele som a qualquer coisa comum. A Sra. H. vivia a várias casas de distância da nossa.

No dia 28, ela perguntou ao espectro sobre o estado intermédio (o purgatório), ao que ele respondeu:

"É um lugar para aqueles que não acreditam na salvação por Cristo."

No dia 30, o reverendo Sr. Herrmann escreveu as seguintes perguntas para que ela as apresentasse ao espírito: — "Conheces a mãe de Nosso Senhor?"
— "As suas preces no céu têm poder sobre nós?"
— "Está ela em união mais estreita com o seu Filho do que os outros espíritos?"

O espírito apareceu à noite, enquanto ela tomava o caldo, e permaneceu junto da criada até que ela terminou de comer, coisa que fez serenamente. Depois, aproximou-se, e ela estendeu-

lhe o papel. Ele falou pausadamente, tão devagar, que ela pensava que nunca conseguiria ter paciência para ouvir até ao fim. As suas palavras foram:

"Conheço a Mãe de Deus um pouco melhor do que vós. Ela pode rezar por mim, como qualquer outro espírito bem-aventurado. Não há uma união mais próxima entre ela e o nosso Redentor. Mas…"

E então parou. Quando ela lhe pediu que explicasse esse 'mas', ele respondeu:

"Tem um significado belo e é muito poderoso entre os bem-aventurados. Mais do que isso não posso dizer."

No dia 3 de Abril, enquanto dormia em estado magnético, disse:

"Porque é que ele vem ter comigo? Podia ir até Deus, se quisesse—mas não consegue, porque não o fez quando estava na Terra. Só temos um mediador. Porque é que estes espíritos perdidos procuram outro auxílio?

Onde poderei encontrar este reino espiritual? Por que acenas para mim? Ninguém deveria adiar o arrependimento para esta altura. Eu preferia estar aqui do que naquela região. Eles sentem os pecados mais profundamente do que sentiam em vida, e os maus perturbam os melhores.

A dor espiritual é pior do que a física.

Nem todos descem a essas regiões inferiores—alguns estão num lugar de felicidade.
Eu não o consigo ver, mas sinto-o através de um espírito feliz.
Lá têm tudo o que desejam." Alguém que ali estava perguntou: — "Têm árvores e flores?"

Ela respondeu:

"Poucos as desejam. Os desejos deles não são como os nossos—são por coisas mais elevadas."

No dia 6 de Abril, a Sra. H. deixou a casa onde se encontrava alojada e passou a viver comigo. Ao entrarmos num quarto onde ela estivera sozinha, encontrámo-la em estado de sonambulismo. Disse-nos então que duas figuras femininas lhe haviam aparecido—e que eram as duas órfãs. Ao acordar, já não sabia quem tinham sido. Eram mais brilhantes do que os outros espectros; e, ao perguntar-lhes porque vinham, elas responderam:

"Viemos ter contigo por alegria e gratidão para com Deus."

As palavras pareciam sair de ambas, ainda que só houvesse uma voz. Falavam como os outros espíritos, mas sem o mesmo tom arrastado ou pesado. Ela não sabia por que razão tinham vindo—talvez para anunciar a sua morte, o que, disse, a alegraria. Ainda assim, a sua aparição repentina abalou-a.

No dia 9, o espectro veio ter com ela, pela primeira vez, a minha casa, e rezou com ela. Como voltou uma segunda vez, nessa mesma manhã, ela perguntou-lhe a razão, e ele disse-lhe que viria três vezes nesse dia, para se preparar para a celebração do jejum que se aproximava. Contudo, veio quatro vezes; e, como a última visita foi inesperada, assustou-a, fazendo-a cair num sono magnético, no qual lhe pareceu que ele viera novamente, porque o espírito maligno, seu amigo, tentava abalar as suas boas resoluções.

Perguntei-lhe se os espíritos caminhavam como as outras pessoas. Disse que sim, mas não exatamente como se colocassem um pé à frente do outro da mesma maneira que os humanos. Disse também que ele lhe havia revelado mais duas letras do seu nome — B e F — e que lhe aparecia com a idade que tinha quando defraudara os órfãos, ou seja, cerca de cinquenta anos.

Devíamos ter mencionado anteriormente que, desde o momento em que o reverendo Sr. H. enviara as perguntas escritas que foram mostradas ao espectro, ele passou a acordar a uma hora específica todas as noites, sentindo imediatamente uma forte inclinação para rezar. Ao mesmo tempo, ouvia-se bater no seu quarto — ora no chão, ora nas paredes — o que a sua esposa também escutava, embora nada vissem.

No dia 10 de Abril, escrevi um pedido ao espírito, pedindo-lhe que se fizesse visível para mim, e esse pedido foi-lhe mostrado por ela. Ele respondeu que tal já lhe havia sido pedido antes, mas que não estava no seu poder fazê-lo. No dia 13, saiu mais cedo do que era habitual, antes da oração estar concluída; e, quando ela lhe perguntou a razão, respondeu que tinha de partir antes de começar a hora do jejum, que agora lhe era permitido observar, e que não voltaria antes de este terminar. E de facto, assim foi. Quando regressou, ao fim de oito dias, apresentava-se mais luminoso, e a sua forma menos densa.

Na Sexta-feira Santa, enquanto ela estava em sono magnético, a porta abriu-se e fechou-se diante de nós, sem qualquer intervenção humana; e ela disse-nos que era o espírito negro, que naquele dia estava em grande sofrimento. Disse também, ainda dormindo, que o espectro branco estava na casa do “espírito nervoso” que havia enviado as perguntas escritas — referindo-se ao Sr. H. — “Mas não lho digas. Ele vai ter com ele todas as noites, e esse espírito nervoso está a pensar mudar-se de casa.” Algum tempo depois, o Sr. H. deixou efetivamente aquela casa e foi para Heilbronn. Quando o espectro voltou, ela perguntou-lhe onde tinha observado o jejum, e ele respondeu que o fizera na região intermédia, com outros espíritos.

Perguntou-lhe também por que razão queria que ela fosse à casa que ele habitara em vida. Ele respondeu que nessa casa estavam duas órfãs, e que ela devia dar-lhes três kreutzers.* Ela não compreendia o motivo desse pedido, mas disse que obedeceria. De facto, encontrei duas órfãs na casa indicada, mas não tão pobres que aceitassem tal quantia, pelo que adiámos a entrega até perceber o verdadeiro propósito.

No dia 18 de Abril, às nove horas da noite, a Sra. H. encontrava-se no estado de sono desperto, e na sala estavam o seu marido, a irmã mais velha, os bolseiros Binder (de Stuttgart) e Strauss (de Ludwigsburg), a minha esposa e eu. Como a minha mulher estava muito cansada, deitou-se na cama da irmã da Sra. H. Os restantes conversavam sobre assuntos triviais, e eu mantinha os olhos fixos na minha mulher. De repente, mesmo junto à cama onde ela estava, ouvimos um longo e terrível gemido. A minha mulher levantou-se de um salto, dizendo que alguém tinha gemido junto ao seu ouvido, e que até sentira o hálito da pessoa. (A sensação desse sopro perdurou durante semanas.)

Nesse preciso momento, a Sra. H. sentou-se e, com os olhos fechados, apontando para a cama onde a minha mulher estivera, disse:

“Ali está ele! Foi dele aquele gemido, por causa dos kreutzers que não foram entregues. Agora já não pode bater. Se a mulher tivesse procurado, teria encontrado o dinheiro; mas eu não posso sair a procurá-lo no meio da erva. Não me censures; não estou ao teu serviço. Oh! um espírito piedoso não falaria assim! Vem ter comigo quando eu estiver acordada, e diz então o que quiseres. Ordeno-te que vás, e me deixes em paz.”

Mais tarde contou-nos que o espírito insistira para que o dinheiro fosse entregue ainda naquele dia, e que ela o vira inclinar-se sobre a minha mulher, soltando um gemido, porque era ela quem tinha ficado encarregue de o entregar, e não o fizera. O que era verdade: ela tinha adiado a entrega até que eu compreendesse o motivo do pedido. Disse que pediria ao espírito branco que permitisse que o seu amigo obscuro se tornasse visível em alguma casa, se tal fosse possível; e acrescentou:

“Mas eu digo: bem-aventurados os que não viram, e contudo creram.”

Fomos então para o nosso quarto, no andar de cima. Estávamos exaustos, os amigos já tinham partido, e os nossos filhos dormiam havia muito. Deitámo-nos imediatamente, adormecendo sem trocar mais palavra sobre o que se passara no piso inferior. Às doze em ponto, uma das crianças, de cinco anos, que dormia no mesmo quarto connosco, gritou de repente e saltou da sua cama para a da mãe, exclamando:

"Acorda! Acorda!"

"Há um homem negro que quer beijar-me, ou morder-me."

A menina abraçou a mãe, que tentava consolá-la, enquanto ela gritava de terror; mas nem eu nem a minha esposa vimos coisa alguma.

Já antes havíamos observado que o espírito negro frequentemente tirava a criança do seu leito e a beijava.

A expressão da criança — de que ele queria beijá-la ou mordê-la — coincidia perfeitamente com a descrição que a Sra. H. fizera dele: um homem de cabeça negra, com dentes salientes. Na noite do dia 19, a Sra. H. estava deitada na cama, e eu escrevia numa mesa próxima, quando, de repente, ouvi um ruído semelhante ao farfalhar de papel, sobre a cómoda atrás de mim, onde não havia qualquer papel. Levantei-me imediatamente para averiguar a causa, mas não consegui encontrar explicação alguma; a cama da Sra. H. estava a uma boa distância do local. Quando mais tarde lhe perguntei, já em estado de sono-vigília, qual fora a razão, ela respondeu:

"Isso ainda não lhe posso dizer."

O mesmo voltou a acontecer no dia seguinte, quando estávamos juntos, mas desta vez o farfalhar deu-se na mesa em vez da cómoda; e à minha pergunta, ela voltou a dar a mesma resposta. Como o espírito agora aparecia a qualquer hora, ela perguntou-lhe por que o fazia, ao que ele respondeu:

"É porque aquele a quem chamas o negro não me dá descanso; ele procura a paz por meu intermédio."

No dia 21, de manhã, estando a janela aberta, pequenas pedras foram lançadas para dentro do quarto — eu próprio as vi e apanhei — apesar de ninguém visível se encontrar por perto. Eram pedrinhas idênticas às que havia diante da casa. Outros sons inexplicáveis foram também ouvidos no quarto.

Mais tarde, estando ela sozinha, um banco que estava diante da escrivaninha foi levantado até ao teto por uma força invisível, e depois baixado lentamente. Nessa mesma noite, enquanto estávamos no jardim, e apenas ela e a criada se encontravam em casa, ambas ouviram passos a correr no andar de cima e chamaram-me. Subi imediatamente, mas não encontrei ninguém — no entanto, ouvi passos atrás de mim em todas as divisões, até às escadas. Quando, mais tarde, lhe perguntei em estado de sono o significado desses fenómenos, ela suspirou e disse:

"É tudo obra do espírito negro, mas nada quero ter a ver com ele."

Pedi-lhe que o enviasse até mim, mas ela respondeu:

"Isso não está ao meu alcance. Pedi ao espírito branco que o fizesse, mas tudo depende da vontade do Senhor."

Na noite de dia 11, eu e a minha esposa fomos acordados por suaves pancadas nas duas janelas do quarto, situadas em lados opostos da divisão.

No dia 22, pedras voltaram a ser lançadas para dentro do quarto, e também contra a criada, que estava no exterior; mas ela não viu ninguém por perto — e a minha casa é bastante

exposta. Por volta do meio-dia, a Sra. H. regressou assustada do pátio, caindo imediatamente num estado semi-vigílico. Disse que fora surpreendida por um estranho animal, do tamanho de um cão, com um focinho comprido e olhos revirados. Gritou-lhe:

"Vai-te embora! Todos os bons espíritos louvam o Senhor!"

E o ser desapareceu.

Mais tarde, no seu quarto, voltou a ver a aparição, desta vez sob a forma de um urso. Em estado de sono, disse:

"Agora vejo o quão negra é a sua alma, pois aparece sob formas tão terríveis. Mas tenho de vê-lo, porque agora já não pode ir até ao outro, que está quase em beatitude."

No dia 23 de Abril, enquanto estávamos sentados no andar de cima, à luz das velas, uma forma branca, nebulosa, visível por todos nós, passou pela janela; imediatamente ouvimos os sons habituais. Às 11 da noite, quando já estávamos todos deitados, a irmã da Sra. H. entrou no quarto, dizendo que tinham ouvido barulhos de correntes na janela e visto, por duas vezes, uma face escura a espreitar. Revistámos a zona, sem encontrar ninguém, e fechei os postigos.

No dia 25, estando eu e a irmã no quarto, pequenas cinzas foram lançadas não pela janela, mas de um canto da divisão; a porta estava fechada, e a minha esposa, que observava de uma janela do andar superior, nada vira.

No sétimo dia, como combinado, o espírito branco voltou; e disse que os kreutzers tinham de ser entregues nesse mesmo dia. Fui então entregá-los pessoalmente. Descobri que as órfãs estavam, nesse exato dia, prestes a abandonar a casa onde haviam vivido com os pais e que agora era sua propriedade. Estavam profundamente entristecidas, e disseram-me que tanto elas como os pais tinham visto frequentemente uma figura branca, como uma nuvem, bem como ouvido sons estranhos pela casa — suspiros, gemidos, tosses.

O pai acreditava que a casa era assombrada, mas não por um espírito maligno. Na visita seguinte, o espírito branco manifestou contentamento por o dinheiro ter sido entregue. Parecia haver nisto um ato de expiação. O espírito voltou agora em forma muito mais luminosa. Disse que o seu nome fora Belon, e agora era Jamua.

"Escrevia Bellon, mas o meu verdadeiro nome era Belon."

Acrescentou que agora podia ir ter com o seu Redentor, e libertar-se de todos os pensamentos terrenos. Sabendo agora o nome, comecei a investigar. Após várias diligências, o Presidente Pfaff descobriu que, no ano de 1700, vivera ali um burgomestre e tutor de órfãos com esse nome, e que teria morrido em 1740, pois a partilha dos seus bens ocorrera nesse ano.

No registo de óbitos de 1740, encontrámos o seu nome, com a idade de 79 anos.

Encontrámos também um documento com queixa contra esse homem, vinda de uma família há muito extinta. Aí se relatavam factos sobre a sua avareza, e comprovava-se que vivera na casa que indicara.

No dia 27, um animal, semelhante a um escorpião monstruoso, saiu de um canto do quarto. Ela ordenou-lhe, em nome de Jesus, que se fosse — e ele desapareceu. Mais tarde, enquanto eu estava sentado junto dela enquanto dormia, ouviu-se um som como de areia ou cinzas a serem lançadas de um canto; mas eu nada consegui ver. Chamei as pessoas da casa e, quando regressei, ela — ainda em estado de sonambulismo — disse:

"Se tivesses ficado e não chamasses ninguém, terias ouvido mais."

No dia 30, a pedido de um amigo, ela mostrou ao espírito branco um papel, onde se lia:

“Se és um bom espírito, diz-nos como devemos viver para evitarmos cair no estado intermédio após a morte.”

Ele respondeu:

“Sim, por meio do meu Mediador e Redentor, sou agora bom e feliz. Quem desejar a suprema felicidade deve confiar inteiramente no Evangelho e nos ensinamentos de Jesus.”

À meia-noite, no dia 3 de Maio, o espírito branco despertou repentinamente a Sra. H. e ordenou-lhe que tomasse conta da irmã, pois o espírito negro viria durante quatro noites e ficaria junto à sua cama; e, como ela o veria, isso poderia assustá-la de morte.

Disse que alguém teria de ficar com ela.

A Sra. H. manteve-se imóvel e observou; e, pouco depois, viu o espírito negro, como uma coluna, junto à cama da irmã. Quando ele lá estivera por cerca de dois minutos, a irmã acordou cheia de pavor. A Sra. H. disse-lhe para se levantar e chamar alguém; mas, vendo ainda a figura ali, a jovem respondeu que, por nada, ousaria mover-se. Só depois de a figura desaparecer é que se ergueu e, vindo até nós, disse que a irmã pedia para que alguém fosse passar a noite com ela.

Enviámos a criada, que dormiu com ela; mas, durante toda a noite, houve barulhos inexplicáveis por toda a casa, ouvidos por todos nós. Na manhã seguinte, a Sra. H. relatou o sucedido, e a irmã ouviu então, pela primeira vez, uma explicação para o que sentira. Disse que acordara com um medo terrível e, sem saber porquê, não conseguira sair da cama — embora não tivesse visto nenhum fantasma, nem sequer pensado em tal coisa. Queixava-se o dia todo de uma dor no lado junto ao qual o espectro estivera. Ao meio-dia, os ruídos no quarto onde eu estava foram tão intensos, que os vizinhos de cima desceram para perguntar o que se passava.

Nessa noite, quisemos que a criada dormisse novamente no quarto, mas ela recusou. Depois de a irmã já estar deitada, a Sra. H. levantou-se, em estado de sonambulismo, com os olhos fechados, vestiu o roupão, o lenço e as meias, deitou-se ao fundo da cama da irmã, agarrou-lhe na mão e segurou-a com força. Depois de algum tempo, despertou, surpreendida por se encontrar ali, e voltou imediatamente à sua própria cama.

De manhã, disse que o espírito branco lhe ordenara que protegesse a irmã, e que, enquanto ali estava, ele ajoelhara-se junto a ela, com o espírito negro a observar de longe. Na noite seguinte, enviámos a irmã para dormir em casa de amigos e arranjámos outra acompanhante. No dia seguinte, quando a minha esposa foi à cave, ouviu-se tanto bater nos tonéis e vasilhas, que ela chamou por mim; mas, apesar da busca, não encontrámos nada. Nessa noite, no quarto da Sra. H., com as portas e janelas bem fechadas, voltaram os ruídos, batidas e arremessos.

O espírito branco tornara-se agora tão ténue, que ela mal o conseguia ver; ele disse que só viria mais duas vezes, pois estava a tornar-se cada vez mais difícil para ele aparecer. Revelou-lhe muitas coisas que ela recusou contar-nos — uma delas era que existem oito bem-aventuranças.

Os ruídos continuaram diariamente.

No dia 17, em estado de sono, ela disse:

“Oh, que alegria! Que deleite! Nunca fui tão feliz como agora. O homem mortal não pode imaginar. Que bem-aventurança espera as almas piedosas! Aqui achamos música e flores belas — mas que são elas comparadas à música e flores celestiais? Mas que tormentos para os que permanecem tanto tempo no estado intermédio, sem alcançar tais delícias!” Quando

acordou, disse que todos nós parecíamos tão densos e pesados, que não compreendia como conseguíamos mover-nos. Quanto à insistência com que lhe pedíamos para fazer perguntas aos espíritos, a fim de nos convencer de que não eram simples produto da sua imaginação, ela disse:

"É-me indiferente se acreditam ou não.
Quanto mais lhes faço perguntas, mais me aproximo deles — em vez de me libertar."

Na noite de 31 de Maio, a minha esposa acordou subitamente, assustada, e sentou-se na cama. Logo em seguida, ouvimos a irmã da Sra. H. chamar da janela, de baixo para cima, dizendo que havia alguém à porta do pátio.

Saltei da cama e corri à janela; ouvi claramente alguém a tentar abrir a porta, mas não vi ninguém, apesar da luz do luar. Gritei, mas não houve resposta — e logo se ouviu um ruído no telhado, como se alguém atirasse pedrinhas.

Disparei um tiro pela janela — mas tudo ficou em silêncio, sem qualquer movimento.

No dia 29, o espírito branco apareceu, acompanhado por uma figura feminina resplandecente; todos cantaram um hino, que a Sra. H. certamente não conhecia anteriormente. Depois, ele agradeceu-lhe pelas orações, e ambos partiram pela porta. A Sra. H. disse que ansiava profundamente por ir com eles. O espírito branco já lhe havia prometido que o espírito negro não voltaria mais a incomodá-la.

Em agosto, veio ter comigo uma mulher de Lenach, de nome L. S., desejando falar com a Sra. H. acerca de algumas perturbações extraordinárias que a afligiam há vários anos. Disseram-lhe que a Sra. H. via aparições, mas ela não sabia mais nada sobre o assunto.

Disse:

"Na casa onde vivia, ouvia sons durante a noite, como o rolar de bolas, gemidos e choros; e às vezes parecia que algo pesava sobre mim; e algo invisível aproximava-se tanto, que eu sentia até o seu hálito. Tudo isto deixou-me tão doente, que abandonei a casa."

Perguntei-lhe em que casa isto tinha acontecido — e qual não foi o meu espanto ao saber que fora na casa de Belon.

"Quando regressei a Lenach," continuou, "não ouvi mais nada; mas depois, quando fui assistir a um serviço religioso em Neustadt, voltei a ser atormentada como dantes; e, além disso, via frequentemente uma aparição branca junto à minha cama. Adoeci e voltei para casa; mas lá fui perturbada durante dois anos por um som constante de lamentos, que a minha mãe também ouvia. Muitas vezes ouvia coisas a serem atiradas contra mim, mas nunca encontrava nada; e também ouvia uma espécie de fala imperfeita, como se alguém tentasse falar mas não conseguisse. Ao acordar subitamente, por vezes via a aparição branca junto à minha cama."

A mãe desta mulher (que era casada e tinha filhos) confirmou tudo o que ela disse; acrescentando que os sons também foram ouvidos pelo marido, que chegou a ver uma figura escura.

Combinei que essa mulher — a filha — passasse uma noite no quarto da Sra. H., para verificar se via as aparições que iam ter com a Sra. H. Ela não as viu, mas ouviu-as; e a consequência foi que o espírito negro, que já não se manifestava há algum tempo, voltou a aparecer e perturbou-nos durante algum tempo. Estes acontecimentos serão novamente referidos mais adiante.

Algum tempo depois, vi esta mulher no seu leito de morte, ocasião em que me assegurou que tudo o que nos tinha contado era verdade. Acrescentou ainda que o espírito negro, sete dias antes, tinha informado a ela e ao marido da aproximação da morte, através de um sinal que,

estando então a morrer, já não conseguia explicar. Ela e o marido faleceram com poucos dias de diferença.

QUINTO FACTO

No dia 6 de Julho de 1827, a Sra. H saiu para passear na avenida perto da minha casa, que leva à cidade; mas regressou apressadamente após dar apenas alguns passos, dizendo que não podia continuar. Só no dia 14 fiquei a saber o motivo, quando ela me contou que tinha visto um homem que reconheceu como sendo um espectro, e que desde então ele a visitava frequentemente durante a noite, pedindo-lhe insistentemente que fosse com ele ao castelo, onde existia uma cave grande e uma pequena, nas quais ela devia entrar; e, quando ela recusava, ele dizia-lhe que teria de continuar a visitá-la até que ela fizesse o que ele pedia.

Descreveu-o como tendo um aspeto bom e amigável, e disse que não lhe causava qualquer receio. Parecia ter cerca de setenta anos, usava uma barba longa, um casaco e chapéu de estilo antigo — semelhantes aos que os tiroleses ainda usam — e botins. A sua maneira de falar era mais fluente e rápida do que a dos outros espíritos. Em resposta às suas perguntas, disse-lhe que tinha vivido no ano de 1520, que se encontrava num estado de bem-aventurança, mas que algo o impedia de progredir, e implorava-lhe que ganhasse coragem e fosse com ele. Ela disse que nenhum espírito que tivesse visto lhe agradava tanto como aquele.

No dia 21, perguntou-lhe o que faziam os espíritos no lugar onde ele se encontrava. Ele respondeu: "Estou onde estão os pagãos, e os homens justos que nunca tiveram oportunidade de conhecer o Salvador; e ali somos instruídos pelos anjos até estarmos prontos para um lugar mais elevado." Acrescentou que existiam oito bem-aventuranças, mas que até então apenas sete tinham começado — a oitava ainda não se tinha iniciado — e que isso era o significado do Reino dos Mil Anos.

No dia 20, ela disse-lhe que não poderia acompanhá-lo ao castelo se ele não lhe dissesse o seu nome. Ele respondeu que só lhe seria revelado quando lá chegassem. Por volta dessa altura, começou a aparecer uma outra figura, menos luminosa do que ele: vestia-se à militar, aparentava cerca de quarenta anos, e a sua presença vinha acompanhada de um som metálico, semelhante ao tilintar de esporas. Um dia, enquanto o Reverendo Sr. H e eu estávamos a ler com ela, ele interrompeu subitamente, dizendo que algo lhe tinha tocado o pé; mais tarde, ela contou-me que, naquele momento, essa aparição militar estava junto dele. A figura andava de um lado para o outro no quarto, olhava para ela com serenidade, mas nada dizia. O Sr. H percebia frequentemente a presença de espíritos desde que tinha começado a comunicar com eles por meio de perguntas escritas.

Pouco depois, estando a Sra. H a dormir na cama, com roupa e botas calçadas e presas por ganchos, entrei no quarto e observava-a quando as botas lhe foram retiradas dos pés por uma mão invisível — transportadas pelo ar até ao local onde a irmã dela se encontrava junto à janela — e colocadas ao lado dela. A Sra. H permaneceu imóvel o tempo todo e nada soube até eu a acordar. A irmã, em lágrimas, recusava-se a voltar a tocar nas botas. Sempre que este espectro aparecia, a luz de presença era apagada, e uma vez ela viu-o a apagá-la com as próprias mãos.

No dia 22, o espectro falou pela primeira vez, num tom trocista, dizendo que era o caçador daquele que queria levá-la ao castelo. Pouco depois, quando a irmã dela e a minha filha estavam no quarto, um biombo que se encontrava em cima da mesa foi lançado para o outro lado da divisão. A Sra. H, que estava deitada na cama, tinha acabado de ver o caçador entrar pela porta. No dia 10, entrou apressadamente e atirou todos os papéis da mesa para o chão. Quando ela lhe perguntou o que queria, ele respondeu que pretendia impedir que o outro espírito tivesse descanso. Na noite do dia 24, o espectro voltou, desta vez acompanhado por uma mulher alta, magra e idosa, com uma aparência escura e desagradável. Vestia-se de

forma antiquada, com um toucado alto e, por baixo, um tipo de véu semelhante ao usado por todas as aparições femininas; o vestido era espesso e muito rodado, e os sapatos tinham bico pontiagudo. Ambos andavam pelo quarto, olhando para a Sra. H, mas sem dizer uma palavra.

Quando ela perguntou ao outro espírito o motivo da vinda daqueles dois, ele respondeu que era para a impedir de fazer o que ele queria, pois o caçador o odiava em vida, e tinha levado esse ódio consigo para a morte, por ele o ter despedido do seu serviço, entre outras razões.

A Sra. H disse-me várias vezes que sonhara haver algo na cisterna da cozinha — um lugar onde nunca tinha estado — que não devia estar ali. Ao esvaziá-la, encontraram no fundo uma agulha de tricô muito antiga, comprida, grossa e enferrujada. Levei-a ao quarto da Sra. H e deixei-a sobre a mesa. Alguns dias depois, embora ninguém a tivesse tocado, a agulha apareceu na cozinha, num andar superior. Voltei a colocá-la na mesa do andar de baixo; pouco depois, o caçador e a sua companheira apareceram, e a Sra. H viu a agulha a levantar-se da mesa — que estava a seis passos dela — e a voar na sua direção. Ela gritou por ajuda, e, em vez de chegar até ela, a agulha caiu num copo com água, onde a encontrei ao entrar no quarto, alertado pelos seus gritos.

Na noite do dia 29, estando a Sra. H sozinha e a minha criada e outra pessoa na sala ao lado, próxima da porta, o caçador e a mulher voltaram, andando de um lado para o outro como de costume, e parando de vez em quando para a observarem — ele dizendo apenas “Sim, sim, sim!” num tom trocista, enquanto a mulher a olhava com expressão semelhante, provocando-lhe espasmos. Ao mesmo tempo, as duas pessoas na sala contígua ouviram barulhos estranhos — o tilintar de esporas e um ruído como se todas as cadeiras estivessem a ser atiradas ao chão. Sem entenderem a origem do tumulto, e sabendo que a Sra. H estava deitada, correram para o quarto, onde um banco lhes foi lançado do lado oposto ao da cama — e, ao mesmo tempo, viram a Sra. H deitada, inconsciente. Quando acordou, disse que tinha visto os espectros, mas que nada sabia do alvoroço, pois estivera inconsciente. Durante o sono, afirmou ter ouvido os sons enquanto estava nesse estado, pois nessa condição encontrava-se sempre em estado magnético; mas, acordada, nada percebera.

Na noite de 1 de agosto, o espírito bom voltou a visitá-la, mas os espíritos maus também, colocando-se à frente dele e fazendo-o desaparecer. O caçador ameaçou continuar a perturbá-la, mas ela desafiou-o em nome de Deus. No dia 7, voltaram, trazendo consigo um espírito muito escuro, de figura baixa e atarracada, que assustou muito a Sra. H. Estas aparições passaram a ser frequentes. O espírito bom, quando surgia, trazia consigo uma pequena folha de papel, onde ela via letras grandes misturadas com letras pequenas em vermelho. Disse: "Isto é o que me impede." Como ela não conseguia ler bem à noite, pediu-lhe que a trouxesse durante o dia.

No dia 31, dei-lhe um papel dobrado e selado, no qual estava escrito: "Jesus leva os nossos pecados — transmite esta palavra de alegria a todos"; e pedi-lhe que o oferecesse ao primeiro espectro que aparecesse, perguntando-lhe o conteúdo. Assim fez, e o caçador, sem sequer tocar no papel, disse: "Jesus! Pecados! O que é que isso me importa? Nunca serei feliz." Ela perguntou: "Podes alguma vez esperar ver Deus, sendo tão mau?" Ele respondeu: "Hum! Nunca verei." Ela então ordenou-lhe que se fosse embora, e de manhã devolveu-me o papel ainda selado, como lho tinha dado.

Durante a noite, o caçador regressou sozinho e, com suavidade mas em tom meio trocista, pediu-lhe que lhe ensinasse a rezar.

— “Estás a falar a sério? Queres rezar?”

— “Quero.”

— “Porquê?”

— “Para me tornar mais feliz.”

— “Acreditas que podes alcançar a felicidade através da oração?”

— “Sim, agora acredito.”

— “Então confia no teu Redentor.”

Depois disso, desapareceu. Quando voltou da próxima vez, ela voltou a rezar com ele; mas disse-lhe que não o faria mais se ele trouxesse consigo aquele espírito negro, que por vezes fazia tanto barulho que até a criada o ouvia. Disse-me que lhe parecia que as orações e palavras piedosas que proferia se espalhavam pelos espíritos, tornando-os mais brilhantes, mas que isso a deixava enfraquecida.

Quando o caçador apareceu novamente, ela perguntou-lhe porque é que o espírito bom vinha tão raramente. Ele respondeu:

— “É culpa minha; ele não pode vir quando quer. É muito mais difícil para ele vir até aqui do que para mim.”

— “Se eu fosse ao castelo, como ele deseja, podes dizer-me onde fica o local de que ele fala?”

— “Eu poderia, mas este espírito negro não me deixa.”

Imediatamente, o espectro negro surgiu diante dela.

— “Disseram-te que deves invocar o teu Senhor e Salvador, e expulsar este espírito negro de ti.”

— “Quero fazê-lo; mas diz-me como.”

— “Rezando continuamente ao teu Redentor para que perdoe os teus pecados.”

No dia 12, ela perguntou-lhe por que razão estava ele na região intermédia.

— “Pelos meus pecados. Ensina-me a rezar.”

— “E como estás ligado a esse espírito bom?”

— “Como por uma corrente, que gerou nele um ódio inextinguível. Eu era seu inferior, e ofereci uma corrente à sua senhora. Ele não permitiu que ela a usasse — tirou-lha e lançou-a numa cripta. Prometeu ajudar-me a arranjar uma posição melhor, mas nunca o fez. Eu e uma criada desenvolvemos um grande ódio por ele: roubámo-lo e fizemos-lhe todo o mal que pudemos. Contar-te-ei tudo, mas agora reza comigo — diz o Pai-Nosso.”

Na noite do dia 13, coloquei no quarto da Sra. H a mulher de Lenach, já referida, e ela contou-me, na manhã seguinte, que tinha ouvido ruídos e que a Sra. H acordou e falou com alguém invisível; a primeira palavra que ouviu foi: “Porquê?” A Sra. H relatou a seguinte conversa:

— “Não consigo rezar uma palavra que não me seja ensinada por ti.”

— “Porquê?”

— “Porque ninguém nos ensina; temos de descobrir por nós mesmos.”

— “Quem invoca o Senhor, será ouvido por Ele. Ele dar-te-á forças, se Lhe pedires.”

Ela disse que o espectro absorvia estas palavras como uma criança interessada a absorver algo novo. Ele insistia para que ela dissesse mais, mas ela estava exausta e não conseguia.

No dia 16, após vários ruídos, apareceu um espírito alto e escuro, que a Sra. H nunca tinha visto. No dia 17, eu e a minha esposa ouvimos ruídos muito próximos do nosso quarto, mas não encontrámos ninguém. No dia 21, o caçador voltou, acompanhado da mulher e do espírito escuro e baixo; este último estava, como sempre, muito inquieto. A mulher disse em tom trocista ao caçador para não dar ouvidos à Sra. H, mas sim a ela. Ele implorou-lhe que convencesse essa mulher a pronunciar o nome de Jesus.

No dia 12, ouvimos ruídos no nosso quarto e uma mesa foi atirada ao chão sem que ninguém lhe tocasse; nesse mesmo momento, senti uma sensação indescritível no braço esquerdo. No dia 23, o espírito alto e escuro apareceu novamente pela última vez, mas nada disse. A Sra. H pensava que ele vinha por causa da mulher de Lenach.

No dia 24, a Sra. H mudou-se para a casa ao lado. Pouco depois, o caçador apareceu no quarto ao lado daquele onde ela se encontrava e fez-lhe sinal. Disse-lhe que a encontraria onde quer que ela estivesse, mas que não devia falar com ela, pois isso prejudicaria a sua saúde. Na noite da mudança, coloquei uma rapariga muito honesta a dormir no quarto dela, e esta contou-me que, durante a noite, a porta se abriu e ela viu um espectro alto e escuro a mover-se pelo quarto. Esta é a mesma rapariga mencionada na história da terceira aparição.

No dia 27, a espectral feminina apareceu sozinha e disse, em tom trocista, que impediria o caçador de aparecer. No entanto, ele veio, e quando ela lhe perguntou o porquê, ele respondeu:

— “Oh, Deus! É porque, em vida, eu estava demasiado ligado a ela!” No entanto, expressou também o desejo de que ela fosse salva.

A Sra. H perguntou-lhe se ele não podia assumir outra forma que não aquela que tinha em vida. Ele respondeu:

— “Se eu tivesse vivido como um animal, assim apareceria para ti. Não podemos tomar a forma que quisermos: tal como somos interiormente, assim nos apresentamos a vós.”

Nesse momento, ela ouvia música vinda de uma casa vizinha, e perguntou-lhe se havia música onde ele se encontrava. Ele respondeu:

— “Não; mas por vezes ouvimos a música dos espíritos felizes, e isso causa-nos dor.”

— “Ouvem música terrena?”

— “Agora, quando estou contigo, ouço-a através de ti; de outro modo, não. Não temos parte no que acontece na Terra.”

Como a mulher e o espírito baixo e escuro ainda o acompanhavam, mas mantinham-se à distância, ela perguntou-lhe quem era este último. Ele respondeu: “É um daqueles que nunca poderão ser felizes.”

No dia 1 de Outubro, o espírito negro ameaçou-a e apresentou-se de forma tão terrível que ela adoeceu gravemente; e, no dia 2, a figura feminina convidou-a com troça a ir com ela ao castelo. Estes dois espectros continuaram a ameaçá-la e a perturbá-la bastante; o negro era tão pesado que os seus passos eram audíveis. O caçador disse-lhe para não lhes dar ouvidos.

No dia 9, a Sra. H contou-me que lhe tinha aparecido uma forma luminosa, vestida de branco, com a cabeça rodeada por um halo de luz. Não lhe foi permitido revelar o que esta lhe disse. Confessou que já tinha sido visitada por esta forma anteriormente, e que então lhe dissera: “Sou um dos que são enviados para servir aqueles que hão de herdar a felicidade eterna.” Este espírito não andava pelo chão como os outros, mas flutuava; os restantes, em comparação, pareciam pesados como chumbo. Ele era como uma nuvem clara atravessada pela luz do sol.

Nessa noite, quando o caçador apareceu, o espírito luminoso voltou e falou-lhe de forma consoladora. Ela disse que este espírito lhe dava tanta força como os outros a enfraqueciam. Sabia quem ele tinha sido em vida, mas recusou-se a dizer. Este espírito contou-lhe que também tinha estado na região intermédia, mas apenas por pouco tempo, e não num grau tão baixo como os outros espectros. Mais tarde, soube-se que esta forma luminosa era do falecido pastor T., de Oberstenfeld, mencionado nas primeiras páginas deste relato, sobre cujo túmulo a Sra. H tinha estado. Ele fora um homem extremamente digno e exemplar.

O dia 19 de outubro chegou — o momento em que, como já descrito, parecia despertar da sua condição frágil, e se verificou que tinha perdido toda a memória do que se passara ao longo de vários meses. Nessa manhã, contou-me que durante a noite tinha sido perturbada por um espectro vestido com uma casaca curta e botas, que lhe pediu consolo; e, quando ela perguntou o que ele queria, respondeu: “Já to disse muitas vezes.” Depois surgiu uma figura luminosa, de alguém que ela conhecera em vida; e, ao perguntar-lhe porque vinha, tendo já falecido há tanto tempo, respondeu: “Venho para te dar força; acalma-te.”

A partir de então, quando os espíritos a visitavam, ela já não se recordava de nenhum deles. Contávamos-lhe as histórias que ela própria nos tinha relatado. Mostrou-se muito surpreendida com o espírito baixo e escuro, e disse que, embora estes parecessem feitos de chumbo comparados com a figura luminosa, eram, ainda assim, muito mais leves do que nós, humanos. “Como devemos ser pesados!”

Quando a espectral feminina a ameaçou, ela disse-lhe para ir ter comigo; e, nessa mesma noite (2 de Novembro), tanto eu como a minha esposa fomos muito perturbados por ruídos no nosso quarto, e algo foi atirado na minha direção. De manhã, soube o que a Sra. H tinha dito ao espírito.

No dia 9, quando o caçador e o espírito luminoso apareceram juntos, a rapariga de Lowenstein, que dormia no quarto, viu o caçador, mas não o outro. A Sra. H disse que só poderia ser visto com o “olho espiritual”, que está dentro do olho carnal.

No dia 15, o filho da Sra. H, então com três anos, dormia no quarto contíguo por onde o caçador passava, e começou a gritar, apontando para a porta, dando a entender que tinha visto algo assustador.

Algum tempo antes de despertar, disse-nos que o bom espírito só regressaria quando ela fosse capaz de ir ao castelo; foi o caçador quem lhe dissera isso. Agora, no dia 20, a forma luminosa disse que voltaria na manhã seguinte — o que aconteceu — e contou-lhe que, se não pudesse ir ao castelo antes de 15 de Fevereiro, ele regressaria de novo. Ela descreveu-o tal como o fizera no seu estado anterior. No dia 15, apareceu novamente acompanhado pelo caçador; disse-lhe que só voltaria quando ela pudesse ir com ele, e o caçador anunciou que ia agora para um lugar melhor e que não a voltaria a perturbar.

Ela continuou demasiado fraca para ir ao castelo, e eles nunca mais apareceram.

Pouco depois de se tornar conhecida a história deste bom espírito, que queria que a Sra. H fosse ao castelo, um homem, empregado num cargo público na cidade, veio ter comigo — era o dia 9 de Agosto de 1827 — e contou-me o seguinte:

"Há dez anos, quando vivia no pátio mais próximo daqui, era constantemente perturbado, de dia e de noite, por algo invisível que abria e fechava as portas, e subia e descia as escadas; até os meus filhos estavam habituados a esses sons, pois tornaram-se frequentes — mas nunca vimos nada. Mais tarde, ao ser colocado numa posição aqui, aluguei uma pequena casa junto às muralhas da cidade, que fica no caminho para o castelo. Lá continuámos a ouvir os passos; mas, pouco tempo depois, aquilo que antes era invisível tornou-se visível. Numa noite, vi aos pés da minha cama a figura de um homem, aparentemente com cerca de sessenta anos;

usava um chapéu redondo, roupas cinzentas e botas com esporas, e parecia ser alguém de posição. Disse-me, com dificuldade: 'Vem comigo ao castelo.' Não consegui responder-lhe.

A partir desse momento, o espírito andava pela minha casa de dia e de noite, e muitas vezes falava comigo. Soube que ele estava perturbado com algo que tinha escondido numa cripta, cuja entrada ficava ao pé da muralha; e que estava, de alguma forma, ligado a alguém por um juramento. Uma vez apareceu-me durante o dia e disse: 'Vem comigo ao castelo às dez da noite.' Prometi-lhe que sim; e, à hora marcada, parti.

Quando cheguei ao pequeno portão, vi alguém a aproximar-se vindo da Torre Redonda. Pensei tratar-se de uma pessoa viva; e, com receio de ser questionado sobre o que fazia ali a uma hora tão tardia, recuei. A pessoa também se voltou na direção da prisão, e então percebi que era o espectro, seguido por uma figura disforme e escura, da qual ele parecia fugir. Soltou um gemido que me tocou profundamente; mas não tive coragem de cumprir a minha intenção inicial. Desde então, nunca mais ouvi ou vi nada semelhante na minha casa."

Este é o relato de um homem muito simples e honesto, e a sua ligação com a história anterior não pode ser ignorada. A Sra. H nunca ouvira falar deste homem, nem da sua aventura.

Se muitos dos acontecimentos relatados acima já parecem inacreditáveis, aquilo que vamos agora narrar parecerá ainda mais difícil de aceitar; e quem achar impossível acreditar no que aconteceu à Sra. H rejeitará com ainda maior repulsa a história seguinte. Mas aqueles que leram com um espírito diferente, e estão dispostos a acreditar na existência de um mundo espiritual entre nós, não deixarão de notar as coincidências singulares entre estas histórias — especialmente no que diz respeito às formas utilizadas pelos espíritos para chamar a atenção dos mortais — que diferem não em tipo, mas em grau.

As pessoas a quem estes acontecimentos ocorreram estavam de perfeita saúde, e nada tinham a ver com magnetismo ou com sonâmbulos. O Conselheiro Hahn, de Ingelfingen, escreveu este relato no Castelo de Slawensick, na Silésia — que mais tarde foi destruído por um raio — no ano de 1808, sendo ele próprio testemunha ocular dos factos; e comunicou-os a mim no ano de 1828:

"Após a campanha dos prussianos contra os franceses em 1806, o príncipe reinante de Hohenlohe deu ordens ao Conselheiro Hahn, que estava ao seu serviço, para se dirigir a Slawensick e ali aguardar o seu regresso. Sua Alteza Sereníssima vinha de Liegnitz para o seu principado, e Hahn iniciou também a sua viagem para a Alta Silésia, no dia 19 de novembro. Nessa mesma altura, Charles Kern, de Künzelsau, que tinha caído nas mãos dos franceses e fora libertado sob palavra de honra, chegou a Liegnitz debilitado, e foi-lhe permitido ficar algum tempo com Hahn enquanto aguardava a troca de prisioneiros.

Hahn e Kern eram amigos de juventude, e o destino reunira-os agora nos Estados Prussianos. Ficaram instalados no mesmo quarto do castelo, no primeiro andar, numa divisão que fazia canto na parte de trás do edifício, com uma janela virada a norte e outra a este. À direita da porta do quarto havia uma porta de vidro que dava para uma câmara separada das seguintes por uma divisória de madeira. A porta dessa divisória, que comunicava com os aposentos contíguos, estava completamente fechada, pois ali se guardavam utensílios domésticos. Nem nesse compartimento nem no quarto principal havia qualquer abertura que permitisse comunicação com o exterior. No castelo não havia mais ninguém além dos dois amigos, dois cocheiros do príncipe e o criado de Hahn.

Todos eram pessoas destemidas; e, quanto a Hahn e Kern, acreditavam menos ainda em fantasmas ou bruxas do que qualquer outro. Nunca nenhuma experiência anterior os levara a pensar nesse tipo de assuntos. Hahn, durante os seus tempos de estudante, tinha-se dedicado intensamente à filosofia — ouvira Fichte e estudara com seriedade os escritos de Kant. O resultado das suas reflexões fora um materialismo puro: via o homem como um meio para um

fim ainda não desenvolvido, e não como um fim em si mesmo. Estas opiniões, tal como acontece com muitos, mudaram quando chegou aos 40 anos — bem diferentes das que tinha aos 20.

Estes pormenores são necessários para que se possa dar crédito ao que se segue, e para demonstrar que os fenómenos não foram aceites por ignorância supersticiosa, mas sim investigados com calma e coragem por mentes esclarecidas. Nos primeiros dias da sua estadia no castelo, os dois amigos, vivendo juntos em solidão, passavam as longas noites a ler obras de Schiller, de quem ambos eram grandes admiradores; e Hahn costumava ler em voz alta.

Três dias passaram-se tranquilamente, até que, certa noite, por volta das nove horas, enquanto estavam sentados à mesa, no centro do quarto, a leitura foi interrompida por uma ligeira chuva de cal que caiu à sua volta. Olharam para o teto, presumindo que a cal teria vindo dali, mas não detetaram qualquer parte danificada; e, enquanto ainda procuravam descobrir a origem da cal, caíram subitamente alguns pedaços maiores, completamente frios, como se tivessem vindo da parede exterior.

Por fim, convencidos de que devia ter caído de algum ponto da parede, deixaram de investigar e foram para a cama, dormindo tranquilamente até de manhã. Ao acordarem, ficaram algo surpreendidos com a quantidade de cal espalhada pelo chão, especialmente porque continuavam sem encontrar qualquer parte da parede ou teto de onde pudesse ter vindo. Mas deixaram o assunto de lado até à noite seguinte, quando a cal, em vez de apenas cair, foi atirada — e vários pedaços atingiram Hahn.

Ao mesmo tempo, ouviram pancadas fortes, ora por cima, ora por baixo deles, semelhantes ao som de disparos ao longe. Ainda assim, atribuíram os sons a causas naturais e foram deitar-se como de costume. Contudo, o barulho impediu-os de dormir, e cada um acusou o outro de provocar o ruído ao bater com os pés na base da cama — até perceberem que o barulho continuava mesmo quando ambos estavam de pé no meio do quarto. Assim, concluíram que não eram eles a causa.

Na noite seguinte, um terceiro som juntou-se aos anteriores — semelhante a um tambor a bater ao longe, de forma abafada. Decidiram então pedir à governanta do castelo que lhes enviasse a chave dos aposentos acima e abaixo do seu, o que foi feito através do filho dela. Enquanto este e Kern iam investigar os andares, Hahn permaneceu no quarto. No piso superior, encontraram um quarto vazio; no inferior, uma cozinha.

Eles bateram com força, mas os sons que produziam eram muito diferentes daqueles que Hahn continuava a ouvir à sua volta. Quando regressaram, Hahn disse, em tom de brincadeira: “A casa está assombrada!”

Nessa noite, ao irem para a cama com uma luz acesa, ouviram o que parecia ser alguém a caminhar pelo quarto de chinelos, apoiando-se numa bengala com a qual batia no chão, passo a passo. Hahn continuava a brincar, e Kern ria-se da estranheza da situação; assim permaneceram durante algum tempo até, como de costume, acabarem por adormecer — sem se sentirem minimamente perturbados por tais acontecimentos, nem inclinados a atribuí-los a causas sobrenaturais.

Mas, na noite seguinte, o fenómeno tornou-se ainda mais inexplicável: vários objetos do quarto foram atirados pelo ar — facas, garfos, escovas, bonés, chinelos, cadeados, funil, apagador, sabonete — enfim, tudo o que era móvel. Ao mesmo tempo, viam-se luzes a cruzar os cantos do quarto, e instalava-se o caos; a cal continuava a cair, e os estrondos prosseguiam. Perante isto, os dois amigos chamaram os criados, o guarda do castelo, Knittel, e quem mais estivesse por perto, para testemunhar tais acontecimentos misteriosos.

De manhã, tudo estava calmo — e assim continuava geralmente até cerca de uma hora depois da meia-noite. Certa noite, Kern, ao entrar no compartimento já mencionado para buscar alguma coisa, ouviu um alvoroço tão forte que quase foi empurrado de volta para a porta. Hahn pegou imediatamente na luz e os dois correram para o quarto, onde encontraram um grande pedaço de madeira junto à divisória de madeira. Mas, se aquilo tinha causado o ruído, quem o tinha posto em movimento? Kern tinha a certeza de que a porta estava fechada mesmo durante o barulho — e, além disso, antes não havia qualquer madeira nesse espaço.

Frequentemente, diante dos seus olhos, facas e apagadores levantavam-se da mesa e caíam ao chão passados alguns minutos. As grandes tesouras de Hahn foram, numa dessas ocasiões, erguidas entre ele e um dos cozinheiros do príncipe e, ao caírem, cravaram-se no soalho. Contudo, como algumas noites eram completamente calmas, Hahn decidiu não abandonar o quarto. Mas, ao fim de três semanas de perturbações constantes que os impediam de descansar, decidiram mudar as camas para uma sala maior no andar de cima, na esperança de conseguirem finalmente dormir um pouco.

As esperanças foram em vão — os ruídos persistiam; e não só isso: vários objetos voavam pela sala, embora tivessem a certeza de que os haviam deixado no piso inferior. “Podem atirar o que quiserem,” exclamou Hahn, “tenho de dormir!” Enquanto isso, Kern despia-se, ponderando sobre todos estes acontecimentos, caminhando de um lado para o outro no quarto.

De repente, Hahn viu-o parado, como petrificado, diante do espelho, onde tinha lançado um olhar por acaso. Permaneceu assim durante alguns minutos, até que começou a tremer violentamente e virou-se do espelho com o rosto pálido como a morte. Hahn, pensando que o frio do quarto desabitado o tivesse afetado, correu a buscar-lhe um manto. Kern — que era, por natureza, muito corajoso — recuperou-se e, com os lábios a tremer, relatou que, ao olhar por acaso para o espelho, viu uma figura feminina de branco a espreitar através dele. Estava posicionada à frente do seu próprio reflexo, que via nitidamente atrás dela. Ao início, pensou que fosse apenas imaginação, e por isso permaneceu imóvel tanto tempo; mas, quando viu os olhos da figura moverem-se e fixarem-se nos seus, sentiu um calafrio e afastou-se.

Hahn, ao ouvir isto, avançou com firmeza até à frente do espelho e chamou pela aparição para que se mostrasse a ele também; mas nada viu, apesar de ali ter permanecido um quarto de hora, repetindo a invocação várias vezes. Kern acrescentou que os traços da aparição eram de uma mulher muito idosa, mas o rosto não era sombrio ou ameaçador — antes mostrava indiferença. O rosto era muito pálido e a cabeça estava envolta num tecido que deixava apenas o rosto visível.

A essa altura já eram quatro da manhã — o sono estava fora de questão — e decidiram regressar ao quarto de baixo e mandar trazer novamente as camas. No entanto, os criados enviados para as buscar regressaram dizendo que não conseguiam abrir a porta, embora ela não parecesse trancada. Foram enviados de novo, mas voltaram uma segunda e terceira vez com a mesma resposta. Hahn então foi pessoalmente — e abriu a porta com total facilidade. Os quatro criados juraram solenemente que, apesar de terem tentado com toda a força conjunta, não tinham conseguido movê-la sequer.

Já se passara um mês. Os estranhos acontecimentos no castelo tinham-se espalhado, e entre os que queriam confirmar os factos estavam dois oficiais bávaros de dragões — o Capitão Cornet e o Tenente Magerle, do Regimento de Minuci. Magerle ofereceu-se para ficar sozinho no quarto, e os outros deixaram-no. Mas mal tinham passado à divisão contígua quando ouviram Magerle a gritar furioso, como um homem em fúria, e a golpear mesas e cadeiras com a sua espada. O capitão achou então prudente regressar para salvar o mobiliário da destruição.

Encontraram a porta fechada, mas Magerle abriu-a quando o chamaram. Relatou, visivelmente agitado, que mal os outros tinham saído da sala, alguma maldita coisa começou a atirar-lhe cal e outros objetos; e que, tendo examinado cada canto do quarto sem conseguir identificar o causador, ficara possesso e começara a golpear à toa.

O grupo passou então o resto da noite reunido no quarto; e os dois bávaros observaram atentamente Hahn e Kern, a fim de se certificarem de que o mistério não era uma brincadeira dos dois amigos. De repente, enquanto estavam sentados calmamente à mesa, o apagador de velas levantou-se no ar e caiu no chão atrás de Magerle; pouco depois, uma bala de chumbo voou na direção de Hahn, atingindo-o no peito; e, logo a seguir, ouviram um estrondo na porta de vidro, como se alguém tivesse esmurrado o vidro, seguido pelo som de estilhaços. Ao inspecionar, constataram que a porta estava intacta, mas encontraram um copo partido no chão. Por esta altura, os bávaros estavam convencidos e retiraram-se para outro aposento mais pacífico, em busca de descanso.

Entre os muitos episódios estranhos, um que aconteceu a Hahn merece destaque. Numa noite, por volta das oito horas, quando se preparava para fazer a barba, os utensílios que estavam arrumados num suporte piramidal num canto do quarto — a caixa de sabão, a navalha, o pincel e o sabonete — voaram um a um em sua direção e caíram aos seus pés, embora ele estivesse a vários passos do suporte. Ele e Kern, que estava sentado à mesa, riram-se; pois, àquela altura, estavam tão habituados a tais fenómenos que apenas os achavam divertidos.

Entretanto, Hahn deitou alguma água numa bacia — a mesma que estava em cima do fogão — e, ao mergulhar nela o dedo, comentou que estava na temperatura ideal para barbear-se. Sentou-se à mesa e começou a afiar a navalha. Mas, ao tentar preparar a espuma, verificou que a água tinha desaparecido da bacia. Noutra ocasião, Hahn foi acordado pelos "duendes", que lhe atiraram uma folha de chumbo amarrotada, daquelas usadas para embrulhar tabaco; e, quando se abaixou para apanhá-la, foi atingido pela mesma folha novamente. Quando isto se repetiu uma terceira vez, Hahn atirou com um bastão pesado contra o seu atacante invisível.

Dorfel, o guarda-livros, foi frequentemente testemunha destes fenómenos. Uma vez, colocou o seu boné sobre a mesa junto ao fogão; mas, ao preparar-se para sair, procurou-o em vão — revistou a mesa quatro ou cinco vezes sem sucesso. Momentos depois, viu o boné exatamente no mesmo lugar onde o tinha deixado ao entrar. Em outra ocasião, Knittel, ao pousar o seu boné sobre essa mesma mesa e afastar-se para ir buscar uma cadeira, viu-o, sem que ninguém estivesse por perto, a voar pelo quarto até cair aos seus pés.

Hahn decidiu então investigar o mistério pessoalmente. Sentou-se, com duas luzes à sua frente, numa posição que lhe permitia ver todo o quarto, as janelas e as portas. Mesmo assim, os fenómenos continuaram — ainda que Kern estivesse ausente, os criados estivessem nos estábulos e ele estivesse sozinho no castelo. Os apagadores de velas continuavam a ser atirados, sem que fosse possível perceber por quem.

O mestre-florestal, Radezensky, passou uma noite no quarto. Apesar de Hahn e Kern conseguirem dormir, ele não teve sossego: foi bombardeado durante toda a noite e, pela manhã, a sua cama estava cheia de objetos domésticos de todos os tipos.

Certa noite, apesar dos ruídos e projéteis, Hahn decidiu dormir a todo o custo. Contudo, foi acordado por um forte estrondo na parede junto à cama. Voltou a adormecer, mas acordou novamente com a sensação de alguém a molhar o dedo em água e a salpicar-lhe o rosto. Fingiu continuar a dormir, observando discretamente Kern e Knittel, que estavam sentados à mesa. A sensação voltou, mas não havia sinal de água no rosto.

Por essa altura, Hahn teve de fazer uma viagem até Breslau. Ao regressar, ouviu o mais extraordinário relato de todos. Para não dormir sozinho no quarto misterioso, Kern convidara o

criado de Hahn — um homem com cerca de quarenta anos, de carácter simples e honesto — para o acompanhar. Numa noite, enquanto Kern estava deitado e o criado conversava com ele junto à porta de vidro, viu com espanto uma caneca de cerveja, que estava sobre uma mesa a certa distância, elevar-se lentamente a cerca de um metro do chão. O conteúdo da caneca foi então vertido para um copo que também estava na mesa, até este ficar meio cheio.

Depois, a caneca foi cuidadosamente colocada de novo no lugar e o copo ergueu-se, sendo esvaziado como se alguém tivesse bebido. O criado exclamou, aterrorizado: “Senhor Jesus! Está a engolir!” O copo foi depois repousado, e não havia qualquer vestígio de cerveja derramada no chão. Hahn estava prestes a pedir-lhe um juramento para confirmar o ocorrido, mas desistiu ao ver a disposição do homem em jurar, e ficou convencido da veracidade do relato.

Noutra noite, Knetsch, um inspetor de obras, passou a noite com os dois amigos. Apesar dos contínuos arremessos de objetos, os três foram para a cama. Com as luzes ainda acesas no quarto, todos viram duas toalhas a subir lentamente até ao teto, onde se abriram como se fossem estendidas, e depois desceram a esvoaçar. A cabeça de porcelana de um cachimbo, pertencente a Kern, voou e partiu-se. Facas e garfos foram lançados — um deles caiu sobre a cabeça de Hahn, felizmente com o cabo voltado para baixo. Após dois meses a suportar tais incómodos, decidiram finalmente abandonar o quarto, pelo menos naquela noite.

John e Kern pegaram numa das camas e levaram-na para o quarto em frente. No entanto, mal tinham saído, um jarro de água ferruginosa foi lançado aos pés dos dois que ficaram, embora nenhuma porta estivesse aberta, e um castiçal de latão caiu com estrondo ao chão. No quarto oposto, a noite passou tranquilamente, embora ainda se ouvissem alguns sons vindos do aposento abandonado.

A partir daí, as manifestações cessaram, e nada de notável voltou a acontecer — com exceção do seguinte episódio: algumas semanas após a mudança, quando Hahn regressava a casa e atravessava a ponte que leva ao portão do castelo, ouviu atrás de si o som de patas de cão. Voltou-se e chamou várias vezes pelo nome de uma galga que lhe era muito próxima, pensando que poderia ser ela; mas, embora continuasse a ouvir os passos, mesmo ao subir as escadas, não via ninguém — acabando por concluir que seria uma ilusão. No entanto, mal entrou no quarto, Kern aproximou-se e tirou-lhe a porta da mão, ao mesmo tempo chamando o cão pelo nome — e logo acrescentou que pensava ter visto o cão, mas que, mal o chamou, este desapareceu. Hahn perguntou então se ele tinha realmente visto o animal.

— “Claro que sim”, respondeu Kern. “Estava mesmo atrás de ti — meio dentro da porta — e foi por isso que a tirei da tua mão, com receio de que, ao não o veres, a fechasses de repente e o magoasses. Era um cão branco, e tomei-o pela Flora.”

Procuraram imediatamente o cão, mas encontraram-no fechado no estábulo, onde estivera todo o dia. É, sem dúvida, algo notável — mesmo supondo que Hahn se tenha enganado quanto aos passos — que Kern tivesse visto um cão branco atrás dele, antes que qualquer menção sobre o assunto lhe tivesse sido feita, sobretudo considerando que não havia nenhum cão semelhante nas redondezas. Além disso, ainda não estava escuro, e Kern era conhecido pela sua excelente visão.

Hahn permaneceu no castelo durante mais meio ano depois destes acontecimentos, sem voltar a vivenciar nada de extraordinário; e mesmo as pessoas que ocuparam os quartos misteriosos não sofreram qualquer perturbação.

O enigma, contudo — apesar de todas as investigações e diligências realizadas — manteve-se sem solução. Não se encontrou qualquer explicação para estes estranhos acontecimentos. E mesmo que se admitisse que pudesse existir algum motivo, não havia ninguém nas redondezas com inteligência ou meios suficientes para levar a cabo um tipo de perseguição tão

elaborada e duradoura, a ponto de os ocupantes do quarto se tornarem quase indiferentes ao que se passava.

Para concluir, basta acrescentar que o Conselheiro Hahn escreveu este relato por iniciativa própria, com o mais rigoroso compromisso com a verdade. As suas palavras foram:

"Descrevi estes acontecimentos exatamente como os ouvi e vi; do princípio ao fim, observei-os com total presença de espírito. Não tive medo, nem qualquer inclinação para tal; e, no entanto, tudo isto permanece para mim perfeitamente inexplicável.

Escrito a 19 de novembro de 1808.

Augustus Hahn, Conselheiro"

Sem dúvida, muitas explicações naturais para estes fenómenos serão sugeridas por aqueles que se consideram acima da fraqueza de acreditar em histórias deste tipo. Alguns afirmam que Kern era um habilidoso ilusionista, que conseguiu enganar o seu amigo Hahn; outros dizem que Hahn e Kern estavam embriagados todas as noites.

Não deixei de comunicar estas objeções a Hahn, e aqui transcrevo a sua resposta:

"Depois dos acontecimentos referidos, vivi com Kern durante um trimestre noutra parte do castelo de Slawensick (que mais tarde foi atingido por um raio e destruído pelo fogo), sem encontrar qualquer solução para o mistério, nem vivenciar nova perturbação, que cessou logo que abandonámos os quartos em questão.

Quem julgar possível que, com apenas um companheiro, eu pudesse ter sido vítima de uma brincadeira contínua durante dois meses sem o detetar, tem uma opinião muito fraca sobre mim.

Além disso, o próprio Kern queria desde o início deixar os quartos; fui eu que insisti em ficar, por ainda manter a esperança de encontrar uma causa natural para o que estava a acontecer. O que finalmente me levou a ceder foi o aborrecimento dele ao ver o seu cachimbo de porcelana lançado contra a parede e partido.

Além disso, truques exigem um truqueiro, e muitas vezes eu estava completamente sozinho quando os fenómenos aconteciam.

Quanto à acusação de embriaguez, é igualmente absurda. O vinho era demasiado caro para o nosso bolso, e restringíamo-nos totalmente à cerveja fraca.

Nem todos os acontecimentos foram registados no relato, mas a minha memória deles é tão vívida como se tudo tivesse acontecido ontem. Tivemos também muitas testemunhas, algumas das quais já foram mencionadas.

O Conselheiro Klenk visitou-me posteriormente, com grande interesse em investigar o mistério. Uma manhã, enquanto estava em cima de uma mesa a bater no teto com um pau, caiu-lhe em cima um recipiente de pólvora que ele próprio tinha deixado noutra sala — na mesa. Nessa altura, Kern já estava ausente há algum tempo.

Não negligenciei nenhum possível método de desvendar o mistério. Aliás, fui criticado por muitos pela minha relutância em acreditar numa causa sobrenatural.

O medo não é uma das minhas fraquezas, como todos os que me conhecem bem sabem. E, para evitar qualquer erro de interpretação, muitas vezes perguntei a outros o que estavam a ver, quando eu próprio estava presente — e as suas respostas coincidiam sempre com aquilo que eu via.

De 1809 a 1811, vivi em Jacobswald, muito perto do castelo, onde o próprio príncipe residia. Sei que também ali ocorreram alguns acontecimentos curiosos enquanto ele esteve lá, mas, como não os presenciei pessoalmente, não posso falar deles em detalhe.

Continuo tão incapaz como antes de explicar o que aconteceu, e estou disposto a aceitar os juízos apressados do mundo, sabendo que relatei apenas a verdade — e aquilo que muitas outras pessoas, ainda vivas, também testemunharam.

Conselheiro Hahn.
Ingelfingen, 24 de Agosto de 1828."

Regressamos agora às aparições vistas pela Sra. H.

No dia 8 de Outubro de 1828, pelas nove horas da noite — estando ela deitada na cama e a sua mãe, a irmã e uma tal Sra. Mensch (que não acreditava em fantasmas) na antecâmara — a porta do quarto abriu-se subitamente, sem qualquer causa aparente, e entrou o espectro de um homem que ela já tinha visto anteriormente, mas não recentemente. Aproximou-se da cama e ficou a olhar para ela calmamente.

As pessoas na antecâmara apenas sentiram a proximidade do espectro através de uma sensação de inquietação estranha; mas a Sra. H contou depois que viu a figura a contorná-las num semi-círculo. Imediatamente a seguir, a Sra. M sentiu um empurrão por baixo da cadeira, como se algo a tivesse levantado do chão, e gritou por socorro. A irmã da Sra. H, embora não tenha visto o espectro com os olhos, afirmou tê-lo "visto por dentro" — ou seja, com o olhar interior — e conseguiu descrevê-lo. Acrescentou ainda que lhe parecia que a sombra (o espírito) tinha pensamentos que eram transmitidos diretamente a ela e que moviam-na com compaixão. A partir da descrição dessa rapariga muito simples, compreendi assim de que modo os videntes de fantasmas percebem os espectros: não é através dos órgãos comuns da visão, mas sim por uma espécie de inspiração — um despertar magnético do espírito interior.

* Após a destruição do castelo por um raio, quando os escombros foram removidos, foi encontrado o esqueleto de um homem, sem caixão. O seu crânio estava fendido, e ao seu lado jazia uma espada.

A Sra. H não mencionou o nome deste espectro, que apenas reconheceu por, numa ocasião anterior, ele ter falado do seu filho, com quem ela era familiarizada. Na noite seguinte, a mãe e a irmã da Sra. H sonharam que o Sr. N lhes tinha aparecido e dissera algo sobre o filho. Este era o nome do espectro — e ambas sonharam exatamente o mesmo sonho. Quando contaram o sonho na manhã seguinte, a Sra. H revelou-lhes pela primeira vez a identidade do espectro.

Na noite seguinte, a Sra. Mensch, que residia na mesma casa da Sra. H, foi despertada por uma sensação de que algo a estava a tocar, e viu ao lado da sua cama a figura de um homem com um lenço na mão, com o qual parecia tê-la tocado. Assustada, saltou da sua cama para a do marido, que estava ao lado. Quando a Sra. M descreveu esta aparição à Sra. H, esta reconheceu-o como o mesmo espectro, pelo lenço com que ele sempre surgia. Ao dizer-lhe o nome do espectro, soube então algo que nunca suspeitara: ele era um parente próximo da própria Sra. Mensch.

No dia 8 de Dezembro, às sete horas, estando eu próprio na antecâmara — de onde podia ver para dentro do quarto da Sra. H — percebi ali uma forma semelhante a uma nuvem — uma espécie de coluna de neblina — com cabeça, mas sem contorno definido. Peguei rapidamente numa vela e corri para o quarto, onde a encontrei com os olhos fixos no mesmo ponto onde eu vira a figura; mas para mim, já não era visível. Isto era natural, pois a luz intensa da vela teria dissipado a forma. O quarto estava anteriormente pouco iluminado, e a forma esbranquiçada destacava-se mais contra o fundo escuro. Quando lhe perguntei o que estava a olhar,

respondeu que o espectro de N estivera ali e lhe confiara uma mensagem para o filho. Exprimia o seu espanto por aquele espectro conseguir tornar-se visível a tantas pessoas. Esta foi a única aparição que eu próprio cheguei a ver — ainda que apenas em parte.

SÉTIMO FACTO

O Reverendo Sr. H relatou-me com frequência os sons inexplicáveis que ouvia em sua casa durante a noite — batidas, ruído como de uma bola a rolar, respiração junto à sua cama, etc.; especialmente passos de homem e a abertura simultânea da porta do quarto. Seguiu várias vezes esses passos, sem nunca descobrir a sua origem. Observou também que estes ruídos se tornavam mais percetíveis pouco antes da morte de um dos seus filhos — dos quais perdeu muitos.

Ao ser transferido para outra paróquia, deixou a casa sem relatar estes factos ao Sr. R, o novo pastor que o substituiu. Mas, mal este último se instalou, começou a ser perturbado da mesma maneira — e os seus esforços para descobrir a causa revelaram-se igualmente infrutíferos. Uma senhora da família afirmou, contudo, que fora confrontada por uma forma escura e que acordara com uma figura semelhante a aparecer-lhe durante a noite.

Há um facto especialmente notável: a irmã da Sra. H (de quem já falámos como possuidora da faculdade de ver espíritos) dormiu uma vez nessa casa, e sonhou que uma figura alta e escura estava diante dela, sentindo-se impelida a gritar: "R…sch! Afasta-te de mim!" — ao que despertou, sem ver nada. Ao relatar o sonho ao Reverendo Sr. R na manhã seguinte, este foi consultar o registo da igreja, onde descobriu que uma pessoa com esse nome tinha de facto vivido naquela casa cerca de sessenta anos antes — algo completamente desconhecido tanto por ele como pela irmã da Sra. H.

Ao longo destas páginas, temos mencionado repetidamente a influência que a presença de espectros exerce sobre os que dormem.

OITAVO FACTO

A Sra. W. von H., uma senhora culta e de grande presença de espírito, passou oito dias na casa com a "vidente" (Seherin), enquanto esta era visitada por espectros, sem que tivesse visto ou sentido nada, embora os ouvisse frequentemente. Contudo, na manhã do nono dia, relatou-me o seguinte:

“Era onze da noite, e eu estava sentada ao lado da cama da Sra. H, que permanecia completamente imóvel, quando fui subitamente tomada por uma sensação inexplicável de ansiedade e opressão; tão intensa, que, sem dizer uma palavra, despi-me apressadamente, deixei a roupa no chão, entrei na cama e cobri a cabeça com a colcha. Algum tempo depois, tendo-me recomposto — embora a sensação ainda persistisse — sentei-me na cama e olhei em volta do quarto.

Não havia nada para ver; mas, ao deitar-me de novo, algo invisível puxou a almofada debaixo da minha cabeça e colocou-a sobre o meu rosto. Recoloquei-a no lugar, e o mesmo aconteceu outra vez; e, em seguida, senti uma contínua resistência à cobertura da cama, como se algo a puxasse. Vendo a Sra. H deitada tranquilamente o tempo todo, aparentemente a dormir, não lhe disse nada. Mas, na manhã seguinte, ao ver a minha roupa cuidadosamente dobrada sobre uma cadeira junto à cama, não pude deixar de exprimir o meu espanto — pois tinha a certeza de a ter deixado no chão, a Sra. H não tinha capacidade para sair da cama, e ninguém tinha entrado no quarto durante a noite.”

Mas a Sra. H respondeu:

“Quando deixaste a tua roupa no chão, havia um espírito escuro no quarto, e eu vi-o a levantá-la e a colocá-la na cadeira. Ele não me deu qualquer atenção — ocupou-se inteiramente contigo. Mas eu nada disse, com receio de te assustar.”

NONO FACTO

Em Agosto de 1828, dois espíritos começaram a visitar a Sra. H, cuja aparência ela manteve em segredo. Disse que lhe estava proibido revelar os nomes, e eu teria permanecido na ignorância, não fossem os acontecimentos seguintes: ao entrar no quarto dela, no dia 11 de Agosto, ela aproximou-se de mim visivelmente perturbada; e, perante a minha insistência para que me dissesse a razão, acabou por confessar que um deles — alguém que falecera ali — acabara de lhe aparecer e lhe confiara uma *mensagem* a ser transmitida a alguém ainda vivo.

O espectro apresentava-se de sobretudo, botas e boné, mas sem lenço ao pescoço. Embora nunca o tivesse visto em vida, ela descreveu-o com exatidão, tal como descreveu o seu companheiro, que fora seu amigo quando ainda viviam. Mais tarde, ambos surgiram-lhe vestidos com túnicas brancas, parecendo nuvens finas através das quais brilhava o céu azul.

Disse-me que nenhum espectro a tinha tocado tão profundamente como estes. Não estavam carregados de culpa, mas tinham duvidado — tinham sido fracos na fé. E quando, no momento da morte, a convicção finalmente chegara, desesperaram do perdão. Nada disto eu teria sabido, não fosse o facto de que ela precisava que eu cumprisse a missão — o que fiz.

A meu pedido, ela fez então a seguinte pergunta a um destes espíritos:

“No vosso estado atual, continuais a investigar os mistérios da natureza?”
Ele respondeu:
“Sim, mas de um modo diferente — e de forma incomparavelmente mais elevada do que quando estava na Terra.”

Quando eu cumpri a missão que me fora confiada, aquele que a tinha transmitido apareceu-lhe numa forma mais luminosa, e disse-lhe que era a última vez que a visitava. Como ela nada disse sobre o seu companheiro, presumi que este também tivesse partido; mas, após um aparente despertar, surpreendi-me ao ouvi-la, no dia 23 de Setembro, contar que um espectro — que, pela descrição, reconheci como sendo o amigo — lhe tinha aparecido, censurando-a por não ter cumprido aquilo que lhe pedira, e solicitando que compensasse a omissão com uma oração especial.

Mais tarde, com base no que me contou, reconheci este espírito como sendo um parente meu — alguém que eu próprio só tinha visto uma vez, em criança — e que ela nunca conhecera. A mensagem era para mim; e ela, por timidez, tinha hesitado em comunicá-la. Pedi-lhe então que procurasse saber o nome do espírito, e os anos do seu nascimento e morte — e, como relatado noutra parte desta obra, as investigações confirmaram a veracidade das informações que ela recebeu.

Na noite de 15 de Outubro, este espírito apareceu-lhe pela última vez. Disse-lhe que agora se encontrava num lugar feliz, e desapareceu com as palavras:

“Morre na fé do teu amoroso Pai, Redentor e Mediador” (seguido de algo que ela já não conseguia recordar),
“e afasta de ti tudo aquilo que te possa impedir.”

DÉCIMO FACTO

Na noite de 8 de Outubro de 1828, a rapariga de Löwenstein — dotada da capacidade de ver espectros — dormiu na antecâmara da Sra. H; e, de manhã, contou-me o seguinte: entre a meia-noite e a uma da manhã, a porta abrira-se e fechara-se, e um homem entrara, vestindo

um casaco preto e com um rosto de tonalidade areia-acinzentada. Tinha uma expressão triste, e passou silenciosamente para o quarto da Sra. H.

Logo a seguir, entrou outro homem, mais baixo e de constituição robusta, e depois um terceiro, também de casaco preto. Não permaneceram muito tempo junto da Sra. H, e regressaram pouco depois. A jovem sentou-se na cama para os observar, mas não conseguiu dizer uma palavra; a porta abria-se e fechava-se sempre que um deles passava.

A Sra. H tinha-os visto, mas apenas como formas nebulosas, sem os casacos pretos. Vieram procurar o caminho da salvação, ao que ela lhes respondeu que se dirigissem ao seu Redentor.

Na noite seguinte, dia 9, a rapariga viu outro espectro entrar no quarto da Sra. H. Esta informou-nos que se tratava de um habitante local recentemente falecido, e que, por consideração pelos seus familiares, não revelaria o nome. Deste espírito, soube que, no estado intermédio (entre esta vida e a próxima), os seres com natureza semelhante se agrupam entre si; e também que não são capazes de ver todas as pessoas — apenas algumas, e mesmo essas apenas em tons escuros, pois é assim que tudo lhes aparece.

DÉCIMO PRIMEIRO FACTO

Excerto de uma carta dirigida a mim pelo Sr. Pfleiderer:

"No mês de Junho de 1827, fui solicitado pelo meu superior, o Sr. Schmiedgall de Löwenstein, a passar alguns dias em Weinsberg, junto da sua sobrinha, que se encontrava gravemente doente, com o objectivo de supervisionar a aplicação das suas receitas — já que ele próprio não o podia fazer naquela altura. Dormia num sofá na sala de estar, e a Sra. H num pequeno quarto anexo. Desde a primeira noite em que ali dormi, era sempre acordado entre a uma e as duas da madrugada por uma sensação indescritível de medo e opressão — algo que nunca me acontecera antes.

Ao sexto dia, fui chamado de volta a casa — e lá, curiosamente, a mesma sensação continuou. Mas, na primeira noite em que regressei a Weinsberg, fui acordado não só pela opressão habitual, mas também por uma sensação clara de estar a ser sacudido."

[Interrupção à narrativa do Sr. P.]

[Devo aqui interromper a narrativa do Sr. P. para mencionar que, nessa altura, a Sra. H me tinha confidenciado em segredo — pedindo-me que não o dissesse ao próprio Sr. P. — que, todas as noites, entre a uma e as duas da manhã, ela observava, através da porta aberta, uma figura masculina aproximar-se e inclinar-se sobre o Sr. P., que então despertava, enquanto o espectro lhe fazia gestos estranhos com o dedo. Como estes despertares estavam a tornar-se mais frequentes, e o Sr. P. me consultara sobre o assunto, encaminhei-o para a Sra. H, recomendando-lhe que lhe contasse o que tinha visto.]

"Como este despertar se tornava cada vez mais incomodativo, e eu já me queixava dele," continuou o Sr. Pfleiderer, "a Sra. H contou-me que, todas as noites, entre as onze e a meia-noite, via uma figura escura e alta, vestida com uma sobrecasaca e botas, aproximar-se da minha cama, apontar para mim com o dedo indicador, e depois inclinar-se sobre mim. Quando eu acordava, ele fazia-me sinal com o dedo.

Para comprovar a veracidade desta informação, decidi vigiar certa noite; e, tendo arranjado um companheiro para me acompanhar, pedi à Sra. H que me chamasse quando visse o espírito.

À hora habitual, estando acordado e a conversar com o meu amigo, comecei a sentir a já conhecida opressão e, ao mesmo tempo, percebi uma corrente de ar estranha a soprar sobre

mim. Ainda não tinha dito nada, mas estava prestes a perguntar à Sra. H se o espírito estava presente, quando ela me chamou, dizendo que ele estava.

Dirigi-me então ao espectro, pedindo-lhe, em nome de Deus, que me dissesse quem era e o que desejava que eu fizesse por ele. Mal terminei de proferir estas palavras, a opressão cessou; e ouvi a Sra. H dizer: 'Proíbo-te de dar mais um passo'. Ela contou-me depois que, quando falei, o espírito se afastou de mim e se dirigiu para junto dela, e que ela o ouvira dizer, ao desaparecer: 'Este foi um dos meus alunos'.

Pelo restante da descrição da Sra. H, confirmei tratar-se de um antigo professor meu, cuja identidade e história não posso revelar. A Sra. H nunca ouvira falar sequer da existência deste homem."

"Durante um trimestre após este episódio, fosse onde fosse que eu estivesse, sentia as mesmas sensações à mesma hora; e, se estivesse a dormir, acordava inevitavelmente por causa delas."

— W. D. Pfleiderer
Heilbronn, 24 de Outubro de 1838

DÉCIMO SEGUNDO FACTO

Um homem, a quem a Sra. H havia receitado tratamento para *delírio tremens*, faleceu. Após a sua morte, apareceu-lhe enquanto ainda estava em casa, no caixão, fazendo revelações que desejava fossem comunicadas à sua esposa. Eu estive presente no momento da sua morte, e reparei na sua inquietação, como se quisesse transmitir algo, mesmo depois de já não conseguir falar.

Passo por alto o conteúdo das revelações, apenas referindo que a Sra. H disse que ele demonstrava grande preocupação por uma das filhas. Quatro semanas depois, caiu-lhe uma telha em cima, fraturando-lhe o crânio; foi submetida a uma operação dolorosa, que enfrentou com uma firmeza espantosa, recuperando tão rapidamente que se podia quase crer que um espírito protetor a amparava.

DÉCIMO TERCEIRO FACTO

Na noite de Natal de 1828, apareceram à Sra. H quatro espectros — três homens e uma mulher — que pareciam estar a dançar. Ela disse-lhes:

"Sois realmente demónios, para profanardes assim esta noite santa?"

Com estas palavras, desapareceram todos.

A 5 de Fevereiro, voltaram a surgir, à meia-noite, comportando-se da mesma maneira. Ela ordenou-lhes, em nome de Jesus, que cessassem. Então, ficaram imóveis e fixaram-na com os olhos. Disse-lhes:

"Estais tão bem que dançais neste dia sagrado? É assim que mostram gratidão ao vosso Redentor?"

Com isto, gemeram como se com dor, e imploraram-lhe que os deixasse em paz. Perguntou-lhes se não tinham desejo de se elevar e alcançar a felicidade. Responderam que os seus pecados o impediam. Mandou-os então embora.

Voltaram no dia 13, ficaram à porta e olharam-na com expressão interrogativa. Quando ela disse:

"Louvado seja o nome d'Aquele que morreu na cruz!"

Eles responderam:

"Sim."
E desapareceram.

Estes espectros continuaram a visitá-la por algum tempo, e ela rezava frequentemente com eles. Mais tarde, passaram a surgir acompanhados por uma forma mais luminosa, e eles próprios começaram a aparecer com vestes que indicavam alguma melhoria na sua condição — embora ainda estivessem envoltos em escuridão. Por fim, despediram-se, dizendo que agora estavam em condições de se ajudar a si próprios, com o auxílio de espíritos felizes.

DÉCIMO QUARTO FACTO

No dia 10 de Novembro de 1827, a Sra. H contou-me que, desde o seu "despertar" (não sabia se já o tinha visto antes), tinha começado a ser visitada por um espectro de um jovem, que lhe disse ter morrido ali perto, e pediu-lhe que transmitisse uma mensagem aos seus pais e irmãs.

Ela respondeu-lhe que deveria fazê-lo ele mesmo. Mas ele disse que não podia, e persistiu nos seus apelos. No dia 21, apareceu novamente e pediu-lhe que, na noite seguinte, lesse para ele determinado hino. Quando ele regressou para esse fim, vinha acompanhado de uma figura espectral de uma mulher idosa, da qual emanava uma luz tão intensa que, embora o quarto estivesse às escuras, a Sra. H conseguiu ler o hino — que, de outra forma, nem sequer conhecia.

Ela comentou que acreditava que esta luz, presente nos bons espíritos, existia de forma latente em todos os bons seres humanos, mas ainda não desenvolvida.

Eu nunca teria sabido da existência deste espectro, não fosse o acaso de eu ter comentado com a Sra. H que, anos antes, um jovem tinha falecido na mesma casa onde ela então vivia. Isto deixou-a inquieta, e fê-la revelar a aparição. Contudo, pela descrição, percebi que não se tratava daquele jovem, mas sim de alguém que realmente morrera nas proximidades, como o próprio dissera.

Algumas semanas mais tarde, ocorreu um evento na família do jovem que justificava inteiramente a sua preocupação — e explicava o significado do hino que ele escolhera.

DÉCIMO QUINTO FACTO

No dia 20 de Novembro de 1829, pelas onze da manhã, apareceu à Sra. H o seu irmão falecido, Henrique. Nada disse além de:

"Pensa na nossa mãe!"

A Sra. H entrou imediatamente em convulsões e, ao recobrar os sentidos, contou o que havia sucedido, manifestando um receio súbito pela segurança da mãe. Naquele momento, nem ela, nem qualquer um de nós, sabia que a sua mãe vinha a caminho para a visitar.

Contudo, duas horas depois, ela chegou, visivelmente aterrorizada, contando que escapara por pouco a um grande perigo: os cavalos tinham-se desgovernado durante a descida de uma serra íngreme. Fui confirmar os detalhes junto do cocheiro, que me assegurou que o acidente ocorrera exatamente às onze da manhã.

DÉCIMO SEXTO FACTO

Durante cinco semanas, e sem o meu conhecimento, a Sra. H recebeu visitas do espírito do meu amigo recentemente falecido, o Sr. P., que em vida se interessara profundamente por ela, e que, com frequência, a visitava para obter informações sobre o "estado intermédio" — do qual era firme crente.

Segundo a Sra. H, ele não se apresentava triste, mas sim consolado pela certeza de que alcançaria a felicidade. Ela pediu-lhe que se tornasse visível, ou pelo menos audível, para mim. Ele prometeu que o faria — audivelmente.

Na mesma noite em que ela lhe fizera esse pedido, fui subitamente invadido por uma sensação estranha, acompanhada de sons inexplicáveis no sossego absoluto do meu quarto. Eu nada sabia do pedido da Sra. H, tal como ela ignorava o que eu havia sentido, até que, mais tarde, me contou das visitas do Sr. P. e da mensagem que ele lhe deixara para transmitir ao filho.

Ela comentou, ainda, que nunca conseguia ver o cabelo dos espíritos atormentados, mas que o dos espíritos felizes era-lhe sempre visível.

DÉCIMO SÉTIMO FACTO

Em fevereiro de 1828, entre outros espíritos, a Sra. H recebeu a visita de dois jovens. Pela descrição de um deles, reconheci tratar-se de um rapaz falecido recentemente, embora ela nunca o tivesse conhecido.

Eles pediram-lhe orações, e um deles afirmou que permanecia sempre junto da mãe e não conseguia afastar-se dela. Essa mulher — a mãe — não conhecia de todo a Sra. H, nem tinha qualquer conhecimento desta aparição; no entanto, contava-me frequentemente que sentia o filho perto de si, e que já o tinha visto várias vezes.

Certa vez, acrescentou que o vira num sonho com um aspeto mais luminoso e sereno, e que ele se despedira dela.

Não contei isto a absolutamente ninguém, e a Sra. H não tinha como saber do sonho. Por isso, fiquei imensamente surpreendido quando, no dia seguinte, ao passar por sua casa, ouvi a mãe da Sra. H dizer:

“Se aquela mulher soubesse o que aconteceu esta noite!”

Ao perguntar do que se tratava, contou-me que o jovem havia aparecido com mais luz do que antes, dizendo que já não podia permanecer junto da mãe.

Quando a Sra. H lhe perguntou se nunca mais a visitaria, ele respondeu:

“Oh, sim... mas agora tenho de me afastar.”

DÉCIMO OITAVO FACTO

No dia 23 de dezembro de 1828, por volta das sete da noite, estava sozinho com a Sra. H, quando a porta se abriu subitamente como se alguém entrasse.

Levantei-me para ver quem era, mas não vi ninguém — nem dentro, nem fora do quarto. No entanto, a Sra. H viu uma mulher entrar, vestida com um traje antigo, e que logo de seguida se retirou.

Na visita seguinte, a figura caminhou silenciosamente pela sala e depois elevou-se lentamente, desaparecendo pela janela aberta. Noutra ocasião, eu próprio presenciei a porta abrir-se e fechar-se sozinha no momento da entrada do espírito.

Por fim, esta aparição também lhe pediu orações e instruções. Após cerca de quatro meses, começou a apresentar-se mais luminosa, deixou de sair pela janela, e acabou por cessar as suas visitas por completo.

DÉCIMO NONO FACTO

Na noite de 23 de dezembro de 1828, por volta das duas da manhã, acordei com uma sensação completamente estranha e indescritível — como se estivesse envolto numa atmosfera totalmente diferente. Contudo, essa sensação durou apenas um momento, e voltei a adormecer.

Na manhã seguinte, ao visitar a Sra. H, ela perguntou-me de imediato se, por volta das duas da manhã, um espírito me tinha visitado. Contei-lhe o que havia sentido, ao que ela respondeu, algo hesitante:

"O senhor está sempre a pedir provas da realidade destas aparições. Pois bem: esta noite, apareceu-me um espírito sombrio, e eu nada lhe disse a não ser: 'Ordeno-te que vás imediatamente ter com o meu médico.' Ele respondeu: 'Irei,' e desapareceu."

VIGÉSIMO FACTO

Na noite de 9 de dezembro de 1828, oito meses após a morte do pai da Sra. H, a sua criada, que dormia no vestíbulo contíguo, acordou à meia-noite ao ouvir a porta abrir-se.

Ergueu os olhos e viu o pai da Sra. H — tal como era em vida — atravessar o quarto com expressão serena, dizendo:

"Ah, então estás aqui."

Acompanhou-o com o olhar até à porta do quarto da Sra. H, onde ele desapareceu.

A Sra. H não o viu, dormia tranquilamente, mas ao acordar contou um sonho que tivera com o pai naquela mesma noite. Curiosamente, o mesmo espírito apareceu naquela noite ao irmão e à irmã dela, que viviam em locais diferentes e distantes.

A irmã, ao vê-lo, chamou pelo marido, que dormia ao seu lado, pedindo-lhe que acordasse para ver o pai dela.

VIGÉSIMO PRIMEIRO FACTO

Durante uma semana inteira, tanto de dia como de noite, a Sra. H via com frequência uma figura masculina sombria junto da sua criada. No entanto, nada disse, nem a rapariga manifestou qualquer coisa. Na noite de 13 de janeiro de 1829, esse espectro inclinou-se sobre a cama da jovem, que então se sentou e olhou em redor.

A Sra. H observou o sucedido, mas manteve-se em silêncio; a rapariga, por sua vez, deitou-se novamente sem comentar nada. Contudo, na manhã seguinte, relatou ter visto ao lado da sua cama uma figura acinzentada, cujo rosto parecia mais claro que o resto do corpo.

A Sra. H nunca mencionou esta aparição a ninguém além de mim.

VIGÉSIMO SEGUNDO FACTO

Na sexta-feira, 20 de Março, pelas nove da noite, estando acordada, a Sra. H viu subitamente uma figura feminina vestida com trajes antigos, segurando um coração humano na mão. Assustada, virou o rosto até sentir que a figura desaparecera. O impacto desta visão foi tão forte, que, na manhã seguinte, fez um desenho da aparição. Este esboço viria a ser litografado a pedido de Eschenmayer.

Quatro noites depois, foi despertada por um som semelhante ao das badaladas de um relógio de igreja a correr, e, ao olhar, viu novamente a mesma figura com o coração na mão. Com a outra mão, a aparição apontava para o coração e disse:

"Este foi o alarme."

Como a Sra. H nunca conversou diretamente com este espectro, não se sabe se o seguinte acontecimento estará ou não ligado à sua presença: naquela mesma noite de 20 de Março, os moradores próximos da catedral de Oberstenfeld ficaram alarmados com um barulho vindo de debaixo da igreja. Iniciaram-se buscas, mas nada foi encontrado, e foi impossível abrir os túmulos subterrâneos—apesar de possuírem a chave e de a fechadura, em condições normais, ser bastante fácil de manobrar. No dia seguinte, a porta foi aberta sem dificuldade.

No local apontado outrora pelo "espectro-cavaleiro" à Sra. H (referido no Primeiro Facto de Oberstenfeld), encontraram-se vários rolos de pergaminho contendo árvores genealógicas de antigas freiras e senhoras canónicas, entre as quais constava o nome da esposa daquele cavaleiro.

A Sra. H costumava dizer que os espíritos femininos infelizes eram-lhe muito mais aterradores do que os masculinos. E de facto, não se pode negar que a malícia de uma

mulher perversa se revela mais engenhosa e perigosa do que a maldade, mais direta, de um homem.

SEGUNDA SECÇÃO: FACTOS SOBRE

O PODER DE EXORCIZAÇÃO POR ESCRITA

Como já foi frequentemente mencionado, a Sra. H possuía o dom de exorcizar espíritos através de palavras escritas, utilizadas como amuletos. Por mais inacreditável que tal possa parecer, os seguintes factos confirmam essa habilidade. Aos que duvidam, sugere-se que questionem diretamente as pessoas a quem tais eventos aconteceram. No entanto, as opiniões são frequentemente emitidas do conforto da sala de estar, sem qualquer tentativa de investigação.

PRIMEIRO FACTO

Em Kleingartach, vivia uma mulher idosa chamada Fritzlen, que foi perturbada durante vinte e quatro anos por fenómenos inexplicáveis. Na primeira ocasião, enquanto se encontrava acordada, ouviu estalidos no quarto, seguidos por uma luz azulada, e viu surgir uma criatura semelhante a um sapo, que se aproximou da sua cama e depois desapareceu.

Noutra noite, sentiu a mão de uma criança tocar-lhe a sua e, ao tentar soltar-se, sentiu-se oprimida como se algo muito pesado estivesse sobre ela. Desde então, estas perturbações tornaram-se noturnas e constantes: primeiro surgia a luz, e depois uma criatura viva e bizarra — ora uma coruja, ora um gato, ou mesmo um cavalo horrendo — até que ela quase desesperou.

Tendo a própria Fritzlen sugerido que se consultassem os vizinhos para confirmação, pedi a um conhecido meu em Kleingartach que fizesse algumas averiguações. Ele informou-me de que um homem respeitável, chamado Frederico Molle, assim como o marido de Fritzlen, confirmaram a veracidade da história.

Segundo Molle, após ouvir tantas queixas da mulher, ofereceu-se para passar uma noite na sua casa, enquanto ela passaria a noite na sua. Ele ocupou o quarto e, por volta da meia-noite, viu um pedaço de papel dobrado em quatro que flutuava sobre a cama, transformando-se então numa pequena figura masculina, com apenas cerca de trinta centímetros de altura, que se aproximou da cama.

Molle tentou agarrar a criatura, mas não sentiu nada. O marido de Fritzlen tentou atacá-la com um sabre, sem qualquer efeito. A figura permaneceu ali por mais de duas horas, provocando-os, até desaparecer.

Molle resolveu repetir a experiência. Na noite seguinte, surgiu novamente por volta da mesma hora uma criatura em forma de sapo, sentada no dossel da cama, precedida por estalidos e uma luz azulada. A criatura puxava repetidamente as cobertas, e apesar de todas as preces e maldições lançadas pelo marido de Fritzlen, só desapareceu após duas horas—aparecendo, depois, à própria Fritzlen na casa de Molle.

Respeitando este último facto, referimo-nos à esposa de Molle, que disse que, por volta das duas da manhã, ouviu vários ruídos estranhos e a porta do quarto abriu-se. Fritzlen, ao mesmo tempo, parecia muito inquieta e respirava com dificuldade; ela deu-lhe uma cotovelada para a acordar, supondo que estivesse a ter um pesadelo, mas Fritzlen disse que não estava a dormir, e que era o seu perseguidor, que lhe aparecia sob a forma de um caçador, apontando-lhe a espingarda.

Depois disto, a esposa de Molle recusou-se a permitir mais experiências, com receio de que esse visitante desagradável viesse assombrar a sua própria casa.

Fritzlen não conhecia a Sra. H., e foi apenas por acaso que fui informado da sua desgraça. Enviei-a à Sra. H., que lhe deu um amuleto contendo uma palavra escrita nos caracteres que expressavam a sua linguagem interior. Algumas semanas depois, a minha conhecida de Kleingartach escreveu-me a dizer que a mulher não conseguia agradecer suficientemente a Deus e a nós pelo alívio que sentira. A partir desse momento, o mal cessou; e, doze meses depois, a filha da mulher veio ter comigo e pediu apenas para ver a casa de onde a mãe recebera uma bênção que procurara em vão durante tantos anos.

SEGUNDO FACTO

No mês de março do presente ano de 1829, veio ter comigo um homem idoso de Diembach, acompanhado por um rapaz de cerca de doze anos de idade, que me contou que, alguns meses antes, estando na floresta de Diembach com outro rapaz, tinham subido a um carvalho. De repente, levantou-se uma espécie de redemoinho, que, no entanto, se restringia apenas àquele local, pois nenhuma outra árvore se mexia senão aquela em que estavam. O vento logo parou, e então viram debaixo da árvore uma mulher vestida de branco, que lhes fez sinal para a seguirem. Eles desceram e seguiram-na, embora a contragosto; mas, a certa altura, ela desapareceu subitamente. “Ficámos parados,” disse o rapaz, “e olhámos um para o outro.”

Não teria dado atenção ao relato desta criança tão simples, se não fosse pela seguinte circunstância: a 19 de maio, veio ter comigo a esposa de um pobre trabalhador rural chamado Kummerlin, de Ellhofen, queixando-se de que, há vários anos, o seu marido sofria de uma estranha ansiedade e opressão, que o atacava repetidamente ao longo do dia, como se algo invisível estivesse perto dele; ao mesmo tempo, as portas da sua casa abriam-se e fechavam-se sem causa visível, ouviam-se passos inexplicáveis e objetos eram atirados contra ela por uma mão invisível.

O marido confirmou tudo o que a esposa dizia, acrescentando que, muitas vezes, acordava durante a noite ao sentir algo a tocá-lo e a puxar os cobertores. Enviei-o à Sra. H., e, enquanto falava com ela, exclamou de repente: “Lá está, está a voltar outra vez!” e, nesse exato momento, ela viu ao seu lado o espectro de uma mulher com roupas antigas mas de aparência distinta. Ela virou a cabeça para não ver o espectro e, quando olhou novamente, já tinha desaparecido. Perguntou então ao homem se ele alguma vez tinha visto um fantasma, ao que ele respondeu que só uma vez, quando tinha quinze anos, ao atravessar a floresta de Diembach com um velho.

“Vimos uma senhora de pé junto de algo parecido com um baú, perto de um carvalho jovem; ambos a vimos claramente a acenar-nos, mas, enquanto avançávamos em silêncio na sua direção, ela desapareceu, e, ao mesmo tempo, ouvimos um som semelhante a uma pancada

forte no baú." Esse homem não tinha qualquer conhecimento do rapaz, que, com vários anos de intervalo, aparentemente vira a mesma figura.

TERCEIRO FACTO

Em fevereiro de 1829, uma mulher robusta, ativa e de aparência alegre, oriunda de Grossgartach, de nome Herlinger, esposa do estalajadeiro da Estalagem da Águia, veio pedir o conselho da Sra. H., dizendo que, numa noite do ano de 1818, estando deitada na cama, sem sofrimento nem tristeza, e sem pensar minimamente em fantasmas, foi subitamente despertada por uma sensação de opressão e viu uma figura masculina, sem cabeça, inclinada sobre ela, ao mesmo tempo que ouvia distintamente as palavras:

"Amor! amor! liberta-me!" Horrorizada, exclamou: "Não, não, isso não posso!", e saltou da cama, acordando o marido; mas, antes que pudesse mostrar-lhe o espectro, este desapareceu. Tendo contado o sucedido ao pai na manhã seguinte, este repreendeu-a por não ter cumprido o pedido do espectro; e, para o satisfazer, ela prometeu que, se a aparição voltasse, diria estar disposta a fazer o que fosse necessário. Algumas noites depois, o espectro reapareceu, dizendo: "Amor, agora cumpre a tua promessa!" Mas, o seu medo tendo aumentado ao perceber que a aparição tinha consciência da promessa, recusou novamente.

A partir de então, o espectro começou a persegui-la de várias formas, sendo visível apenas para ela, mas audível por outras pessoas, até que, com a saúde afetada, decidiram mudar de residência; contudo, a mudança não trouxe qualquer alívio. Uma vez, como num sonho, o espectro disse-lhe para cavar num determinado ponto do estábulo e que ali encontraria uma prova da verdade; ela assim fez, e encontrou, a alguns palmos de profundidade, uma esfera oca de ferro, que parecia ter sido rebentada com pólvora.

O seu pai tinha-lhe pedido várias vezes que conversasse com o espectro, mas, apesar de ela prometer que o faria, nunca conseguira cumprir a promessa. Para se compreender a franqueza e simplicidade com que esta história foi contada, seria necessário ouvi-la da própria mulher — o que, na verdade, quem quiser ainda poderá fazer.

A Sra. H. deu-lhe um amuleto escrito, com instruções sobre como usá-lo; e, desde então até ao presente (1830), a mulher nunca mais viu a aparição, nem outras pessoas voltaram a ouvi-la. Pareceu provável que a esfera de ferro estivesse relacionada com o facto de o espectro surgir sem cabeça. É possível que o indivíduo tenha perdido a cabeça devido a uma granada ou bomba durante as perturbações ou guerras camponesas nas quais Grossgartach esteve envolvida, tendo sido subitamente transportado para o mundo dos espíritos, carregando ainda alguma preocupação terrena.

QUARTO FACTO

O seguinte episódio ocorreu dois anos após a morte da Sra. H.: em Ammertsweiler, a cinco horas de Weinsberg, vive um cidadão chamado Leonard Sammet, um homem de 43 anos, de saúde robusta, que não era sonâmbulo nem fingido — de natureza, aliás, mais austera do que o contrário — e completamente desconhecedor de mim e da vidente de Prevorst.

A 11 de outubro de 1828, perdeu a esposa. Embora possa ter sentido algum pesar, parece que não desejou particularmente o seu regresso, e as suas lágrimas secaram depressa. O Alto Magistrado von Wolf, deste local, recebeu a seguinte história da boca do próprio, na presença de várias testemunhas:

"No dia 1 de setembro de 1829, um ano após a morte da minha esposa, o meu filho pequeno, de sete anos, ao sair da cama entre as onze e as doze da noite, viu uma figura vestida de branco, que reconheceu como sendo a mãe. A criança não disse nada, mas saltou para a minha cama e escondeu a cabeça debaixo das cobertas. Eu vi o espectro no mesmo momento, mas nada disse à criança, nem falei sobre isso até à manhã seguinte, quando lhe perguntei o

motivo do susto, e ele contou-me o que tinha visto. Desde então, a aparição visita-nos todas as noites, sendo visível não apenas para o meu filho, mas também para o meu filho mais novo, que, embora ainda não fale, dá a entender por gestos o que vê.

Reconheço perfeitamente o espectro como sendo o da minha esposa; o rosto emite uma luz que ilumina tudo no quarto, mas o restante da figura aparece apenas como uma coluna de névoa cinzenta. Ela passeia pelo quarto, inclina-se sobre mim e as crianças, permanecendo muitas vezes até de manhã; mas está sempre em silêncio e não faz qualquer sinal. Por conselho do pastor, perguntei-lhe uma vez o que podia fazer para lhe dar descanso, mas ela limitou-se a olhar para mim, sem resposta alguma. Se eu não fosse uma pessoa forte e destemida, nunca teria conseguido suportar estas seis semanas de angústia e insónia." As testemunhas descreveram-no como um homem muito saudável, trabalhador, sóbrio e honesto.

Por recomendação do Alto Magistrado, este homem veio depois ter comigo em busca de orientação. Não encontrei nele o menor indício de doença; pelo contrário, pareceu-me perfeitamente são, tanto física como mentalmente.

Contou-me, além dos factos acima mencionados, que ele e a esposa viveram em paz, embora ela fosse extremamente temperamental. Estava frequentemente doente e dizia-lhe que "tomasse atenção, pois morreria em breve". Ao que ele, mais em brincadeira do que a sério, respondia: "Que importa? Há muitas esposas disponíveis por cem florins" — o dote que ela lhe tinha trazido.

"Isto deixava-a muito zangada", continuou ele, "e agora arrependo-me profundamente de alguma vez o ter dito. Às vezes, dizia-me que, se eu voltasse a casar — a não ser com uma das irmãs dela —, iria para o inferno se não me assombrasse. Mas como eu não acreditava na possibilidade de tal aparição, nunca mais pensei nessa ameaça até ela me começar a aparecer, e então comecei a questionar-me sobre o que a estaria a perturbar — e lembrei-me disso. É verdade que ultimamente tenho pensado em voltar a casar, e não é com nenhuma das minhas cunhadas."

Dei-lhe um amuleto que a Vidente usara numa ocasião semelhante — segundo certas pessoas piedosas, "um amuleto diabólico, com uma palavra ímpia, prescrita pelo espírito pecador da Vidente no seu delírio." Ele partiu sem acreditar na eficácia do amuleto; e, como nada soube dele durante várias semanas, escrevi ao presidente da câmara do local onde vivia, a perguntar como se encontrava. Recebi dele a seguinte resposta:

"Nas primeiras três noites em que Sammet usou o amuleto, a sua esposa apareceu-lhe; depois, deixou de se manifestar durante três noites. Ele foi então confessar-se. Após isso, ela apareceu-lhe uma vez, a ele e às crianças; e, desde então, nunca mais foi vista. Ele está extremamente satisfeito e muito agradecido."

ALGUNS FACTOS RELATIVOS A WEINSBERG

Existe uma casa em Weinsberg que, há cerca de trinta anos, era habitada por um viticultor chamado Bayer. Anteriormente, tinha sido utilizada como lagar de vinho, embora atualmente já não haja vestígios dessa função. Durante um período de quarenta a cinquenta anos, ouviram-se, todas as noites entre os meses de dezembro e fevereiro, sons semelhantes aos produzidos por tanoeiros e lagareiros. Estes sons não eram apenas audíveis para os habitantes da casa, mas para toda a vizinhança.

O mais notável é que, quanto mais altos e intensos os sons, melhor se revelava a colheita de vinho daquele ano. De tal forma que um vizinho de Bayer — o falecido vereador Muff — baseou as suas especulações comerciais nesta convicção e enriqueceu graças a isso. Bayer, que casara com a filha do antigo proprietário da casa, estava determinado a descobrir a origem

do barulho, e por várias vezes percorreu, armado com um machado, todas as divisões de onde os sons pareciam vir — sem nunca conseguir encontrar explicação. O seu sogro costumava dizer-lhe: “Deixa isso, já cá estava antes de nós.”

Frequentemente, também, a porta abria-se, como se alguém entrasse, e ouvia-se o arrastar de pés dentro da sala. Contudo, isto só aconteceu uma vez com o atual habitante, enquanto dormia no andar superior. A porta abriu-se, passos arrastados aproximaram-se e depois afastaram-se — mas ele não viu nada. Se alguém se senta na cama para observar melhor, ou se os vizinhos saem para investigar, ou se alguém passa junto à porta, os sons cessam — apenas para recomeçarem logo a seguir. Este é um facto confirmado por inúmeras testemunhas.

É impensável que tais ruídos tenham sido produzidos, durante quarenta anos, por diferentes moradores da casa, ainda para mais sendo pobres viticultores, sem qualquer interesse em manter tal encenação. Se alguém sugerir que tudo foi forjado pelo Conselheiro Muff para benefício próprio — algo que ninguém da região aceitaria sequer considerar — deve lembrar-se de que os sons já eram ouvidos muito antes de ele residir na zona, e continuam a ser ouvidos mesmo depois da sua morte. Além disso, era do conhecimento de todos que ele passava noites inteiras à janela, durante esses meses, para ajustar os seus negócios segundo os sons. Nunca escondeu essa prática; qualquer um podia imitá-lo — mas limitaram-se a rir-se dele, enquanto ele prosperava.

Morreu; mas a fortuna que acumulou, com a ajuda dos habitantes da região intermédia, não o livrou de se tornar um deles. Foi um dos que regressou do mundo das sombras para pedir orações à Sra. H. Ela nunca o conheceu em vida.

Nos meses de inverno de 1830 e 1831, os ruídos mal se ouviram — como então informei a vários amigos — e, de acordo, as colheitas desses anos foram muito fracas.

No edifício da câmara municipal de Weinsberg existe uma sala usada como prisão, onde homens de várias origens, detidos em momentos diferentes e sem qualquer ligação entre si, afirmam ter sentido e ouvido coisas inexplicáveis. Alguns ficaram tão afetados que adoeceram; outros, por sua vez, nada perceberam de anormal. O edifício está desabitado e não comunica com nenhuma outra construção.

Vários prisioneiros, após serem libertados, relataram os mesmos distúrbios aos funcionários — entre eles, um comerciante robusto e saudável, que certamente nunca tinha ouvido falar do assunto. O mesmo ocorreu com um guarda-florestal que tinha sido soldado, homem pouco dado a crendices. Todos eles coincidiram essencialmente no seguinte relato:

“Na primeira noite em que lá dormi, fui subitamente acordado à uma da manhã, e ouvi o que pareciam ser passos junto à minha cama. Não vinham do andar de cima, mas do mesmo piso. (Como já se disse, ninguém habita o edifício.) Os passos eram arrastados, como se os sapatos estivessem folgados. Fiquei surpreendido, mas voltei a adormecer e não fui mais perturbado. Na noite seguinte, acordei à mesma hora, com uma sensação de opressão e incómodo, mas sem ouvir nada.

Voltei a dormir. Na terceira noite, acordei novamente à uma hora — e, apesar de a noite ser chuvosa, havia uma estranha claridade. Estando bem desperto, vi nitidamente uma figura alta inclinada sobre mim, senti que respirava sobre mim três vezes. Ao mesmo tempo, o cobertor foi puxado para fora da cama, e quando tentei agarrá-lo, houve um estalo como se a cama estivesse a partir-se, seguido de um abalo vindo de baixo que me sacudiu. Levantei-me e examinei tudo — mas não encontrei qualquer dano.”

Devido à falta de espaço noutras prisões, um indivíduo corajoso de Mergentheim — uma localidade distante — foi colocado nesta cela em junho de 1829. É certo que não sabia nada sobre os relatos anteriores. Contudo, depois de lá passar algumas semanas, contou:

"Enquanto estive nesta cela, fui frequentemente acordado à uma da manhã por algo que caía sobre mim como um saco, deixando-me quase sem fôlego. Uma vez, a minha cama foi levantada e abanada de forma bem percetível — tanto que o ouvi e senti — mas, ao examiná-la de manhã, não encontrei sinais de movimento. O cobertor era frequentemente puxado para longe da cama; por vezes via a figura de um homem a mover-se pelo quarto, com uma estrela brilhante no peito, do tamanho da palma da minha mão. Parecia uma sombra. Estes fenómenos não ocorriam todas as noites; passavam-se três ou quatro sem nada acontecer."

Este homem pediu para ser transferido para outra cela, mesmo que em condições mais apertadas. O pedido foi aceite, e outro prisioneiro, igualmente desconhecedor da situação, ocupou o seu lugar. Nas primeiras três noites não houve perturbações; mas, na quarta, estando bem desperto, sentiu de repente um peso no peito, como um saco, e alguém a soprar-lhe ao ouvido. O mesmo voltou a ocorrer frequentemente. Também o cobertor era puxado, e quando tentava segurá-lo, descobria que não conseguia mexer os braços.

George Widemann relata uma história relativa a Weinsberg, no seu *Calendário*, que Cousins repete na sua *Crónica da Suábia*:

"Vários anos antes de o castelo de Weinsberg ser destruído, durante a guerra dos camponeses de 1825, um governador daquele lugar assassinou o seu criado. Numa noite de domingo, enquanto orava na capela do castelo, julgou ver um animal sair por entre a madeira da parede e esconder-se num buraco no chão; mas, ao verificar, não encontrou ali nenhum buraco onde algo pudesse ter-se escondido. Surpreendido, voltou à oração. Nesse momento, sentiu um bafo quente sobre si e, alarmado, fugiu da capela. Voltou a sentir esse bafo enquanto saía e percebeu que vinha de uma figura sombria. Ficou doente logo depois.

Entretanto, o espírito começou a manifestar-se com barulhos de pancadas, batidas, e outros distúrbios que causaram grande medo entre as pessoas. Na cidade, porém, tudo era motivo de troça, sendo o caso tratado como uma fábula. Contudo, quando o governador nomeou guardas para vigiar o castelo à noite, estes também foram perturbados pelo espírito da mesma forma. Eventualmente, o incómodo estendeu-se até aos guardas da muralha da cidade. O povo de Weinsberg então fez um jejum e caminhou descalço até à igreja de Santa Maria, em Heilbronn, na esperança de apaziguar o espírito atormentado — mas sem sucesso. Só após a morte do governador é que o espírito encontrou repouso. Desde então, nunca mais foi visto ou ouvido."

UM FACTO EXTRAÍDO DO DIÁRIO DA VIDENTE

A Sra. H. manteve um diário durante algumas semanas enquanto esteve em Weinsberg, reservado apenas para si, não permitindo que ninguém o lesse. À medida que a sua saúde foi enfraquecendo, já não conseguiu continuar a escrever, e os papéis chegaram-me às mãos sem que ela soubesse. Com o intuito de mostrar o estado da sua mente e evidenciar que o seu maior desejo era regressar ao lar e ao marido — aspeto frequentemente mal compreendido —, bem como para demonstrar a sua total convicção na realidade das aparições, transcrevo a seguinte passagem, que ela nunca tencionou que fosse lida por outros:

26 de dezembro de 1827 — Papel mudo! A ti recorro em busca de refúgio! Com que alegria partilharia as minhas experiências e os sentimentos da minha alma com um amigo a quem pudesse abrir o coração e confiar os meus pensamentos mais íntimos — alguém cuja alma estivesse em harmonia com a minha e que me pudesse oferecer consolo nas minhas dores! Será culpa minha não ter tal amigo? Serei demasiado tímida ou terei pouca confiança nos

amigos que tenho? Não creio que isso seja natural em mim; mas retraio-me ao sentir-me tão frequentemente incompreendida. Ainda assim, é minha alegria saber que há alguém que me vê e me conhece; sou d'Ele e d'Ele permanecerei — seja no céu ou na terra.

27 de dezembro — Hoje reafirmo a convicção de que vivemos num mundo transitório e imperfeito; nada aqui é seguro ou duradouro. Devemos depositar a nossa confiança apenas no que não vemos: na Palavra, no Espírito, no Eterno. Apegando-me a isso, consigo suportar o abandono em que me encontro e a separação de tudo o que amo. E, quanto mais me aproximo do Espírito, mais o corpo enfraquece — e o meu, já tão frágil, sente isso. Como me confortaria um amigo verdadeiro — aquele a quem pudesse chamar "amigo da alma" e com quem pudesse partilhar tudo...

Recebi hoje a visita de uma aparição inquietante relacionada com K. — é o espírito de uma parente dele, uma mãe (a reconheci de quando era viva), que deseja, através de K., que eu alerte os seus filhos sobre a existência de uma vida futura. Diz ela que, se não se voltarem para o Redentor, sofrerão mais do que ela sofreu a amargura da morte. Assim fala o espírito. Que devo fazer? Que Deus me ajude a fazer o que é certo!

28 de dezembro — Esta noite, o espectro voltou a aparecer para me instruir sobre o que devia fazer.

29 de dezembro — Hoje senti-me serena durante o dia, mas à medida que a noite se aproximava, fui tomada por uma saudade intensa e dolorosa do lar. Se isto continuar, a minha saúde piorará. Preciso encontrar conforto dentro de mim, pois ninguém mais mo pode dar. Quando me falam com palavras do mundo, apenas me entristecem mais. Oxalá pudesse agarrar-me sempre ao meu Redentor, mas sou fraca e assustada.

O espírito voltou hoje às onze horas, com um olhar ameaçador, e disse: "Não vais fazer o que te peço?" Respondi: "Não posso; vai falar com K. tu mesma." Assim que o disse, o espírito desapareceu. Estou confusa sobre o que fazer — as pessoas não acreditam. Que o façam em nome de Deus, pois estou convencida da verdade disto; mas ver espíritos custa-me muito sofrimento. (A Sra. H. refere-se aqui às minhas frequentes repreensões e discussões quanto à validade das aparições.)

1 de janeiro de 1828 — Passei o dia com a minha velha criada, em reflexão. Uma ideia dominou os meus pensamentos: "Homem, põe a tua casa em ordem, pois vais morrer." Parece-me que devíamos fazer isto diariamente, mantendo sempre presente a imagem da morte. Às onze e meia, aquele espírito regressou e disse: "Por quanto tempo ainda me impedirás de descansar?" Acalmei-o dizendo que obedeceria — mas quando, só Deus sabe. Espero que não volte mais.

26 de janeiro — Na noite passada, o espírito regressou com o seu pedido habitual. Prometi cumprir a sua vontade no dia seguinte; e ele partiu de forma serena. Mas, pela manhã, o meu coração falhou — estava triste e desejei, com todas as forças, estar em casa. Que Aquele que me conhece e conhece o meu sofrimento, me conceda essa graça!

5 de janeiro — Não dormi, devido à fraqueza física e à aflição. Chorei quase toda a noite. Como poderei recuperar a saúde? À uma da manhã, apareceu-me aquela forma luminosa que já me visitou antes, como um anjo consolador. Disse-me: "Tem calma; até amanhã ao entardecer as coisas melhorarão para ti. A ajuda aproxima-se." Disse ainda outras palavras que guardo no coração.

6 de janeiro — Estive melhor hoje, com exceção da saudade do lar. Justo quando ela atingia o auge, entrou o meu marido, e o meu coração aliviou-se de imediato. Recordei a promessa da figura luminosa: que o entardecer me traria consolo.

7 de janeiro — Este foi um dia razoavelmente reconfortante, graças a Deus! O meu marido permaneceu comigo e partilhou o peso das minhas dores e aflições.

8 de janeiro — Não dormi durante toda a noite, devido a espasmos e ao pensamento da iminente partida do meu marido. Ao meio-dia ele deixou-me, e voltei a ficar só. Pai Celestial! Sê testemunha das minhas lágrimas e dá-me força para suportar as minhas tribulações. Concede-me paciência para carregar o fardo que colocaste sobre mim, pois só Tu me conheces verdadeiramente! Os homens não me compreendem.

Quanto ao pedido do espírito mencionado acima, que causou tanta inquietação à Sra. H., é notável o facto de, pouco tempo depois, ter ocorrido um episódio com um dos filhos desse espírito, o qual revelou a sua falta de confiança em Deus. No entanto, simultaneamente, deu-se uma preservação de vida tão incompreensível que dificilmente poderia deixar de reforçar a crença na existência de uma Providência superior.

CONCLUSÃO DESTES FACTOS

E assim, caro leitor, partilhei contigo estes factos, sem acrescentar nem alterar nada, tal como os recebi — muitos dos quais experienciei em parte — e creio que não foi em vão, no que a mim diz respeito. Espero que possam também despertar aqueles que ainda dormem. Diferentes pessoas verão estes relatos sob diferentes perspetivas. Não discuto com ninguém a sua visão sobre o tema; apenas peço que não caluniem a mim, nem àqueles que os aceitam como eu. Que somos imortais, e que existe um estado futuro, ninguém em plena razão pode duvidar. Acaso toda a sabedoria do mundo já desvendou completamente esta realidade? "Na casa de meu Pai há muitas moradas" — e inúmeros factos testemunham que, entre essas moradas, algumas estão tão próximas de nós que os seus habitantes se encontram entre nós.

Mas essa notícia é desconfortável; e a maioria — especialmente os de espírito forte (*les esprits forts*) — apressa-se a rejeitá-la como um mero engano dos sentidos. E, no entanto, esse mundo dos espíritos é bem menos aquilo que a “sabedoria” mundana imagina, e muito mais aquilo que a simplicidade dos simples há muito compreende. Por mais que a razão tente bani-lo, a hora silenciosa da meia-noite e o quarto de morte continuam a ser suas fiéis testemunhas.

Oh, se a humanidade fosse honesta neste ponto e pusesse de parte a sabedoria e a vergonha mundanas, quantos dos que hoje se opõem a estas humildes páginas se tornariam seus defensores!

Por fim, aquilo que vimos, ouvimos, sentimos e comprovámos, nenhuma argumentação poderá refutar. E embora sejamos prudentes ao não impingir a nossa crença aos homens — e, menos ainda, ao revesti-la com as vestes da ciência médica —, devemos, com ousadia, afirmar o valor moral e cristão deste relato. Acreditamos na vida interior da alma e numa faculdade intuitiva de ver espíritos — ambas, normalmente, suprimidas na nossa condição comum, mas que, em casos extraordinários, se revelam por breves momentos para depois se esconderem de novo.

Quanto às aparições em si, o público pode acreditar que a sua autenticidade não é fruto de mera crença, mas sim algo que, para quem esteve presente, se impôs com a força da evidência. Talvez nos tenha sido mais fácil aceitar tudo isto, pela convicção de que existem fortes argumentos em favor da existência de um mundo espiritual — especialmente aquele que se baseia na enorme diferença entre as leis morais e as leis físicas. Essa diferença não se revela plenamente senão após a morte. Quando deixamos para trás ossos, carne e todas as formas sensíveis — com as suas propriedades físicas —, permanece, no espírito e na alma, a lei moral indestrutível, bem como as suas formas incorpóreas.

E quais serão as consequências desse estado? Imaginemos um homem que, em vez de cultivar o espírito com os mandamentos da religião e da moralidade, tenha entregue a sua alma a inclinações corruptas, princípios errados e projetos ilusórios — preso à terra por mil desejos, por ambições de honra, fama e lucro. Que será, segundo a lei moral, da sua alma após a morte? Será aquilo que ele próprio a tornou. Um ser preso à terra, desprovido de religião e de verdade; que, libertando-se pela primeira vez da forma física e das ligações com a natureza, reconhece finalmente a futilidade de tudo quanto pensou, sentiu, desejou ou fez.

A transição de um tal ser da forma corporal para a incorpórea não é um grande passo, pois continua acorrentado à terra por todas as paixões da sua alma.

Acrescentemos agora a esta visão do mundo espiritual alguma influência residual dos ensinamentos da vida — ou seja, do "espírito nervoso" — que, durante a existência, molda a forma imaterial dessa bela ligação entre corpo e alma, e que permanece associado à alma após a morte. Assim, torna-se altamente provável uma ligação física entre criaturas deste grau inferior e a Terra — embora elas habitem uma esfera só percetível a pessoas com condições anormais de corpo, alma e espírito, como se observou no caso da *Seherin* (vidente). Se a isso acrescentarmos a força do facto — as provas irrefutáveis dos olhos e ouvidos —, ou seja, a mais alta forma de evidência histórica possível, o clamor levantado pelos chamados heróis da "ilustração" torna-se destituído de sentido.

Aquele que é incapaz de sentir a diferença entre as leis morais e as leis físicas também será incapaz de alargar a sua visão para compreender como essas leis se manifestam após a morte. Tal pessoa permanece na carne, diante de um véu espesso que não consegue afastar — e, como qualquer empirista, conclui que o que não se vê ou ouve também não existe. Contudo, as deduções mais rigorosas mostram que as formas insensíveis são tão reais quanto as sensíveis.

Se pudéssemos, em vida, contemplar a alma despida da sua casca carnal — e assim obter uma visão do seu estado interior —, tanto riríamos das suas absurdidades como estremeceríamos com os seus horrores. Mas, por uma lei misericordiosa, essas almas inconsistentes são ocultas umas das outras pela "casca" que a natureza lhes deu — permitindo que possamos, todos, conviver e partilhar a vida em comum.

Mas tudo muda depois da morte, quando esse manto cai. Então, as incoerências morais tornam-se visíveis, simbolizadas de forma adequada à condição da alma. Torna-se claro que tipo de espírito originou essa criatura. O contraste manifesta-se sobretudo entre beleza e luz, por um lado, e deformidade e trevas, por outro — sendo o espírito nervoso, após a morte, uma réplica plástica do tipo moldado durante a vida.

MORTE DA VIDENTE

Durante a primeira semana da estadia da Sra. H. em Löwenstein (para onde regressara), ela sentiu uma nova revolução nas suas esferas solares — perdendo, mais uma vez, a liberdade da sua alma. Caiu então num estado semelhante ao de uma pessoa a morrer. Os seus órgãos respiratórios não conseguiam lidar com o ar cortante da montanha, tão diferente do ambiente a que se habituara. A isso juntava-se o efeito nocivo da fumaça e vapores das oficinas e fábricas de ácido sulfúrico das redondezas. Em vão desejou regressar ao vale que deixara — o seu corpo estava já demasiado enfraquecido para suportar a viagem.

Sofria uma febre contínua e desgastante; a dificuldade em engolir era tal que mal comia, e só conseguia aliviar a sede ardente molhando a língua com água. Tudo isto podia ter sido previsto. Em vão me opus à mudança — mas esta foi levada avante, apesar dos meus avisos. Ela própria profetizara o seu destino, durante um sonho magnético a 2 de maio — sonho do

qual, ao contrário do habitual, não teve qualquer memória ao acordar. Essa exceção misericordiosa deveu-se, talvez, ao facto de, nele, ter vislumbrado que em breve não acordaria mais.

Apesar disso, parecia ter um pressentimento, pois dizia frequentemente em estado desperto: “É duro saber o momento da própria morte.”

Três semanas antes da sua partida, teve três episódios de *segunda visão*, que também pressagiavam o desfecho. Apareceu-lhe uma figura feminina benigna, mais alta do que ela, envolta em negro. Apenas via o busto — o resto da figura também estava coberto — e encontrava-se dentro de um caixão aberto, junto ao qual se erguia uma cruz branca. A aparição acenou-lhe, e ela sentiu o seu hálito frio. Afirmou que não se tratava de um espírito, mas de uma visão profética — e bem sabia o que ela prenunciava. Eu, no entanto, interpretei-a de forma diferente, pois acreditava que a sua morte ainda estaria distante, já que tantas vezes a vira regressar do limiar da extinção.

Três dias antes de falecer, ergueu três dedos, como se prestasse juramento, e afirmou que não viveria mais do que três dias. Desejava morrer, mas, como acontece com tantos, temia as angústias da luta final. Por muitas vezes já enfrentara essa agonia mortal; e era inominável o sofrimento de alguém que continuamente morre — sem nunca conseguir morrer.

Contrariamente ao que esperava, o seu estado magnético não cessou, mas intensificou-se à medida que a febre aumentava. Disse-me que dois espectros tinham estado recentemente com ela, e, ao perguntar-lhes por que razão vinham, responderam: “Tu já és dos nossos.” E ela própria sentia-se mais do que nunca em relação com o mundo espiritual.

Num dos seus últimos dias, disse-me que, durante a febre, via muitas visões: formas de todo o tipo passavam diante dos seus olhos. Mas era impossível descrever o quão diferentes essas ilusões visuais eram da verdadeira perceção espiritual. E desejava apenas que os outros pudessem comparar esses dois tipos de visão — ambas distintas da nossa perceção habitual, e também da *segunda visão*.

Outro momento que me confirmou a veracidade das suas revelações foi a sua confidência, na última visita que lhe fiz, de que o pai falecido tinha recentemente estado com ela. Perguntou-lhe por que razão, estando morto há um ano, nunca lhe aparecera antes. E ele respondeu que, até então, não lhe fora permitido mostrar-se. Recordo que, oito meses após a sua morte, ele aparecera à irmã da vidente e à criada — mas a ela apenas em sonho. Quando então manifestei surpresa por ela não o ver, pareceu magoada com a minha expectativa, talvez por acreditar, com amor filial, que ele se encontrava num estado espiritual elevado. Agora que ele finalmente vinha, era claramente contra as suas expectativas — e até contra os seus desejos.

No dia **5 de agosto de 1829**, entrou em delírio, embora continuasse a ter períodos magnéticos e lúcidos. Encontrava-se num estado de espírito profundamente piedoso, e pedia que lhe cantassem hinos. Chamava frequentemente por mim em voz alta, embora eu estivesse ausente na altura; e, uma vez, quando parecia já ter morrido, alguém mencionou o meu nome — ao que ela reagiu, voltando à vida subitamente. Parecia que não conseguia morrer, pois a ligação magnética entre nós ainda não estava quebrada.

De facto, manteve-se sensível a influências magnéticas até ao fim: mesmo depois de fria, com os maxilares rígidos, a mãe fez três passes sobre o seu rosto — e ela ergueu as pálpebras e moveu os lábios.

Às dez horas, a sua irmã viu uma figura luminosa e elevada entrar no quarto. No mesmo instante, a moribunda soltou um grito de alegria — o espírito parecia então libertar-se. Passado um breve momento, a alma também partiu, deixando para trás uma "casca" completamente irreconhecível — não restava qualquer traço das suas feições em vida.

Durante a sua vida, o seu rosto era daqueles cujo aspeto provém inteiramente do espírito interior; por essa razão, apesar de várias tentativas, nenhum artista conseguiu retratá-la com fidelidade. Assim, não é de espantar que, com a partida do espírito, o rosto deixasse de ser o mesmo.

Na noite seguinte à sua morte — da qual eu ainda não tinha conhecimento — sonhei com ela. Apareceu-me com duas outras figuras femininas, parecendo perfeitamente recuperada.

No **dia 7**, realizou-se a autópsia, conduzida pelo Dr. Off, de Löwenstein. O corpo estava reduzido a um esqueleto. Havia uma indução considerável dos gânglios mesentéricos, o fígado estava doente, e encontrou-se uma grande pedra na vesícula biliar — algo que a Sra. H. afirmara repetidas vezes durante a vida. Havia também inflamação no coração e nos seus vasos, bem como nos órgãos respiratórios, provavelmente devido à mudança para o ar de montanha, que os seus tecidos delicados já não conseguiam suportar.

O Dr. Off observou que o crânio estava notavelmente bem formado, e que o cérebro, em todas as suas partes, era tão saudável e perfeito que nunca tinha encontrado um mais completo em toda a sua experiência. Nem na medula espinal — que foi totalmente examinada — nem nos nervos do peito ou do abdómen se encontrou qualquer sinal de doença.

No **dia 8**, os restos mortais desta pobre sofredora foram sepultados no romântico cemitério de Löwenstein, onde já jaziam os corpos do seu avô, o respeitável Schmidgall, e da esposa deste — que ela reconhecera, em vida, como o seu espírito protetor.

É um facto que, depois da sua morte, a Sra. H. apareceu sete vezes à sua irmã mais velha — uma mulher honesta e íntegra — em circunstâncias tão particulares que justificavam claramente a intervenção de um espírito amigo. Contudo, como esta história notável envolve assuntos familiares, o tempo ainda não chegou para que os pormenores possam ser divulgados publicamente.

APÊNDICE

Aqui juntamos um exemplo dos versos da *Seherin* (Vidente), os quais, embora já não fossem poéticos no original, admitimos livremente que o são ainda menos na nossa tradução.

Oh! Pai, só Tu conheces o meu coração

Oh! Pai, só Tu conheces o meu coração,
E se eu engano, ou não —
Se os segredos que revelo
São verdade, ou ilusão.

Ai de mim! embora de Ti receba
Este terrível dom de desvendar
Os segredos do além-túmulo —
De bom grado o deixaria,
E este olho interior fecharia,
Mas não se faça a minha vontade, e sim a Tua.

VERSOS COMPOSTOS IMEDIATAMENTE ANTES DA SUA MORTE

Adeus, amigos meus, adeus!
Obrigada pelo carinho e cuidado
Nesta vida cansada que se vai encerrando —
Adeus! adeus!

E deverei chamar-vos amigos,
Enviados com fins tão sábios,
Mesmo ao agravar-me os sofrimentos?
Sim — amigos, como os outros também o são —
Adeus! adeus!

Adeus a tudo quanto amo!
Enquanto o meu espírito paira no alto,
Meu corpo aqui ficará
Como testemunho da dor que foi viver.
Adeus! adeus!

Não choreis por eu estar em paz!
Adeus, a tudo o que mais amei!
Logo nos veremos de novo
Num lugar sem dor, nem mágoa.
Adeus! adeus!

A Seherin refere-se aqui ao desejo que expressou de que o seu corpo fosse aberto após a morte.